

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Escola de Ciências da Informação
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

Richardson Santos de Freitas

GIBITECA DA BIBLIOTECA PÚBLICA INFANTIL E JUVENIL
DE BELO HORIZONTE: indicadores para uma política de
coleção de revistas de histórias em quadrinhos

Belo Horizonte

2026

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Escola de Ciências da Informação
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

Richardson Santos de Freitas

GIBITECA DA BIBLIOTECA PÚBLICA INFANTIL E JUVENIL
DE BELO HORIZONTE: indicadores para uma política de
coleção de revistas de histórias em quadrinhos

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

Orientadora: Professora Dra. Lorena Tavares de Paula.

Belo Horizonte

2026



Atribuí-se a este trabalho a licença Creative Commons CC BY-NC.

Ficha catalográfica

F866g Freitas, Richardson Santos de.

Gibiteca da Biblioteca Pública Infantil e Juvenil de Belo Horizonte [recurso eletrônico] : indicadores para uma política de coleção de revistas de histórias em quadrinhos / Richardson Santos de Freitas. -2026.

1 recurso online (184 f.: il., color.) : pdf.

Orientadora: Lorena Tavares de Paula.

Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação.

Referências: f. 170-180.

Apêndice: f. 181.

Anexos: f. 182-184.

Exigência do sistema: Adobe Acrobat Reader.

1. Histórias em Quadrinhos. 2. Histórias em quadrinhos - Brasil. 3. Histórias em quadrinhos - História. 4. Gibiteca. I. Paula, Lorena Tavares de. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Ciência da Informação. III. Título.

CDU: 741.5(81)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ECI - COLEGIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Discente: Richardson Santos de Freitas
Professora Orientadora: Lorena Tavares de Paula

Às 14h00 horas do dia 11/02/2026, de modo Híbrido - (Presencial - na sala 1000 - Auditório Adriana Bogliolo) e por videoconferência, realizou-se a sessão pública para a defesa de dissertação de Richardson Santos de Freitas. A presidência da sessão coube a Profa. Lorena Tavares de Paula. Inicialmente, o presidente fez a apresentação da Comissão Examinadora assim constituída: Profa. Terezinha de Fátima Carvalho de Souza (UFMG), Prof. Robson Santos Costa (UFRJ) e Prof. Waldomiro de Castro Santos Vergueiro (USP). Em seguida, o candidato fez a apresentação do trabalho que constitui sua dissertação de mestrado intitulada: "GIBITECA DA BIBLIOTECA PÚBLICA INFANTIL E JUVENIL DE BELO HORIZONTE: indicadores para uma política de coleção de revistas de histórias em quadrinhos". Seguiu-se a arguição pelos examinadores e, logo após, a Comissão reuniu-se, sem a presença do candidato e do público, e decidiu considerar aprovada com louvor a dissertação de mestrado.

Belo Horizonte, 11 de fevereiro de 2026.

Profa. Lorena Tavares de Paula (Presidenta)
Profa. Terezinha de Fátima Carvalho de Souza (UFMG)
Prof. Robson Santos Costa (UFRJ)
Prof. Waldomiro de Castro Santos Vergueiro (USP)



Documento assinado eletronicamente por **Waldomiro de Castro Santos Vergueiro, Usuário Externo**, em 13/02/2026, às 11:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Lorena Tavares de Paula, Professora do Magistério Superior**, em 19/02/2026, às 10:38, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Terezinha de Fátima Carvalho de Souza, Professora do Magistério Superior**, em 20/02/2026, às 10:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Robson Santos Costa, Usuário Externo**, em 20/02/2026, às 18:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4958216** e o código CRC **CB11F751**.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos que, de forma generosa,
deixam suas coleções seguirem outros caminhos,
para viajar de mão em mão, levando consigo
histórias, sonhos e saberes.



Antônio Roque Gobbo na Gibiteca no dia da inauguração
da nova sede da BPIJ-BH, em 11 de setembro de 2025.

AGRADECIMENTOS

Engana-se quem acha que uma pesquisa acadêmica é feita de forma solitária. Ela é recheada de pessoas que contribuem de forma direta ou indiretamente no trabalho. No meu caso, ela também não se resume aos dois anos do Mestrado. Está dentro de uma trajetória que começa aos 10 anos e vai se somando às experiências da vida pessoal, acadêmica, artística e profissional.

É muito comum as pessoas relatarem barreiras quando o assunto é quadrinhos. Elas escutam que quadrinhos é uma arte menor ou não é tema digno de pesquisa acadêmica. Existem registros dessas desventuras em livros, artigos e depoimentos em eventos. Neste ponto, posso dizer que eu sou um privilegiado. Sempre ganhei apoio e incentivo positivo. Não me recordo de ninguém dizendo para mim: “Larga disso, quadrinhos não dá futuro!”.

Por isso, a minha lista de agradecimentos é enorme.
Uma lista de uma vida inteira.
A todos vocês, o meu abraço!

RESUMO

A Gibiteca da Biblioteca Pública Infantil e Juvenil de Belo Horizonte foi inaugurada em 1992 a partir da doação de toda a coleção da Biblioteca Nacional de Histórias em Quadrinhos, feita por seu idealizador Antônio Roque Gobbo, contendo revistas de grande valor cultural para leitores e pesquisadores. De um acervo inicial de nove mil exemplares, a gibiteca chegou ao auge quando atingiu 25 mil exemplares, tornando-se a quarta maior do Brasil. Porém, com a mudança de sede da biblioteca para o Centro de Referência da Juventude em 2016, surgem diversos problemas estruturais que resultaram em furtos e extravios de revistas que colocou em risco a coleção de quadrinhos. 14 mil revistas foram perdidas, chegando em 2025 com uma coleção de 10.925 volumes. Esta dissertação propõe estudar a Gibiteca Antônio Gobbo através de uma pesquisa exploratória de abordagem qualitativa, usando a modalidade do estudo de caso, divididas nas etapas de coleta de dados e de análise. Na primeira etapa, se estabeleceu a trajetória histórica da origem e desenvolvimento das coleções desta gibiteca e a coleta de informações. Na segunda etapa, elaborou-se uma fundamentação metodológica que produziu uma tabela com seis temas e 18 categorias de análise, que resultaram nos indicadores de avaliação: estudo da comunidade leitora; diretrizes de desenvolvimento de coleção de quadrinhos; recursos informacionais; plano de preservação e conservação das coleções; avaliação: quantitativa e qualitativa; e atribuição de valor.

PALAVRAS-CHAVE: Gibiteca; Biblioteca Pública Infantil e Juvenil de Belo Horizonte; História em quadrinhos; Desenvolvimento de coleções.

ABSTRACT

The Comic Book Library of the Public Children's and Youth Library of Belo Horizonte was inaugurated in 1992 following the donation of the entire collection of the National Library of Comics, made by its founder, Antônio Roque Gobbo. The collection comprised comics of significant cultural value for both readers and researchers. From an initial collection of nine thousand items, the Comics Library reached its peak when it held twenty-five thousand volumes, becoming the fourth largest of its kind in Brazil. However, with the relocation of the library to the Youth Reference Center in 2016, several structural issues arose, resulting in thefts and losses of comic books that jeopardized the integrity of the collection. 14 thousand magazines were lost, and by 2025 the collection amounted to 10,925 volumes. This dissertation aims to study the Antônio Gobbo Comics Library through an exploratory research approach with a qualitative methodology, employing the case study method divided into data collection and analysis stages. In the first stage, the historical trajectory of the origin and development of this comic book library's collections was established. In the second stage, a methodological framework was developed, resulting in a table with six themes and 18 categories of analysis, which led to the following evaluation indicators: study of the reading community; guidelines for developing a comic book collection; informational resources; plan for the preservation and conservation of the collections; evaluation: quantitative and qualitative; and value assignment.

KEYWORDS: Comics Book; Public Children 's and Youth Library of Belo Horizonte; Comics; Collection Development Policy.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: John Bull taking a Luncheon (1798), de James Hillary.....	23
Figura 2: Gargantua (1831), de Honoré Daumir.....	24
Figura 3: Histoire de Monsieur Jabot (1833), de Rudolph Töpffer	25
Figura 4: Histoire de Monsieur Cryptogame (1845), de Rudolph Töpffer.....	26
Figura 5: The Yellow Kid (1896), de Richard Outcalt.....	28
Figura 6: As aventuras de Nhô-Quim (1869), de Angelo Agostini.....	30
Figura 7: Preenchimento de lacunas nas HQs, por McCloud.....	33
Figura 8: Organograma da BPIJ-BH em 1991.....	50
Figura 9: Convite de inauguração da BPIJ-BH, de 7 de fevereiro de 1991.....	51
Figura 10: Balanço de correspondências da BNHQ.....	58
Figura 11: Curso de Histórias em Quadrinhos por Correspondência da BNHQ.....	59
Figura 12 : Anúncio de mudança de sede da BNHQ.....	61
Figura 13: Gibiteca em 1994.....	63
Figura 14: Modelo Sistêmico: Processo de desenvolvimento de coleções.....	84
Figura 15: Localização do BPIJ-BH no CRJ (2016-2025) e na nova sede (2025).....	99

LISTA DE FOTOS

Foto 1: Cerco ao prédio da FAFICH por tropas policiais, em 1968.....	53
Foto 2: Espaço da BPIJ-BH na sede da Rua Carangola.....	54
Foto 3: Gibiteca em 2013.....	65
Foto 4: Foto da ocupação do CRJ mostra que a BPIJ-BH já estava em fase de transferência.....	67
Foto 5: Gibiteca sem as divisórias.....	69
Foto 6: Montagem com capa, página interna e carimbo do exemplar da BPIJ-BH adquirido em um sebo.....	71
Foto 7: Coleção de quadrinhos circulantes da Gibiteca.....	72
Foto 8: Coleção especial de quadrinhos da Gibiteca.....	73
Foto 9: Abaixo-assinado da Comissão Local de Cultura da BPIJ-BH de 2021.....	74
Foto 10: Abaixo-assinado da Comissão Local de Cultura da BPIJ-BH de 2023.....	75
Foto 11: Espaço em obras da Gibiteca da futura sede da BPIJ-BH.....	76
Foto 12: Anúncio de fechamento da BPIJ-BH para a mudança de sede.....	76
Foto 13: Convite de inauguração da nova sede da BPIJ-BH.....	76
Foto 14: Coleção de quadrinhos infantil.....	77
Foto 15: O servidor Samuel Medina apresenta à Antônio Roque Gobbo a nova Gibiteca.....	78
Foto 16: Sala com a coleção especial de quadrinhos.....	79
Foto 17: Fachada do Centro de Referência das Juventudes (CRJ).....	98
Foto 18: A direita, destaque da chamada e carimbo da revista Glory, um repasse da BPIJ-BH para o CCVN.....	114
Foto 19: Organização por numeração sequencial das revistas da BNHQ, mantidas pela BPIJ-BH.....	117
Foto 20: Quadrinhos em foto.....	120
Foto 21: Divulgação da coleção de quadrinhos nas redes sociais.....	120
Foto 22: Exposição Nilson: Humor, Amor e Combate.....	121
Foto 23: Estrutura da Gibiteca da BPIJ-BH no CRJ.....	124
Foto 24: Parte da estante da Gibiteca coberta por um pano preto e fita zebraada.....	124
Foto 25: Sala Wander Piroli, onde estava localizada a coleção especial de quadrinhos da BPIJ-BH..	125
Foto 26: Parte interna da sala da coleção especial de quadrinhos da BPIJ-BH.....	126
Foto 27: Temperatura de 30 graus na sala da coleção especial de quadrinhos.....	126
Foto 28: Lombadas quebradiças.....	127
Foto 29: Amarelamento e mancha nas páginas da revista Mad n. 1.....	128
Foto 30: A direita o detalhe da ação de um agente biológico de deterioração nas páginas da revista Era uma Vez.....	129
Foto 31: A esquerda o detalhe da oxidação do grampo da página da revista Edição Maravilhosa.....	129
Foto 32: Janelas da nova sede precisam de conserto.....	130
Foto 33: A sala de Coleção Especial não possui forro e as estantes são abertas.....	131
Foto 34: Tex, personagem de quadrinhos mais procurado da Gibiteca em 2024.....	138
Foto 35: Exemplar de Histoire d'Albert, de 1861.....	142
Foto 36: Detalhe da assinatura de Rodolphe Töpffer.....	143
Foto 37: Versão original de O Gury [1] e a cópia da coleção da BPIJ-BH [2].....	144
Foto 38: Era uma vez..., n. 1, de 15 abril de 1940.....	147
Foto 39: Versão Fac-símile de O Pato Donald, protegida por um plástico.....	149
Foto 40: Epopéia 89, editora Ebal, pertencente ao volume de 1958 a 1959.....	152

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Programas da BPIJ-BH no início de suas atividades.....	52
Tabela 2: Temáticas selecionadas para a avaliação da Gibiteca do BPIJ-BH.....	96
Tabela 3 : Pontos mapeados por regional de Belo Horizonte.....	102
Tabela 4: Letramento e escolaridade estratificados por sexo das pessoas em situação de rua de Belo Horizonte, em 2022.....	102
Tabela 5: Registros do sistema SIGA da BPIJ-BH por faixa etária.....	104
Tabela 6: Idade dos cadastrados da BPIJ-BH no momento do registro entre 2015-2025.....	105
Tabela 7: Acesso BPIJ-BH 2023-2024.....	106
Tabela 8: Atividades realizadas e público da BPIJ-BH 2023-2024.....	107
Tabela 9: Serviços de referência da BPIJ-BH - 2023-2024.....	107
Tabela 10: Registros na BPIJ-BH por escolaridade.....	108
Tabela 11: Total de volumes de quadrinhos da BPIJ-BH.....	133
Tabela 12: Levantamento do número de exemplares da Gibiteca.....	133
Tabela 13 : Quantidade de revistas da BPIJ-BH separadas por gênero.....	135
Tabela 14: Empréstimos de quadrinhos em 2024.....	137
Tabela 15: Critérios de classificação dos tipos de usuários da informação.....	157

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Público e empréstimos da BPIJ-BH entre 2015 e 2016, durante sua mudança de sede.....	67
Gráfico 2: Pirâmide Etária (2010) Regional Centro-Sul de Belo Horizonte.....	100
Gráfico 3: Proporção entre Homens e Mulheres (2010) Regional Centro-Sul de Belo Horizonte.....	100
Gráfico 4: Renda Média da Regional Centro-Sul de Belo Horizonte.....	101
Gráfico 5: Evolução número total do acervo de quadrinhos: da BNHQ de 1987 até a Gibiteca BPIJ-BH de 2025.....	134

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Tema: Estudo da comunidade leitora.....	110
Quadro 2: Tema: Desenvolvimento de coleções de quadrinhos.....	115
Quadro 3: Tema: Recursos informacionais.....	122
Quadro 4: Tema: Preservação e conservação das coleções.....	131
Quadro 5: Tema: Avaliação: quantitativa e qualitativa.....	139
Quadro 6: Tema: Atribuição de valor.....	154

LISTA DE SIGLAS

BH - Belo Horizonte

BPBH - Biblioteca Pública de Belo Horizonte

BPIJ-BH - Biblioteca Pública Infantil e Juvenil de Belo Horizonte

BNHQ - Biblioteca Nacional de Histórias em Quadrinhos

CDD - Classificação Decimal de Dewey

CDU - Classificação Decimal Universal

CRJ - Centro de Referência das Juventudes

FAFICH - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

FAPEMIG - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais

FMC - Fundação Municipal de Cultura de Belo Horizonte

HQs - História em quadrinhos

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

LAI - Lei de Acesso à Informação

PBH - Prefeitura de Belo Horizonte

PPGCI - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

SMASAC - Secretaria Municipal de Assistência Social, Segurança Alimentar e Cidadania de Belo Horizonte

SMC - Secretaria Municipal de Cultura de Belo Horizonte

UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	16
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA CONCEITUAL.....	21
2.1 História em Quadrinhos: uma arte de origem e conceito em definição.....	21
2.2 Colecionismo.....	34
2.3 Biblioteca Pública.....	37
2.4 Acervo, coleção e coleções especiais.....	38
2.5 Gibitecas.....	40
3 HISTORIOGRAFIA: da Biblioteca Nacional de Histórias em Quadrinho à Gibiteca Pública Infantil e Juvenil de Belo Horizonte.....	43
3.1 A biblioteca pública municipal e criação do órgão gestor de cultura de Belo Horizonte.....	43
3.2 A Biblioteca Pública Infantil e Juvenil de Belo Horizonte.....	46
3.2.1 Projetando a BPIJ-BH.....	46
3.2.2 Inauguração da BPIJ-BH.....	50
3.2.3 Primeira sede: saguão do prédio da Rua Carangola.....	52
3.3 Antônio Roque Gobbo.....	54
3.4 Biblioteca Nacional de Histórias em Quadrinhos.....	55
3.4.1 Produtos e serviços da BNHQ.....	57
3.4.2 Mudança para Centro de Pesquisa de Histórias em Quadrinhos.....	60
3.5 Criação da Gibiteca da BPIJ-BH.....	62
3.6 Mudança da BPIJ-BH para o CRJ.....	65
3.6.1 Extravio, por furto, de 11 mil exemplares de quadrinhos.....	69
3.7 Nova sede da BPIJ-BH em 2025.....	73
4 METODOLOGIA.....	80
4.1 Primeira etapa: pesquisa e coleta de dados.....	81
4.2 Segunda etapa: temáticas para análise e interpretação dos dados coletados.....	83
4.2.1 Estudo da comunidade leitora.....	84
4.2.2 Desenvolvimento de coleções de quadrinhos.....	86
4.2.3 Recursos informacionais.....	88
4.2.4 Preservação e conservação das coleções.....	89
4.2.5 Avaliação: quantitativa e qualitativa.....	91
4.2.6 Atribuição de valor.....	93
4.2.7 Categorias de análise.....	95
5 ANÁLISE DOS DADOS.....	97
5.1. Estudo de comunidade leitora.....	97
5.1.1 Perfil da Comunidade.....	98
5.1.2 Perfil dos usuários leitores.....	103
5.2 Desenvolvimento de coleções de quadrinhos.....	111
5.3 Recursos informacionais.....	116
5.4 Preservação e conservação das coleções.....	123
5.5 Avaliação: quantitativa e qualitativa.....	132
5.6 Atribuição de valor.....	140
5.6.1 Histoire d'Albert de Simon de Nantua (original).....	141

5.6.2 O Gury n. 1 (fotocópia).....	143
5.6.3 Era uma vez... (original).....	146
5.6.4 O Pato Donald, n. 1. (fac-símile).....	148
5.6.5 Epopéia (encadernação com originais).....	150
6 INDICADORES.....	156
6.1 Estudo da comunidade leitora de quadrinhos.....	157
6.2 Diretrizes de desenvolvimento de coleções de quadrinhos.....	158
6.3 Recursos informacionais.....	160
6.4 Preservação e conservação das coleções de quadrinhos.....	162
6.5 Avaliação: quantitativa e qualitativa.....	164
6.6 Atribuição de valor.....	165
7 CONCLUSÃO.....	167
8 REFERÊNCIAS.....	170
APÊNDICE A - TABELA DE RELATÓRIOS DE ESTATÍSTICAS DA BPIJ-BH.....	181
ANEXOS.....	182

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho possui como tema principal a Gibiteca da Biblioteca Pública Infantil e Juvenil de Belo Horizonte (BPIJ-BH). Mas, para sua apresentação, será necessário explicar o que motivou a investigação e minha ligação com o objeto de estudo. Diante disso, peço licença para fazer um breve relato em primeira pessoa antes da apresentação da pergunta e objetivos da pesquisa.

O meu gosto por desenho foi estimulado ainda criança enquanto assistia aos programas na televisão do artista Daniel Azulay. Mas minha paixão por quadrinhos definitivamente começa aos 10 anos de idade, em 1986, quando pela primeira vez leio uma revista mensal do Homem-Aranha. Fiquei alucinado e iniciei a produção de minhas próprias histórias. Essa paixão se manteve ao longo da adolescência e os quadrinhos me levaram, em 1997, a ingressar em uma primeira graduação no curso de Licenciatura em Desenho e Plástica da Escola de Design da Universidade Estadual de Minas Gerais. Foi nesse ano que passei a atuar profissionalmente como cartunista. Na busca por qualificação, descobri a existência da Gibiteca que fazia parte da Biblioteca Infantil e Juvenil de Belo Horizonte. Foi através da Gibiteca que tomei ciência e me matriculei em meu primeiro curso especializado na área: “Quadrinhos: um atalho para a leitura e para arte / Criatividade em duas e três dimensões”. O curso aconteceu em 1997 no prédio da Rua Carangola, onde estava instalada a antiga sede da biblioteca municipal, e foi realizado pela Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais e o Ministério do Trabalho, através do Fundo de Amparo ao Trabalhador. Lembro de chegar sempre muito cedo para visitar a coleção de quadrinhos antes de subir para a sala de aula.

Além de importante referencial de leitura e cursos, a BPIJ-BH foi uma fonte de informação sobre a programação cultural da cidade. Através dela descobri eventos de quadrinhos que aconteciam em Belo Horizonte que me colocaram em contato com outros artistas. Em 2004, ajudei a fundar a Associação Cultural Nação HQ, com projetos voltados para o fomento de quadrinhos e formação de leitores. Entre as ações da associação, foi aberta a Gibiteca Nação HQ, com revistas disponíveis para a leitura gratuita em espaço que funcionou no centro da cidade entre 2004 e 2005.

Em 2020 ingresso em uma nova graduação, agora cursando Biblioteconomia na Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). O momento em que fiz a conexão entre biblioteca e quadrinhos foi na aula de Formação e Desenvolvimento do Acervo, da Professora Dra. Lorena Tavares de Paula, disciplina que depois me tornaria monitor. Interessado em seguir na área da pesquisa acadêmica, a princípio

o tema de meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) seria a Gibiteca da BPIJ-BH. Durante a trajetória de pesquisa, comecei a vasculhar a história das gibitecas (combinação de gibi + biblioteca) e descobri que a origem da palavra gibi ainda não havia sido investigada. Por isso, acabei mudando o tema do TCC para “Do gibi à gibiteca: origem e gênese de significados historicamente situados”¹ e deixando o estudo da Gibiteca para o mestrado.

Agora no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFMG, com o apoio da bolsa de estudo da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), me debruço sobre o tema da Gibiteca Antônio Gobbo. Então devo evidenciar que Antônio Roque Gobbo, que dá nome a Gibiteca, é um mineiro de São Sebastião do Paraíso que desde criança se apaixonou pela leitura e começou a colecionar revistas de histórias em quadrinhos. Após se mudar para Belo Horizonte, resolveu criar em 1987 a Biblioteca Nacional de Histórias em Quadrinhos (BNHQ), a primeira gibiteca aberta ao público da cidade. A BNHQ era um espaço de leitura e com diversos serviços para os seus associados, como publicação de informativo, fotocópias de revistas e um sistema de distribuição de fanzines (*fanatic* + *magazine* = revistas de publicação alternativa, feitas por fãs ou artistas independentes²). Depois de cinco anos de funcionamento, o colecionador passou a defender a necessidade da criação de uma gibiteca municipal e articulou, junto à Secretaria Municipal de Cultura, a doação de todo o seu acervo para dar origem à coleção de quadrinhos da BPIJ-BH.

A BPIJ-BH é uma biblioteca da Prefeitura de Belo Horizonte (PBH) que está dentro do organograma da Secretaria Municipal de Cultura (SMC). Foi inaugurada em 1991, sendo a coleção de quadrinhos incorporada no ano seguinte. Nessa transição, Gobbo foi o consultor e responsável por redigir um projeto de política de desenvolvimento do acervo para o Departamento da Gibiteca. O espaço transformou-se em um dos mais importantes do país. Sua implementação possibilitou criar um ponto de acesso e fomento dos quadrinhos na cidade. Além do incentivo à leitura, tinha uma ampla programação de troca de experiências entre artistas através da promoção de oficinas, eventos e palestras. Depois é nomeada Gibiteca Antônio Gobbo para homenagear o colecionador que deu contribuição fundamental para o início desse projeto.

¹ FREITAS, Richardson Santos de. **Do gibi à gibiteca: origem e gênese de significados historicamente situados**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023. Disponível em: <https://biblio.eci.ufmg.br/monografias/2024/RichardsonSFreitas.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2025.

² GUIMARÃES, Edgard. **Fanzine**. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2005.

Instalada desde sua inauguração no prédio da Rua Carangola, em 2016 a Fundação Municipal de Cultura³ (FMC) optou pela mudança de sede da BPIJ-BH para o Centro Referência das Juventudes (CRJ). Apesar de recém-inaugurado, o CRJ possuía problemas de infraestrutura que afetaram diretamente o funcionamento da biblioteca e da gibiteca. Como resultado, milhares de exemplares de quadrinhos foram extraviados por furto. Mais da metade dessa coleção foi perdida. A FMC demorou, mas tomou providências para minimizar o problema. Entre elas, a divisão da coleção de quadrinhos em duas: a coleção de revistas circulantes, que estão disponíveis no espaço da biblioteca para a leitura e empréstimo; e a coleção especial, contendo revistas publicadas entre as décadas de 1940 e 1990, principalmente as doadas por Gobbo, que foram selecionadas e guardadas provisoriamente na sala da coleção de referência Wander Piroli, onde também funciona o processamento técnico da BPIJ-BH.

Apesar de aberto à consulta, a sala onde ficavam depositadas as revistas mais antigas não era sinalizada, o acervo não estava catalogado e as revistas ficavam acondicionadas de forma inadequada. O resultado foi a falta de visibilidade da coleção especial de quadrinhos e o aumento do risco da deterioração acelerada desses exemplares.

Em 2025 a BPIJ-BH ganhou uma sede própria. O processo de transferência aconteceu entre os meses de julho e agosto, sendo reinaugurado no dia 11 de setembro no saguão do prédio da Rua Espírito Santo, 593, Centro. Na nova sede, a coleção de quadrinhos passa a ocupar três diferentes espaços: os quadrinhos infantis ficam em uma estante próxima da área das atividades e coleções de livros infantis; a Gibiteca tem um espaço próprio com acervo circulante de quadrinhos para o público juvenil e adulto; e a coleção de quadrinhos mais antiga ocupa parte da sala da Coleção Especial. Os quadrinhos ocupam um lugar mais apropriado, com o potencial de voltar a valorizar a coleção e ser uma referência na programação de incentivo à leitura e o fomento das histórias em quadrinhos na cidade.

Por esses motivos, esta dissertação investiga dois problemas de pesquisa: Como se constituiu e se desenvolveu a coleção da Gibiteca Antônio Gobbo da Biblioteca Pública Infantil e Juvenil de Belo Horizonte? Como essa história pode fundamentar uma metodologia capaz de produzir indicadores para uma política de desenvolvimento de coleções de quadrinhos?

³ A PBH fez uma reforma administrativa em 2005, extinguindo a SMC e criando a FMC como a gestora da política cultural da cidade. Em 2017, a PBH volta a recriar a SMC para gerir o Sistema Municipal de Cultura, e mantendo a FMC em sua estrutura para executar programas, projetos e atividades culturais. Desde 2005, a gestão das bibliotecas ficou sob a responsabilidade da FMC, que é subordinada à SMC.

O objetivo principal é realizar um estudo de caso da Gibiteca, a partir de um percurso historiográfico tendo como base a análise documental, a fim de propor indicadores de uma política de formação e desenvolvimento de coleção de revistas em quadrinhos de uma biblioteca.

Os objetivos específicos são:

- Estabelecer uma trajetória histórica sobre a origem da coleção da Gibiteca Antônio Gobbo;
- Verificar como as políticas públicas da Prefeitura de Belo Horizonte impactam a criação, o desenvolvimento e manutenção da coleção de revistas em quadrinhos da Gibiteca;
- Conceituar os diferentes tipos de coleções de histórias de quadrinhos da Gibiteca;
- Propor indicadores fundamentais para a elaboração de políticas de desenvolvimento de coleções de revistas em quadrinhos.

Portanto, esta pesquisa explora a compreensão da gibiteca como espaço de armazenamento, organização, acesso, incentivo à leitura, fomento e disseminação das histórias em quadrinhos.

No Capítulo 2, trazemos as bases da fundamentação teórica conceitual do trabalho. Falamos que a definição do que é quadrinhos ainda é controversa, e boa parte dessa divergência deve-se à discordância sobre a sua origem. Há atualmente duas principais linhas de pesquisa, classificadas por Costa (2016) como linha teórica de Arte e linha teórica de Mídia, onde fizemos um breve percurso histórico para entender essa divergência. Depois abordamos o colecionismo, que é o ato de aquisição e posse de objetos, removidos do seu uso comum e diário, se tornando uma atividade apaixonada, onde o colecionador preserva e cuida de sua coleção no sentido de deixar um legado para as gerações futuras. Conceituamos o papel da biblioteca pública, em sua missão de democratizar o acesso à informação e trabalhar na formação e estímulo à leitura. Em seu processo de organização, trazemos a diferenciação entre acervo, coleção e coleções especiais. E para finalizar esse capítulo, conceituamos gibitecas e as coleções especiais de quadrinhos.

No Capítulo 3, fizemos uma historiografia que traça o percurso de Antônio Roque Gobbo e da Biblioteca Nacional de Histórias em Quadrinhos em Belo Horizonte (BNHQ), até que sua coleção fosse doada para dar origem à gibiteca da BPIJ-BH. Para entender este contexto, abordamos a trajetória das bibliotecas públicas municipais de Belo Horizonte até entender porque a prefeitura se empenhou em criar uma biblioteca específica para o público

infantil e juvenil. Detalhamos o momento delicado que a BPIJ-BH passou ao ser transferida para o Centro de Referência da Juventude em 2016, que resultou na perda de 14 mil revistas, até ganhar sede nova em 2025.

No Capítulo 4, detalhamos a metodologia de pesquisa exploratória do estudo de caso da Gibiteca Antônio Gobbo da BPIJ-BH, trazendo as bases teóricas que deram subsídios para a coleta e análise dos dados e relatórios da gibiteca. A principal referência teórica é o Modelo Sistêmico de Edward Evans, com acréscimos de outros estudos da Ciência da informação e do campo da conservação. Seleccionamos seis temáticas: estudo da comunidade leitora; desenvolvimento de coleções de quadrinhos; recursos informacionais, preservação e conservação das coleções; avaliação: quantitativa e qualitativa; e atribuição de valor. Para cada tema, foram escolhidas três categorias, de forma que a Gibiteca foi analisada através de 18 pontos diferentes, descritos no Capítulo 5. Como resultado, transformamos os seis temas em indicadores, apresentados no Capítulo 6, descrevendo e acrescentando as características específicas da gestão de coleções de uma gibiteca.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA CONCEITUAL

Nesta seção encontra-se uma breve exposição sobre a divisão entre os pesquisadores e a dificuldade de se estabelecer a origem e o conceito de consenso sobre o que é história em quadrinhos. Atualmente há duas linhas teóricas principais, onde uma estabelece a origem dos quadrinhos na Europa em 1833, tendo como marco a litogravura; enquanto a segunda teoria diz que essa origem ocorreu nos Estados Unidos da América do Norte (EUA) em 1895, durante a modernização dos parques gráficos dos jornais. Mesmo no Brasil, o precursor das histórias em quadrinhos Angelo Agostini e seu personagem Nhô-Quim são questionados. Independente da origem, o colecionismo de quadrinhos surge como resultado da Revolução Industrial do final do século XIX, em uma sociedade capitalista moldada pelo consumo de artefatos. Esses objetos, entendidos como uma materialização de memórias, criaram coleções particulares e comunidades afetivas ligadas a seus objetos de culto. Posteriormente, as bibliotecas abriram seus acervos para a gestão de coleções de quadrinhos, surgindo inclusive as instituições dedicadas exclusivamente aos quadrinhos, nomeadas no Brasil como gibitecas.

2.1 História em Quadrinhos: uma arte de origem e conceito em definição

A definição da origem das histórias em quadrinhos é controversa e tema de intenso debate entre os pesquisadores da área. “Definir um ponto preciso para a origem dos quadrinhos é epistemologicamente arriscado, pois os fenômenos discursivos porventura levados em conta acontecem de forma dispersa e, por vezes, simultânea” (Costa, 2016, p. 15), sendo possível encontrar várias histórias, artistas e influências que possibilitaram a criação das primeiras histórias. Há atualmente duas principais linhas teóricas sobre essa origem: uma primeira que estabelece como marco inicial a obra *Histoire de Monsieur Jabot*, do suíço Rodolphe Töpffer publicada em 1833, em um cenário de desenvolvimento da imprensa e dos livros ilustrados na Europa; a segunda aponta *The Yellow Kid*, personagem de Richard Outcault publicado nos EUA em 1895, como o trabalho que consolidou a linguagem, no momento em que a Revolução Industrial modernizou os parques gráficos dos jornais, sendo criados os suplementos infanto-juvenis para aumentar o número de leitores/consumidores das grandes tiragens que passaram a ser produzidas. Costa (2016) identifica as características desses dois polos teóricos principais, classificando-os como Arte e Mídia.

Os teóricos da linha Arte, segundo Costa (2016) buscam “assinalar o seu valor simbólico” e “reconhecimento perante outras artes já reconhecidas”, ressaltando a “evolução

das qualidades técnicas dessa forma de expressão". Normalmente apontam que o surgimento dos quadrinhos aconteceu na Europa, nos primórdios da imprensa moderna do início do século XIX. Nessa análise, inclusive, busca-se relações com obras dos tempos mais remotos na construção de uma trajetória historiográfica das narrativas gráficas. Groensteen (2015), outro teórico, aponta em seu livro *O Sistema dos Quadrinhos* que a indefinição da origem também dificulta estabelecer um consenso sobre o que é quadrinhos. O autor cita o conceito de Kunzle, que parte da premissa de que as HQs surgiram na Europa:

Segundo minha definição, uma “história em quadrinhos”, seja de qualquer período ou país, precisa cumprir as seguintes condições para ser tratada como tal: 1. Que exista uma sequência de imagens separadas; 2. Que exista preponderância de imagens em relação ao texto; 3. A história em quadrinhos precisa ser concebida para reprodução e aparecer em suporte impresso, ou seja, um suporte que predisponha à sua difusão massiva; 4. A sequência deve contar uma história que tanto tenha sentido moral quanto seja atual (Kunzle *apud* Groensteen, 2015, p. 22).

Essa linha teórica de Arte propõe que os quadrinhos surgem a partir do desenvolvimento da imprensa e dos livros ilustrados na Europa. Tem como ponto de referência a criação da tecnologia de impressão que facilitou a inserção de desenhos em panfletos e periódicos, como a litografia (ou litogravura) inventada por Senefelder em 1798. Essa técnica de impressão de gravuras, feita sobre uma matriz de pedra calcária, possibilitou a reprodução das ilustrações de forma mais rápida e econômica. A “[...] litografia abria o caminho para o jornal ilustrado (e este abria o caminho para os quadrinhos)” (Cirne, 1972, p. 180). Desta forma, os gravuristas tiveram acesso a uma técnica para experimentar novas formas de narrar uma história ilustrada e disseminá-las.

Entre os gravuristas europeus de destaque na época estava o inglês James Hillary, que em 1798 publicou trabalhos como *John Bull taking a Luncheon: - or - British cooks, cramming old grumble-gizzard, with bonne-chère* (Figura 1). Usando o estilo de desenho satírico, o artista retrata e celebra a vitória da Grã-Bretanha em uma batalha naval, onde o General Howe janta navios franceses⁴. Além do desenho caricato, percebe-se na obra o uso de balões de fala que interagem e integram o desenho, mas ainda não podendo ser considerado quadrinhos porque estava restrito a um único quadro.

⁴ Luncheon: - or - British cooks, cramming old grumble-gizzard, with bonne-chère. **National Portrait Gallery**. Londres. Disponível em:

<https://www.npg.org.uk/collections/search/portrait/mw62269/John-Bull-taking-a-luncheon---or---British-cooks-cramming-old-grumble-gizzard-with-bonne-chre>. Acesso em: 27 fev. 202

Figura 1: *John Bull taking a Luncheon* (1798), de James Hillary.



Fonte: National Portrait Gallery.

Aproveitando o momento da Revolução de 1830 na França, o litógrafo Charles Philipon, o dono da maior gráfica de prensas de Paris, articula com Auguste Audibert a criação de *La Caricature*. Trazendo reivindicações por maior liberdade de imprensa e o direito de contestar o governo, o periódico ilustrado tinha uma linha editorial satírica que utilizava caricaturas em seu conteúdo. Uma das suas caricaturas mais famosas foi a *Gargantua* (Figura 2), de Honoré Daumier. A tradução de *gargantua*, do francês, é gigantesco. Publicada em 1831, o desenho mostrava o Rei Luís Filipe I gigante e sentado em seu trono, devorando sacos de impostos retirados do povo desamparado, na miséria e com fome. Por causa desta caricatura, o artista sofreu censura e foi levado para a Corte. Julgada em 1832, a arte foi considerada obscena, rude e vulgar. Daumier foi condenado a cumprir pena de “seis meses de prisão” (Cavalcanti, 2012, p. 134). Após a censura e a pressão do rei, *La Caricature* deixou de circular, mas seu estilo caricatural caiu no gosto do público francês, tornando tendência que se espalhou por outros países europeus.

Figura 2: *Gargantua* (1831), de Honoré Daumier.



Fonte: *Gargantua*. *L'Histore Parl'Image: nouvel eclaireage sur l'Histoire*. Disponível em: <https://histoire-image.org/etudes/gargantua>. Acesso em: 27 fev. 2025.

A caricatura influencia o trabalho do suíço Rodolphe Töpffer (1799-1846). Na época, o estilo era considerado uma arte menor e polêmica, que poderia colocar em risco a reputação de um artista de estilo clássico. Apesar disso, segundo Kunzle (2007, p. 58), Töpffer litografou em 1833 o livro *Histoire de Monsieur Jabot* e imprimiu alguns exemplares para distribuição. Monsieur Jabot é um personagem que tenta sua ascensão social ao frequentar lugares onde a aristocracia francesa está presente⁵. Republicado no Brasil em 2017, pela editora Sesi-SP, o organizador da obra André Caramuru Aubert reafirmou a importância da obra e seu caráter inovador ao se perceber a “essência do que são as HQs de hoje: a estrutura de storyboard - em que uma sequência de quadinhos instaura movimento - e uma integração completa entre texto e imagem” (Pompermaier, 2017). *Histoire de Monsieur Jabot* é uma história de 52 páginas. Como exemplo dessa estrutura narrativa de Töpffer, vemos uma página

⁵ *Histoire de Monsieur Jabot*. **Gutenberg Canada**. Disponível em <https://www.gutenberg.ca/ebooks/toepfferr-histoiredemrjabot/toepfferr-histoiredemrjabot-00-h-dir/toepfferr-histoiredemrjabot-00-h.html>. Acesso em 27 fev. 2025.

do livro (Figura 3), onde verificamos a disposição de três quadros, separados por sarjetas (espaços em branco entre os quadros). Os diálogos que completam os desenhos encontram-se no rodapé de cada quadro. A cena mostra Monsieur Jabot convidando a senhorita Du Bocage para dançar, na tentativa de cortejar a bela moça.

Figura 3: *Histoire de Monsieur Jabot* (1833), de Rudolph Töpffer.



Fonte: Gutenberg Canada.

Reconhecendo que quadrinhos não pode ser tratado como um “objeto sem historicidade”, dentro de um contexto não linear e restrito a um único local, Costa (2016, p. 50) diz que o trabalho de Töpffer “pode ser visto como quem reúne as características necessárias para ser considerado um dos fundadores principais desse saber que hoje chamo de *quadrinístico*”.

[...] se for necessário lançar uma data para o nascimento do modo de expressão ao qual, mais tarde, será dado o nome de história em quadrinhos, parece-me que é a de 1833 que deve ser mantida, ou seja, o ano em que o álbum *Histoire de Mr. Jabot* foi colocado em circulação (Groensteen, 2000, p. 15 *apud* Costa, 2016, p. 51).

Seguindo a mesma linha de trabalho, Töpffer publica em 1837 as obras *Monsieur Crépin* e *Les Amours de Monsieur Vieux Bois*; em 1840, *Monsieur Pencil* e *Le Docteur Festus*; em 1844, *L'Histoire d'Albert* (Figura 4); e a tira seriada *Histoire de Monsieur Cryptogame* (Figura 4), em 1845 no semanário *L'Illustration*. Costa (2016, p. 52) registra que os desenhos de Töpffer tinham como características ser um trabalho impresso e reproduzível, havendo uma

relação comercial entre autor, livreiro e público, sendo perceptível o novo estilo pelos críticos de arte da época. Além disso, o pesquisador destaca que o próprio autor tinha consciência discursiva de sua obra, impressa no prefácio de *Historie de Monsieur Jabot*:

Este pequeno livro é de carácter misto. Ele se compõe de uma série de desenhos autografados. Cada um desses desenhos é acompanhado por uma ou duas linhas de texto. Os desenhos, sem texto, teriam apenas um significado obscuro; o texto sem os desenhos não significaria nada. Todos juntos formam um tipo de romance particularmente original, uma vez que parece mais como um romance do que outra coisa (Töpffer, 1837c, p. 334 *apud* Costa, 2016, p. 55).

Figura 4: *Histoire de Monsieur Cryptogame* (1845), de Rudolph Töpffer.



Fonte: Gallica: Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6578219m/f33>

Conclui Costa (2016, p. 56-57) que o trabalho inovador de Töpffer demonstra um novo estilo de contar histórias através de quadros justapostos, dotados de tempo-espaciais em cada quadro, formando uma história coesa e com progressão, e que, como em qualquer outro tipo de linguagem artística, foi se aperfeiçoando com o tempo através de seus artistas descendentes. Seus trabalhos inspiraram outros artistas, surgindo inclusive cópias e plágios, criando um mercado em torno desse novo gênero de narrar histórias.

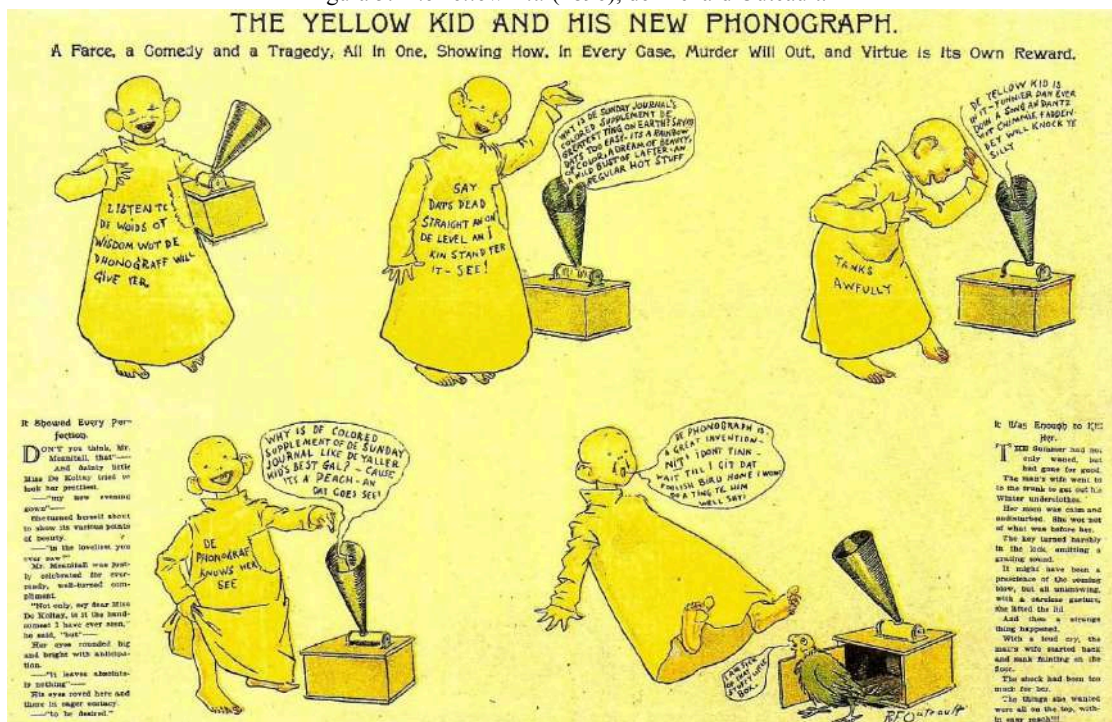
A segunda linha teórica, daqueles que estudam os quadrinhos como Mídia, buscam “ressaltar o seu potencial linguageiro” (Costa, 2016, p. 10), focando mais do que simples objeto de comunicação voltado para o entretenimento, mas seus aspectos de alcance, difusão, mercado e consumo. Nessa linha, os quadrinhos teriam surgido e ganhando forma definitiva de arte independente a partir da implantação de suplementos dentro dos jornais surgidos no final do século XIX a partir da modernização dos parques gráficos e do crescimento das tiragens. Essa linha de pesquisa pressupõe a consolidação do uso de elementos essenciais e

facilmente identificáveis dos quadrinhos, como a adoção dos requadros para delimitar as imagens, das sarjetas para separação das cenas, das onomatopeias para representação de sons, do balão de fala, entre outros, além da necessidade da história ter um personagem fixo publicado em série.

A Revolução Industrial possibilitou a modernização das gráficas, criando a tecnologia de prensas capazes de imprimir milhões de cópias diárias de jornais, no final do século XIX. “Nessa época, dois magnatas da imprensa nova-iorquina, Joseph Pulitzer, dono do jornal *New York World*, e William Randolph Hearst, do *Morning Journal*, entraram numa acirrada briga comercial” (Iannone e Iannone, 1994, p. 30). Com o objetivo de conquistar novos leitores/consumidores, ambos empresários investiram em impressão em cores e na implementação de suplementos especializados, como de esporte, feminino, policial e infantil.

Em 1895, nas páginas do *New York World*, o suplemento dominical passa a publicar *Down Hogan's Alley*, criado por Richard Outcault (1863-1928). Eram histórias ambientadas nos cortiços da cidade de Nova York, onde o principal personagem era um menino com feições orientais que vestia um camisolão amarelo, ficando conhecido posteriormente como *The Yellow Kid*. Neste camisolão haviam mensagens e falas do garoto, fazendo uma interação de texto e imagem. Outcault inclusive usou, em alguns trabalhos, o recurso do balão de fala. Em *The Yellow Kid and his new phonograph* (Figura 5), o menino aparece dialogando com seu fonógrafo. No final, revela-se que na verdade era a voz de um papagaio que estava dentro do aparelho de som.

Figura 5: *The Yellow Kid* (1896), de Richard Outcault.



É baseado no lançamento e sucesso de *The Yellow Kid* que surge a segunda linha teórica que aponta com a origem dos quadrinhos. Costa (2016, p. 23) diz que esses quadrinhos pesquisados como Mídia, são vistos como um meio de comunicação, que podem ser usados para informar, persuadir e entreter. Essa vertente é adotada, principalmente, por autores que buscam creditar aos EUA como os criadores das histórias em quadrinhos. Entre esses pesquisadores está Robinson, que diz:

Encontram-se reunidos em *The Yellow Kid* os critérios que farão dele a primeira *comic strip*: uma série regular com personagens recorrentes [...], um título [...], um tema [...] e o texto integrado ao desenho. O texto se fará progressivamente mais abundante sob a forma de mensagens incorporadas a painéis, cartazes e ao pijama de Kid, e ainda pelo emprego de filactérios, a primeira ocorrência explicitando o diálogo entre um papagaio e um garoto em “*The Great Social Event of the Year in Shantytown*” (Robinson, 2015, p. 18 *apud* Costa, 2016, p. 25).

Blackbeard é outro pesquisador que segue essa linha teórica, indicando como elemento essencial a publicação de histórias com personagens fixos, publicadas de forma periódica, sendo necessário haver diálogos em balões para integrar desenho com o texto, definindo quadrinhos como:

Uma narrativa dramática ou uma série de anedotas, correlacionadas sobre personagens recorrentes e identificáveis, publicadas regularmente, em episódios e sem final determinado, narrada na forma de desenhos sucessivos,

contendo frequentemente diálogos dispostos em balões ou equivalentes, com texto geralmente mínimo (Blackbeard *apud* Groensteen, 2015, p. 22).

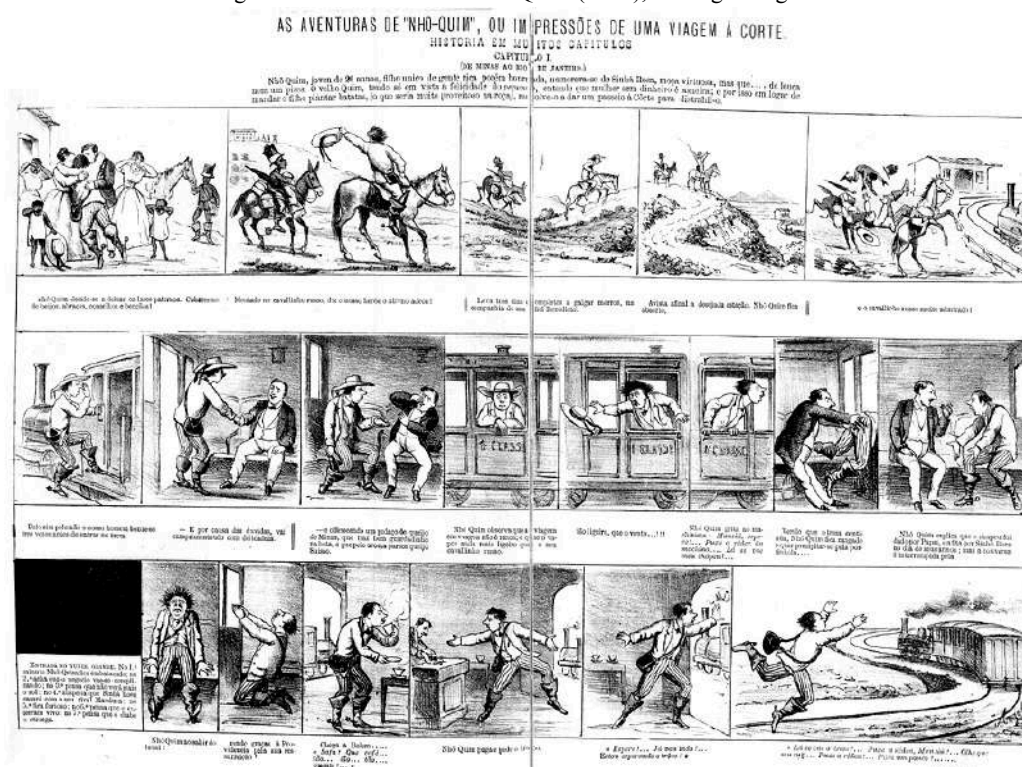
Entretanto, apenas para indicar como o assunto é controverso, no Brasil comemoramos o Dia do Quadrinho Nacional no dia 30 de janeiro. Essa data remete “As Aventuras de Nhô-Quim, ou Uma Viagem à Corte”, de Angelo Agostini, uma série de 14 histórias publicadas no jornal *A Vida Fluminense* entre 1869 e 1870. Portanto, se convencionou comemorar essa data como a primeira história em quadrinhos no país, publicação que circulou no Rio de Janeiro, 26 anos antes do surgimento de *The Yellow Kid*. As aventuras de Nhô-Quim (Figura 6), é construída em uma sequência de quadros, em um estilo de contar histórias semelhantes ao de Töpffer, tendo os textos que complementam os desenhos localizados no rodapé de cada quadro. O autor, o italiano Agostini, durante a sua infância e adolescência, estudou artes em Paris antes de imigrar para o Brasil (Cardoso, 2005, p. 21), trazendo a influência da arte europeia em seu trabalho. Cada capítulo dessa série ocupava duas páginas, em uma sequência de três longas tiras horizontais, que traziam um personagem fixo. Nhô-Quim é um jovem de 20 anos morador de uma cidade do interior de Minas Gerais. Filho único de gente rica, o rapaz se apaixona por uma pobre moça, Sinhá Rosa. O pai de Nhô-Quim, desaprovando o romance, envia o filho para um passeio à Corte na cidade do Rio de Janeiro com a intenção de que ele conhecesse novos ares e esquecesse de vez a Sinhá Rosa. Começa assim uma série de desventuras de um homem ingênuo e atrapalhado em uma cidade grande. A história é baseada em uma forte crítica do autor aos problemas urbanos da época, dos costumes sociais e política.

Entretanto, mesmo por aqui no Brasil, essa “origem dos quadrinhos” é questionada. Vargas discorda apontando que:

O pioneirismo de Agostini, uma invenção, mais especificamente dos anos 1880, foi capitalizado pela Associação dos Quadrinhistas e Caricaturistas do estado de São Paulo (AQC-ESP), de 1984. [...], a AQC era também de uma resposta à polêmica ocasionada por um grupo de intelectuais da Academia Brasileira de Letras que propusera uma homenagem a Adolpho Aizen, defendendo a data de 14 de março como o Dia das Histórias em Quadrinhos, em homenagem aos cinquenta anos do Suplemento Juvenil, publicação de 1934 fortemente associada à invasão dos quadrinhos norte-americanos. [...] É importante acrescentar o momento histórico da redemocratização do Brasil. Conscientemente ou não, Agostini, um ferino abolicionista e republicano, adequar-se-ia muito melhor aos anseios da AQC do que Sisson⁶, nomeado litógrafo imperial e cavaleiro pela Imperial Ordem da Rosa (Vargas, p. 10, 2020).

⁶ Sébastien Auguste Sisson nasceu em 1824 na França e migrou para o Brasil em 1852. Pintor, desenhista, litógrafo e caricaturista, montou um ateliê na cidade do Rio de Janeiro e trabalhou para a revista *O Brasil Ilustrado*, onde ilustrou a história “O Namoro, quadros ao vivo”.

Figura 6: As aventuras de Nhô-Quim (1869), de Angelo Agostini.



Fonte: Biblioteca Nacional. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/709662/per709662_1869_00057.pdf

Apesar das duas linhas teóricas, foram os quadrinhos produzidos dentro do contexto de cultura de massa, no sentido de Mídia, que se transformaram nos primeiros objetos de estudos críticos sobre quadrinhos. Ensaios e artigos feitos de forma mais sistematizada aconteceram a partir do início do século XX. Entre eles está o livro *The 7 Lively Arts* (1924), de Gilbert Seldes, que fez um ensaio intitulado *The "vulgar" comic strip*⁷ onde afirmava que a história em quadrinhos é, entre as artes animadas (como o cinema), a mais desprezada, apesar de sua popularidade. Focado na análise da produção norte-americana, destacava que certamente havia uma grande quantidade de produção de qualidade ruim e nível intelectual baixo, mas contestava o rótulo de “vulgar” ao apontar artistas de trabalhos excepcionais.

Um dos motivos dessa situação desconfortável dessa fama é explicado por Groensteen:

O campo de expressão da história em quadrinhos ultrapassa o da narrativa da ficção. No entanto, foi no domínio do entretenimento que ela encontrou seu espaço privilegiado, a ponto de o grande público ter frequentemente a HQ como sinônimo de evasão, de relaxamento, de leitura fácil. A relativa baixa expectativa que a maioria dos leitores tem em relação à história em quadrinhos pode se explicar historicamente pelo fato que elas, por longo

⁷ PATER, Walter. *The Seven Lively Arts*. New York/Londres: Haper & Brothers Publishers, 1924. Disponível em: <http://www.gutenberg.org/files/66294/66294-h/66294-h.htm>. Acesso em: 25 fev. 2025

tempo, foram dirigidas de preferência, se não com exclusividade, às crianças (Groensteen, 2004, p. 19).

A fama de uma arte vulgar direcionada às crianças deu margem para que houvesse diversos questionamentos e campanhas contra os quadrinhos, chegando ao auge na década de 1950. Por isso, era comum que os primeiros livros teóricos sobre quadrinhos introduzissem em suas obras fatos sobre como os quadrinhos eram considerados uma sub-literatura e prejudicial ao desenvolvimento intelectual, em um movimento para desmistificar as acusações: “Houve porém épocas em que elas eram marginalizadas, acusadas de estimularem a preguiça intelectual e constituírem-se numa série ameaça à literatura séria” (Silva, 1976, p. 12); “Durante muito tempo as histórias em quadrinhos foram tidas e havidas como uma sub-literatura prejudicial ao desenvolvimento intelectual ao desenvolvimento intelectual das crianças” (Cirne, 1971, p. 11); “Houve uma campanha contra, atribuindo às historietas a criminalidade infanto-juvenil. [...] Chegou a haver um clima de perseguição e proibição. O Fahrenheit 451 dos gibis” (Moya, 1986, p. 7).

Entretanto, “O tempo em que a história em quadrinhos era vilipendiada pelos bons espíritos, confiscada pelos professores e proibida nas bibliotecas públicas já passou” (Groensteen, 2004, p.40), sendo valorizada como arte ou “A nona arte, como a chamamos de forma voluntária [...]” (Groensteen, 2004, p.19). Surgem iniciativas que buscavam “A importância social, estética e comunicacional das histórias em quadrinhos” (Cirne, 1971). Entre eles, Marshall McLuhan que a partir do livro *The Mechanical Bride: Folklore of Industrial Man*, de 1951, passa a escrever sobre a cultura popular e seus meios de comunicação, como os jornais, as rádios, a publicidade e os quadrinhos; a fundação do *Club des Amis de La Bande Dessinée*, de 1962 que publicou trabalhos científicos sobre quadrinhos na revista *Giff-Wiff*; e o lançamento do livro *Apocalittici e integrati*, de 1964, do escritor Umberto Eco, que analisava a cultura de massa e contém capítulos dedicados aos quadrinhos.

As pesquisas foram mudando a percepção e os quadrinhos foram se valorizando. Vergueiro e Ramos (2015, 36-37) afirmam que “Quadrinhos são uma manifestação artística autônoma, assim como a são a literatura, o cinema, a dança, a pintura, o teatro e tantas outras formas de expressão”. Esclarecem que em um primeiro momento, para valorizar os quadrinhos, tentou-se usar o rótulo literário para dar prestígio tanto à arte quanto aos estudos acadêmicos. Atualmente, essa linha de pensamento foi deixada de lado, reconhecendo os quadrinhos como uma linguagem emancipada que possui seus recursos e características próprias. Os autores evocam o conceito de “leitura do mundo” criado por Paulo Freire, no

livro *Pedagogia da Autonomia*, que indica que essa leitura do mundo precede a palavra. Portanto, “leitura não é só livro” (Vergueiro e Ramos, 2015, p. 40). Sendo assim, os quadrinhos não são literatura, mas não deixam de ser uma forma de leitura.

Sendo uma manifestação artística autônoma, quais são os elementos característicos desta arte? Cirne destaca em sua definição os sucessivos cortes gráficos, que são as divisões que separam os quadros - também conhecidos como sarjeta - onde ocorre a interação (e interpretação) dos leitor ao completarem a história usando sua imaginação:

Quadrinhos são uma narrativa gráfico-visual, impulsionada por sucessivos cortes, cortes estes que agenciam imagens rabiscadas, desenhadas e/ou pintadas. O lugar significante do corte – que chamaremos de corte gráfico – será sempre o lugar de um corte espaço-temporal, a ser preenchido pelo imaginário do leitor. Eis aqui sua especificidade: o espaço de uma narrativa gráfica que se alimenta de cortes igualmente gráficos. Na “banda desenhada”, a grafia exibe uma dupla articulação semiótica: a narrativa enquanto tal e o seu agente impulsionador (o corte), que mobilizam a relação produção/leitura de forma a mais eficaz possível, tendo em vista a própria operacionalidade semântica e estrutural de sua vigência quadrinhística. Isto é, seu espaço narrativo só existe na medida em que articula com os cortes, que, assim, seriam redimensionados pelo leitor. De maneira mais simples, diremos: a especificidade dos quadrinhos implica seu modo narrativo, determinado pelo ritmo das tiras e/ou páginas em função de cada leitura particular, leitura esta que se constrói a partir das imagens e dos cortes. Neste sentido, os balões, que encerram a “fala” e/ou o “pensamento”, por mais importantes que sejam, não passam de elementos lingüísticos, mesmo quando inventem na estesia de suas possibilidades criativas. Mesmo quando são metalingüísticos (CIRNE, 2000, p. 23-24).

Eisner, que cunhou o termo *Arte Sequencial* como sinônimo de quadrinhos, também traz a interação do leitor para o seu conceito de quadrinhos. Ele considera esta arte como “[...] um veículo de expressão criativa, uma disciplina distinta, uma forma artística e literária que lida com a disposição de figuras ou imagens e palavras para narrar uma história ou dramatizar uma ideia” (Eisner, 1995, p. 5). É uma linguagem que usa a mistura de imagens e palavras, onde o artista precisa evocar “imagens armazenadas nas mentes de ambas as partes” (Eisner, 1995, p. 13), para interagir com seu leitor através de uma experiência de vida em comum que fará com que a história seja compreendida.

Para ilustrar essa interação dos quadrinhos com o leitor, citamos o trabalho de McCloud (1985, p. 66), que no seu livro *Desvendando os Quadrinhos*, traz um capítulo inteiro dedicado ao uso da sarjeta, considerando a “[...] responsável por grande parte da **magia e mistério que existem na essência dos quadrinhos!**”. Segundo ele, é necessário pressupor a experiência dos leitores, onde uma simples ação de fechar de olhos (Figura 7) cria na cabeça das pessoas uma interpretação que preenche as lacunas (a sarjeta) entre os quadrinhos, sendo

em alguns casos mais óbvios, mas que pode assumir disposições mais complexas em outras situações.

Figura 7: Preenchimento de lacunas nas HQs, por McCloud



Fonte: Desvendando os Quadrinhos

McCloud, define histórias em quadrinhos como “1. Imagens pictóricas e outras justapostas em sequência deliberada destinadas a transmitir informações e/ou a produzir uma resposta no espectador” (McCloud, 1995, p. 9). O próprio autor destaca que a sua definição é um processo contínuo, onde alguns irão aceitar, enquanto outros vão rejeitar, mas que, de qualquer forma, “E é assim que deve ser. Um brinde ao grande debate” (McCloud, 1995, p.23).

Luyten (1987, p. 16) define:

Elas [histórias em quadrinhos] são formadas por dois códigos de signos gráficos: a imagem e a linguagem escrita. O fato de os quadrinhos terem nascido do conjunto de duas artes diferentes - literatura e desenho - não os desmerece. Ao contrário, essa função, esse caráter misto que deu início a uma nova forma de manifestação cultural, é o retrato fiel de nossa época, onde as fronteiras entre os meios artísticos se interligam.

[...] Entre os elementos que entram na composição dos quadrinhos, o que mais caracteriza e dá dinamicidade à leitura são os balões. O balão é a marca registrada dos quadrinhos (Luyten, 1987, p. 13).

Como dito por Luyten, o balão de fala é a marca registrada dos quadrinhos. Cirne (1971, p. 25-26) descreve o balão tendo um “[...] formato ligeiramente circular, retangular etc., cujo interior encerra diálogos, idéias, pensamentos ou ruídos [...]”, sendo o “solidificador da palavra”, tornando-se assim “uma instigante visualização espacial do som, assim como também o é a onomatopeia”. Mesmo assumindo a característica de ser um dos elementos mais conhecidos dos quadrinhos, “Há também autores que preferem não utilizá-lo; seja por dispensarem o texto, seja simplesmente por procurarem uma linguagem mais direta” (Cirne,

1971, p. 28). Geralmente o balão é um espaço fechado com um rabicho que direciona quem está falando, mas pode vir sem uma demarcação explícita. Groensteen (2015, p. 76) aponta que “jamais acontece de o balão apresentar-se sozinho, dado que ele é uma emissão supostamente sonora e que toda emissão pressupõe uma fonte, ou seja, um lugar de origem” .

Groensteen (2015, p. 22) reforça a dificuldade de se produzir uma definição válida, “[...] sem ser normativas e interesseiras, concebidas para apoiar um recorte histórico arbitrário”. Por isso, o pesquisador trata os quadrinhos “[...] não como o fenômeno histórico, sociológico e econômico que são, mas como um conjunto original de mecanismos produtores de sentido” (Groensteen, 2015, p. 10). O autor defende que “Os quadrinhos, portanto, são uma combinação original de uma (ou duas, junto com a escrita) matéria(s) da expressão e de códigos. É a razão pela qual podem ser descritos apenas em termos de sistema” (Groensteen, 2015, p. 14), trazendo uma combinação complexa de elementos, de uma teoria que ele nomeia de neossemiótica.

2.2 Colecionismo

Essa pesquisa delimitará o estudo sobre o fenômeno do colecionismo dos quadrinhos a partir da consolidação das publicações em larga tiragem que se iniciou nos jornais a partir do período da Revolução Industrial do final do século XIX. Em relação ao surgimento dos quadrinhos, este trabalho se alinha à teoria que enxerga os quadrinhos como Arte, como exposto na subseção anterior, mas reconhece que foi a partir do período do avanço das tecnologias de comunicação de massa que se estabeleceu o hábito de consumir e colecionar os objetos comprados. Sendo assim, essas empresas de mídia estimularam uma demanda de consumo de revistas em quadrinhos, onde alguns desses compradores começaram a criar suas coleções particulares. Depois surgem, por causa do interesse acadêmico, a formação de acervo para pesquisas dentro das universidades. Somente em 1982 é criada a primeira gibiteca, a Gibiteca de Curitiba, com a finalidade de dar acesso público às coleções de histórias em quadrinhos.

Colecionar é definido como “[...] o processo de aquisição e posse, seletiva e apaixonada, de coisas removidas do uso comum e percebidas como parte de um conjunto de objetos não idênticos ou experiências. É uma busca aquisitiva, possessiva e materialista” (Belk, 1995, p. 479, tradução livre⁸). A pesquisa de Belk está focada no estudo dos problemas causados pelo colecionismo, que pode envolver manias, compulsões e obsessões, mas o

⁸ Collecting, defined as the process of actively, selectively, and passionately acquiring and possessing things removed from ordinary use and perceived as part of a set of non-identical objects or experiences (Belk, 1995, p. 67), is an acquisitive, possessive, and materialistic pursuit.

pesquisador cita também os benefícios, que envolve uma prática bem sucedida que necessita de regras, conhecimento, estudo, ousadia e perseverança. Para Belk, esses colecionadores acreditam que estão agindo como nobres salvadores de tesouros que, de outra forma, desapareceriam. Para os praticantes do ato de colecionar, essa ação torna-se uma “religião” onde o colecionador se imagina no papel de salvador da sociedade ao preservar os objetos nobres para as gerações futuras. Essa herança da humanidade é vista por Lowenthal (2000, p. 22) como um ato de cuidar do passado enquanto abraça ativamente o presente, transmitindo para as gerações futuras um legado com acréscimos e alterações no seu sentido simbólico.

Bosi argumenta que a mobilidade e a contingência estão presentes nas vidas das pessoas e que elas buscam objetos que permaneçam imóveis. “Mais que uma sensação estética ou de utilidade eles nos dão um assentimento à nossa posição no mundo, à nossa identidade” (Bosi, 2004, p. 26). A autora cita que esses objetos são nomeados por Morin (1969) como objetos biográficos, porque eles envelhecem com o colecionador, sendo incorporados em sua vida, criando uma posição no mundo que passa a sensação de insubstituíveis e de continuidade. Os seres humanos têm coletado e conservado objetos ao longo de toda a sua história. Lourenço revela que essa prática causa prazer, promove vaidades mas também é fonte de conhecimento. “A cultura material, ao sobreviver após a morte do colecionador, desafia a própria finitude, e assim elabora o luto e simula a eternidade” (Lourenço, 1999, p. 13). O ato de colecionar possui, segundo a autora, “valores emocionais, estéticos, nacionais, regionais, financeiros, patrióticos, religiosos, exóticos e até mesmo educacionais”.

Como teorizado por Maurice Halbwachs (1990), esses valores fazem parte de uma memória coletiva, uma construção social onde “[...] memória é um trabalho de construção do passado que ocorre no contexto social, histórico, econômico e cultural do presente, dos diversos grupos sociais nos quais o sujeito está inserido” (Costa, 2023, p. 4). Para Halbwachs, os quadros sociais influenciam os indivíduos e a forma como eles relembram o passado, moldados de acordo com os fatores do espaço, do tempo e dos atores envolvido:

Mas nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós (Halbwachs, 1990, p. 26).

[...] desde o momento em que nós e as testemunhas fazíamos parte de um mesmo grupo e pensávamos em comum sob alguns aspectos, permanecemos em contato com esse grupo, e continuamos capazes de nos identificar com ele e de confundir nosso passado com o seu” (Halbwachs, 1990, p. 29).

Sendo assim, são criadas comunidades afetivas as quais o indivíduo está ligado, podendo se manifestar através de diversos registros como as mídias:

Essas mídias podem ser compreendidas como artefatos diversos, livros, monumentos, filmes, histórias em quadrinhos, documentos diversos que podem ser entendidos como uma “materialização” de memórias que deixa vestígios e vozes do passado para conversarem com o presente e construir interpretações diversas, dependendo dos contextos sócio-históricos e culturais de determinada época e do desempenho memorativo de cada mídia (Costa, 2023, p. 5).

Costa (2023, p. 5) ainda apresenta a teoria antropológica de Astrid Erll, que aponta as três dimensões da cultura que possuem um grande poder de moldar a imaginação coletiva, sendo: “uma social, relacionada aos sujeitos, instituições e suas relações; um material, ligada aos artefatos e às mídias, ou seja, à materialidade; e uma mental, relacionada aos modos de pensar e mentalidades de uma dada época, ao simbólico”.

Os quadrinhos modernos, produto da indústria cultural idealizado no final do século XIX para incentivar a leitura e consumo de jornais, tinham a intenção original ser um material de leitura e descarte, assim como acontecia com os jornais impressos. Por isso, os quadrinhos eram um produto barato, feito com papel e impressão de baixa qualidade. Porém, dentro do desenvolvimento de uma indústria cultural de massas, o consumo é característica central do capitalismo com função de satisfação de necessidades materiais e identificação social. As editoras, ao perceberem que alguns leitores passaram a guardar e organizar suas coleções, enxergam o potencial e incentivam a criação de fã-clubes para fidelizar o consumidor e promover o intercâmbio de informações e experiências entre eles. Esses colecionadores eram estimulados a fazer parte de uma comunidade, com uma forte identificação com as editoras e personagens, transformando as revistas em seu objeto de culto.

McIntosh e Schmeichel (2004) sistematizam o processo de colecionar em oito etapas: a) decisão de que irá colecionar algo; b) obtenção do máximo de informações possíveis sobre os objetos de interesse; c) planejamento de como e onde adquirir os itens (os autores expõem que nesta fase há um processo afetivo no qual o colecionador imagina os benefícios que terá com a aquisição); d) a “caça” ao objeto, etapa que envolve a localização do item, identificação de um bom negócio, negociação e realização da compra; e) aquisição; f) pós-aquisição, em que há a incorporação do item à coleção e esta passa a viabilizar a socialização de outros colecionadores, através da sua exibição, comparação, troca de informações e competição; g) restauração (se necessária), exposição, catalogação e definição de regras para manuseio do item; h) retorno à fase de planejamento de como e onde adquirir novos itens (Vieira e Cavedon, 2013, p. 13).

Neste contexto, Vieira e Cavedon (2007), elucidam que o consumo dos quadrinhos possui um simbolismo que permite a criação de uma identidade e de uma diferenciação social

através da dedicação e da busca permanente pelo conhecimento detalhado de cada item colecionado e tudo o que refere a seu objeto, como personagens, autores e desenhistas.

Inicialmente essas coleções de quadrinhos estavam restritas a coleções particulares, posteriormente ganhando espaço dentro das bibliotecas, conforme será demonstrado na subseção sobre as gibitecas.

2.3 Biblioteca Pública

Para uma biblioteca ser classificada como pública, esta unidade informacional precisa ser “criada, mantida e financiada pela comunidade, quer através da administração local, regional ou central, quer através de outra forma de organização comunitária” (IFLA, 2013, p. 13). Esse equipamento público tem como diretriz democratizar e universalizar o acesso à informação e à cultura através da disponibilização de serviços gratuitos que priorizem as necessidades das comunidades a que ela atende. De forma obrigatória, essa biblioteca precisa garantir a presença de profissional bibliotecário (ou de uma equipe de acordo com o porte da instituição), responsável pelas práticas e técnicas biblioteconômicas na classificação, catalogação e organização do acervo, além de criar e assegurar a qualidade dos serviços prestados dessa instituição. No Brasil, esse exercício da profissão é regulamentado pela Lei n. 4.084, de 30 de junho de 1962⁹.

Documento de referência, o Manifesto da IFLA/UNESCO de 1994, ressalta que as bibliotecas públicas devem ter participação na construção e desenvolvimento da democracia, dando a essas unidades o papel de porta de acesso local ao conhecimento, fornecendo “as condições básicas para uma aprendizagem contínua, para uma tomada de decisão independente e para o desenvolvimento cultural dos indivíduos e dos grupos sociais” (IFLA, 1994). Esse acesso deve ser livre e sem limites, tornando a biblioteca um importante meio da promoção da paz e do bem estar social. Os serviços devem ser baseados na igualdade de acesso, independente da condição social, sem fazer a distinção de idade, sexo, raça, religião ou nacionalidade.

O caráter social das bibliotecas públicas se inicia em suas portas abertas para a rua, mas também em seu acervo, pois é nele que se encontra a informação, em diverso suportes, possibilitando contemplar a população em suas necessidades e gostos e também em suas demandas ainda não identificadas, mas que é seu papel fomentar-la (Ferraz; Dumont, 2018, p. 14)

⁹ BRASIL. Lei n. 4.084, de 30 de junho de 1962. Dispõe sobre a profissão de bibliotecário e regula seu exercício. Brasília, DF: Congresso Nacional, 1962. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/14084.htm. Acesso em: 5 abr. 2025.

Algumas das missões de uma biblioteca pública listadas pela IFLA (2013) estão o trabalho de criar e fortalecer os hábitos de leituras nas crianças, estimular a imaginação e a criatividade das crianças e jovens, possibilitar o acesso ao conhecimento de sua herança cultural e despertar o apreço pelas artes, fomentar a diversidade cultural, produzindo leitores críticos.

Segundo Senna, Barbosa e Souza (2017, p. 113) a primeira biblioteca voltada ao público infantil no Brasil, não era pública, mas foi criada pela escritora Cecília Meireles na cidade do Rio de Janeiro, funcionando entre 1934 e 1937. Anteriormente, as bibliotecas direcionadas a esse público estavam ligadas às bibliotecas escolares para auxiliar no processo educacional das crianças. A partir de 1936, começam a surgir divisões, como a Biblioteca Municipal gerenciada pelo Departamento de Cultura da cidade de São Paulo, comandada por Mário de Andrade, que criou a Biblioteca Infantil. A partir dessa divisão, cria-se uma rede de bibliotecas infanto-juvenis, como a Biblioteca Infantil Monteiro Lobato, gerenciada pela bibliotecária Lenyra Fraccaroli. Assim, outras bibliotecas foram surgindo no país baseado no modelo de atendimento voltado às necessidades do público infantil.

A biblioteca pública infantil e/ou infanto-juvenil assumiu atualmente uma nova dimensão passando a ser um centro de informações, incentivo à leitura e centro de socialização, pois é um excelente espaço para o desenvolvimento de ações culturais. Possui, em geral, um ambiente mais descontraído e informal do que os demais tipos de bibliotecas e as atividades oferecidas como a hora do conto, por exemplo, ajudam a despertar o interesse pelos livros mesmo em crianças ainda não alfabetizadas (Senna, Barbosa e Souza, 2017, p. 116).

Essas bibliotecas públicas infantis e juvenis objetivam o estímulo à leitura e a escrita, com a preocupação de planejar atividades de acordo com as diferentes faixas etárias. Recomenda-se atenção ao mobiliário adequado e confortável, a uma identidade visual do espaço que seja atraente e ao sistema de classificação que simplifique a utilização do acervo.

2.4 Acervo, coleção e coleções especiais

Nos primórdios da história das bibliotecas, a atividade de desenvolvimento de coleções estava focada no ato de adquirir materiais. Havia o pensamento generalizado de que o ideal seria acumular e formar grandes acervos. Weitzel (2002, p. 62) revela que até o fim da Idade Moderna, “a lógica praticamente era a de se colecionar praticamente tudo o que existia disponível”. E até hoje ainda há quem acredite que “o tamanho da coleção ainda parece significar um sinal de status” (Vergueiro, 1989, p. 10). Porém, com a disseminação da tecnologia da prensa de Gutenberg criou-se, segundo Burke (2002) uma “explosão da

informação” produzida pela multiplicação dos livros disponíveis, tornando impossível que uma biblioteca pudesse adquirir todas as obras, mesmo porque muitas dessas obras não eram, necessariamente, materiais de qualidade. O desafio que os bibliotecários passaram a enfrentar era a necessidade de se fazer a seleção, melhorar o sistema de organização e desenvolver meios de tornar as obras do acervo acessíveis aos seus leitores. Mesmo assim, somente a partir do final da década de 1960 é que surge o Movimento para o Desenvolvimento de Coleções, um movimento internacional onde, segundo Vergueiro (1989, p. 11), “bibliotecários começaram a preocupar-se com suas coleções, buscando desenvolvê-las, selecioná-las, expurgá-las, enfim, transformá-las em alguma coisa mais coerente”. Weitzel (2002, p. 63) diz que “o desenvolvimento de coleções tornou-se recurso fundamental para se administrarem as coleções de acordo com os interesses e o perfil daqueles que necessitam de informações específicas”, sendo necessário ter uma equipe de especialistas para selecionar materiais pertinentes e relevantes. Assim, as bibliotecas deixaram de ser apenas um “depósito”, um local de armazenamento de obras, e passaram a focar no acesso e disseminação da informação.

Dentro dessa organização das bibliotecas existe o acervo, que o Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia define:

- a) Acervo: “conjunto de documentos conservados para o atendimento das finalidades de uma biblioteca: informação, pesquisa, educação e recreação; fundo documentários, fundos de biblioteca” (Cunha; Cavalcanti, 2008, p. 2).
- b) Coleções: são “parte do acervo de uma biblioteca que é mantida em separado, em razão de seu formato físico, assunto, data de publicação ou outra característica” (Cunha; Cavalcanti, 2008, p. 91). Lembrando que coleção também pode significar uma “Publicação, ou série de publicações distintas, ligadas entre si por um título comum, mas cada uma com autor e título que lhe são próprios” (Cunha; Cavalcanti, 2008, p. 91).
- c) Coleção especializada: trata-se de um “acervo ou setor que geralmente fica separado do acervo geral devido ao assunto ou formato dos documentos” (Cunha; Cavalcanti, 2008, p. 92).

Pinheiro faz a tradução do conceito elaborado pela *Association of Research Libraries*, definindo coleções especiais como algo que pode “[...] referir-se a diferentes formas de registro, segmentadas em coleções distintas, conforme sua materialidade - o conjunto dessas diferentes coleções especiais constitui um acervo especial” (Pinheiro, 2015, p.34). A autora

ainda esclarece que os itens mais valiosos, devido a sua característica artifactual, monetária, raridade, fragilidade ou importância podem ser separados do acervo geral, ficando instalados em área de acesso e uso restrito para sua maior segurança, tendo regras específicas para acesso e circulação. A unidade informacional tem a missão de guardar, vigiar e proteger, através de estratégias que garantam o futuro da coleção, citando algumas estratégias listadas por Pinheiro (2015, p. 39), temos a prioridade no processamento técnico; a execução de ações preventivas ou curativas; as condições de acesso às coleções através de áreas de guarda e sinalização; criação de critérios para armazenamento, com mobiliário adequado e monitoramento ambiental; realização de procedimentos técnicos sistêmicos de inventário, catalogação e higienização; e encontrar solução para situações de perda contra vandalismo e roubos.

Na constituição de uma coleção especial Araújo (2015) diz que devemos considerar os possíveis significados dos objetos culturais que compõem essa coleção de acordo com significado objetivo, expressivo e documentário. Desta forma, “a interpretação documental está ligada à função social do documento, o que não está explícito nele” precisando ser entendida sua função documentária e social para evitar a sua possível monumentalidade, “correndo o risco de atenderem desejos pessoais ou institucionais não associados ao caráter público, social e material da informação” (Araújo, 2015, p. 24). Além da fisicalidade, sua raridade ou antiguidade, o autor demonstra que as coleções devem se ater à materialidade que produz significados e efeitos culturais e sociais, sendo necessários critérios técnicos que transformem as coleções especiais em fonte para atender demandas informacionais, como fontes e objetos. Araújo (2015) afirma ainda, que “Como fontes, coleções raras e especiais auxiliam no estabelecimento das principais etapas de uma pesquisa: definição do tema, objeto, problemas, objetivos, justificativa, hipóteses, metodologia e referencial teórico”; como objeto de pesquisa pode-se entender “Por meio dos indícios e das marcas impressas e manuscritas das coleções é possível mapear o seu percurso, considerando sua gênese, desenvolvimento, uso e até mesmo o modo como foi organizada”.

2.5 Gibitecas

Os quadrinhos demoraram a encontrar espaço nas bibliotecas. Vergueiro nos conta que as revistas enfrentaram dificuldades para fazer parte dos acervos das bibliotecas públicas, universitárias e escolares. “Algumas vezes de maneira consciente, outras por simples inércia, os bibliotecários se recusaram a selecionar os quadrinhos para suas bibliotecas por entenderem que eles não se adequavam aos critérios de qualidade que haviam definido para

seus acervos” (Vergueiro, 2005, p. 4). Sonia Bibe Luyten foi a pioneira ao montar uma coleção especial de quadrinhos dentro de uma biblioteca universitária. Para o desenvolvimento de sua tese de doutorado, que resultaria no livro *Mangá: O poder dos quadrinhos japoneses*, Luyten organizou e coordenou em 1974 a primeira mangateca no “Museu de Imprensa Júlio de Mesquita Filho” (Luyten, 2003, p. 10).

Em 1982, um movimento cultural de quadrinistas independentes de Curitiba levou uma sugestão para a Prefeitura para a criação de uma biblioteca de quadrinhos. Aprovada a ideia, faltava escolher o nome. Na época circulava o boletim chamado *Gibitiba* (gibi + Curitiba). Para manter a afinidade e a ligação com essa edição, a sugestão escolhida foi fazer uma nova junção do termo popular para revistas em quadrinhos e biblioteca (gibi + biblioteca), surgindo a *Gibiteca de Curitiba*. Em entrevista para Dobrychtop (2022), Key Imaguire Júnior afirmou que a escolha aconteceu porque o nome era “curto, fácil e novo, simpático” (Dobrychtop, 2022, p. 77). A denominação *gibiteca* (gibi + biblioteca), segundo Vergueiro (2003, p. 2) é “[...] um neologismo que buscava nomear uma biblioteca especialmente dedicada à coleta, armazenamento e disseminação de histórias em quadrinhos”, acrescentando a informação de ser “[...] um termo diretamente derivado da forma como as revistas de histórias em quadrinhos são tradicional e carinhosamente referidas no país - gibi, nome de uma famosa e popular revista das organizações O Globo, publicada de 1939 a 1950”. Freitas (2023), acrescenta que *gibi* originalmente era uma palavra de cunho racista para designar menino negro, um tipo feio, disforme ou hediondo, e que com o passar do tempo, o termo sofreu mudanças de sentidos, perdendo completamente o seu caráter preconceituoso e se tornando sinônimo de revistas de histórias em quadrinhos.

O nome *gibiteca* era usado por “colecionadores [...] e bibliotecários ao organizarem espaços nas bibliotecas para os quadrinhos” (Dobrychtop, 2022, p. 91). A pesquisa de Dobrychtop encontra várias menções ao nome *gibiteca* antes de 1982. Entre elas, a *Gibiteca* que foi instalada no Largo do Machado, no Rio de Janeiro, em 1981. Entretanto, foi a partir da *Gibiteca de Curitiba* que o neologismo se popularizou, tornando-se referência e influenciando a nomenclatura de outras bibliotecas com coleção de quadrinhos no Brasil.

Ressaltamos que, devido a popularidade do termo, nem sempre *gibiteca* é sinônimo de acervo especializado. É bastante comum bibliotecas escolares separarem suas coleções de quadrinhos em uma estante e denominá-las de *gibiteca*. Uma biblioteca poderá dedicar um espaço específico de seu acervo circulante para os quadrinhos e nomeá-la de *gibiteca*. Nesse caso, torna-se uma coleção circulante, que tem como característica principal disponibilizar os

seus exemplares para empréstimo aos usuários, porém sem possuir uma política ou curadoria específica que a caracterize como uma coleção especializada.

As coleções especiais, que também são chamadas de gibitecas, conforme definição de Ida Conceição Andrade de Melo, tem como características serem:

[...] um acervo especializado em Histórias em Quadrinhos (HQ), que pode funcionar como um setor da departamentalização de uma unidade de informação, ou mesmo se constituir numa unidade de informação independente e autônoma. Caracteriza-se por reunir coleções de publicações voltadas para HQ, no todo ou em parte, assim como na organização de séries de quadrinhos destacadas do veículo de publicação original, em formato de Hemeroteca. As Gibitecas também se dedicam a colecionar as Narrativas Sequenciais Gráficas anteriores, que trazem as características primordiais desse gênero literário, assim como sua linguagem híbrida de texto e imagem e publicação em suportes típicos (Melo, 2022, p. 14).

Ramos (2023), reforça o argumento de que é necessário locais de estímulo à leitura de quadrinhos que tenham a função de organizar, catalogar e disseminar a linguagem, caracterizando as gibitecas como lugar com uma função social de inclusão, estímulo à leitura, criatividade e criticidade:

Uma vez estabelecendo a presença de informação junto a narrativa das HQs, e considerando os diferentes gêneros presentes nesses quadrinhos – terror, infantis, biografias, super-heróis, entre outros – bem como a quantidade expressiva de publicações disponíveis atualmente no mercado nacional e internacional, é interessante se pensar em formas pelas quais seja possível fornecer o acesso as HQs, tanto das que foram produzidas em décadas anteriores quanto as atuais, estimando aqueles que necessitam obter e acessar a informação contida em suas narrativas (Ramos, 2023, p. 7-8).

Por isso, consideramos que as coleções especiais de quadrinhos representam uma unidade informacional independente ou um setor departamentalizado, que possui uma política de formação e desenvolvimento do acervo, gerenciado por profissionais bibliotecários, contendo tanto coleções de valor artístico, cultural e histórico essenciais para a preservação da memória das histórias em quadrinhos, quanto coleções que dão acesso ao leitor da produção contemporânea que permitam a preservação, a organização e a disseminação desta arte, objetivando a democratização, a bibliodiversidade, o pensamento crítico, o exercício da cidadania e a emancipação de sua comunidade.

3 HISTORIOGRAFIA: da Biblioteca Nacional de Histórias em Quadrinho à Gibiteca Pública Infantil e Juvenil de Belo Horizonte

Neste capítulo, propõe-se responder o primeiro problema de pesquisa que é investigar como se constituiu e se desenvolveu a coleção de quadrinhos da Gibiteca da Biblioteca Pública Infantil e Juvenil de Belo Horizonte (BPIJ-BH). Está descrita a trajetória do colecionador Antônio Roque Gobbo, que ao se mudar para Belo Horizonte criou a Biblioteca Nacional de Histórias em Quadrinhos (BNHQ) em 1987. Trabalhando pela salvaguarda dessa arte, Gobbo passou a defender a existência de uma gibiteca pública, que coincidiu com a política pública da Prefeitura de Belo Horizonte (PBH) da década de 1990, que criou a Secretaria Municipal de Cultura e a BPIJ-BH, biblioteca fundada com a missão de implementar um espaço que privilegiaria os livros, as manifestações artísticas e o estímulo à leitura focado no público infantil e juvenil. Uma mudança no panorama político fez com que a BPIJ-BH fosse transferida para o Centro de Referência da Juventude (CRJ) em 2016, encontrando diversos problemas de estrutura adequada, que provocaram a perda de mais da metade da coleção de quadrinhos. Até que, depois das denúncias e cobranças feitas pelos servidores e sociedade civil, uma nova mudança acontece e a BPIJ-BH é transferida para uma sede própria em 2025. Durante essas mudanças, mapeamos a organização dos tipos de coleções da Gibiteca, que foram se alterando ao longo desse tempo.

3.1 A biblioteca pública municipal e criação do órgão gestor de cultura de Belo Horizonte

Antes mesmo de Belo Horizonte ser fundada, a cidade possuía sua biblioteca pública. Durante o processo de construção, a Comissão Construtora da Nova Capital, em 1894, viu a necessidade de criar a Biblioteca Pública de Belo Horizonte (BPBH) e a Sociedade Literária de Belo Horizonte. Segundo Brettas (2004), a biblioteca foi regulamentada como órgão da Prefeitura através de portaria em 1904, mas que devido a especificidade jurídica da época, tinha uma gestão compartilhada entre Prefeitura e Governo do Estado de Minas Gerais. Em 1944 passa a ser subordinada ao Serviço de Cultura.

A princípio, essa segunda opção seria mais coerente com as atividades exercidas pela Biblioteca, que eram o desenvolvimento, a organização e a disponibilização de um acervo que refletia diversas culturas de diversas regiões. Além disso, tanto aquelas atividades quanto o acervo poderiam contribuir para a formação de uma cultura própria de Belo Horizonte (Brettas, 2004, p. 70-71).

Depois de várias mudanças e reestruturações, a BPBH foi perdendo autonomia e não conseguiu sede definitiva. A falta de investimento deixou o seu acervo desatualizado. A biblioteca funcionava desde 1916 no edifício localizado na esquina da Rua da Bahia com a Avenida Augusto de Lima, onde compartilhava espaço com o Conselho Deliberativo Municipal. Brettas (2004, p. 152) diz que havia o interesse dos políticos em retirar a biblioteca do edifício para que eles ocupassem todo o espaço. Em 1963, a presidência do Conselho ordenou o despejo dos livros, que foram jogados no Parque Municipal. Diante disso, a Prefeitura tomou a decisão de transferir os 30 mil livros para o Instituto Municipal de Administração e Ciências Contábeis (IMACO), localizado no Parque Municipal. Sendo assim, a BPBH deixou de ser pública, mudando sua tipologia para biblioteca escolar, posteriormente sendo excluída definitivamente da estrutura administrativa. As críticas à atitude do despejo foram amenizadas na época por conta da instalação da Biblioteca Pública de Minas Gerais, de gestão do Estado, que funcionava desde 1954 com maior investimento e que absorveu a demanda dos leitores.

Entre 1963 até 1977, a cidade permaneceu sem planos para reabrir a biblioteca municipal. Em 1977 houve uma tentativa de se criar a Biblioteca Pública Infante-Juvenil. O prefeito da época, Luis Verano, publicou a Lei 2.746¹⁰ que instituía a biblioteca dentro do organograma da Prefeitura, a nomeava de Biblioteca João-de-Barro e informava que seu acervo seria formado principalmente por doações de pessoas físicas, entidades públicas e privadas. Porém, essa biblioteca nunca saiu do papel.

O órgão da Prefeitura de Belo Horizonte responsável por gerir a Cultura da cidade demorou a se consolidar. A Cultura surge inicialmente incorporada a outras pastas da administração pública. Entre 1947 a 1973, cria-se a Secretaria de Educação e Cultura. Entre 1973 a 1977, passa a funcionar a Secretaria de Cultura, Informação, Turismo e Esportes. A Secretaria ganhou outro formato entre 1977 a 1983, transformando-se em Secretaria de Cultura, Turismo e Esporte. Na gestão de 1983 a 1989, é implantada a Secretaria de Cultura e Turismo. A independência da gestão da Cultura somente acontece a partir de 1989. No primeiro ano de gestão do prefeito Pimenta da Veiga é criada a Secretaria Municipal de Cultura (SMC). Segundo Oliveira Junior, até a década de 1980 a cidade não tinha organizado sua política cultural:

Nesse sentido, a institucionalização de um órgão específico foi significativa, a qual, conciliada à criação do mecanismo de Orçamento Participativo,

¹⁰ BELO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. **Lei 2746, de 14 de junho de 1977**. Cria biblioteca pública infante-juvenil e dá outras providências. Diário Oficial do Município, Belo Horizonte, 14 jun. 1977. Disponível em: <http://leismunicipa.is/mdkic>. Acesso em: 5 set. 2024.

possibilitou, por exemplo, a implantação dos Centros Culturais na cidade. O fato de Belo Horizonte ter investido em infraestrutura, em mais de duas décadas, possibilitou não só políticas de acesso aos bens culturais, mas a manutenção de uma programação contínua e de diálogo com os desejos e práticas da comunidade, bem como abriu espaço para que a população local atuasse efetivamente não apenas como público (Oliveira Junior, 2018, p. 212).

Barros (2012, p. 89) detalha que a criação da SMC tinha como característica “o momento de grande efervescência e de mobilização da sociedade civil organizada, que pressionava o poder público, exigindo a ampliação dos espaços de debate, principalmente quando se tratava de temas e assuntos até então excluídos das agendas públicas”. Esse movimento exigia, entre outras coisas, políticas voltadas para a cultura, além de “[...] um processo de reorganização das instituições públicas para o desempenho de novas ações compatíveis com o regime democrático e com as definições da Constituição Federal do Brasil de 1988” (Barros, 2012, p. 92).

Berenice Menegale foi escalada para ser a primeira Secretária Municipal de Cultura. Logo depois que tomou posse, a secretária trabalhou na implementação de novos projetos que marcassem a gestão dessa nova pasta. Menegale estava preocupada que a terceira capital do país não possuía uma biblioteca municipal, então fez um convite para que Maria Antonieta Antunes Cunha desenvolvesse um projeto de criação da nova biblioteca vinculada à prefeitura. Cunha era professora dos cursos de Pós-Graduação da Escola de Biblioteconomia e da Faculdade de Letras da UFMG. Em 1979, a professora já defendia em seu artigo “Educação e Lazer” a importância da literatura infantil e juvenil como atividades de lazer¹¹ de necessidade básica, indispensável à saúde mental e física. Fazendo um panorama sobre as escolas e o papel da biblioteca escolar no desenvolvimento da leitura, a autora afirma que “As bibliotecas têm um papel relevante na formação de hábitos de lazer, se são verdadeiramente dinâmicas e integradoras” (Cunha, 1979, p. 127) e que as escolas deveriam explorar mais a prática da leitura.

Acreditamos que o principal motivo de a leitura não vingar como lazer é ela ser “trabalhada” na escola. Lá, a leitura é apenas um elemento a mais do procurado desenvolvimento da área cognitiva. A literatura não é explorada enquanto arte, mas enquanto material verbal utilizável para possibilitar ao aluno adquirir mais conhecimento. Temos dito que, para felicidade dos alunos e da vida, a escola ainda não “descobriu” o teatro, a música, a revista em quadrinhos e a televisão como “instrutivos”. Quando descobrirem, usando as

¹¹ Conceito de Joffre Dumazedier “... as atividades de lazer encontram-se circunscritas no mesmo tempo livre, não apresentando qualquer caráter de necessidade ou obrigação. Não visam à obtenção de um pagamento; colocam-se à margem das obrigações familiares, sociais, políticas e religiosas. São desinteressadas (...). São realizadas livremente a fim de proporcionar satisfação aos indivíduos que as praticam”. DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e Cultura Popular**. São Paulo, Perspectiva, 1973, p. 2701.

mesmas técnicas aversivas empregadas para a “implantação” do hábito de leitura, mais essas formas de lazer estarão perdidas (Cunha, 1979, p. 128).

Em 1981, no 10º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, Cunha palestra sobre a biblioteca infantil reforçando o conceito da leitura recreativa sendo ela “[...] como qualquer arte, um inarredável opção pessoal” (Cunha, 1981, p. 28), não sendo imposta como uma cobrança, principalmente em bibliotecas escolares, provocando um afastamento das crianças ao hábito da leitura. A professora enfatiza que mesmo na Biblioteconomia, na época, era escasso o interesse pelo usuário infantil, com suas próprias “características e leitura próprias”, não formando profissionais preparados para trabalhar os interesses das crianças. Citou as bibliotecas infantis exemplares, que possibilitaram a experiência de leitura positiva para os pequenos leitores, que se tornam “donos” desses ambientes, percorrendo as estantes e discutindo as obras no momento da escolha do que ler. Cunha apresentou a experiência da Biblioteca Infantil de Clamart, no subúrbio da França, que se dedicava a facilitar o contato de seu público com a literatura através da mediação da leitura e contação de histórias. “Creio que esse é o verdadeiro trabalho da biblioteca infantil: ajudar a criança a orientar-se na vida, de modo feliz e adequado” (Cunha, 1981, p. 35), em parceria com os adultos, onde ambos participam de forma decisiva na vida da criança e seu hábito de leitura.

3.2 A Biblioteca Pública Infantil e Juvenil de Belo Horizonte

Com o sinal verde da Secretaria Municipal de Cultura de Belo Horizonte, Maria Antonieta Antunes Cunha passou a trabalhar na viabilização da criação de uma biblioteca especializada e focada no público infantil e juvenil. Ela produziu um projeto, contendo a justificativa e objetivos da biblioteca, além de buscar parcerias e encontrar uma equipe qualificada para trabalhar no espaço.

3.2.1 Projetando a BPIJ-BH

O projeto da BPIJ-BH começou a ser construído em 1990. Cunha elaborou um detalhado documento contendo a justificativa e os objetivos para a implantação da biblioteca, que defendia ser um espaço que privilegia o livro e as manifestações artísticas na formação de um pensamento crítico, inclusive em uma época onde os meios de comunicação de massa tendem “[...] à superficialidade e padronização do conhecimento e do comportamento [...] (Arquivo Público [...], 1990c, p. 4)”, sendo o livro uma forma concreta de estimular a independência e a reflexão, em um país marcado por grandes injustiças sociais e pela manipulação da informação. Por isso, Cunha defendia que “Um lugar privilegiado da

democracia, até por ser o grande repositório de idéias - idéias de todos os tipos, experiências de todos os povos, sonhos de todos os humanos - esse lugar pode ser a biblioteca” (Arquivo Público [...], 1990c, p. 5). Para responder o porquê de uma biblioteca pública, a autora destacou que, apesar do Brasil ser reconhecido por sua importante produção de literatura infantil e juvenil, as práticas de promoção de leitura para essa faixa etária eram poucas, com escassas atividades que priorizavam a questão. Isto era detectado como um problema porque a promoção da leitura é um instrumento fundamental para a criação de hábitos de leitura, que são criados principalmente na infância e que não estavam sendo estimulados nem pelas famílias, nem pelas escolas.

Diversas capitais do país, apesar de que nem todas possuem um serviço atrativo, já possuíam suas bibliotecas especializadas. Cunha apontava no projeto o atraso de Minas Gerais nesse setor, apesar de ter sido o primeiro Estado a instituir um curso superior de Literatura Infantil e Juvenil em 1970, ministrado na UFMG. Foi também em Belo Horizonte que surgiu, no fim da década de 1970, a primeira livraria exclusivamente infantil, que começou com o nome de Livraria da Criança, e depois se transformou na Editora Miguilim. Por isso, o propósito da instalação da BPIJ-BH era a vocação mineira pela marca do pioneirismo, na criação de uma biblioteca moderna que seria um “[...] laboratório de práticas de promoção de leitura e de animação cultural, ao lado de ser centro de documentação e pesquisa no âmbito da produção cultural para crianças e jovens” (Arquivo Público [...], 1990c, p. 15), tornando-se um espaço democrático de armazenamento, de criação e estímulo ao pensamento crítico, que também estaria voltado para o público adulto, como os educadores e profissionais ligados à produção infanto-juvenil.

Belo Horizonte contava apenas com a Biblioteca Pública de Minas Gerais, que possuía em seu acervo um pequeno espaço infanto-juvenil, com pouco investimento e vontade política para valorizar essa coleção. Por isso, a implementação da BPIJ-BH não representava redundância para o atendimento de crianças e jovens. Segundo o levantamento da época, havia cerca de 129.408 alunos matriculados na capital entre a Pré-escola e o 2º grau¹², sem contar os alunos das escolas estaduais e particulares. Por isso, havia muita demanda pela criação de um “espaço de conhecimento e discussão de questões culturais que envolvem a criança e o jovem”, sendo:

O objetivo mais amplo da Biblioteca Pública Infantil e Juvenil de Belo Horizonte será colaborar decisivamente para a formação do indivíduo consciente e criativo, com uma visão exata de sua cidadania, criada também

¹² O antigo sistema de educação era dividido em Pré-escola, 1ª/4ª séries, 5ª/8ª séries e 2º grau. Atualmente modificado para Educação Infantil, Ensino Fundamental (1º/9º ano) e Ensino Médio.

nem espaço que lhe permita entrar em contacto com as idéias mais divergentes, refletir sobre elas e colocar-se pessoalmente diante delas (Arquivo Público [...], 1990c, p. 15).

Entre os objetivos específicos (Arquivo Público [...], 1990c, p. 16), focados nas crianças e jovens, estavam listados: a disposição de um acervo de livros e de documentos variados e atualizados; desenvolver nos leitores o interesse pela arte e pela informação e as habilidades para a pesquisa; e colocar à disposição atividades culturais diversas. Os objetivos específicos para o público adulto: se tornar um centro de formação, de reflexão e estudo sobre a produção cultural; criar e manter um centro de documentação, avaliação e seleção de obras; além de dar subsídios para programas editoriais e de política cultural voltada para o seu público alvo.

No projeto original, na parte dos anexos que listava as obras onde havia a intenção de serem adquiridas para o acervo, constava uma lista de revistas em quadrinhos. Não havia, ainda, a intenção de se criar um setor específico. Não foi possível encontrar uma lista com a comprovação se essa coleção foi adquirida, mas é um indicativo que os quadrinhos já eram enxergados como relevantes para o acervo da BPIJ-BH. Eram nove diferentes títulos com suas respectivas coleções, de cinco editoras. No total seriam 100 diferentes revistas, com indicativo de dois exemplares por volume:

1 - Editora Record

As aventuras de Astérix (30 volumes)

As aventuras de Umpa-pã (5 volumes)

2 - Editora Fontes

Lucky Luke (20 volumes)

Os túnicas azuis (9 volumes)

3 - Edições 70

Aventuras de Corto Maltese (5 volumes)

4 - Editora Dom Quixote

Humor com humor se paga (11 volumes)

Mafalda (3 volumes)

5 - Editora Salamandra

Garfield em ação (14 volumes)

Cobras (3 volumes)

(Arquivo Público [...], 1990c).

Uma das condições para o sucesso do projeto estava na seleção de pessoal qualificado, contando com um quadro de profissionais que entendiam a relevância da iniciativa, com uma estabilidade que permitiria a continuidade da programação. O perfil girava em torno de servidores da própria Prefeitura e de quadros da UFMG formados em Biblioteconomia, Pedagogia, Comunicação e Artes (principalmente os especializados em Literatura). Depois de ter escrito o projeto, Cunha fez um convite para os profissionais do Conselho Regional de

Biblioteconomia, da Escola de Biblioteconomia da UFMG e da Associação dos Bibliotecários de Minas Gerais para a apresentação do Sistema de Bibliotecas Públicas Municipais. Em agosto, aconteceu um seminário para apresentação da iniciativa para profissionais que tivessem interesse em integrar a equipe da biblioteca:

Com muito material sobre o assunto, muitas discussões acumuladas com especialistas brasileiros e estrangeiros e uma convicção inabalável de que espaços de leitura adequados a crianças e adolescentes são fundamentais para o desenvolvimento da sociedade leitora, dediquei-me durante dois meses a criar um projeto que fosse ao mesmo tempo completo e exequível, para um espaço convidativo e sem ostentação. Mais importante era apostar na qualidade dos serviços prestados, na seleção de pessoal, com perfil adequado para cada um de seus setores (Cunha, p. 4, 1994).

Paulo Botas, assessor da Secretaria de Cultura da Bahia, veio à Belo Horizonte para dar consultoria e discutir com a equipe da SMC as diretrizes para a criação da biblioteca. Segundo texto do ofício deste convite, Botas disse que “as bibliotecas são o núcleo de irradiação cultural, que garantem a abertura das pessoas para o mundo e para o conhecimento” (Arquivo Público [...], 1990a, p. 1). Ele não era contra a existência de uma biblioteca central de grande porte, mas disse ser a favor da criação de várias unidades nos bairros periféricos. Botas recomendou que, para garantir a qualidade do acervo, que a aquisição ficasse sob os cuidados dos órgãos públicos. Uma campanha de doação é uma prática comum, que não deveria ser descartada, mas que poderia comprometer a qualidade do acervo ao receber muitos livros encalhados ou sem utilidade. Outro ponto destacado foi uma mudança editorial para contemplar edições de caráter documental sobre a história, o patrimônio arquitetônico e ambiental da cidade. Apontou o estímulo à diversificação de assuntos, títulos e abordagens que visavam atender os interesses da pluralidade da comunidade da região onde a biblioteca estava inserida. Por fim, apontou o aspecto do horário de funcionamento, que deveria ter funcionamento próprio, estimulando a abertura nos horários onde as pessoas possam frequentá-las, à tarde, à noite e nos fins de semana.

Outro ofício da SMC aborda que as administrações municipais passadas usavam o símbolo gráfico do joão-de-barro, motivo da denominação da Biblioteca Pública Infante-Juvenil João de Barro, que não foi implantada. Por isso, seria injustificável manter o nome criado em 1977, sendo mais adequado nomear Biblioteca Pública Infantil e Juvenil de Belo Horizonte. A escolha do novo nome também passava pela questão técnica:

Além disso, a adjetivação “infante-juvenil” não deve ser adotada, por representar uma conceituação ultrapassada, constituindo uma ambiguidade, uma impropriedade. O jovem não se sente incluído. A biblioteca, como projeto atualizado, implementado-se em 1990, deverá ser designada como infantil e juvenil, deixando-se claro, desde sua denominação, que conterà

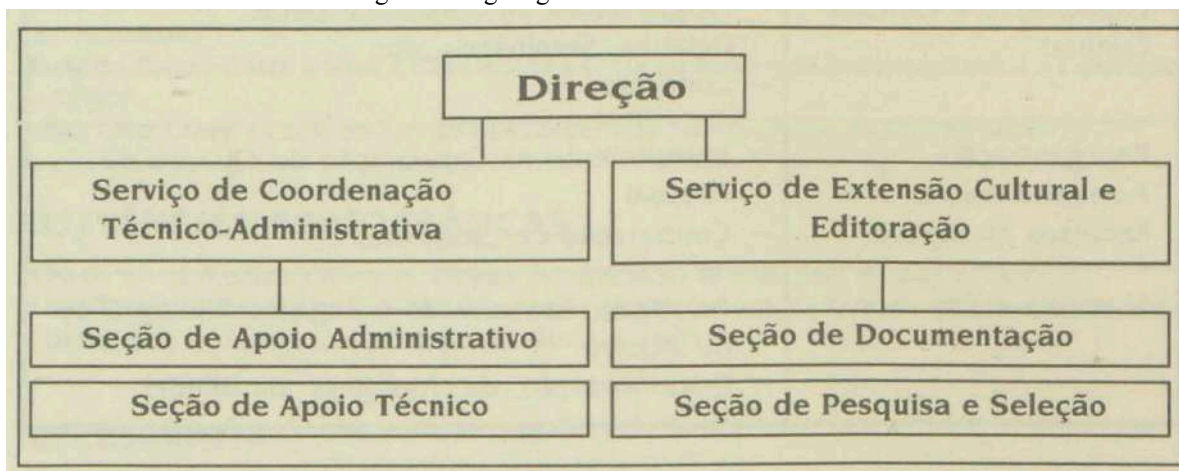
espaços distintos e adequados aos tipos diferenciados de público que serão atingidos (Arquivo Público [...], 1990b, p. 1).

O projeto foi apresentado à Secretária de Cultura e ao prefeito Eduardo Azeredo¹³, e recebeu aprovação para dar prosseguimento à sua implantação. Após os trâmites burocráticos, a Biblioteca Pública Infantil e Juvenil de Belo Horizonte foi inaugurada em 1991.

3.2.2 Inauguração da BPIJ-BH

Inaugurada em 7 de fevereiro de 1991, a BPIJ-BH fazia parte da estrutura administrativa das Unidades Externas da Secretaria Municipal de Cultura/Prefeitura de Belo Horizonte, regulamentada pela Lei n. 6292 de 23/12/1992¹⁴. No organograma (Figura 8), a biblioteca estava organizada em torno de uma Direção, que gerenciava o Serviço de Coordenação Técnico-Administrativa, com Seção de Apoio Administrativo e Seção de Apoio Técnico; e o Serviço de Extensão Cultural e Editoração, com Seção de Documentação e Seção de Pesquisa e Seleção.

Figura 8: Organograma da BPIJ-BH em 1991.



Fonte: Costa e Silva, Maggi e Lopes (1994, p. 6)

A BPIJ-BH iniciou suas atividades com “[...] cerca de 8 mil livros infantis e juvenis para quem quiser ler” (Ler-O-Lero, v.1, 1991, p. 5), além de brinquedos e fitas de vídeos. Entre suas atividades iniciais, realizou show musical com o grupo Uakti, concurso de declamação de poesia, contação de histórias, teatro, teatro de bonecos e exibições de filmes.

¹³ O prefeito Pimenta da Veiga havia renunciado ao cargo de prefeito de Belo Horizonte no início de 1990 para disputar o Governo de Minas Gerais.

¹⁴ BELO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. **Lei 6292, de 23 dez. 1992**. Altera a estrutura organizacional da Administração Direta da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte [...]. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a2/mg/b/belo-horizonte/lei-ordinaria/1992/629/6292/lei-ordinaria-n-6292-1992-altera-a-estrutura-organizacional-da-administracao-direta-da-prefeitura-municipal-de-belo-horizonte-prevista-na-lei-n-5562-de-31-de-maio-de-1989-e-em-suas-alteracoes-posteriores-e-da-outras-providencias>. Acesso em 14 out. 2024.

Em sua programação de abertura (Figura 9), contou com a presença do Prefeito de Belo Horizonte, a apresentação da peça “O Grande Circo Brasil” do Grupo de Teatro da BPIJ, entrevista com o professor Affonso Romano de Sant’Anna sobre os planos da Biblioteca Nacional e a apresentação do Grupo Teatral Patati-Patatá.

O Serviço de Extensão Cultural e Editoração lançou em 1991 a revista Ler-o-Lero. Com tiragem de dois mil exemplares, era uma revista voltada para o público infantil e juvenil, trazendo brincadeiras, caça-palavra, histórias, contos, dicas de livros, reportagens, entrevistas com autores e divulgação da programação da BPIJ-BH. A revista lançou nove edições, sendo a última publicada em 1995 com o tema de 100 anos de BH, com tiragem de três mil exemplares. Uma segunda publicação era a revista Releitura, voltada para os profissionais que trabalhavam e refletiam sobre a leitura e literatura.

Figura 9: Convite de inauguração da BPIJ-BH, de 7 de fevereiro de 1991.

CONVITE

*O Prefeito Eduardo Azeredo participa a implantação da Biblioteca Pública Infantil e Juvenil de Belo Horizonte e, através das Secretarias Municipais de Cultura e de Educação, convida para sua abertura ao público e entrega à juventude da cidade, no dia 7 de fevereiro de 1991, às 10:00 horas.
Local: Rua Carangola, 288 - antiga FAFICH.*

Programação

Dia 7, quinta-feira
 10:00 - Abertura oficial e inauguração, com a presença do Prefeito de Belo Horizonte.
 10:30 - Apresentação da peça "O Grande Circo Brasil", com o Grupo de Teatro da Biblioteca Pública Infantil e Juvenil.
 14:00 - Entrevista com o Professor Affonso Romano de Sant'Anna, sobre os planos da Biblioteca Nacional.
 16:00 - Apresentação do Grupo Teatral Patati-Patatá.

Dia 8, sexta-feira
 8:00 às 12:00 - Oficina de Teatro Sílvia Orthof e ilustrações de Tato.

15:00 - Apresentação do Ballet Cristine Schuaner e Rosa Antunã.
 16:00 - Apresentação do Coral Guilherme Azevedo Laje.

Dia 9, sábado
 8:00 às 12:00 - Oficina de Teatro Sílvia Orthof e ilustrações de Tato

Durante os meses de fevereiro e março, exposição dos artista plásticos e ilustradores Ângela Lago e Paulo Bernardo Ferreira Vaz.

AGRADECIMENTOS
 UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais
 Móveis MADEIRENSE

Fonte: Arquivo Público de Belo Horizonte

A programação cultural da BPIJ-BH (Tabela 1) era um espaço aberto para parcerias da sociedade civil, realizando ações conjuntas com artistas e entidades. Costa e Silva, Maggi e Lopes (1994, p. 8) descrevem que as principais programas da biblioteca em 1994 eram:

Tabela 1: Programas da BPIJ-BH no início de suas atividades

PROGRAMAS	PROJETOS
Infraestrutura	- Aquisição e implantação do Ônibus Biblioteca
Produção Editorial e Reflexão	- Projeto Editorial e Produção Gráfica das Revistas Releitura e Ler-O-Lero
Cultura e Políticas Sociais	- Biblioteca e Escola - Biblioteca e Menores de Rua Sucursal: Biblioteca Comunitária Santa Rita de Cássia (Morro do Papagaio) - Biblioteca e Creches - Pontos de Informação (Morro do Papagaio)
Apoio à Produção, Capacitação e Difusão Cultural	- Oficinas Permanentes - Programa de Cursos, Palestras, Debates, Seminário, etc. - Concursos
Reorganização Administrativa e Recursos Humanos	- Investimento na Capacitação do Quadro de Pessoal - Contratação de Estagiários
Memória e Patrimônio	- Aquisição, Restauração e Registro Bibliográfico do Acervo - Documentação da Memória da BPIJBH

Fonte: Costa e Silva, Maggi e Lopes (1994, p. 8).

Barbosa (1994, p. 10-13) destaca os principais serviços prestados aos leitores, como a Sala de Leitura, Sala Vovô Felício, Gibiteca e Sala do Pré-Leitor onde “[...] todos os documentos (livros, revistas, jogos, gibis, fitas de vídeos, etc.) são arranjados de maneira descontraída e atrativa para um público especial: crianças e jovens, num primeiro plano, e para adultos também”. Os leitores poderiam pegar até três livros emprestados. Uma brinquedoteca foi implementada. A BPIJ-BH realizava atividades culturais variadas como oficinas, cursos, palestras, hora do conto, teatro, exposições e exibições de filmes. A biblioteca recebia visita agendada de escolas, creches e outras instituições.

3.2.3 Primeira sede: saguão do prédio da Rua Carangola

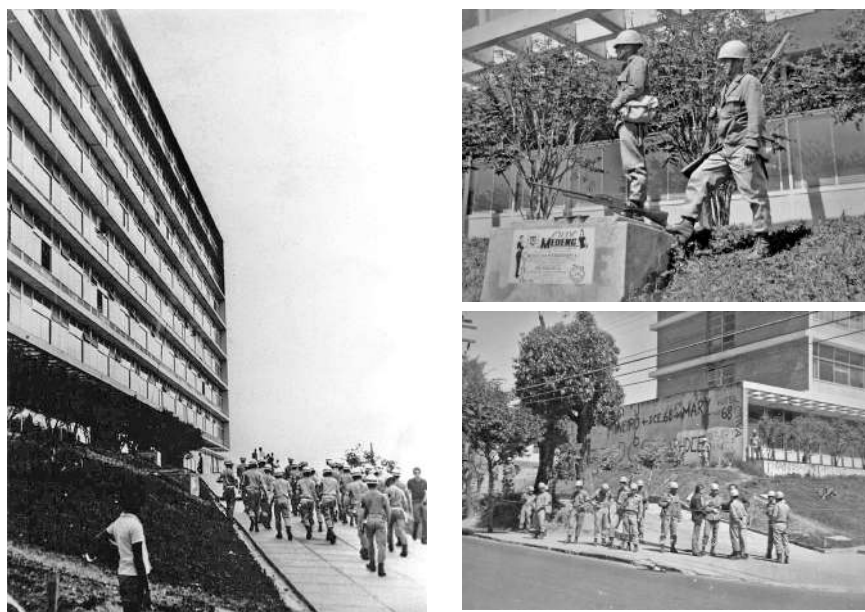
O local escolhido para o funcionamento da BPIJ-BH foi o antigo prédio da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH)¹⁵, localizada na Rua Carangola, 288, bairro Santo Antônio, regional Centro-Sul de Belo Horizonte. Criada em 1939, a FAFICH foi incorporada pela Universidade de Minas Gerais em 1945. Depois de ocupar várias sedes no centro da capital, os cursos foram abrigados, a partir de 1961, no prédio de estilo modernista projetado pelos arquitetos Eduardo Mendes Guimarães Jr. e Shakespeare Gomes.

¹⁵ FAFICH. **História**. Belo Horizonte, [s/d]. Disponível em: <https://www.fafich.ufmg.br/a-faculdade/historia/#:~:text=A%20Fafich%20atravessou%20os%20anos%20da%20UFMG%2C%20na%20Pampulha>. Acesso em: 27 mar. 2024

A FAFICH funcionou neste prédio durante o período do Regime Militar (1964-1985). Por se tratar de uma faculdade de discussões sociais e de produção de conhecimento crítico, tornou-se um espaço de resistência. Alunos, professores, funcionários e diretores questionavam o regime autoritário vigente e reivindicavam a volta da democracia. Um dos acontecimentos mais marcantes do prédio foi o cerco de 5 de outubro de 1968 (Foto 1), realizado pela Polícia Militar devido à reunião de alunos que discutiam, em uma sala do subsolo, detalhes de uma viagem para o Congresso da União Nacional de Estudantes. Houve resistência dos alunos, que fizeram barricadas e subiram para os andares mais altos do prédio. As aulas aconteciam normalmente e, com este confronto, estima-se que cerca de 600 alunos e 90 professores e funcionários ficaram sitiados. O diretor da FAFICH, Pedro Parafita de Bessa, interveio e negou o acesso dos militares às dependências da Faculdade. Chegou a receber voz de prisão mas conseguiu negociar com a Secretaria de Estado de Segurança e a polícia recuou sem levar ninguém preso.

Em 1970, a FAFICH ganhou uma biblioteca universitária de Ciência Política, localizada no térreo do prédio. Com a construção da nova sede no Campus Pampulha em 1990, a faculdade foi novamente transferida. Com a mudança, o prédio passou a ser ocupado pela Prefeitura de Belo Horizonte. Foi instalada a Secretaria de Educação e a Escola Municipal Arthur Versiani Velloso, nome dado em homenagem ao ex-diretor e um dos fundadores da Faculdade de Filosofia.

Foto 1: Cerco ao prédio da FAFICH por tropas policiais, em 1968.



Fonte: Flickr Prefeitura de Belo Horizonte. Arquivo UFMG.

Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/portalphb/13902592005/in/photostream>.

A BPIJ-BH escolheu estrategicamente a estrutura da antiga da biblioteca universitária da FAFICH para funcionar em parceria com a Secretaria Municipal de Educação. “Instalada num prédio com grande contingente escolar, a Biblioteca deverá atender também a essa população” (Arquivo Público [...], 1990a, p. 18). Havia a vontade de viabilizar o funcionamento nos finais de semana para ligar as atividades da Biblioteca ao lazer. O local ganhou “espaço adaptado, acervo, equipamentos, móveis especiais e pessoal qualificado [...]” (Cunha, 1994, p. 4-5). O espaço tinha aproximadamente 500 m² e uma sala de recepção de 70 m² (Foto 2).

Foto 2: Espaço da BPIJ-BH na sede da Rua Carangola.



Crédito: Nathália Turcheti - Assessoria de Comunicação - Fotografia/SMC.

3.3 Antônio Roque Gobbo

Antônio Roque Gobbo nasceu em 11 de novembro de 1935, na cidade de São Sebastião do Paraíso. O município está localizado na região sudoeste do Estado de Minas Gerais. Impulsionada pela expansão do café de São Paulo durante o Segundo Reinado (1840-1889), houve a chegada de diversos imigrantes que se instalaram na cidade, que fazia fronteira com o nordeste do estado paulista. Em 1870, o cartório local já registrava crianças de pais italianos¹⁶. De acordo com registro do Instituto Italiano-I.G.I, a família Gobbo é originária de Piacenza, Itália¹⁷.

O gosto pela leitura veio cedo. Entre os 6 e 7 anos ganhou seu primeiro livro, Dom Quixote para Crianças, de Monteiro Lobato. Gobbo em entrevista para a Rede Minas (Conversações, 2018) disse que este prazer pela leitura foi influenciado pelo seu tio Armando,

¹⁶ HISTÓRIA. Prefeitura de São Sebastião do Paraíso. Disponível em: <https://www.ssparaíso.mg.gov.br/paginas/20/historia>. Acesso em: 21 mar. 2024.

¹⁷ ORIGEM da família Gobbo. Gobbolândia. 10 dez. 2009. Disponível em: <https://gobbolandia.blogspot.com/2009/12/origem-da-familia-gobbo.html>. Acesso em: 21 mar. 2024.

que morava na mesma casa. Seu tio assinava diversas revistas e tinha uma biblioteca em casa. “A paixão pelas histórias em quadrinhos começou por volta dos 7 anos, num tempo em que televisão era peça de ficção de um futuro quase intergalático” (Werneck, 2010). No princípio lia as revistas que os seus colegas de escola emprestavam. Entre os seus personagens preferidos estavam o Fantasma, Tarzan, Super-Homem e Capitão América. Com o tempo, passou a guardar as suas revistas Tico-Tico, Globo Juvenil, Guri, Mirim, Gazeta Infantil, Clássicos Ilustrados e qualquer outro gibi que chegasse em suas mãos. Desta forma, foi se constituindo sua coleção particular, que passava a crescer em volume. Foi também na escola, em um curso de Literatura, que Gobbo foi incentivado pela professora Maria da Graça Rios a começar a produzir textos literários. Surgiu na criança a vontade de escrever contos de ficção, que futuramente foram reunidos em livros publicados a partir de 2002.

Devido ao emprego de bancário de seu pai, Gobbo e sua família faziam constantes mudanças de cidade. Em todas elas, Gobbo nunca deixava para trás suas revistas. Sua coleção era armazenada cuidadosamente em caixas e transportadas para a nova moradia.

Estudou Introdução à Programação Neurolinguística no Instituto Nacional de Excelência Humana. Virou bancário no Banco Credireal e passou a ter dinheiro para comprar mais livros e revistas em quadrinhos. Casou-se com Enny Gobbo. Em 1985, quando chega com a família na cidade Belo Horizonte, traz na bagagem mais de quatro décadas de acervo acumulado. Foi quando sua esposa lhe perguntou “O que você vai fazer com tudo isso?” (Werneck, 2010). Depois de sua aposentadoria, Gobbo idealizou, junto com Vicente de Paula Penido e Lenine Lucas, um espaço para disponibilizar o acesso às suas HQs.

3.4 Biblioteca Nacional de Histórias em Quadrinhos

Em 1º de novembro de 1987 foi inaugurada a Biblioteca Nacional de Histórias em Quadrinhos (BNHQ), o primeiro espaço dedicado às histórias em quadrinhos aberto ao público na capital mineira. Registrada no Cartório de Registro Civil de Pessoa Jurídica de Belo Horizonte, sob o n. 72.048, sua sede estava localizada em uma sala na própria residência de Gobbo, que funcionava de 16 às 20 horas. O acervo inicial da gibiteca era de 1.800 exemplares (Repórter HQ, v. 23, 1989, p. 2), com consulta local e gratuita.

Fundada em 1º de novembro de 1987, a “Biblioteca Nacional de Histórias em Quadrinhos” é uma entidade destinada a “organizar e manter um registro de toda a atividade concernente à produção e divulgação das Histórias em Quadrinhos no Brasil” (Repórter HQ, v. 1, 1998, p. 2).

Gobbo, em uma entrevista para o Jornal de Opinião, declarou que “Preservar a memória das histórias em quadrinhos é o principal objetivo da Biblioteca Nacional. [...] ‘Além disto, qualquer historinha revela o painel sócio-cultural em que foi escrita’, acrescenta” (Repórter HQ, v. 23, 1989, p. 4). Estes lugares de salvaguarda de quadrinhos são necessários devido a grande quantidade de publicações disponíveis no mercado e portanto “[...] é interessante se pensar em formas pelas quais seja possível fornecer o acesso as HQs, tanto das que foram produzidas em décadas anteriores quanto as atuais, estimando aqueles que necessitam obter e acessar a informação contida em suas narrativas” (Ramos, 2023, p. 7-8). No acervo da BNHQ havia raridades, como as revistas Tico-Tico, da editora O Malho que circulou entre 1905 a 1977; o Pato Donald número 1 publicado em 1950, da Editora Abril; o Gury, de 1940, pelo Diário da Noite do grupo Diários Associados; a coleção completa de Gibi Semanal da editora Globo, de 1974/1975; a edição de luxo da adaptação em quadrinhos de Casa Grande e Senzala de Gilberto Freyre; revistas de faroeste da série Epopéia Tri, da editora EBAL; a Bíblia em quadrinhos, da Edições Paulinas; e a coleção infanto-juvenil Maravilhosas que traziam a quadrinização dos clássicos da literatura mundial. Também encontrava-se no acervo revistas contemporâneas, como as revistas de super-heróis norte-americanos, álbuns de quadrinhos europeus, mangás e coleções de fanzines¹⁸ de artistas independentes. Contava ainda com livros teóricos e uma hemeroteca com recortes de páginas de jornais com notícias e reportagens sobre quadrinhos. Ramos (2023, p. 8) esclarece que esses locais, além da prática da coleta, armazenamento e disseminação de quadrinhos são unidades de informação especializadas que permitem “[...] o acesso desses quadrinhos ao público leitor interessado em lê-los” , estimulando o “[...] encontros e debates que sejam interessantes, contribuindo assim para com a formação de leitores engajados e de uma cultura devotada as HQs [...]”.

O público da BNHQ era formado por fãs de quadrinhos, artistas da cidade e estudiosos como os “alunos de curso superior, notadamente de Comunicação Social, para a realização de pesquisas” (Repórter HQ, v. 23, 1989, p. 4). Na época, além de Gobbo como presidente, a gibiteca contava em sua estrutura, Vicente de Paula Penido como Tesoureiro e Najla de Castro Atalla como Secretária.

¹⁸ Segundo definição do pesquisador Edgar Guimarães, “De modo geral o Fanzine é toda publicação feita pelo fã. Seu nome vem da contração de duas palavras inglesas e significa literalmente revista de fã (de fanatic magazine). [...] Assim, Fanzines são publicações que trazem textos diversos, histórias em quadrinhos do editor e dos leitores, reprodução de HQs antigas, poesias, divulgação de bandas independentes, contos, colagens, experimentações gráficas, enfim, tudo o que o editor julgar interessante (Guimarães, 2005, p. 11-12).

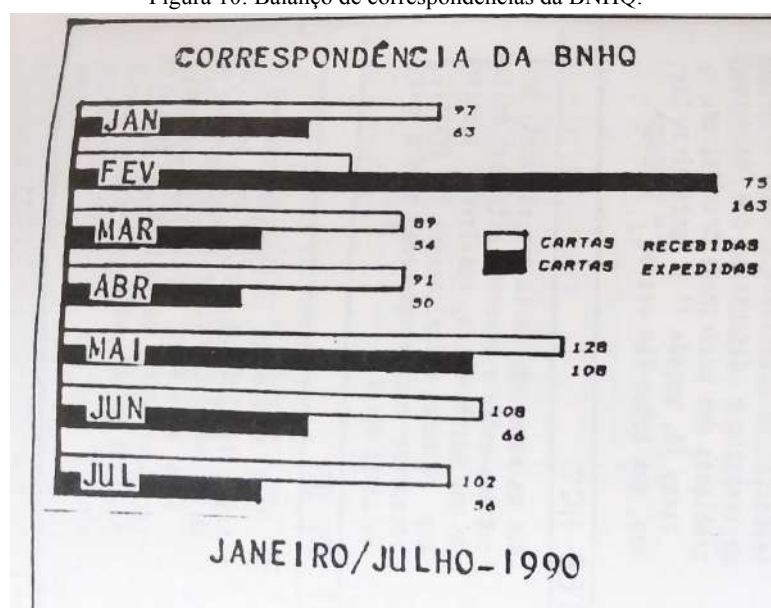
3.4.1 Produtos e serviços da BNHQ

Como forma de viabilizar financeiramente a manutenção do espaço, foi criado o programa de filiação, sendo cobrado uma pequena taxa. “[...] o interessado em associar-se à BNHQ só vai pagar 300 cruzeiros, a cada três meses. Uma quantia irrisória, se comparado ao preço de uma exemplar nas bancas - entre 120 e 350 cruzeiros - e nem sempre é uma história rara” (Repórter HQ, v. 36, 1991, p. 7). A verba arrecadada era usada para fazer novas aquisições, realizar a conservação, trabalhos de restauração de revistas e desenvolver serviços ao público, sendo que os associados recebiam benefícios extras. Em janeiro de 1991 a única gibiteca aberta ao público de Minas Gerais, contava com “[...] 260 sócios espalhados pelo Brasil e por Portugal, Espanha, Cuba, Estados Unidos, Canadá e Angola” (Repórter HQ, v. 36, 1991, p. 6). Os sócios desfrutavam dos serviços, com destaque para as fotocópias das publicações porque as revistas não eram emprestadas e não podiam deixar o acervo. Os sócios que moravam fora de Belo Horizonte poderiam receber estas cópias pelos Correios.

Em janeiro de 1988, apenas dois meses após a inauguração, Gobbo lançou o boletim informativo Repórter HQ. Na época, o cenário de produção independente de quadrinhos utilizava-se muito do formato fanzines “[...] contribuindo muito para o aparecimento de um sem números de periódicos ou edições isoladas de HQ, independentes ou ligadas a grupos ou ‘clubes’ de quadrofilistas” (Repórter HQ, v. 1, 199s, p. 1). Por isso, o Repórter HQ tinha a meta de catalogar e divulgar esses fanzines, se transformando em um arquivo geral da produção nacional e de “Informar e analisar (*sic*) tudo sobre os quadrinhos de todos os tempos, este fanzine elaborado por Gobbo, contém artigos e pesquisas suas e também de colaboradores, pessoas ligadas diretamente aos ‘comics’ e sócios da BNHQ” (Repórter HQ, v. 29, 1990, p. 3). De periodicidade mensal, era distribuído para sócios, editoras, artistas e entidades ligadas à área. As primeiras edições tinham oito páginas, subindo posteriormente para 12 doze, até chegar a 24 páginas, com impressão em preto e branco. Utilizando a técnica de fotocópia, chegou a ter uma tiragem média de 200 exemplares. Algumas de suas seções eram: Editoriais; A Voz do Leitor (carta enviadas pelos leitores); Quadrinotícias (matérias sobre quadrinhos e quadrinistas); Fanzinespaço (espaço para divulgação de fanzines de todo o país e do exterior, trazendo o endereço delas para a troca de correspondência); Quadrinhos de A a Z (enciclopédia com informações curtas sobre personagem e artistas); agenda com concursos e encontros de quadrinhos; Grande Show de Nostalgia (apresentando capas de hqs clássicas do acervo); Quadrinhos Europeus de categoria Internacional (artigos de José Roca Martinez); e Quadrinhês (glossário que explica termos da linguagem dos quadrinhos). Havia páginas reservadas para que artistas enviassem suas ilustrações, tirinhas e histórias curtas.

Enviada pelos Correios, o boletim Repórter HQ chegava para leitores de todo o país e do exterior. Os exemplares poderiam ser encontrados em lojas de revistas, como na Agência Riccio - localizada no centro de Belo Horizonte - e em livrarias de Curitiba, Rio de Janeiro, São Paulo e Ribeirão Preto. Esse intercâmbio produziu uma troca de informação intensa entre leitores, colaboradores e outros editores de fanzines. Um balanço feito pelo boletim informou que, entre janeiro e julho de 1990, a BNHQ recebeu 690 cartas (Figura 10). Neste período, o Departamento de Correspondências respondeu 560 mensagens, entre cartas, memorandos, telex e telegramas.

Figura 10: Balanço de correspondências da BNHQ.



Fonte: Por dentro da BNHQ. **Repórter HQ**, Belo Horizonte, v. 31, ano 3, jul./ago. 1990, p. 13.

A experiência de produzir o Repórter HQ e o intercâmbio com vários fanzineiros, deu a ideia para a criação da Central de Reprodução e Distribuição de Fanzines da BNHQ para dar apoio aos fanzineiros nacionais, reproduzindo e distribuindo revistas para todo o Brasil, principalmente de trabalhos do interior.

O sucesso obtido com “Os Arquivos” nos animou a ampliar esta prestação de serviços a todos os fanzineiros brasileiros, principalmente aqueles do interior, onde as condições de reprodução (xerox, off-set e tipográfica) não são satisfatórias e por vezes, muito onerosas (Repórter HQ, v. 33, 1990, p. 15).

Outro serviço desenvolvido pela gibiteca surgiu em julho de 1989, através do Curso de Histórias em Quadrinhos por Correspondência (Figura 11), para ensinar a distância como desenhar quadrinhos, fazer um fanzine, elaborar um roteiro e desenvolver uma história em quadrinhos. Os alunos recebiam atendimento personalizado, ganhando correções de exercícios, comentários sobre os desenhos e recomendações especiais.

No final do ano de 1989, a gibiteca festejou suas realizações com dois anos de atividades. O acervo aumentou para o número de quatro mil exemplares graças às aquisições da própria BNHQ vindas do dinheiro dos sócios e de doações de revistas. O programa de afiliação chegou a “[...] 100 sócios de todo o Brasil, dos Estados Unidos, Cuba e Portugal” (Repórter HQ, v. 23, 1989, p. 3).

Figura 11: Curso de Histórias em Quadrinhos por Correspondência da BNHQ.



Fonte: Fanzinoteca da biblioteca do Centro Cultural Usina de Cultura.

A iniciativa ganhou visibilidade e divulgação espontânea na mídia. Em 1989, a BNHQ conseguiu listar 24 reportagens sobre a biblioteca, em revistas, na mídia impressa (como o Jornal Estado de Minas, Hoje em Dia, Folha de São Paulo, Zero Hora, entre outros) e na televisão (TV Manchete, TV Alterosa, TV Minas e TV Bandeirantes)¹⁹.

¹⁹ Jornais e TV divulgam a “B.N.H.Q.”. **Repórter HQ**: informativo de quadrinhos, ano 3, v. 27, Belo Horizonte, mar. 1990. p. 16.

Ainda em 1989, Gobbo é agraciado com o Troféu Dona Beja, no II Encontro Nacional de Histórias em Quadrinhos, realizado pelo Departamento Cultural da Prefeitura de Araxá, devido ao seu trabalho relevante para a área dos quadrinhos.

O acervo alcançou o número de cinco mil volumes em março de 1990, após a BNHQ adquirir uma “coleção particular de gibis da década de 50” (Repórter HQ, v. 27, 1990, p. 13). Entraram para o acervo títulos da editora EBAL como Edições Maravilhosas, Quem foi?, Super-X, Misterinho; revistas de terror da editora La Selva, como os títulos Medo, Terror Negro, Mundo de Sombras; revistas de faoresses de Rocky Lane, Bene Autry e Zorro.

3.4.2 Mudança para Centro de Pesquisa de Histórias em Quadrinhos

O fato da BNHQ ficar instalada na casa de Gobbo gerava um problema de privacidade para a sua família com a entrada e saída constante dos frequentadores. Era uma situação antiga. Desde o segundo ano de atividade, Gobbo planejava melhorar a infraestrutura e mudar o endereço da sede. “Logo, estas instalações ficaram exíguas para a atividades da BNHQ. Problema este que esperamos será resolvido com a mudança para sala situada no centro de Belo Horizonte” (Repórter HQ, v. 23, 1989, p. 2). Com o sucesso e exposição na mídia, os transtornos aumentaram e em 1990 a solução veio com a mudança para a sala comercial na Rua Selênio, 264, sala 201, no bairro Prado (Figura 12). Na tentativa de uma melhor organização da nova sede da gibiteca, Gobbo buscou uma parceria com os alunos da Escola de Biblioteconomia da UFMG para realizar a catalogação²⁰ do acervo.

Gobbo entendia que a missão inicial da BNHQ tinha sido alcançada e que era o momento de incentivar ainda mais novos desenhistas e escritores de quadrinhos. Para melhor adequar essa nova meta, em agosto de 1991 anunciou a transformação da Biblioteca Nacional de Histórias em Quadrinhos em Centro de Pesquisas de Histórias em Quadrinhos:

A partir de agora, a nova denominação significará tudo o que a BNHQ está fazendo e muito mais! A divulgação das HQs nas escolas, a realização de eventos como exposições, oficinas de quadrinhos, a reunião de elementos interessados realmente nos quadrinhos, serão metas agregadas ao nosso objetivo, visando otimizar os resultados de nosso esforço.

O CENTRO DE PESQUISAS DE HQS será tudo o que é a BNHQ e muito mais, muito melhor (Repórter HQ, v. 40, ago./set 1991, p.3).

²⁰ VASCONCELOS, Valdir. Belo Horizonte terá biblioteca de quadrinhos. **Repórter HQ**, ano 3, v. 25, Belo Horizonte, jan. 1990. p. 4.

Figura 12 : Anúncio de mudança de sede da BNHQ



Fonte: **Repórter HQ**: informativo de quadrinhos, ano 3, v. 29, Belo Horizonte, mai. 1990.

A gibiteca passou a ser usada para promover reuniões periódicas com os sócios e o acervo foi ampliado com mais obras de referência, como livros e revistas sobre quadrinhos. Havia o planejamento de lançamento de mais fanzines, além do Repórter HQ, dedicados aos artistas nacionais e histórias produzidas pelos sócios. Entretanto, a manutenção da sede própria, dos novos serviços e ações se mostrou onerosa. Com a necessidade de se ter um maior investimento para suas metas prosperarem, Gobbo passa a fazer a defesa de um espaço público dedicado às histórias em quadrinhos. A partir de 1991 é possível encontrar registros da defesa da criação de uma gibiteca pública. Na edição 42 do Repórter HQ, na seção Quadrinotícias, há um nota intitulada “Biblioteca Pública cria gibiteca” que informa:

Em pleno andamento o projeto de criar gibitecas em todas as bibliotecas públicas estaduais de Minas, que serão lideradas pela gibiteca de BH, a ser instalada na capital mineira. Empenhados no projeto todos os diretores e coordenadores da Biblioteca Pública de BH, que já vem realizando campanha (através do rádio, tv e jornais) para angariar volumes e despertar o interesse maior da população nesta empreitada (Repórter HQ, v. 40, 1991, p. 12).

Na nota seguinte do boletim, a notícia continua informando que aconteceu na 8ª Feira do Livro de Belo Horizonte um debate sobre o lançamento da “Gibiteca de BH”. Um painel que reuniu os artistas Nilson e Melado, além de Gobbo, que “[...] enfatizou a necessidade da Gibiteca Pública Estadual como elemento dinamizador das atividades quadrinísticas da cidade

e catalisador dos artistas da área” (Repórter HQ, v. 42, 1991, p. 12). A nota ressalta que Gobbo doou centenas de gibis para a futura Gibiteca de Belo Horizonte.

3.5 Criação da Gibiteca da BPIJ-BH

A Gibiteca da BPIJ-BH foi inaugurada em 9 de maio de 1992, após a assinatura do Termo de Doação (Arquivo Público [...], 1992, p. 1) entre Gobbo da BNHQ e Berenice Menegale da SMC. Gobbo tinha concretizado o seu desejo de tornar sua coleção em um bem público. Conforme noticiado no jornal Estado de Minas, a biblioteca era a única do gênero no Estado, aberta ao público em geral, mas frequentado principalmente por crianças. A matéria ainda ressalta que:

Este mês elas terão um motivo a mais para frequentar a biblioteca. É que o colecionador Antônio Roque Gobbo doou ao local cerca de oito mil volumes de revistas em quadrinhos, proporcionando a possibilidade de formação de uma “gibiteca” que reúne desde as aventuras de Mandrake, Fantasma e Flash Gordon, até as estórias de Bolinha e Luluzinha. Estes gibis não podem ser emprestados. Em compensação estão disponíveis para todos os interessados que queiram consultá-los para estudos ou apenas para se divertir com os personagens (Biblioteca ..., 1992, p. 23).

Além da doação, Gobbo foi consultor da BPIJ-BH ficando responsável pelo “Projeto: Aquisição de novos volumes e continuação das coleções de revistas e álbuns em quadrinhos para o Departamento da Gibiteca” (Belo Horizonte, 1992). O documento de julho de 1992 esclarece que foram necessários cinco meses de dedicação para organizar o funcionamento da Gibiteca, que indica que os trabalhos começaram em fevereiro daquele ano.

A matéria do Estado de Minas cita oito mil doações, mas na verdade, segundo o Termo de Doação, foram seis mil volumes doados pela BNHQ, que se juntaram a três mil volumes vindos de outras doações. Então, cerca de nove mil exemplares foram colocados à disposição dos leitores no momento da inauguração da Gibiteca. As revistas receberam limpeza e aquelas que possuíam desgastes por uso passaram por um processo de recuperação. Os funcionários foram treinados para melhor orientar o leitor em relação ao acervo e aprenderam o processo de conservação e preservação de seus exemplares.

Na inauguração da Gibiteca, foi realizada a 1ª Oficina de quadrinhos e montado o Jornal Mural da Gibiteca, com recortes de jornais, avisos e informações sobre a programação cultural da cidade e do mundo dos quadrinhos.

A Gibiteca tornou-se um espaço de incentivo à leitura, dedicado à difusão da linguagem e valorização dos artistas. Firmou parcerias com diversos grupos de quadrinistas locais para oficinas e exposições. Em 1993, organizou a “1ª Mostra Nacional de Quadrinhos”

(Barbosa, 1994, p. 12), que possuía em sua programação mesa-redonda, oficinas e exposições. A mostra foi realizada em parceria com Centro de Criação e Divulgação do Quadrinho Nacional, organização formada pelos grupos mineiros Mutanoides Associados e Pena de Nós, que “[...] vai reunir os interessados no assunto para discutir desde a criação, produção e distribuição de histórias em quadrinhos” (Fique ligado, Hoje em Dia, 1993). Esta Mostra, que trazia exposições de Carlos Jorge, Charles Araújo e Berzé, além de outros artistas convidados, aconteceu primeiro na Escola Municipal Teixeira da Costa, no bairro Rio Branco e depois foi levada para a programação da Gibiteca.

Em 1994, a Gibiteca já era considerada uma das maiores do país (Figura 13). “O acervo conta com aproximadamente 12.000 gibis, incluindo quadrinhos nacionais, estrangeiros e raridades como o Pato Donald nº 1” (Barbosa, 1994, p. 12). Além das raridades do acervo original, a coleção ampliou sua coleção com quadrinhos infantis, de terror, de super-heróis, faroeste, adultos, clássicos, além de materiais afins, como livros de teorias, referências, biografias, eróticos, roteiros e quadrinhos de autor.

Figura 13: Gibiteca em 1994.



Fonte: Reprodução da Revista Releitura. Barbosa (1994, p. 12).

Ao completar 15 anos, a PBH anunciava que “A Gibiteca tem hoje um acervo de 18 mil revistas em quadrinhos de várias épocas, estilos e nacionalidades” (Belo Horizonte, Gibiteca [...], 2007). O aumento do acervo foi atribuído às assinaturas de diversas revistas e as constantes doações. Na época, a diretora da BPIJ-BH, Maria do Carmo Maggi, afirmou que a Gibiteca era considerada a quarta maior gibiteca do país em número de títulos, com uma

estimativa de cerca de 220 visitas mensais. A programação previa cursos, oficinas, exposições de filmes, mostra de quadrinhos e leitura de trechos de clássicos dos quadrinhos. Gobbo foi convidado a dar um depoimento, onde afirmou que:

“Sinto um grande orgulho e satisfação em ver que a doação que fiz há 15 anos continua crescendo e proporcionando prazer aos frequentadores da Biblioteca”, disse Gobbo. “Os quadrinhos são um importante tipo de arte, com uma literatura dinâmica, que estimula o hábito da leitura” (Belo Horizonte, Gibiteca [...], 2007).

Em 2009, a biblioteca comemorou os seus 18 anos de história. A reportagem do jornal O Tempo destacou três pontos: a programação do evento, os 20 mil títulos de acervo bibliográfico e que “A Gibiteca - ou biblioteca de gibis - também é bem legal. Ela é uma das maiores do país mantida pelo poder público, que tem disponíveis para consulta 19 mil quadrinhos, desde a década de 1940 até os dias atuais, além de obras raras de interesse de pesquisadores” (Biblioteca..., 2009).

Outro registro sobre a coleção da Gibiteca pode ser encontrado na comemoração dos 20 anos da BPIJ-BH. A diretora de Leitura e Informação da FMC, Silvana Coser, anunciava um acervo de 20 mil títulos de literatura para crianças e jovens, informando que “O espaço ainda abriga a Gibiteca, que conta hoje com 23 mil exemplares [...]” (Biblioteca [...], 2011).

Conhecida inicialmente como Gibiteca da Biblioteca Pública Infantil e Juvenil de Belo Horizonte, depois ela recebeu o nome de seu patrono, ganhou uma logo (a letra G em forma de balão de fala) e uma plotagem que sinalizava o espaço. Nesse banner havia informações sobre Antônio Gobbo e sua doação de quadrinhos feita através da BNHQ.

Toda a coleção de quadrinhos da Gibiteca ficava armazenada em um único espaço (Foto 3), desde as revistas mais antigas até as novas aquisições.

Foto 3: Gibiteca em 2013.



Fonte: Perfil Gibiteca no [Facebook](#).

Não há nenhum decreto da PBH que registre a formalização do nome da Gibiteca. Pesquisa feita no Diário Oficial do Município mostra que até maio de 2010 encontram-se citações de “Gibiteca da BPIJBH”, como na divulgação da programação sobre o aniversário da Gibiteca²¹. A partir de dezembro de 2010²² é encontrada pela primeira vez a denominação de “Gibiteca Antônio Gobbo”, em homenagem ao colecionador.

3.6 Mudança da BPIJ-BH para o CRJ

Um movimento social surgiu na área da política pública para as juventudes afetou diretamente a BPIJ-BH e promoveu sua mudança de sede. Jovens cobravam que a PBH elaborasse projetos mais efetivos direcionados para eles, entre as reivindicações, um equipamento público. Foi através do Conselho Municipal de Juventude, criado em 1998, “[...] onde é discutido pela primeira vez o Centro de Referência das Juventudes (CRJ) no âmbito das políticas públicas de Belo Horizonte” (Neves, 2017, p. 15). O CRJ foi a principal demanda dos jovens que participaram da 1ª Conferência Municipal de Juventude, de 2006. Em 2008, o CRJ foi incorporado ao Plano de Governo do prefeito Márcio Lacerda. Somente no final de 2011 é realizada uma audiência pública na Câmara Municipal de Belo Horizonte, sendo que no ano seguinte é previsto a construção da edificação. O local escolhido foi o

²¹ BELO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. **Mês de Aniversário da Gibiteca**. Diário Oficial do Município, Belo Horizonte, ano 16, n. 3576, 4 mai. 2010. Disponível em: <https://dom-web.pbh.gov.br/visualizacao/ato/206466>. Acesso em: 24 jun. 2025.

²² BELO HORIZONTE. Prefeitura. Municipal. **Gibiteca**. Diário Oficial do Município, Belo Horizonte, ano 16, n. 3721, 9 dez. 2010. p. 2. Disponível em: <https://dom-web.pbh.gov.br/visualizacao/edicao/458>. Acesso em: 24 jun. 2025.

espaço de 5.800 m² na área central da cidade, localizado ao lado da Praça da Estação. Um convênio para início das obras foi assinado em 2013, tendo o Governo do Estado de Minas Gerais como parceiro. Nesse mesmo ano, a PBH contratou uma consultoria para apresentar uma proposta de ocupação do espaço. A obra custou 14 milhões de reais e ficou pronta em dezembro de 2014. Entretanto, após sua inauguração simbólica em 2015, o CRJ foi mantido vazio e fechado. Neves (2017) conta que, somente após uma ocupação liderada por jovens, acontecida em 23 de maio de 2016, os órgãos do executivo foram obrigados a planejar a abertura do espaço. Após uma mobilização, cerca de 300 jovens permaneceram no local, alternando sua permanência, que durou 28 dias. A notícia ganhou os jornais e movimentou o Ministério Público. Com isso, a administração pública providenciou um projeto de intervenção emergencial para dar início às suas atividades.

Desde o projeto base do CRJ, havia uma previsão de instalação de uma biblioteca para atender seus usuários. Na “Programação - Principais Atividades” havia entre as propostas citadas a “Biblioteca ativa” (Neves, 2017, p. 49). No projeto de intervenção emergencial, havia a “Meta de Atendimento/ano para a Biblioteca: 30.000 pessoas, dentre crianças, jovens e adultos” e surgem registros de parcerias com a FMC para programações artísticas e culturais, através da “Fase 1 | JUNHO 2016 - curso de formação profissional e biblioteca pública” (Neves, 2017, p. 52).

Segundo Vorcaro (2024), o CRJ tinha um projeto político de loteamento de poder e o controle ideológico partidário dos espaços. Um espaço do primeiro andar foi escolhido para ser a nova sede da BPIJ-BH, e a transferência da biblioteca estava quase completa quando aconteceu a ocupação (Foto 4). Era um momento onde outras ocupações aconteciam no país, como as da Fundação Nacional de Artes (FUNARTE) em protesto contra o desmonte promovido na área cultural pelo Governo Federal do presidente Michel Temer²³. Com a repercussão, a PBH acabou cedendo às reivindicações e a FMC foi parte importante dessa negociação porque fazia parte da gestão provisória do CRJ, participando da articulação entre a PBH, o movimento de ocupação dos jovens e o Ministério Público de Minas Gerais. Muitos desses jovens engajados faziam parte de coletivos culturais e viam positivamente o espaço da biblioteca. Como solução, o CRJ foi repassado para a gestão da Secretaria Municipal de Assistência Social, Segurança Alimentar e Direitos da Cidadania (SMASAC) e posteriormente criado um Comitê Gestor que faria a cogestão do espaço com a participação dos representantes dos coletivos dos movimentos sociais das juventudes.

²³ RODRIGUES, Leo. **Conta Michel Temer, artistas ocupam sede da Funarte em BH**. Agência Brasil, Belo Horizonte, 16 mar. 2016. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2016-05/contra-michel-temer-artistas-ocupam-sede-da-funarte-em-bh>. Acesso em: 13 nov. 2025.

Foto 4: Foto da ocupação do CRJ mostra que a BPIJ-BH já estava em fase de transferência.



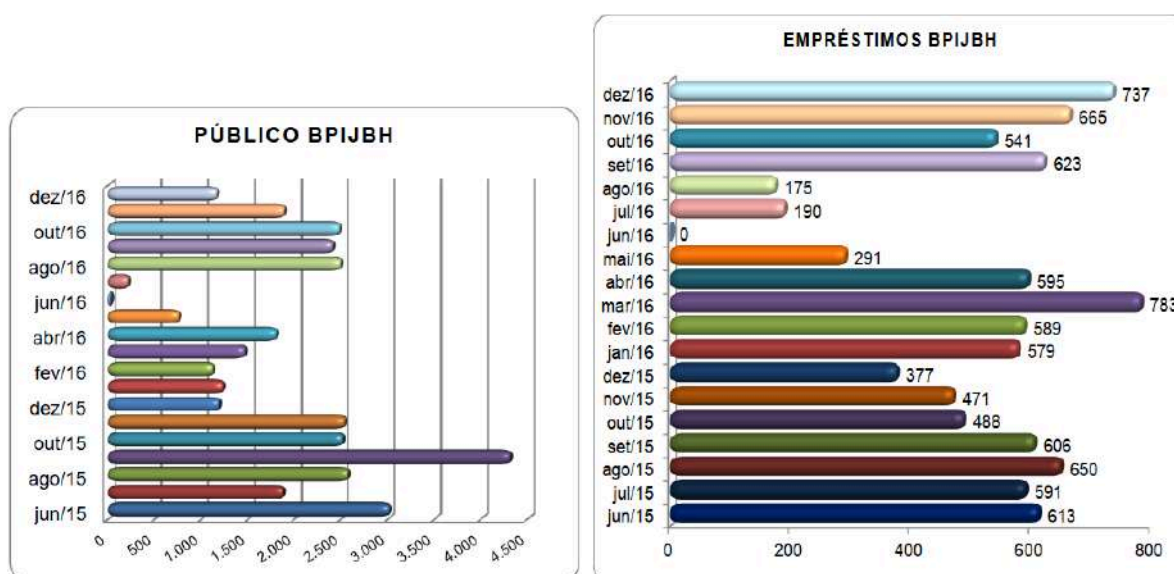
Fonte: Ocupa CRJ: Disponível em:

<https://www.facebook.com/photo/?fbid=169657600102793&set=pb.100072172691695.-2207520000>.

Acesso em: 13 nov. 2025.

Oficialmente a BPIJ-BH abriu as portas em 1 de agosto de 2016. O Relatório de Atividades da FMC de 2016 (Gráfico 1) mostra que a transferência não afetou o atendimento. Apenas entre os meses de junho a agosto, durante a transição, houve uma oscilação maior, mas manteve o padrão da antiga sede na Rua Carangola.

Gráfico 1 - Público e empréstimos da BPIJ-BH entre 2015 e 2016, durante sua mudança de sede.



Fonte: Relatório de Atividades FMC 2016 (FMC, 2017, p. 11).

Entretanto, o CRJ e a BPIJ-BH não tiveram uma convivência pacífica, com vários pontos de discordância. Não havia um sistema de vigilância ou controle de entrada. Pensou-se em instalar catracas para a entrada do CRJ, ideia que foi vetada pelo Comitê Gestor. “O CRJ que estava sendo pensado e desenhado enquanto política pública de juventudes, tinha, naquele primeiro ano de funcionamento do espaço, as palavras ‘aberto’, ‘acessível’ e ‘democrático’ como pilares estruturantes inegociáveis” (Vocaro, 2024, p. 94). Era considerada uma proposta higienista que buscava restringir o acesso das pessoas em situação de rua a usar os espaços, principalmente os banheiros e bebedouros.

O CRJ organizava atividades voltadas para as juventudes, que nem sempre eram compatíveis com o público infantil que frequentava a BPIJ-BH.

Há também relatos de condições inadequadas para receber crianças, como casos de, esporadicamente, jovens fumando maconha ou praticando sexo nas dependências do espaço e o uso de som alto nos corredores pelos coletivos, atrapalhando as atividades educativas da Biblioteca. Além disso, foram dados depoimentos de que acontece com certa frequência furto de celulares e outros pertences. Em função disso, as salas administrativas são mantidas trancadas na ausência de funcionários (Figueiredo, 2020, p. 111).

Outro apontamento de Figueiredo (2020) é em relação às ruínas dos muros do entorno do CRJ, que possuem proteção patrimonial estadual por meio do IEPHA-MG. Eles seriam originalmente incorporados ao projeto arquitetônico. Porém, a execução foi diferente, ficando esses muros separados da edificação.

Hoje são usadas pelos moradores de rua e usuários de substâncias químicas ilícitas (*crack*) que vivem nas imediações como banheiro, motel, esconderijo de drogas, entre outras coisas. Nos períodos de chuva, a água escorre para dentro do CRJ, causando sujeira, mau cheiro e outros transtornos para o espaço, os funcionários e usuários e, conseqüentemente, prejudicando também o funcionamento da Biblioteca (Figueiredo, 2020, p. 112).

No início, a BPIJ-BH não tinha porteiros e nem tinha divisórias que a separavam do CRJ (Foto 5). O acervo ficava aberto e exposto, principalmente em horários em que a BPIJ-BH estava fechada e a programação do equipamento do centro de referência continuava acontecendo. Não havia armários e era permitida a visita da biblioteca de usuários portando mochilas, bolsas e outros acessórios similares.

Foto 5: Gibiteca sem as divisórias.



Fonte: Foto Ricardo Laf/FMC - 2017.

Esta situação deixava o acervo da BPIJ-BH muito vulnerável. Era muito fácil entrar na biblioteca e retirar materiais. Como resultado, começaram a acontecer os furtos.

3.6.1 Extravio, por furto, de 11 mil exemplares de quadrinhos

A Gibiteca possuía uma antiga planilha eletrônica de controle de exemplares chamada de BIC. O controle era feito por numeração sequencial de acordo com a entrada dos exemplares. O Relatório 1 (Apêndice A) do sistema BIC: Quadrinhos-Gibiteca-Antigos mostra dados que vão do código nº 1 (Revista Asterix - O Combate aos Chefes) até o código 24.094 (Revista Chico Bento - O mensageiro dos deuses). O atual sistema Pergamum efetivamente começou a ser usado em 2014, momento em que esse antigo sistema BIC deixou de ser atualizado. Através da última edição catalogada, a revista de Chico Bento²⁴, podemos verificar que a coleção de quadrinhos chegou a ter 24.094 exemplares lançados na planilha até maio de 2014. Entretanto, esta lista da BIC contém 17.966 registros, o que demonstra que, pelo método da numeração, contata-se a falta de 6.128 revistas. Conclui-se que, quando uma revista deixava o acervo, seja por desbaste ou extravio, seu registro era deletado da planilha,

²⁴ Chico Bento. O mensageiro dos deuses. São Paulo: Panini, mai. 2014. Disponível em: <http://www.guiadosquadrinhos.com/edicao/chico-bento-1-serie-n-89/ch00701/110073>. Acesso em: 7 abr. 2025.

sem deixar nenhum rastro de sua existência. O controle da coleção de quadrinhos já era um problema na sede da Rua Carangola, que se agravou com a transferência para o CRJ em 2016.

Menos de dois anos de funcionamento no CRJ, membros dos servidores públicos se reuniram em 18 de julho de 2018 e realizaram uma Assembleia dos Servidores da Cultura de BH e aprovaram uma moção de repúdio à situação da BPIJ-BH. Essa moção foi tornada pública um mês depois, em 16 de agosto, trazendo denúncia sobre as condições precárias de estrutura e funcionamento inadequado da biblioteca dentro do CRJ. Entre as reivindicações estava a necessidade de instalação de divisórias na biblioteca, instalação de câmeras de vídeo de segurança para monitoramento, a necessidade de instalação de banheiros específico para o público infantil, a contratação de porteiros, a perda de autonomia da BPIJ-BH pelo descumprimento dos princípios da gestão compartilhada, uma melhor articulação intersetorial com as Políticas Sociais para a abordagem da população em situação de rua e a necessidade urgente de realização de balanço de acervo. Todo o acúmulo desses problemas resultava no adoecimento dos servidores da biblioteca. Os servidores pediam, ainda, a definição de sede própria, com instalações adequadas para a BPIJ-BH. A moção denunciava, entre outras coisas, o extravio por furto de diversos livros de literatura e de revistas em quadrinhos:

- extravio por furto de aproximadamente 11.000 (onze mil) exemplares do acervo de quadrinhos da Gibiteca Antonio Roque Gobbo (integrante da BPIJ), o que representa mais de 40% (quarenta por cento) do seu acervo inicial, composto de cerca de 25.000 (vinte e cinco mil) exemplares, entre eles todos os gibis da Turma da Mônica, TEX, Zargo e outros faroestes, 50% (cinquenta por cento) dos exemplares do Batman e 80% (oitenta por cento) do Conan, além de obras raras. Tal situação gera perda de patrimônio público e compromete o acesso e democratização do acervo para toda a população da cidade; (Servidores da Cultura, 2018).

Em resposta à moção, a FMC respondeu internamente através de e-mail direcionados aos servidores, no dia 21 de agosto de 2018, informando as ações para minimizar o problema. Nessa resposta institucional, a fundação reconhece que o problema de preservação das revistas em quadrinhos era um problema de negligência institucional que vinha acontecendo há vários anos:

Para a melhoria da segurança dos servidores e usuários do espaço e proteção do acervo, desde o mês de julho de 2018, foi designado um porteiro em horário integral e instaladas câmeras de segurança em abril deste ano. Provisoriamente, uma divisória foi colocada em junho e será substituída, ainda neste semestre, por uma estrutura definitiva conforme projeto já elaborado em conjunto com os servidores que lá atuam. **Uma estratégia específica foi definida para preservação dos gibis. Vale lembrar que há anos essa situação vem ocorrendo e nenhuma providência efetiva havia sido tomada. Claramente uma negligência institucional histórica** que vem sendo resolvida em conjunto com os servidores (Anexo 1, grifo nosso).

Alguns dos exemplares furtados da gibiteca foram revendidos para livrarias que comercializam livros, revistas e quadrinhos usados, conhecidos popularmente como sebos. Um exemplo que comprova essa prática é a revista Piratas do Tietê, Ano 1, n. 1 de maio de 1990 (Foto 6), lançada pela editora Circo. Um colecionador que frequenta sebos no centro de Belo Horizonte viu a revista da cartunista Laerte no acervo de quadrinhos da loja e a comprou. Chegando em casa, no momento da leitura, descobriu que a revista tinha o carimbo da BPIJ-BH, constando como número de registro 8.898. Esse código de controle é o mesmo encontrado na planilha do BIC, confirmando que essa edição pertencia à Gibiteca.

Foto 6: Montagem com capa, página interna e carimbo do exemplar da BPIJ-BH adquirido em um sebo.



Autoria: imagens do colecionador enviadas por aplicativo de mensagem.

Após a divulgação da moção dos servidores, foi feito em julho de 2018 um pedido para a Ouvidoria da PBH, através da Lei de Acesso à Informação, para se conseguir os números oficiais de exemplares da coleção da Gibiteca e confirmar a situação. Em resposta, a FMC enviou um relatório onde se consta que a Gibiteca tinha cerca de 14 mil revistas em quadrinhos, sendo que apenas 1.445 exemplares²⁵ estavam catalogados no sistema Pergamum. Um novo relatório foi solicitado em 2019, que resultou em um aumento de exemplares cadastrados para 7.340²⁶. Porém, nesse relatório consta apenas as revistas catalogadas no sistema e não foram informadas a estimativa total da coleção.

²⁵ FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA DE BELO HORIZONTE. **Relatório de exemplar**: revistas em quadrinhos. Belo Horizonte: BPIJ-BH, 20 jul. 2018. Disponível em: <https://nacao.net/wp-content/uploads/2018/08/acervo-gibiteca.pdf>. Acesso em: 16 out. 2024.

²⁶ FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA DE BELO HORIZONTE. **Relatório de Estatística Geral do Acervo**: Pergamum: Sistema Integrado de Bibliotecas, 2018-2019. Belo Horizonte: BPIJ-BH, 17 dez. 2019. Disponível em: <https://nacao.net/wp-content/uploads/2018/08/acervo-gibiteca-2019.pdf>. Acesso em: 5 set. 2025

Enquanto a catalogação da coleção de revistas em quadrinhos acontecia, foi realizado um trabalho para avaliar e separar as revistas de acordo com o seu valor histórico. Com isso, a BPIJ-BH dividiu a coleção em quadrinhos em duas:

- **coleção de quadrinhos circulantes:** (Foto 7) revistas com data de publicação mais recente e catalogadas, que estavam disponíveis na Gibiteca da BPIJ-BH. Esse espaço era aberto e possuía mesas para leitura local. Era bem sinalizada, trazendo identidade visual própria da Gibiteca Antônio Gobbo. As obras da Gibiteca estavam aptas para empréstimo;

Foto 7: Coleção de quadrinhos circulantes da Gibiteca.



Fonte: Acervo do autor, tirada em 31 mai. 2025.

- **coleção especial de quadrinhos:** (Foto 8) coleção contendo as revistas mais antigas, publicadas entre a década de 40 e 90, principalmente a coleção doada pela BNHQ. A coleção estava guardada na sala da coleção Wander Piroli, onde também funcionava a sala de processamento técnico da BPIJ-BH. Não havia sinalização específica para a coleção de quadrinhos. As obras estavam disponíveis apenas para consulta local, mediante agendamento. Apesar de aberta à consulta pública, as revistas não estão catalogadas e por isso não aparecem nas estatísticas e pesquisas do sistema.

Foto 8: Coleção especial de quadrinhos da Gibiteca.



Fonte: Acervo do autor, tirada em 13 mar. 2025.

As soluções de segurança foram implementadas e criaram novos atritos com o Comitê Gestor do CRJ. A instalação de câmeras foi considerada uma “derrota” para o movimento das juventudes. Uma representante disse que “É importante a gente ressaltar que o próprio Comitê Gestor foi contra colocar as câmeras aqui dentro, mas infelizmente tai” (Representante Comitê Gestor, 2019 *apud* Figueiredo, 2020, p. 111), ressaltando em seu argumento que a violência não é só externa, mas também institucional.

3.7 Nova sede da BPIJ-BH em 2025

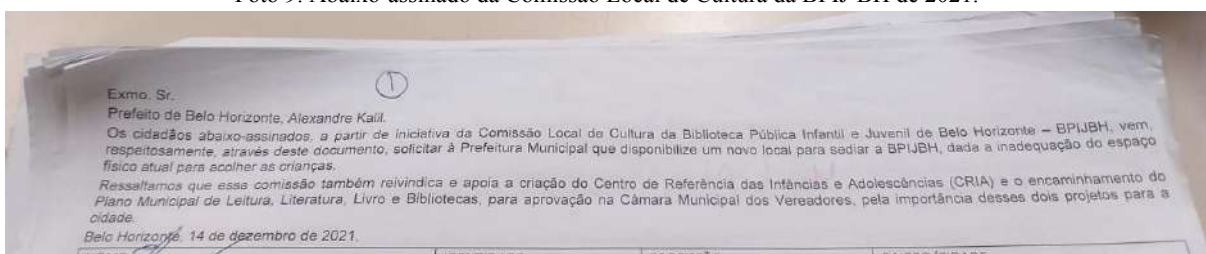
Desde a publicação da moção dos servidores em 2018, foi tornado público o desejo da BPIJ-BH de se mudar do CRJ. A reivindicação de uma sede própria tinha o objetivo de dar maior autonomia e melhor infraestrutura tanto para o acervo, quanto para seus servidores.

Como servidora da Fundação Municipal de Cultura, participei de reuniões bastante acaloradas entre as duas instituições para se chegar a um entendimento em relação ao funcionamento da Biblioteca no CRJ. Após muitas tentativas de adequações, a FMC reconheceu que são formas divergentes de gerir equipamentos públicos e já estuda a transferência de local da Biblioteca Público Infantil e Juvenil, em comum acordo com a Secretaria Municipal de Assistência Social, Segurança Alimentar e Cidadania - SMASAC (Figueiredo, 2020, p. 112).

Reforçando o pedido dos servidores, em 14 de dezembro de 2021, a Comissão Local de Cultura da BPIJ-BH criou um abaixo-assinado (Foto 9) destinado ao prefeito Alexandre Kalil, alertando para a inadequação do espaço físico, principalmente para o acolhimento das crianças, e solicitando um novo local de funcionamento da biblioteca. Este abaixo-assinado continha 2.852 assinaturas. Lê-se no documento:

Exmo. Sr.
 Prefeitos de Belo Horizonte Alexandre Kalil.
 Os cidadãos abaixo-assinado, a partir da iniciativa da Comissão Local de Cultura da Biblioteca Pública Infantil e Juvenil de Belo Horizonte - BPIJBH, vem respeitosamente, através deste documento, solicitar à Prefeitura Municipal que disponibilize um novo local para sediar a BPIJBH, dada a inadequação do espaço físico atual para acolher as crianças. [...] (Comissão Local [...], 2021).

Foto 9: Abaixo-assinado da Comissão Local de Cultura da BPIJ-BH de 2021.



Fonte: Foto parcial do documento registrado pelo autor em 2025.

A resposta veio em 2022, quando a Secretária Municipal de Cultura Fabíola Moulin anunciou que a BPIJ-BH ganharia uma sede própria na celebração dos 30 anos da biblioteca²⁷. O local escolhido foi o casarão histórico, localizado na Rua Estevão Pinto, 601, bairro Serra, região Centro-Sul. Seria necessário diversas obras estruturais para adaptar o prédio tombado para receber a biblioteca. A Câmara Municipal de Belo Horizonte realizou uma audiência pública sobre o assunto, amparada nas assinaturas da Comissão Local de Cultura, que discutia os problemas da biblioteca, onde se reforçou que:

[...] o prédio da CRJ, na Praça da Estação, tem problemas que prejudicam as atividades da biblioteca, como espaço físico reduzido e inapropriado, mobiliário deficitário e inadequado, falta de condições sanitárias e higiênicas, temperatura, ventilação e odor inaceitáveis, além de falta de segurança para acervo, leitores, servidores e colaboradores. Segundo Regina, a biblioteca também teve seu corpo técnico e orçamento reduzidos e perdeu autonomia financeira (Biblioteca [...], 2022).

Entretanto, o projeto não se concretizou e a iniciativa saiu da pauta quando a Secretária de Cultura Moulin foi exonerada do cargo em julho de 2022.

²⁷ BIBLIOTECA Pública Infantil e Juvenil de Belo Horizonte ganha sede própria. Novidade. **O Tempo**, Belo Horizonte, 10 mar. 2022. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/entretenimento/biblioteca-publica-infantil-e-juvenil-de-belo-horizonte-ganha-sede-propria-1.2629612>. Acesso em: 16 out. 2024.

Em 20 de março de 2023, novo abaixo-assinado (Foto 10), desta vez direcionado ao novo prefeito Fuad Noman, foi enviado. Contém o mesmo texto e reivindicações sobre a mudança de sede devido a inadequações estruturais da biblioteca, mas desta vez usando como autoria da iniciativa o nome de Movimento de Cultura de Belo Horizonte:

Exmo. Sr. Prefeito de Belo Horizonte, Fuad Noman.

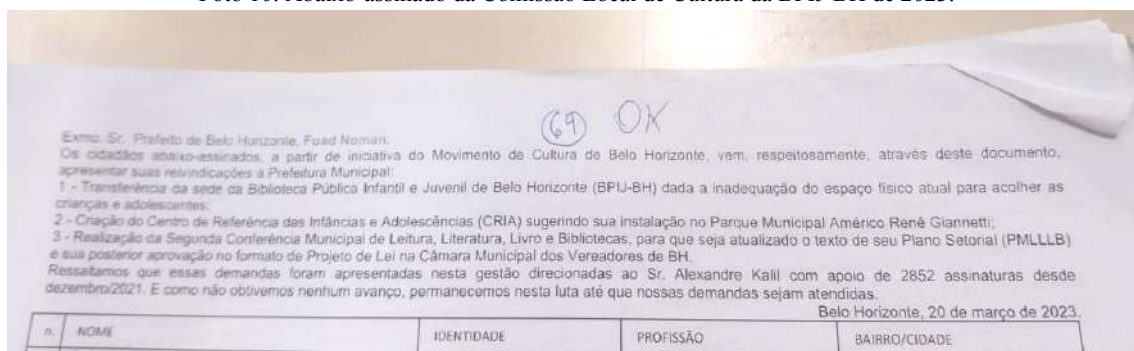
Os cidadãos abaixo-assinados, a partir da iniciativa do Movimento de Cultura de Belo Horizonte, vem, respeitosamente, através deste documento, apresentar suas reivindicações à Prefeitura Municipal:

1 - Transferência da sede da Biblioteca Infantil e Juvenil de Belo Horizonte (BPIJ-BH) dada a inadequação do espaço físico atual para acolher as crianças e adolescentes;

[...]

Ressaltamos que essas demandas foram apresentadas nesta gestão direcionadas ao Sr. Alexandre Kalil com apoio de 2852 assinaturas desde dezembro/2021. E como não obtivemos nenhum avanço, permanecemos nesta luta até que nossas demandas sejam atendidas (Movimento, 2023).

Foto 10: Abaixo-assinado da Comissão Local de Cultura da BPIJ-BH de 2023.



Fonte: Foto parcial do documento registrado pelo autor em 2025.

A nova Secretária Municipal de Cultura Eliane Parreiras passou a buscar um outro local para a BPIJ-BH, para atender as reivindicações feitas pelos servidores e sociedade civil. Na Reunião da Comissão Local de Cultura, acontecida em 10 de fevereiro de 2025, a atual gerente da BPIJ-BH, Daniela Figueiredo, apresentou os resultados dos trabalhos de 2024 e relatou-se que a Prefeitura havia encontrado uma nova destinação para a sede, que ficaria no saguão do prédio da Secretaria Municipal da Fazenda de Belo Horizonte, localizado na Rua da Espírito Santos, 593, Centro.

Durante o seminário BeagaLê organizado pela SMC/FMC, evento que debate a leitura, literatura, livros e bibliotecas, que aconteceu nos dias 29 e 30 de maio de 2025 em um auditório no mesmo prédio da futura sede da BPIJ-BH, foi possível visitar as obras e conferir o espaço que foi reservado à gibiteca (Foto 11).

No dia 1º de julho de 2025 a BPIJ-BH anunciou o seu fechamento (Foto 12) para as providências de mudança, trazendo a previsão de que em agosto a sede estaria em

funcionamento. Depois de todo o processo de transferência, a nova sede da BPIJ-BH foi inaugurada no dia 11 de setembro de 2025 (Foto 13).

Foto 11: Espaço em obras da Gibiteca da futura sede da BPIJ-BH.



Fonte: Foto do autor. 29 mai. 2025.

Foto 12: Anúncio de fechamento da BPIJ-BH para a mudança de sede.



Fonte: Mensagem enviada por e-mail, 7 jul. 2025.

Foto 13: Convite de inauguração da nova sede da BPIJ-BH.



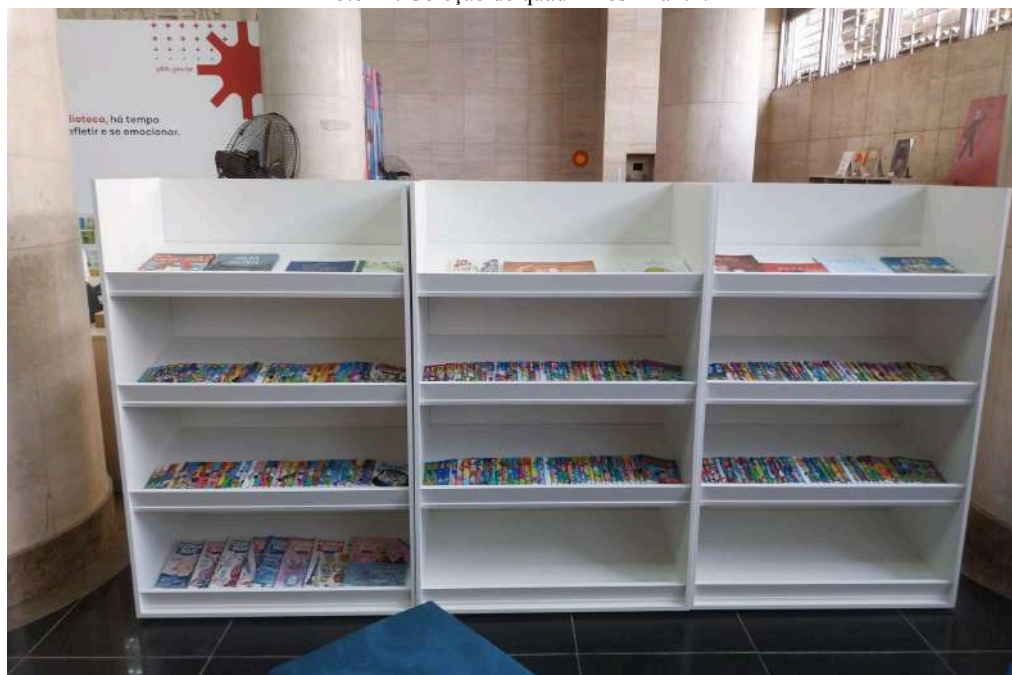
Fonte: Convite enviado por e-mail, 10 set. 2025.

A cerimônia de abertura contou com a presença do Prefeito Álvaro Damião, da Presidente da Fundação Municipal de Cultural Bárbara Bof e da diretora da biblioteca Daniela Figueiredo. As instalações agora estão em um prédio que está em processo de tombamento para ganhar o título de patrimônio público. “A reforma do prédio histórico recebeu investimento de R\$ 200 mil na primeira etapa, com recursos próprios da Prefeitura” (Álvaro Damião inaugura [...], 2025). Novos espaços foram criados, como a Bebeteca e a Sala Multiuso com capacidade para 40 pessoas.

Houve uma alteração na organização da coleção de quadrinhos. Agora ela está dividida em três partes:

- Coleção de quadrinhos infantis: está localizada no espaço dedicado aos livros e atividades ligadas à infância. Há uma estante (Foto 14) onde pode-se ler os quadrinhos infantis (QI), principalmente os títulos mensais da Turma da Mônica.

Foto 14: Coleção de quadrinhos infantil.



Fonte: Do autor, 26 set. 2025.

- Coleção de quadrinhos circulantes: Os títulos de Aventura (QA), Mangás (QM), Literatura (QL), Undergrounds (QU), Humor (QH), Terror (QT) e Gerais (Q) ficam no espaço reservado para a Gibiteca, contendo as coleções para a faixa etária juvenil e adulta. Ocupa um espaço específico e ampliado, na parte da frente à direita da biblioteca, com identidade visual específica e mesas para a leitura local. Os títulos podem ser emprestados.

Na reinauguração, houve a presença de Antônio Roque Gobbo (Foto 15), que foi o convidado especial para conhecer a nova Gibiteca. Com a mediação do servidor Samuel Medina, Gobbo falou com o público sobre sua paixão pela leitura, suas histórias de colecionismo e da sua dedicação aos quadrinhos.

Foto 15: O servidor Samuel Medina apresenta à Antônio Roque Gobbo a nova Gibiteca.



Fonte: Do autor, 11 set. 2025.

- Coleção especial de quadrinhos: está localizada na sala Coleção Especial (Foto 16). Nela estão as revistas mais antigas publicadas principalmente entre as décadas de 1940 e 1990 e os livros de referência sobre quadrinhos, que dividem espaço com obras especiais de literatura da BPIJ-BH. A sala está sob os cuidados da bibliotecária Patrícia Ayres Renó, que também executa o trabalho de catalogação das obras da biblioteca. Este ambiente possui vitrines que dão mais visibilidade para a coleção e permite fazer exposição nas bancadas próximas das vitrines para atrair a atenção do leitor. É uma sala mais acessível, que valoriza o acervo.

Foto 16: Sala com a coleção especial de quadrinhos.



Fonte: Do autor, 11 set. 2025.

A nova sede do BPIJ-BH e Gibiteca possui uma melhor estrutura e organização. Tem o potencial para revalorizar as coleções de quadrinhos, que ficaram prejudicadas com a estadia no CRJ. Desta forma, a nova Gibiteca pode retomar a missão idealizada pela BNHQ:

É indiscutível a importância das Histórias em Quadrinhos em nossa cultura - quer como forma de expressão artística, quer como elemento de diversão, fixação de momentos históricos, ou simplesmente como ramo de negócio e meio de vida para muitas pessoas. [...]

A fim de catalogar e divulgar esse filão cultural, pensamos em organizar um “arquivo geral” para registrar a produção nacional de Histórias em Quadrinhos. [...]

Longe de nós a pretensão de ter todas as obras de HQ que são publicadas no país. [...] Mas teremos em nossas estantes o que de mais expressivo e significativo for publicado no gênero, no Brasil (Repórter HQ, v. 1, 1998, p. 1-2).

Finalizado a parte da historiografia, foi possível compreender toda a trajetória da coleção de quadrinhos da BPIJ-BH: desde a coleção particular de Gobbo, passando pela criação da BNHQ até a doação para a criação da Gibiteca. Contextualizar a BPIJ-BH, dentro da política da PBH, foi importante para entender as três fases da biblioteca em suas sedes na Rua Carangola, no CRJ e na agora na sede própria na Rua Espírito Santo. E como essas políticas afetaram a criação, a valorização e o momento crítico das perdas da coleção de quadrinhos. Desta maneira, este contexto histórico enriquece, amplia a visão e embasa melhor a análise dos indicadores do próximo capítulo.

4 METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa exploratória que usa a abordagem qualitativa para compreender e descrever o fenômeno social da fundação e funcionamento de uma gibiteca pública com acervo aberto aos leitores. Gil (2002, p. 41) define que uma pesquisa exploratória tem como o “[...] objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses”, envolvendo levantamento bibliográfico, entrevistas e análise de exemplos, com um planejamento flexível que permita considerar “[...] os mais variados aspectos relativos ao fato estudado”, sendo a maioria assumindo a forma de pesquisa bibliográfica ou de estudo de caso.

A modalidade escolhida foi o estudo de caso da Gibiteca da Biblioteca Pública Infantil e Juvenil de Belo Horizonte, que “Consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento [...]” (Gil, 2002, p. 54). Segundo Marconi e Lakatos (2018, p. 305), “O estudo de caso refere-se ao levantamento com mais profundidade de determinado caso ou grupo humano sob todos os seus aspectos”, “reunindo grande número de informações detalhadas” para “apreender determinada situação e descrever a complexidade de um fato”.

Para esse estudo de caso foi utilizado a análise historiográfica para fazer a investigação dos fatos e eventos através do conhecimento das causas e dos efeitos dos fenômenos sociais. “O método histórico oferece ainda a possibilidade de análise da organização das sociedades e das instituições, permitindo-nos apreender a dinâmica histórica de sua evolução, sua transformação e seu desaparecimento” (Fachin, 2017, p. 38). A técnica de pesquisa utilizada é a documental, usando como fontes primárias os arquivos públicos e particulares, e fontes secundárias, como jornais, revistas, informativos, obras e trabalhos elaborados sobre o tema. Promovido pelo antropólogo Franz Boas para se compreender a natureza e a função da vida social, Marconi e Lakatos nos acrescentam:

Partindo do princípio de que as atuais formas de vida social, as instituições e os costumes têm origem no passado, é importante pesquisar suas raízes, para compreender sua natureza e função. Assim, o método histórico consiste em investigar acontecimentos, processos e instituições do passado para verificar a sua influência na sociedade de hoje, pois as instituições alcançaram sua forma atual através de alterações de suas partes componentes, ao longo do tempo, influenciadas pelo contexto cultural particular de cada época. Seu estudo, para uma melhor compreensão do papel que atualmente desempenham na sociedade, deve remontar aos períodos de sua formação e de suas modificações (Lakatos, 1981, p. 32 *apud* Marconi; Lakatos, 2018, p. 85).

De acordo com Marconi e Lakatos (2018, p. 302) o estudo de caso possui dois momentos distintos. O primeiro é a pesquisa ou coleta de dados, detalhado na subseção 4.1. O segundo momento consiste em fazer a análise para interpretar o significado dos dados colhidos, que estão detalhadamente descritos na subseção 4.2 e utilizados no Capítulo 5 - Análise dos Dados.

4.1 Primeira etapa: pesquisa e coleta de dados

Para a fundamentação teórica conceitual fez-se uma revisão bibliográfica, que “[...] é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (Gil, 2002, p. 44). Esses estudos resultaram no Capítulo 2, que traz as definições de história em quadrinhos, colecionismo, biblioteca pública, acervo, coleção, coleção especial e gibitecas. O estudo de quadrinhos no Brasil não possuiu um repositório em comum e estão fragmentados em diversas áreas de conhecimento, por isso, a definição de histórias em quadrinhos e gibiteca foi retirada de livros teóricos e consultado diversas bases de dados, não se limitando, mas dando preferência aos trabalhos publicados na área da Biblioteconomia. Para os conceitos de acervo, coleções e coleções especiais foram consultadas referências da Ciência da Informação. Como a Ciência da Informação é um campo de pesquisa interdisciplinar, os conceitos de colecionismo e memória foram trazidos de pesquisas da Sociologia, Psicologia, Antropologia e Artes Visuais.

Para a parte da historiografia sobre a BNHQ, do Capítulo 3, foi feita uma pesquisa documental, que se difere da bibliográfica por se valer de “[...] de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa” (Gil, 2002, p. 45). Utilizou-se a coleta de dados explorando as edições do Repórter HQ. Este boletim traz notícias e editoriais contendo informações sobre a instituição e seus serviços. Os boletins usados foram encontrados no acervo da Gibiteca Nação HQ e da Fanzinoteca da biblioteca do Centro Cultural Noroeste - Usina de Cultura.

A pesquisa documental apresenta uma série de vantagens. Primeiramente, há que se considerar que os documentos constituem fonte rica e estável de dados. Como os documentos subsistem ao longo do tempo, tornam-se a mais importante fonte de dados em qualquer pesquisa de natureza histórica (Gil, 2002, p. 46).

Foram coletados dados do site oficial de Antônio Roque Gobbo, idealizador da BNHQ (<https://antoniogobbo.blogspot.com>), de entrevista do colecionador dada ao programa Conversações da Rede Minas e do site da Prefeitura de São Sebastião do Paraíso, para obter informações sobre sua biografia e da história de sua família.

O método histórico foi usado para construir a historiografia da BPIJ-BH, através do procedimento de pesquisa documental de ofícios, relatórios e folders disponíveis no Acervo Público de Belo Horizonte e informações extraídas das revistas *Ler-o-Lero* e *Releitura*, edições que estavam digitalizadas e armazenadas no site da Prefeitura de Belo Horizonte. Este trabalho de levantamento da memória institucional, que tem como “[...] objetivo primordial assegurar a preservação e a transmissão da história, identidade e conhecimentos acumulados ao longo do tempo por uma instituição, através daquilo que é produzido pelos indivíduos que a instituem e suas relações com a sociedade” (Cavalcante; Sales; Guerra, 2024, p.4). Realizou-se, ainda, uma pesquisa bibliográfica sobre os órgãos gestores de cultura da cidade e história da Biblioteca Pública Municipal de Belo Horizonte, para registrar a trajetória da biblioteca criada, gerenciada e depois desativada pelo município até a criação da Secretaria Municipal de Cultura, que iniciou o processo de implantação da BPIJ-BH.

Para fundamentar a Subseção 4.2, sobre as temáticas selecionadas para uma análise de dados da Gibiteca, as duas principais obras de referências foram os livros *Developing Library and Information Center Collections*, de Evan (2017) e *Desenvolvimento de Coleções*, de Vergueiro (1989), acrescidas das teorias interdisciplinares de preservação e conservação, como o *framework* desenvolvido por Fredheim e Khalaf (2016), que formaram a base teórica para a análise do Capítulo 5.

Os dados sobre política de desenvolvimento do acervo praticado pelas bibliotecas da Secretaria Municipal de Cultura, que afetam diretamente a Gibiteca, se deu através da leitura do “Projeto: aquisição de novos volumes e continuação das coleções de revistas e álbuns em quadrinhos para o Departamento da Gibiteca” elaborado em 1992 e os documentos normativos da Rede de Bibliotecas Públicas Municipais, disponíveis no site da Prefeitura²⁸.

Solicitou-se à BPIJ-BH relatórios de gestão para a coleta de dados sobre os leitores cadastrados e as coleções catalogadas para a análise quantitativa. Para as revistas não catalogadas, foram feitas quatro visitas presenciais ao acervo da Gibiteca para a realização da contagem manual dos exemplares. Essa contagem foi necessária para se somar aos exemplares catalogados e chegar ao número total de revistas disponíveis na coleção de quadrinhos da instituição. Nessas visitas, foram selecionadas e fotografadas capas de revistas de acordo com sua raridade ou características singulares das edições. No total, 84 capas foram registradas. Destas, cinco edições foram escolhidas como uma amostra de exemplares para a realização de uma análise de atribuição de valor.

²⁸ Belo Horizonte. Prefeitura Municipal. **Rede de Biblioteca Públicas Municipais**. Belo Horizonte: FMC, 27 fev. 2020. Disponível em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/fundacao-municipal-de-cultura/centros-culturais/bibliotecas/funcionamento>. Acesso em: 6 nov. 2024

4.2 Segunda etapa: temáticas para análise e interpretação dos dados coletados

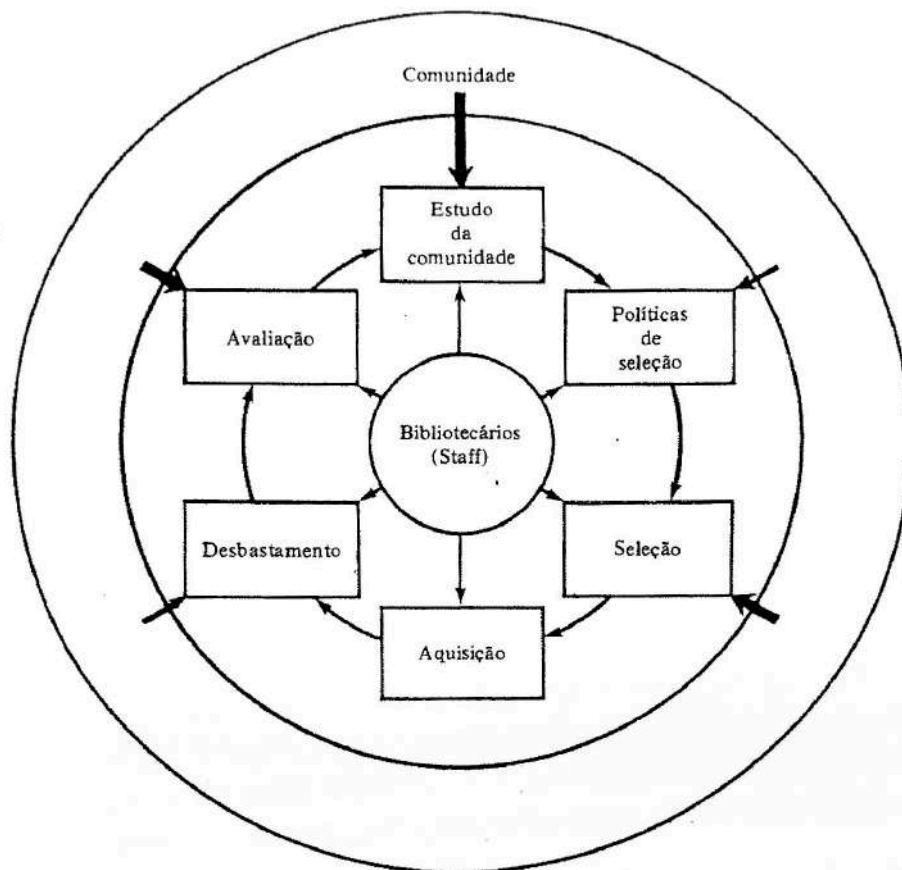
O bibliotecário G. Edward Evans elaborou o Modelo Sistêmico através de sua obra *Developing Library and Information Center Collections*, onde constatou que o objetivo principal de todas as bibliotecas e centros de informação é auxiliar na transferência da informação e no desenvolvimento do conhecimento. Para isso, é necessário planejar o desenvolvimento de coleções, que é “o processo de identificação dos pontos fortes e fracos da coleção de materiais de uma biblioteca em termos de necessidades dos usuários e recursos da comunidade, e tentar corrigir as fraquezas existentes, se houver” (Evans, 2017, p. 7, tradução livre²⁹), ampliando o escopo dessa definição ao indicar que os recursos usados podem ser locais ou de outras organizações, em um processo de cooperação entre unidades de informação.

O Modelo Sistêmico de Evans é baseado em um ciclo constante, divididos em estudo de comunidade, políticas de seleção, seleção, aquisição, desbastamento e avaliação, onde a comunidade acompanha e participa de todas as etapas - exceto a aquisição que é um processo administrativo -, e tendo o bibliotecário auxiliando todo o processo. Waldomiro Vergueiro, professor da Universidade de São Paulo (USP) e pesquisador brasileiro de referência nos estudos de quadrinhos e da Biblioteconomia, escreveu seu livro *Desenvolvimento de Coleções* tendo como uma de suas referências a obra de Evans (Figura 14), onde ele discorre sobre a importância das políticas para o desenvolvimento de coleções e sua constante avaliação:

[...] a política irá funcionar como diretriz para as decisões dos bibliotecários em relação à seleção do material a ser incorporado ao acervo e à própria administração dos recursos informacionais. É ela que irá prover uma descrição do estado geral da coleção, apontar o método de trabalho para consecução dos objetivos e funcionar como elemento de argumentação do bibliotecário, dando-lhe subsídios para discussão com autoridades superiores, tanto para a obtenção de novas aquisições como para recusa de imposições estapafúrdias (Vergueiro, 1989, p. 25).

²⁹ As in prior editions, we define collection development as “the process of identifying the strengths and weaknesses of a library’s materials collection in terms of patron needs and community resources, and attempting to correct existing weaknesses, if any” (Evans, 2017, p. 7).

Figura 14: Modelo Sistêmico: Processo de desenvolvimento de coleções



Fonte: Vergueiro (1989, p. 17)

Para a etapa de análise da Gibiteca Antônio Gobbo usou-se o Modelo Sistêmico de Evans (2017) e Vergueiro (1989), com acréscimos de Weitzel (2006) e Accart (2012); a Avaliação de Serviços de Bibliotecas de Lancaster (1996); e o *framework* de Fredheim e Khalaf (2016). Destas teorias foram selecionadas seis temáticas: Estudo da comunidade leitora; Seleção e aquisição de materiais; Recursos Informacionais; Conservação e preservação da coleção; Quantitativo da coleção; e Qualitativo: Atribuição de Valor. Essas temáticas dão base para a interpretação dos dados colhidos por esta pesquisa, conforme serão detalhadas a seguir:

4.2.1 Estudo da comunidade leitora

A razão principal de uma biblioteca é atender as necessidades de informação de sua comunidade. Evans (2017, p. 6-8) indica que o desenvolvimento de coleções é o processo elaborado para atingir esse objetivo através do uso eficiente e econômico dos recursos disponíveis. O autor complementa afirmando que a comunidade é composta não apenas pelos seus usuários ativos, mas todas as pessoas, ativas ou potenciais, atendidas pelos serviços

oferecidos pela unidade informacional, identificados na missão e objetivos da instituição. Por isso, é necessário fazer um estudo para conhecer o perfil e as necessidades dos membros dessa comunidade. Existem dados que podem ser levantados através do sistema de gestão do acervo ou de algum controle interno da biblioteca, possibilitando gerar relatórios estatísticos sobre os cadastrados e o seu uso da biblioteca. Outros dados podem ser adquiridos mediante pesquisa em outras instituições públicas ou privadas para conhecer os aspectos históricos, demográficos, geográficos, educativos, sociais, econômicos, de transporte, culturais e políticos. Existem, ainda, pesquisas específicas, quantitativa ou qualitativa, elaboradas através de questionários para se aprofundar no perfil, nas preferências, nos hábitos de leitura e nas demandas, dirigidos aos usuários frequentadores e/ou os usuários potenciais.

Para esta pesquisa, utilizou-se dados do Censo 2010 disponíveis e compilados em forma de estatística no site oficial da Prefeitura de Belo Horizonte. Estes dados oficiais estão organizados por regional, de forma que possibilitou acessar as informações específicas da regional Centro-Sul, onde está instalada a Gibiteca. Para complementar a informação, usou-se o último Censo População em Situação de Rua do Município de Belo Horizonte, elaborado pela Faculdade de Medicina da UFMG em 2022. Como a BPIJ-BH estava instalada em um equipamento da pasta da Secretaria Municipal de Assistência Social, muitas pessoas em situação de rua acessavam o local para fazer uso de seus serviços, sendo também atendidos pela biblioteca.

Não há relatórios específicos sobre os usuários da Gibiteca, então os dados coletados foram dos usuários da BPIJ-BH. Através dos relatórios dos sistemas de gerenciamento de usuários SIGA (que funcionou até 2015) e do Pergamum (usado desde 2015 até hoje), foi possível traçar um panorama geral dos leitores, além das estatísticas comparativas de 2023 e 2024 de atividades da biblioteca, apresentadas na reunião da comissão local da BPIJ-BH em fevereiro de 2025. Através destes conjunto de dados, se fez a relação do perfil da comunidade de quadrinhos, que foram identificados por Vergueiro (2005, p. 8-9) através de cinco tipos, sendo eles:

- a) eventuais: “aqueles que usufruem das histórias em quadrinhos da mesma forma como utilizam todas as outras modalidades de leitura, sem qualquer predileção especial por esse meio de comunicação específico, com um conhecimento apenas superficial de autores ou títulos e tendendo a se concentrar naqueles de maior popularidade”;
- b) exaustivos: “os que lêem apenas histórias em quadrinhos mas não fazem qualquer tipo de seleção, consumindo à exaustão tudo o que for produzido pelo meio”;

- c) seletivos: “leitores que têm predileção apenas por determinados gêneros, personagens ou autores. Lêem tudo o que é publicado em sua área de interesse e buscam fazer a correlação de suas leituras com outros meios de comunicação de massa”;
- d) fanáticos: “[...] levam sua predileção a extremos. Não apenas lêem as histórias de seus personagens e títulos prediletos, como também procuram saber o máximo possível sobre eles, conhecendo minúcias de produção, características específicas de cada desenhista ou roteirista, evolução histórica do protagonista e coadjuvantes, etc. Constantemente, são também ávidos colecionadores de tudo que diga respeito a sua predileção, englobando publicações de todos os tipos que se relacionem com ele, bem como filmes e suas trilhas sonoras, autógrafos dos autores e desenhos originais dos artistas”;
- e) estudiosos: “nem sempre são leitores tão ávidos, mas resolveram se debruçar sobre as histórias em quadrinhos para estudar suas características e relações com outros meios de comunicação, com outros aspectos da vida social ou sob o ponto de vista de sua aplicação em determinadas ciências ou atividades”.

4.2.2 Desenvolvimento de coleções de quadrinhos

Política delineada sobre o desenvolvimento de coleção e seleção de materiais que formam o acervo, que segundo Evans (2017, p. 9) fornece à equipe de desenvolvimento de coleção as diretrizes para a escolha de itens que serão incluídos nas coleções. São formadas por uma listagem de documentos normativos que são o guia racional para “[...] nortear o trabalho bibliotecário no que diz respeito à coleção” (Vergueiro, 1989, p. 25), objetivando ser um instrumento com regras técnicas que auxiliam a tomada de decisões de uma instituição. Serve de base para indicar como será feito o uso dos recursos disponíveis - que sempre são limitados - de forma eficiente, garantindo um planejamento e gerenciamento de acervo consistente e balanceado.

Essa política deve informar, conforme Vergueiro (1989, p. 27), o que fará parte do acervo, as condições em que um material poderá ingressar nas coleções, como será avaliado a importância do material, quais as necessidades da comunidade serão atendidas, em quais circunstâncias o material será retirado do acervo e os responsáveis por fazer essa seleção reunidos em torno de uma comissão.

Usando como referência a documentação da política de seleção, uma comissão é formada para colher sugestões, pesquisar referências, avaliar, selecionar e listar as prioridades

de aquisições, de acordo com a verba disponível. Os critérios são bastante particulares de acordo com a missão e objetivos de cada instituição, sendo necessário o suporte técnico de profissionais e bibliotecários, sempre levando em conta as sugestões e a participação da comunidade. Como alerta Evans (2017, p. 9), um fator constante no desenvolvimento de coleções é nunca haver recurso suficiente para comprar tudo o que possa ser de valor para a comunidade, por isso a necessidade de seleção. É uma “atividade técnica e intelectual” (Vergueiro, 1989, p. 41) que prima por selecionar obras que atendam as demandas da biblioteca, adquirindo obras de qualidade e que garantam a diversificação dos temas. O processo de tomada de decisão avalia cada título de forma individual, indo além de novos itens, sendo “possível controlar os itens esgotados, pedidos não atendidos e pendentes” (Weitzel, 2006, p. 26).

Os materiais selecionados serão encaminhados para o departamento responsável por fazer a aquisição. Essa é a etapa administrativa que cuidará de todo processo que irá garantir a posse dos itens listados pela comissão de seleção. “Este é o único ponto no processo de desenvolvimento de coleção que envolve pouca ou nenhuma contribuição da comunidade; é uma operação comercial bastante direta” (Evans, 2017, p. 9-10). Deve-se respeitar os trâmites burocráticos específicos de cada instituição, descritas por Vergueiro (1989, p. 64) como a etapa de se obter informações sobre as obras, entrar em contato com os fornecedores, gerenciar os contratos, administrar os recursos e armazenar arquivos necessários para a prestação de contas. As principais formas de aquisição são:

- a) compras: assegurar a posse de um material selecionado através da comprar direta com os fornecedores, no caso das bibliotecas privadas, ou de processos licitatórios, em bibliotecas públicas;
- b) doações: materiais oferecidos de forma espontânea às bibliotecas, recebido através de um rígido critério de seleção de doações, entre eles, o estado de conservação, o espaço disponível no acervo, a relevância e a adequação da obra para o acervo;
- c) permutas: intercâmbio de obras entre instituições, estabelecendo uma parceria de troca que permite a valorização de ambos os acervos.

Quando uma biblioteca decide que um determinado item não tem mais valor para a sua coleção e para sua comunidade, surge, de acordo com Evans (2017, p. 10), as opções de vender o item, doar, transferir para um local de armazenamento ou descartá-lo. Vergueiro (1989, p. 74), explica que o desbastamento é o processo de retirada de obras do acervo para melhorar e aumentar a qualidade e a relevância das coleções para os usuários, através do

descarte, do remanejamento ou da retirada temporária do material. É uma ação mais ampla que “o simples expurgo de materiais” (Vergueiro, 1989, p. 75).

As coleções, particularmente, necessitam deste desbastamento para que possam desenvolver-se harmoniosamente, sem ter algumas de suas partes desenvolvidas de forma aleatória, tornando-se estranhas ao conjunto (Vergueiro, 1989, p. 74).

O desbastamento está previsto e respaldado na política de acervo, que traz critérios específicos para essa ação. Weitzel (2006, p. 37) diz que esse processo acaba “[...] renovando os espaços para armazenamento e contribuindo para melhorar o acesso dos usuários ao material”. O desbastamento abre espaço nas coleções, permitindo a entrada de novos itens. Há três modalidades dentro do desbastamento:

- a) remanejamento: ação de transferir um exemplar ou parte da coleção que possui menor demanda de sua comunidade para um local menos acessível mas com estrutura para a sua conservação, sendo ainda possível o acesso dos usuários. O remanejamento também pode ser usado para que um exemplar seja retirado temporariamente do acervo para ser encaminhado para a conservação, reparo, restauração ou reforma;
- b) repasse: identificado que um item não é mais pertinente para a coleção, mas está em bom estado de conservação, ele pode ser transferido para outras instituições ou deixado para doação para sua comunidade;
- c) descarte: consiste na retirada definitiva de uma obra do acervo que não possui condições de conservação de permanecer no acervo ou que não atendem mais às necessidades informacionais de seus usuários, dando baixa em seu registro na biblioteca, e encaminhando seu expurgo de forma ecologicamente correta e consciente.

A Gibiteca tinha uma política específica no momento de sua criação, chamada de Projeto: Aquisição de novos volumes e continuação das coleções de revistas em quadrinhos para o Departamento da Gibiteca. Atualmente a gestão da coleção faz parte da Política de Desenvolvimento de Acervos da Rede de Bibliotecas Públicas da FMC, que atende não só a coleção da BPIJ-BH, mas todo o acervo existente nesta rede, regida pela Comissão de Seleção de Acervo.

4.2.3 Recursos informacionais

A ação de compartilhamento dos recursos informacionais é um ato voluntário usado pela biblioteca para tornar o conteúdo de seu acervo disponível para os usuários ou para

outras bibliotecas, com o objetivo de dar acesso e disseminar as informações das coleções. Entre as diversas ações, existem:

- a) Tratamento técnico: descreve, indexa, classifica e organiza a localização dos volumes da biblioteca;
- b) Sistematização: uso de softwares que possibilitam acesso ao acervo através de buscas, tanto local, quanto em catálogo online;
- c) Digitalização de coleções: o processo de tratamento e conservação do patrimônio material, fazendo a conversão de materiais analógicos para o formato digital, ficando armazenado em um repositório;
- d) Serviços de referência: Accart (2012, p. 3-4), diz que o serviço de referência “[...] abrange certo número de atividades e competências com a finalidade de oferecer um serviço a um determinado público, em geral uma resposta a uma pergunta”, complementando que esse trabalho serve para “ressaltar e valorizar tanto a instituição e as coleções que possui, quanto as competências dos profissionais por elas responsáveis”. Além do balcão de atendimento, pode-se executar atividades complementares como oficinas, cursos, exposições e clubes de leitura que visam atender as necessidades informacionais do usuário e divulgar as coleções. O objetivo é criar ações para informar, instruir e orientar os usuários sobre o conteúdo da biblioteca que está a sua disposição.

Os dados da catalogação e indexação do acervo da Rede de Bibliotecas da FMC estão disponíveis na Política de Tratamento Técnico. A FMC usa a classificação Decimal de Dewey (CDD), que reserva o código 741.5 para os quadrinhos, trazendo um acréscimo de identificação de gêneros ficcionais extraído da tabela elaborada pelo Manual de Catalogação de Histórias em Quadrinhos do Sistema Municipal de Bibliotecas de São Paulo. O sistema usado para gerenciamento é o Pergamum, implantado em 2014. A rede de bibliotecas da FMC não possui uma política de coleções de obras digitais. Os serviços de referência foram identificados através dos serviços divulgados nas redes sociais da biblioteca.

4.2.4 Preservação e conservação das coleções

Weitzel (2006, p. 18) complementa o Modelo Sistêmico de Evans mencionando outros itens importantes, “[...] tais como armazenamento, conservação e preservação, compartilhamento de recursos informacionais, censura, direitos autorais, liberdade intelectual, entre outros [...]”. As medidas adotadas por uma unidade informacional para manutenção do estado físico de um bem material, através de conjunto de ações técnicas, divididas em

preservação, conservação, conservação preventiva e restauração, que Malta (2014, p. 10) conceitua como:

- a) preservação: “Conjunto de ações institucionais de gestão e planejamento, concretizado através da captação e alocação de recursos financeiros, físicos, humanos e tecnológicos com a finalidade de promover a permanência do patrimônio cultural”;
- b) conservação: “Atividade que deve ser planejada e executada sempre que os objetos apresentem sinais de aceleração do processo de degradação, seja ela causada por agentes naturais ou danos causados por eventos de qualquer origem. É uma atividade rotineira” e que não altera o estado físico ou estético do objeto;
- c) conservação preventiva: “Atividade que procura identificar as causas que promovem o aceleramento da degradação dos objetos e mitigar ou mesmo remover essas causas. É uma atividade permanente”, difere da conservação porque é uma ação que procura antecipar os problemas;
- d) restauração: “Ação que deve ser planejada e executada sempre que o grau de degradação alcance um estágio no qual a integridade física do objeto está em risco. O objetivo principal é devolver a funcionalidade perdida ao objeto. É uma atividade pontual”, que deve ser realizada por um especialista porque essas restaurações utilizam intervenções mecânicas e químicas que modificam a estrutura física do objeto tratado e é necessário evitar danos maiores.

Relativo à infraestrutura, o acondicionamento correto permite a conservação das coleções, garantindo o armazenamento e a salvaguarda dos materiais. De acordo com Cassares (2000, p. 3), “Cabe-nos, portanto, encontrar soluções que permitam oferecer conforto e estabilidade ao suporte da maioria dos documentos, que é o papel”. Não é possível eliminar totalmente todos os fatores que levam um material a degradar, mas a “[...] podemos diminuir consideravelmente seu ritmo, através de cuidados com o ambiente, o manuseio, as intervenções e a higiene, entre outros”. Essas ações permitem o controle de:

- a) fatores ambientais: “Os agentes ambientais são exatamente aqueles que existem no ambiente físico do acervo: Temperatura, Umidade Relativa do Ar, Radiação da Luz, Qualidade do Ar” (Cassares, 2000, p. 17). É necessário fazer o controle, dentro de valores aceitáveis que darão condições para uma melhor conservação dos documentos.
- b) agentes biológicos: “Os agentes biológicos de deterioração de acervos são, entre outros, os insetos (baratas, brocas, cupins), os roedores e os fungos, cuja presença

depende quase que exclusivamente das condições ambientais reinantes nas dependências onde se encontram os documentos” (Cassares, 2000, p. 17). É necessário ações que evitem criar ambientes propícios para a proliferação desses agentes.

- c) manuseio: “[...] abrange todas as ações de tocar no documento” (Cassares, 2000, p. 22) seja por funcionários da instituição para a realização de higienização, seja por usuários no momento de sua retirada das estantes ou arquivos, que se for feita de forma inadequada pode degradar o estado dos materiais. Pressupõe também a segurança e política de controle para evitar o vandalismo e o furto.

Para esta análise, foram feitas visitas técnicas à Gibiteca para verificação das condições de preservação da coleção especial de quadrinhos. As questões sobre acondicionamento e preservação são listados na Política de Desenvolvimento de Acervos da Rede de Bibliotecas Públicas da FMC. Porém, não há um plano específico de conservação e preservação do acervo para a Gibiteca. Para se registrar a situação, foi fotografada uma amostra das condições de conservação da coleção.

4.2.5 Avaliação: quantitativa e qualitativa

Para os indicadores de avaliação de um acervo, Vergueiro (1989, p. 83) diz que existem diversos métodos disponíveis, recomendando o uso da metodologia criada por Lancaster. Avaliação é um exercício “[...] para reunir dados úteis para as atividades destinadas a solucionar problemas ou tomar decisões” (Lancaster, 2004, p. 9). Seu estudo indica que a biblioteca deve processar insumos com a finalidade de gerar produtos que atendam as necessidades de sua comunidade. Concluindo que “[...] qualquer avaliação a que a biblioteca seja submetida deve se preocupar em determinar em que medida ela desempenha com êxito essa função de interface” (Lancaster, 2004, p. 10).

Lancaster (2004, p. 21) diz que “Um critério óbvio para avaliação de um acervo é seu tamanho”. Para isso, é necessário fazer a contagem total dos volumes de uma coleção, geralmente acessados através da geração de relatórios através do sistema de gerenciamento de acervo da instituição.

O Relatório de uma biblioteca é o conjunto de informações sobre acervo, serviços prestados, usuários e recursos humanos, físicos, materiais e financeiros ordenados de modo a mostrar a situação da biblioteca em dado período de tempo. Não é apenas uma contabilização de dados, mas o resultado de um processo que transforma dados em informação, isto é, que analisa, atribuindo-lhes significação no contexto da biblioteca (Almeida, 2005, p. 37).

Esta pesquisa selecionou três tipos de relatórios para analisar e avaliar a Gibiteca, sendo eles: o número total do acervo, a sua distribuição por gênero e o uso real de seus leitores. A escolha deveu-se ao fato que são relatórios de baixo custo e fácil de se obter os dados através do sistema de gerenciamento da FMC.

Para o número total do acervo, foi solicitado o relatório Estatística Geral do Acervo (Apêndice A, Relatório 4, 2025), gerado em 16 de abril de 2025, referente a 1 de junho de 2015 até 15 de abril de 2025, que contempla todo o período de funcionamento do sistema Pergamum. O relatório possibilitou descobrir o número atual da coleção circulante catalogada na BPIJ-BH. Para a coleção especial de quadrinhos, que não está catalogada, fez-se quatro visitas técnicas com a intenção específica de contabilizar manualmente o número de volumes. Através de uma pesquisa bibliográfica, foi possível mapear a evolução do número de itens desde a criação da BNHQ até a atual situação da coleção da Gibiteca.

O relatório de estatísticas gerais possibilitou extrair os dados das revistas e organizá-las segundo a divisão de gênero usado pelas bibliotecas da rede da FMC. Tanto a Classificação Decimal de Dewey (CDD), quanto a Classificação Decimal Universal (CDU) usam o código 741.5 reservado para os quadrinhos, cartuns, caricaturas e desenhos satíricos. Em bibliotecas com coleções pequenas, elas servem para aglutinar as diferentes revistas em quadrinhos nas estantes. Entretanto, para coleções maiores, somente essa classificação se torna limitada para a organização. Por isso, a Gibiteca Henfil e o Centro Cultural São Paulo criam um acréscimo para o código que permite a divisão de gênero: Aventura (QA), Erótico (QE), Humor (QH), Infantil (QI), Terror (QT), Underground (QU), Mangá (QM), Literatura (QL) e Quadrinhos gerais (Q). Essa classificação facilita uma análise estatística do equilíbrio de gênero das revistas disponíveis nas coleções e a análise da bibliodiversidade. “Bibliodiversidade é a diversidade cultural aplicada ao mundo do livro. Ecoando com a biodiversidade, ela refere-se à necessidade da produção editorial disponibilizada aos leitores” (Aliança Internacional dos Editores Independentes, 2014, p.4). Compreendendo que a função social das bibliotecas públicas está relacionado com a democratização do acesso à informação, essa bibliodiversidade se concretiza com a formação de coleções que possuam materiais representativos de um amplo ecossistema cultural e social que garanta a multiplicidade de manifestações culturais, sociais e linguísticas que enriqueçam a pluralidade e a disseminação de ideias. Através dos relatórios, foi possível avaliar essa diversidade em relação às editoras.

O método do uso real foi usado para conhecer o comportamento dos leitores. Optou-se pelo registro de empréstimos da Gibiteca para verificar se a busca por revistas estava de

acordo com os exemplares disponíveis na BPIJ-BH. Delimitou-se o período de um ano de uso, para solicitar um relatório que permitisse analisar o comportamento dos usuários entre 1 de janeiro a 31 de dezembro de 2024. Segundo Almeida (2005, p.39), esses relatórios são elaborados com “dados registrados diariamente, e que são reunidos e analisados em períodos pré-determinados”, tendo sua periodicidade determinada de acordo com o plano de trabalho de uma biblioteca. Mas a autora ressalta que uma periodicidade mínima anual é necessária para se ter uma profundidade na análise porque “um período de observação mais longo permite comparar dados, extrair interpretações mais fundamentadas e elaborar propostas mais pertinentes” (Almeida, 2005, p. 40). Esses dados foram coletados do Relatório de Empréstimos de Periódicos 2024 (Belo Horizonte, 2024c), que é gerado pelo sistema Pergamum, contendo os registros de todos os empréstimos feitos pela BPIJ-BH em 2024. O relatório é exportado em arquivo aberto em formato de planilha (.xlsx), sendo possível criar filtros para a pesquisa dos campos: gênero, idade, escolaridade, ocupação, data de empréstimo, código do acervo, título, classificação, código Cutter, número de empréstimos. É um método de baixo custo para as bibliotecas que possuem sistemas de gerenciamento do acervo devido a facilidade de se gerar relatórios de empréstimos.

Os registros que representem a totalidade dos empréstimos, ao contrário de uma amostra, são processados por meio de programa de computador, a fim de produzir dados sobre distribuição dos assuntos na circulação, identificar os títulos mais utilizados, e (se os dados forem compilados durante um período suficientemente longo) medir a taxa de obsolescência (Lancaster, 2004, p. 53-54).

Segundo Lancaster (2004, p. 51), essa análise acarreta modificação na política de desenvolvimento de coleção ao “identificar os pontos fortes e fracos do acervo a partir dos padrões atuais de utilização” e “identificar itens de pouca utilização” que podem ser encaminhados para o desbastamento. Entretanto, é preciso ter ciência de que um material que não foi emprestado não significa necessariamente que ele não está sendo usado, podendo o usuário fazer a leitura dentro das instalações da biblioteca. “O uso total, portanto, excede a circulação registrada” (Lancaster, 2004, p. 56). De qualquer maneira, pode-se entender muito dos hábitos dos leitores estudando a retirada por empréstimo.

4.2.6 Atribuição de valor

A atribuição de valor a um bem material ou imaterial é uma ação subjetiva, inerente aos seres humanos. “O patrimônio é aquilo que os grupos ou as pessoas convencionam entender como tal, e seus valores não são algo inerente, indiscutível ou objetivo, mas algo que

as pessoas projetam sobre eles” (Viñas, 2021, p. 160). Entretanto, apesar da subjetividade, pode-se criar critérios técnicos que dão atributos a essa ação. “No campo do patrimônio, o termo é usado na elaboração de análise de significância dos bens que, em última instância, justificam a sua preservação” (Campos, 2023, p. 17). Ao atribuir valor, esses bens tornam-se objetos de interesse público, e passíveis de políticas públicas de salvaguarda.

Para estabelecer critérios para uma atribuição de valor, Fredheim e Khalaf (2016) elaboraram um esquema (*framework*), de aplicação universal, que segundo Campos (2023, p. 31-34) responde a três perguntas fundamentais:

- **O que é o bem?**
 - Formas: características materiais e mensuráveis do bem.
 - Relacionamentos: significados e interpretações que são atribuídos a eles.
 - Prática: processos e as práticas humanas e naturais que acontecem naquele espaço.
- **Por que o bem é valioso?** (aspectos de valor);
 - Associativo: referente a conexão significativas com pessoas, lugares, eventos, práticas, tradições, histórias, objetos, etc.
 - Sensorial: referente a fontes de prazer sensorial, seja visual seja por outro sentido.
 - Comprobatório: referente a evidência para a condução ou comunicação formal ou informal de pesquisa.
 - Funcional: referente ao uso ou função do bem.
- **O quanto valioso é o bem?**
 - Seu grau de significância.

A questão de atribuição de valor a documentos gráficos, segundo Almada e Zervos (2021) está diretamente associada à compreensão e apreciação da história de um determinado período, de uma determinada região. Esses artefatos são compreendidos como “testemunha da passagem de tempo e de sua capacidade de adaptação às nuances de interpretação e valorização” (Correia, 2015 *apud* Almada e Zervos, 2021, p. 9, tradução do autor).

Seria necessário um trabalho à parte atribuir à coleção especial de quadrinhos da Gibiteca a condição de patrimônio cultural material, em um complexo processo de estudo, produção de inventário de seus 3.318 volumes e a redação de um dossiê. Por isso, o objetivo dessa temática foi fazer uma seleção que demonstrasse o potencial dessa coleção como documento gráfico, trazendo não apenas os dados técnicos, de conteúdo e históricos.

Na primeira parte, realizou-se um processo de registro fotográfico através de uma amostragem sistemática dos materiais bibliográficos. Na medida em que se fazia a contagem manual dos volumes, também eram feitas fotos das capas dos exemplares de acordo com os critérios de raridade (obras que possuem dificuldades de se obter exemplares originais), autenticidade (obras com comprovada originalidade e procedência), relevância (obras de valor artístico) ou significância (obras de valor histórico e impacto cultural), adaptando os critérios de raridades bibliográficas para as revistas em quadrinhos. No final, 84 capas de revistas foram fotografadas, representando cerca de 2,5% da coleção total.

Na segunda parte, houve a seleção de cinco exemplares: 1) *Histoire d'Albert* (raridade e autenticidade), por ser a revista mais antiga da Gibiteca, impressa em 1861, contendo a assinatura do autor Rodolphe Töpffer, considerado o precursor dos quadrinhos; 2) Fotocópia de *O Gury* n. 1 (significância), um dos últimos exemplares que ainda restaram na coleção da Gibiteca que registra a prática de reprodução que a BNHQ realizava para seus associados, em seu trabalho de disseminação das revistas mais raras; 3) *Era uma vez...* (raridade), originais da primeira revista voltado para o público infantil e juvenil de Belo Horizonte, que revelou muitos artistas e surgiu no contexto do nacionalismo do Estado Novo de Getúlio Vargas; 4) *fac-símile* *Pato Donald* n. 1 (relevância), uma das edições mais citadas nos releases e matérias da BNHQ e Gibiteca como destaque do acervo, que representa o famoso personagem da Disney, tema de livro e debates, e que ostentou o título de revista mensal mais longa do país, com 68 anos de publicação ininterrupta; e 5) *Encadernado Epopéia* (significância), coletânea resgatada do lixo e encaminhada para a BPIJ-BH, que trazem diversas reportagens em suas páginas que mostram o trabalho político e de relações públicas feito pela Editora Ebal para a valorização dos quadrinhos no país. Todos os cinco escolhidos foram descritos e contextualizados historicamente.

4.2.7 Categorias de análise

Com base nestas seis temáticas (estudo da comunidade leitora; desenvolvimento de coleções de quadrinhos; recursos informacionais; conservação e preservação das coleções; avaliação; e atribuição de valor), foram colhidos os dados para o estudo do caso da Gibiteca Antônio Roque Gobbo da BPIJ-BH, analisados no Capítulo 5. Para cada temática, foram destacadas três categorias (Tabela 2) de avaliação de dados.

Tabela 2: Temáticas selecionadas para a avaliação da Gibiteca do BPIJ-BH.

TEMAS		CATEGORIAS
Estudo da comunidade leitora	1	Perfil da comunidade.
	2	Perfil dos leitores.
	3	Classificação dos leitores.
Desenvolvimento de coleções de quadrinhos	4	Diretrizes de desenvolvimento de coleções.
	5	Comissão de seleção.
	6	Processos de aquisição.
Recursos Informativos	7	Tratamento Técnico.
	8	Sistema de gerenciamento dos materiais.
	9	Serviços de divulgação e disseminação das coleções.
Preservação e Conservação das coleções	10	Plano de preservação e conservação.
	11	Infraestrutura e controle ambiental.
	12	Mobiliário e armazenamento.
Avaliação: quantitativa e qualitativa	13	Número total da coleção.
	14	Distribuição por gênero.
	15	Uso real.
Atribuição de valor	16	O que é o bem?
	17	Por que o bem é valioso?
	18	O quão valioso é o bem?

Fonte: Elaborado pelo autor.

As 18 categorias proporcionaram uma análise detalhada da Gibiteca Antônio Roque Gobbo, que deram base para a transformação das temáticas em indicadores, descritos no Capítulo 6.

5 ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo responde ao segundo problema de pesquisa sobre fundamentar uma metodologia capaz de produzir indicadores para uma política de desenvolvimento de coleções de quadrinhos. Nessa etapa da pesquisa exploratória foi feita a análise dos dados coletados sobre a coleção de quadrinhos da Gibiteca Antônio Gobbo da Biblioteca Pública Infantil e Juvenil de Belo Horizonte (BPIJ-BH), conforme Capítulo 4 - Metodologia. Abaixo estão as seis temáticas que possibilitarão compreender o perfil da comunidade e dos leitores; as diretrizes da seleção e aquisição de materiais; os recursos informacionais usados para organizar, catalogar e dar acesso às coleções; o plano de conservação e preservação das coleções; a análise quantitativa e qualitativa de relatórios; e a identificação de itens valiosos da coleção especial de quadrinhos da Gibiteca.

5.1. Estudo de comunidade leitora

O Censo 2022 indicou que Belo Horizonte tem uma população de 2.315.560 pessoas, com uma estimativa de chegar a 2.416.339 pessoas para 2024 (IBGE, 2022). Em 2025, o levantamento aponta uma retração para 2.415.872, registrando uma queda de 0,02%³⁰ em relação a 2024. Esses números mostram uma estabilidade, porque o Censo 2010, informou que a cidade possuía 2.375.151 habitantes. Portanto, apesar do Censo 2022, para compreender a realidade socioeconômica da comunidade, utilizou-se os indicadores de Informações Demográficas e Socioeconômicas de Belo Horizonte³¹ disponíveis no site oficial da Prefeitura de Belo Horizonte (PBH) - que ainda tem como base o Censo IBGE/2010 - porque esses relatórios trazem o detalhamento das regionais, onde é possível extrair informações detalhadas da população da regional Centro-Sul. Esta região central da cidade possui muitos moradores em situação de rua, alguns deles usuários de serviços tanto do Centro de Referência das Juventudes (CRJ), quanto da BPIJ-BH. Por isso, para complementar as informações do IBGE, usou-se o IV Censo População em Situação de Rua do Município Belo Horizonte, divulgado em 2022, realizado pela Faculdade de Medicina da UFMG.

Para traçar um perfil dos usuários registrados na biblioteca, a BPIJ-BH forneceu dados de dois relatórios: um do sistema SIGA, que funcionou até 2015; o segundo, do Pergamum,

³⁰ BELO HORIZONTE vê população encolher, enquanto Grande BH ganha moradores. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 28 ago. 2025. Disponível em: <https://www.em.com.br/gerais/2025/08/7236604-belo-horizonte-ve-populacao-encolher-enquanto-grande-bh-ganha-moradores.html>. Acesso em: 28 out. 2025.

³¹ BELO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. **Estatísticas e Indicadores**. Disponível em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/estatisticas-e-indicadores>. Acesso em: 23 dez. 2024.

que gerou para a pesquisa o relatório “Usuários - Cadastros e renovações (262) - Novos cadastros - 01/06/2015 a 15/04/2025”, contendo o registro dos leitores cadastrados na biblioteca nos dez anos de uso do atual sistema. Respeitando a Lei Geral de Proteção de Dados (Lei n. 13.709/2018) de proteção dos direitos fundamentais de liberdade e da privacidade, estes relatórios não possuem nenhum nome, endereço ou qualquer contato desses usuários, constando apenas os campos que permitam traçar o perfil e sua localização através do bairro/cidade onde moram, sem fazer a identificação dos cadastrados.

5.1.1 Perfil da Comunidade

A BPIJ-BH ficou instalada no prédio do CRJ de agosto de 2016 a julho de 2025. Durante esses nove anos, a sede era na Rua Guaicurus, 50 - Centro - Belo Horizonte, Minas Gerais (Foto 17). Até 2024, esse endereço pertencia a regional Centro-Sul. Em 2025, a PBH aprovou uma reforma administrativa, dividindo essa regional em duas, passando a existir a regional Centro-Sul e a regional Hipercentro, onde a BPIJ-BH está localizada atualmente. Como essa implantação começou em 2025, os dados disponíveis ainda não foram adaptados e estão relacionados com a antiga regional Centro-Sul, subdivisão CS1.

Foto 17: Fachada do Centro de Referência das Juventudes (CRJ).

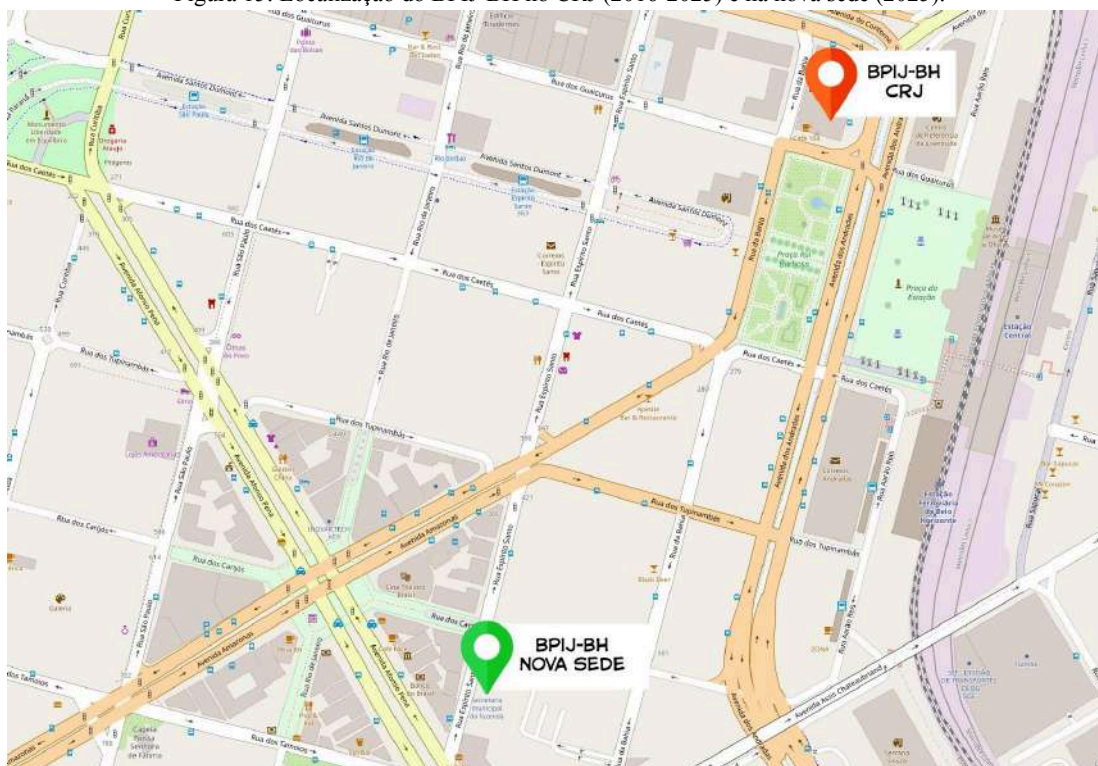


Fonte: O autor, 2025.

O prédio do CRJ faz parte do conjunto arquitetônico protegido por tombamento municipal conhecido como Praça da Estação. O Decreto Municipal nº. 15.587/2014, estabeleceu nesta região a Zona Cultural Praça da Estação com o objetivo de preservar as características arquitetônicas, históricas e paisagísticas, além de estimular atividades culturais. O conjunto é composto pela Praça da Estação (prédio da antiga Estação Ferroviária, os

chafarizes e o Monumento à Civilização Mineira), tendo em seu entorno o Museu de Artes e Ofícios, a Praça Rui Barbosa, o Centro Cultural UFMG, o Centro Cultural Cento e Quadro, o Edifício Central, a Estação Ferroviária da Vale, o Viaduto Santa Tereza e a Serraria Souza Pinto. A nova sede, localizada na Rua Espírito Santo, 605, está a cerca de 700 metros de distância, e também pertence à mesma regional Centro-Sul (Figura 15).

Figura 15: Localização do BPIJ-BH no CRJ (2016-2025) e na nova sede (2025).



Fonte: OpenStreetMap. Disponível em: <https://www.openstreetmap.org/#map=18/-19.916594/-43.936778>.

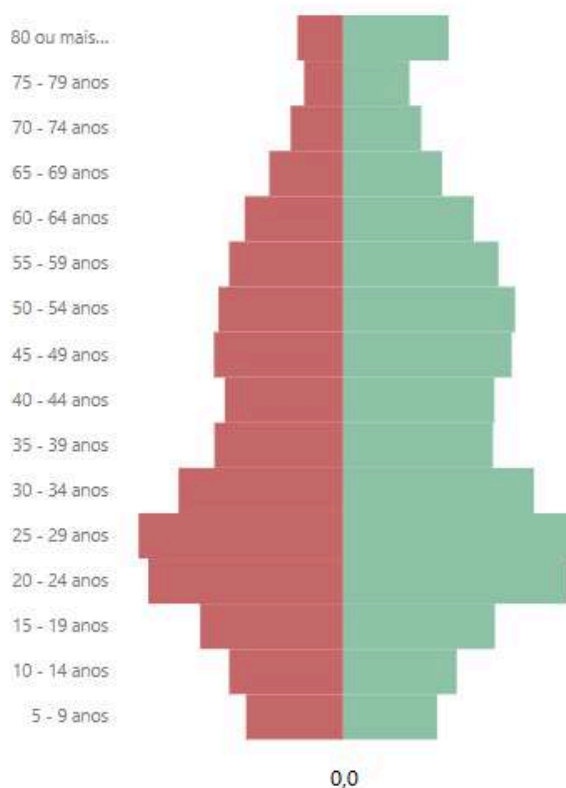
Belo Horizonte, segundo Censo 2010³², possuía 2.375.151 habitantes. As Informações Demográficas e Socioeconômicas de Belo Horizonte disponíveis no site da PBH traz o detalhamento que indicam que 283.776 pessoas moram na regional Centro-Sul e 84.941 na subdivisão CS1, local onde está instalada a BPIJ-BH.

Essa regional tem uma área de 32 km², contendo 103.166 domicílios, sendo a terceira mais populosa da cidade. Existe uma proporção maior de mulheres 0,55 do que de homens, 0,45 (Gráfico 2), sendo que as duas maiores faixas etárias estão entre 25-29 anos, seguido de 20-24 anos (Gráfico 3). Portanto, é uma regional com população com idade acima do que o Estatuto da Juventude (Lei n. 12.852/2013) estabelece como jovens: pessoas com idade entre 15 e 20 anos.

³² BELO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. **Estatísticas e Indicadores**: Indicadores demográficos e socioeconômicos de Belo Horizonte. Portal Prefeitura de Belo Horizonte, 24 jun. 2021. Disponível em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/estatisticas-e-indicadores>. Acesso em: 23 dez. 2024.

Gráfico 2: Pirâmide Etária (2010) Regional Centro-Sul de Belo Horizonte.

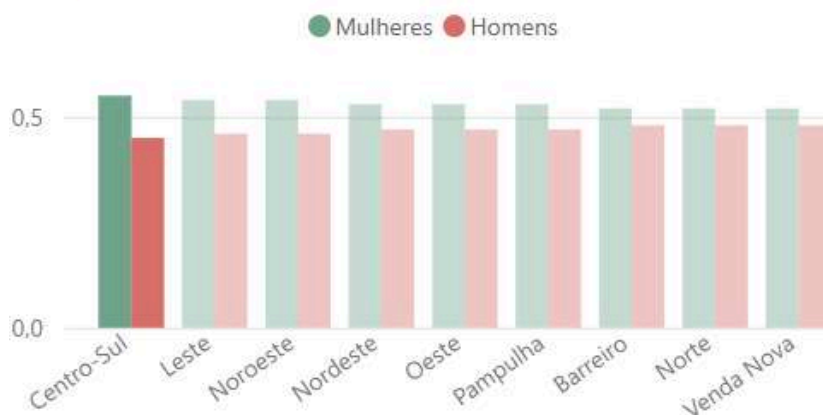
Pirâmide Etária (2010)



Fonte: BELO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. **Estatísticas e Indicadores**: Indicadores demográficos e socioeconômicos de Belo Horizonte. Portal Prefeitura de Belo Horizonte, 24 jun. 2021. Disponível em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/estatisticas-e-indicadores>. Acesso em: 23 dez. 2024.

Gráfico 3: Proporção entre Homens e Mulheres (2010) Regional Centro-Sul de Belo Horizonte.

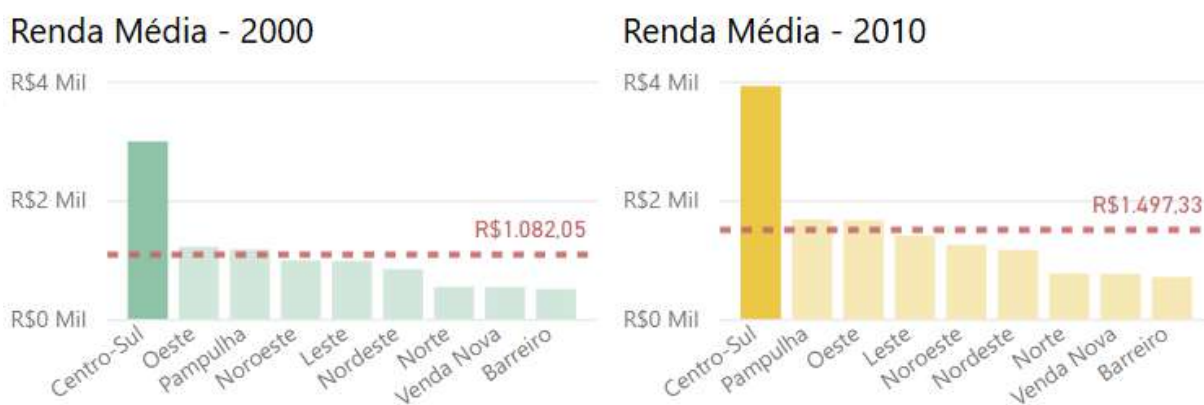
Proporção entre Homens e Mulheres



Fonte: BELO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. **Estatísticas e Indicadores**: Indicadores demográficos e socioeconômicos de Belo Horizonte. Portal Prefeitura de Belo Horizonte, 24 jun. 2021. Disponível em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/estatisticas-e-indicadores>. Acesso em: 23 dez. 2024.

A renda média da regional Centro-Sul é a maior da cidade. Entre os anos 2000 e 2010, essa renda manteve-se no patamar com mais que o dobro das outras regionais de Belo Horizonte (Gráfico 4).

Gráfico 4: Renda Média da Regional Centro-Sul de Belo Horizonte.



Fonte: BELO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. **Estatísticas e Indicadores**: Indicadores demográficos e socioeconômicos de Belo Horizonte. Portal Prefeitura de Belo Horizonte, 24 jun. 2021. Disponível em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/estatisticas-e-indicadores>. Acesso em: 23 dez. 2024.

Essa realidade de alta renda é contrastante com o grande número de moradores em situação de rua que estão alojados no centro, estando presentes também nos arredores da BPIJ-BH. Segundo os dados do IV Censo População em Situação de Rua do Município Belo Horizonte³³ divulgados em 2022, realizado pela Faculdade de Medicina da UFMG, foram identificadas 5.344 pessoas em situação de rua no município, sendo que a pesquisa mapeou 672 na regional Centro-Sul (Tabela 3). A amostra do Censo identificou que houve um aumento do número de pessoas nessa situação em relação aos Censos passados, motivado pelo forte impacto da pandemia de COVID-19. Essa pesquisa informou que 84% da amostra do Censo são do sexo masculino e 16% do sexo feminino, com a média da idade de 41,9 anos. A pesquisa detectou que o índice de analfabetos ou de pessoas que só sabiam assinar o nome era maior (Tabela 4). Porém, em 2022, 86,9% declararam saber ler e escrever, revelando que pessoas alfabetizadas, com pelo menos ensino fundamental, tiveram suas vidas impactadas pela crise econômica causada pela pandemia.

³³ Brasil tem mais de 335 mil pessoas em situação de rua, aponta levantamento da UFMG. G1, 14 abr. 2025. Disponível em: https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2025/04/14/brasil-mais-de-335-mil-pessoas-em-situacao-de-rua-levantamento_ghml. Acesso em: 15 mai. 2025.

Tabela 3 : Pontos mapeados por regional de Belo Horizonte.

Regional	Mapeados	Validados	% validado	Adicionados	% Adicionado	Total visitado
Barreiro	69	23	33,3	55	79,7	78
Centro-sul	672	277	41,2	334	49,7	611
Leste	122	45	36,9	38	31,1	83
Oeste	92	77	83,7	53	57,6	130
Pampulha	98	39	39,8	33	33,7	72
Nordeste	100	27	27,0	53	53,0	80
Noroeste	70	24	34,3	32	45,7	56
Norte	55	15	27,3	15	27,3	30
Venda Nova	66	23	34,8	52	78,8	75
Total	1.344	550	40,9	665	49,5	1.215

Fonte: UFMG. **Núcleos de Pesquisa em Vulnerabilidade e Saúde** - NAVES. Belo Horizonte: Itrium Consultoria, Pesquisa, Treinamento e Edições em Saúde, 2023. p. 62. Disponível em: https://www.medicina.ufmg.br/wp-content/uploads/sites/7/2024/06/IV-Censo-de-Populacao-em-Situacao-de-Rua-de-Belo-Horizonte-2022_DIGITAL.pdf. Acesso em: 14 abr. 2025.

Tabela 4: Letramento e escolaridade estratificados por sexo das pessoas em situação de rua de Belo Horizonte, em 2022.

	Masculino		Feminino		Total	
	n	%	n	%	n	%
Letramento						
Sabe ler e escrever	1765	87,5	323	83,5	2088	86,9
Só assina o nome	174	8,6	38	9,8	212	8,8
Analfabeto	64	3,2	19	4,9	83	3,5
Escolaridade						
Nunca foi à escola	76	3,8	23	5,9	99	4,1
Anos iniciais do ensino fundamental incompletos	393	19,5	70	18,1	463	19,3
Anos iniciais do ensino fundamental completos	268	13,3	34	8,8	302	12,6
Anos finais do ensino fundamental incompletos	439	21,8	75	19,4	514	21,4
Anos finais do ensino fundamental completos	223	11,1	43	11,1	266	11,1
Médio ou técnico incompleto	217	10,8	56	14,5	273	11,4
Médio ou técnico completo	287	14,2	54	14,0	341	14,2
Superior incompleto	50	2,5	18	4,7	68	2,8
Superior completo	49	2,4	7	1,8	56	2,3

Fonte: UFMG. **Núcleos de Pesquisa em Vulnerabilidade e Saúde** - NAVES. Belo Horizonte: Itrium Consultoria, Pesquisa, Treinamento e Edições em Saúde, 2023. p. 78. Disponível em: https://www.medicina.ufmg.br/wp-content/uploads/sites/7/2024/06/IV-Censo-de-Populacao-em-Situacao-de-Rua-de-Belo-Horizonte-2022_DIGITAL.pdf. Acesso em: 14 abr. 2025.

Por ser uma região central, o Hipercentro possui uma ampla infraestrutura, com colégios, supermercados, hotéis, bares, farmácias, comércios, bancos, centro de saúde, área hospitalar, parques, shoppings, cinemas, rodoviária, equipamentos de cultura, entre outros. Na regional está a sede administrativa da Prefeitura de Belo Horizonte e órgãos da administração, como o prédio sede da Secretaria Municipal de Cultura e da Fundação Municipal de Cultura, que gerenciam a rede de bibliotecas públicas municipais da área da cultura.

A maioria das linhas de transporte público da cidade possuem rotas que passam pelo centro. Essa rede permite um fácil acesso à biblioteca. Há estações de ônibus do MOVE (Sistema de transporte de vias exclusivas de transporte público). Também circulam pela região os ônibus das cidades metropolitanas, que possuem diversos pontos de paradas espalhados pelo centro. Outra opção de transporte é a Estação Central do Metrô, ao lado do prédio da antiga Estação Ferroviária, que liga a Estação Vilarinho da regional Norte de Belo Horizonte ao Centro, indo até a Estação Eldorado na cidade de Contagem. Há a opção de pontos fixos de táxi, para embarque e desembarque. Por ser uma região central e de trânsito muito intenso, as opções de estacionamento são escassas. Quem vai à biblioteca de carro, precisa deixar o veículo em um estacionamento particular ou em alguma vaga de estacionamento rotativo em regiões um pouco mais afastadas.

5.1.2 Perfil dos usuários leitores

Não existem relatórios específicos sobre os usuários da Gibiteca, por isso essa análise partirá dos usuários de forma geral que frequentam a BPIJ-BH. O antigo sistema SIGA usado até 2015, continha em seu banco de dados 4.870 leitores cadastrados, segundo o Relatório 5 (Apêndice A). O maior número desses leitores estava na faixa de 40-59 anos, com 1.658 registros. A partir de 2015, a BPIJ-BH passou a usar o sistema Pergamum, em rede com as outras bibliotecas da FMC (sistema que será mais detalhado na Subseção 5.3), reiniciando o cadastro. Entre maio de 2015 a abril de 2025, período entre a instalação do sistema e o pedido do relatório em 2025, a biblioteca registrou em seu atual sistema 5.661 leitores, como demonstra o Relatório 4 (Apêndice A). Desses, 2.815 são do sexo feminino, 1.984 do sexo masculino, 862 sem identificação. O leitor mais velho nasceu em 11 de janeiro de 1930. Há dois registros de nascidos em 2025, havendo um erro de registro porque indica a data de 12 de novembro de 2025, e um segundo, de 21 de fevereiro de 2025. Ressalta-se que, por se tratar de uma biblioteca que atende o público infantil, muitos desses registros foram feitos pelos responsáveis que fazem empréstimos para suas crianças. Há a opção de se registrar menores de 14 anos, desde que sua matrícula esteja vinculada a de um adulto. Por isso, é comum os

responsáveis cadastrarem os seus dependentes para terem a possibilidade de levar mais exemplares de empréstimo.

Tanto no SIGA, quanto no Pergamum, o maior número de leitores registrados estão na faixa etária entre 40-59 anos, sendo que até 2015 haviam 1.658 registros, passando para 2.643 em 2025 (Tabela 5). A divisão de faixa etária seguiu o padrão adotado pelo sistema SIGA, sendo replicado aos registros do Pergamum para permitir a comparação dos dados.

Tabela 5: Registros do sistema SIGA da BPIJ-BH por faixa etária.

FAIXA ETÁRIA	REGISTROS SIGA (até 2015)	REGISTROS PERGAMUM (2015-2025)
0-9 anos	15	222
10-14 anos	96	297
15-17 anos	148	208
18-24 anos	571	782
25-39 anos	1.036	801
40-59 anos	1.658	2.643
60 ou mais	1.024	460
Sem registro ou com inconsistência nos registros	322	248
TOTAL	4.870	5.661

Fonte: Sistema SIGA - Relatório 5 (Apêndice A) e Sistema Pergamum - BPIJ-BH Relatório 4 (Apêndice A).

Os dados do Sistema do Pergamum da Tabela 4 mostram a idade atual, baseado no ano de 2025. Muitos desses dados são de leitores que fizeram o seu registro durante sua infância e adolescência e depois foram ficando mais velhos, sendo que alguns continuaram a frequentar a biblioteca nesse período de 10 anos de uso do sistema. Por isso, foi necessário fazer o cruzamento de dados entre a data de nascimento e a data do registro para descobrir a idade em que o usuário realizou o seu cadastro (Tabela 6). A maioria dos leitores fizeram sua inscrição durante o período em que tinham entre 18-24 anos, com 1.587 cadastros, seguido das pessoas com idade entre 25-39 anos, com 1.541 cadastros e 40-59 anos, com 1.211 cadastros.

Tabela 6: Idade dos cadastrados da BPIJ-BH no momento do registro entre 2015-2025.

IDADE NO MOMENTO DO REGISTRO	REGISTROS PERGAMUM
0-9 anos	268
10-14 anos	393
15-17 anos	252
18-24 anos	1.587
25-39 anos	1.541
40-59 anos	1.211
60 ou mais	160
Inconsistência	249
TOTAL	5.661

Fonte: Sistema Pergamum - BPIJ-BH - Relatório 4 (Apêndice A).

É importante ressaltar que os registros mostram um perfil de um leitor mais velho, com idade de 40 e 59 anos (Tabela 5), que no ato de sua matrícula tinham a idade acima de 18 anos (Tabela 6). Porém esse número não reflete todos os usuários da BPIJ-BH. A biblioteca promove atividades, como Manhã Encantada voltada para crianças, e recebe muitos alunos em visitas agendadas por colégios públicos, particulares e projetos sociais. Essa programação voltada para o público com idade inferior a 18 anos, promove atividades e não se converte, necessariamente, em leitores cadastrados. Nem sempre é possível cadastrar turmas inteiras durante uma atividade cultural. Por isso, há o perfil do leitor cadastrado (mais velho) e o perfil do usuário frequentador das atividades da biblioteca (mais novo).

Na reunião da comissão local da BPIJ-BH realizada em 10 de fevereiro de 2025, foi apresentado pela direção da biblioteca um relatório de gestão com as estatísticas comparativas entre 2023 e 2024 (FMC, 2025). Ressaltamos que entre 2020 e 2021, a BPIJ-BH ficou fechada devido a pandemia de Covid-19, realizando atividades virtuais. Em 2022, as atividades foram retornando gradualmente, de acordo com as normas de segurança de distanciamento e controle mais rígido do número de pessoas em ambientes fechados. Por isso, o recorte estatístico de 2023 e 2024, a partir da normalização das atividades. Esse relatório mostrou um acesso à biblioteca de 9.333 pessoas em 2023, aumentado para 10.296 em 2024 (Tabela 7). A SMC possui uma padronização para contabilizar esse público com a finalidade de registrar a quantidade de usuários:

A Secretaria Municipal de Cultura (SMC), por meio da Fundação Municipal de Cultura (FMC), entende que o público que acessa os equipamentos

culturais é um indicador fundamental para o monitoramento e avaliação da política municipal de cultura. [...] As comunidades, além de acessar os serviços e atividades realizadas pelos equipamentos culturais da FMC, criam um sentido de pertencimento com os espaços culturais, apropriando-se deles. [...] Assim sendo, este projeto tem como finalidade padronizar o registro da quantidade deste público mensal, incluindo todos os usuários que acessam o equipamento, independente da motivação de uso de serviços e de atividade disposta na programação, incluindo, portanto, o público que se apropria do espaço para convivência, contemplação, passeio. (Belo Horizonte, 2025b)

Tabela 7: Acesso BPIJ-BH 2023-2024.

Acesso à BPIJ-BH		
Mês	2023	2024
Janeiro	713	852
Fevereiro	263	545
Março	759	592
Abril	391	1.137
Maiο	1.198	677
Junho	778	1007
Julho	1.080	1055
Agosto	1.274	793
Setembro	669	696
Outubro	936	1.020
Novembro	582	1.380
Dezembro	690	542
TOTAL	9.333	10.296

Fonte: Relatório de Gestão BPIJ-BH 2023-2024 (FMC, 2025).

Nas categorias de atividades estão apresentações artísticas, lançamentos, exposições, palestras, visitas mediadas, oficinas, saraus, visitas técnicas e clube de leitura, totalizando 207 atividades em 2023, subindo para 303 em 2024 (Tabela 8). Esse acréscimo de quase 100 atividades impacta a participação e representou quase o dobro de público, passando de 4.666 para 8.569 pessoas. Esclarecendo-se também que a SMC entende “atendimento” diferente de “público/pessoa atendido/a”, porque “uma mesma pessoa pode acessar a biblioteca uma, duas vezes e participar de várias atividades no espaço no mesmo dia ou em dias diferentes” (Belo Horizonte, 2025b). Como não há um controle por CPF, até mesmo pela natureza do equipamento cultural, não há essa contabilização individual das pessoas que acessam o espaço mais de uma vez por mês.

Tabela 8: Atividades realizadas e público da BPIJ-BH 2023-2024.

Categorias de atividades da BPIJ-BH	Atividades		Público	
	2023	2024	2023	2024
Apresentação artística	5	24	113	680
Lançamento	11	10	570	501
Exposição	4	4	1760	4299
Palestra	2	3	26	56
Visita mediada	10	28	339	828
Oficina	173	220	1829	2096
Sarau	0	2	0	15
Visita Técnica	2	3	29	33
Clube de leitura	0	9	0	61
TOTAL	207	303	4.666	8.569

Fonte: Relatório de Gestão BPIJ-BH 2023-2024 (FMC, 2025).

A quantidade maior de oferta de atividades influenciou no aumento de público, que impactou os serviços de referência e informação da BPIJ-BH (Tabela 9), aumentando de 9.333 atendimentos em 2023 para 10.296 no ano seguinte. Os empréstimos subiram de 5.777 para 6.522. Tendo um trânsito mais intenso de pessoas na biblioteca, ampliou o cadastramento de usuários, de 559 para 707 novos leitores em 2024.

Tabela 9: Serviços de referência da BPIJ-BH - 2023-2024.

Serviços	2023	2024
Serviço de Referência e Informação	9.333	10.296
Empréstimo	5.777	6.522
Novos leitores	559	707

Fonte: Relatório de Gestão BPIJ-BH 2023-2024 (FMC, 2025).

Segundo a escolaridade, os dois sistemas (Tabela 10) mostram que a maioria dos usuários preferem não fazer a declaração ou foram cadastrados sem esse dado. Dos que forneceram a informação, no sistema SIGA, a maioria declarou ter ensino superior, com 925 registros no ato da matrícula. No Pergamum há um equilíbrio, sendo que 1.468 declararam que tinham ensino médio e 1.450 possuíam o ensino superior:

Tabela 10: Registros na BPIJ-BH por escolaridade.

ESCOLARIDADE	REGISTROS SIGA Até 2015	REGISTROS PERGAMUM 2015-2025
Infantil	246	-
Fundamental	299	763
Médio	576	1.468
Superior	925	1.450
Sem registro ou preferiram não declarar	2.824	1.980
TOTAL	4.870	5.661

Fonte: Sistema SIGA - Relatório 5 (Apêndice A) e Pergamum - BPIJ-BH- Relatório 4 (Apêndice A).

O Relatório 4 (Apêndice A) do Pergamum demonstra um variado número de ocupação. As maiores são de estudantes, com 1.041 registros, seguido de 327 profissionais da educação (253 professores, 30 educadores e 44 pedagogas). Na lista é possível encontrar aposentados, artistas, adestradores, advogados, agentes comunitários, auxiliares de limpeza, operadores de caixa, pedreiros, curadores de arte, pesquisadores, designer, técnicos de enfermagem, bancários, servidores públicos, fisioterapeutas, vendedores, mecânicos, babás, serventes de obras, cabeleireiros, porteiros, vigilantes, jornalistas, corretores de seguros, geógrafos, contadores, cuidadores de idosos, manicures, pedicures, porteiros, atores, biólogos, engenheiros, policiais, donas de casa, analistas de sistema, comunicadores sociais, desempregados, pizzaiolos, eletricitas, padeiros, ilustradores, autônomos, dentistas, programadores, cozinheiros, médicos, garis, nutricionistas, secretárias, historiadores, gerentes, economistas, agentes de saúde, repositores, psicólogos, entre outros. Isso demonstra que a biblioteca, por seu perfil público, atende uma grande diversidade de ocupações.

O Relatório 4 (Apêndice A) indica que a maioria dos cadastrados são moradores de Belo Horizonte, com 4.696 pessoas registradas. As cidades da Região Metropolitana estão presentes em menor número, sendo 225 moradores de Contagem, 127 de Santa Luzia, 126 de Sabará, 108 de Ribeirão das Neves, 45 de Betim, 38 de Ibirité e 37 de Vespasiano. É possível encontrar moradores de outras cidades de Minas Gerais em menor número, como Barão de Cocais, Caratinga, Governador Valadares, Itabira, Juiz de Fora, Montes Claros, Pará de Minas, Pedro Leopoldo, São José da Lapa e Três Corações. Como a biblioteca está na rota de linhas metropolitanas, pessoas que frequentemente vêm para a capital podem pegar livros emprestados nela. Os moradores de cidades mais distantes, podem fazer o seu cadastro no

momento em que estiverem visitando a cidade, pegar uma obra emprestada para ler e devolver antes de voltar para a sua cidade de origem.

Desses 4.696 leitores registrados na capital, constata-se a variedade do local de moradia. Existe uma concentração maior da regional Centro-Sul, sendo 203 moradores do Centro, 294 do bairro Floresta, 139 do Sagrada Família, 95 do Santo Antônio, 67 do Santa Efigênia, 67 do Santa Tereza, 60 do Serra, 40 do Funcionários, 28 do Lourdes. Mas há cadastrado moradores de diversos bairro e regionais da cidade, como Colégio Batista, Jardim Vitória, Aarão Reis, Aeroporto, Alípio de Melo, Alto Vera Cruz, Alvorada, Antônio de Abreu, Aparecida, Bandeirantes, Santa Lúcia, Barreiro, Barro Preto, Belvedere, Betânia, Boa Vista, Bonfim, Caiçara, Califórnia, Camargos, Cidade Nova, entre outros.

Para poder traçar um perfil exato dos usuários, seria necessário desenvolver um estudo específico, através de uma pesquisa qualitativa, para conhecer com profundidade e exatidão as características dos leitores de quadrinhos da Gibiteca. Esta pesquisa qualitativa não faz parte do escopo deste trabalho. Porém, com os dados coletados, podemos identificar e classificar o público da Gibiteca, segundo Vergueiro (2005, p. 8-9) como:

- Eventuais: frequentadores das atividades culturais da programação ou das visitas agendadas da BPIJ-BH, que acabam conhecendo a biblioteca de forma mais ampla e exploram o conteúdo do acervo circulante da Gibiteca sem qualquer predileção especial;
- Seletivos: direcionado ao público em geral, de perfil jovem e adulto, que frequentam a biblioteca em busca de gêneros literários, personagens e autores de acordo com seu gosto pessoal. Eles buscam obras específicas para eles ou para os seus dependentes. Esse perfil também se encaixa com os profissionais que trabalham com a temática da literatura infantil e juvenil, como professores, educadores e pedagogos;
- Estudiosos: que frequentam a coleção especial de quadrinhos para conhecer, ler e estudar o conteúdo das revistas mais antigas.

Através dos dados coletados, o tema de Estudo de Comunidade (Quadro 1) informam que:

Quadro 1: Tema: Estudo da comunidade leitora

Categorias	Análise
Perfil da comunidade.	A regional Centro-Sul é a terceira mais populosa da cidade com cerca de 84 mil moradores. A maior faixa etária está entre 25-29 anos, seguido de 20-24 anos, com uma proporção maior de mulheres (0,55) do que homens (0,45). Possui a mais alta renda per capita da capital. Contrasta com o mais alto índice de moradores em situação de rua da cidade. Por estar localizada no centro, a regional conta com uma ampla infraestrutura de equipamentos públicos, particulares e de comércio, além de ter uma rede de transportes que permite fácil acesso à biblioteca. Circulam pelo centro pessoas de todas as regiões da cidade e da região metropolitana. São moradores, trabalhadores e pessoas que buscam acessar diversos serviços disponíveis na região.
Perfil dos leitores.	Não há dados específicos dos usuários da Gibiteca, mas da BPIJ-BH. O público alvo é infantil, juvenil e profissionais que trabalham com esse público. Os dados de ocupação, indicam que a maioria dos cadastrados são estudantes, seguido de professores, educadores e pedagogos. Predomina os usuários entre 40-59 anos, mas a idade no momento do registro está dentro da faixa entre 18-24 anos. Há o perfil mais novo de usuários, de idade inferior a 18 anos, que participam das atividades agendadas por colégios públicos, particulares e projetos sociais, que não se converte, necessariamente, em usuários registrados. Os menores de 14 anos precisam que sua matrícula esteja vinculada a de um adulto. Em 2024, houve 10.296 acessos à biblioteca, 707 novos cadastrados.
Classificação dos leitores.	Eventuais: para o público que frequenta as atividades culturais da programação ou fazem visitas agendadas na BPIJ-BH e acabam conhecendo a Gibiteca. Seletivos: profissionais e público em geral que frequentam o acervo circulante da gibiteca. Estudiosos: para os que usam a coleção especial de quadrinhos para suas pesquisas.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Os dados da comunidade estão acessíveis no Portal da PBH, mas precisam ser atualizados com as informações mais recentes do Censo. Mesmo com a estabilidade da população, o perfil da população pode ter sofrido alterações.

Com a mudança de sede, seria interessante haver um orçamento para uma pesquisa de um estudo de comunidade para compreender como a mudança irá impactar o perfil dos frequentadores da biblioteca para além dos registrados e ajudar a administração a ajustar, se necessário, os serviços e acervo.

Destacamos que os relatórios anuais de gestão da BPIJ-BH são divulgados nas reuniões da Comissão Local de Cultura, promovendo a transparência e participação popular. Todos os dados e relatórios solicitados à gestão foram fornecidos de forma ágil e sem burocracias. Com o envio de um Termo de Compromisso, se lista os pedidos e prontamente as informações são geradas e enviadas.

5.2 Desenvolvimento de coleções de quadrinhos

A Gibiteca possuía um documento específico de desenvolvimento de coleções no momento de sua criação. O “Projeto: Aquisição de novos volumes e continuação das coleções de revistas em quadrinhos para o Departamento da Gibiteca” foi criado através da consultoria de Antônio Roque Gobbo, que permitiu o crescimento e a diversificação durante seu funcionamento na sede da rua Carangola. O documento informava que sua coleção era formada em sua maioria por títulos periódicos, necessitando a inclusão de novos materiais “à medida em que forem sendo lançados” (Belo Horizonte, 1992, p. 3). Em 1992 fazia-se a estimativa da necessidade de uma verba que possibilitasse a compra de cerca de 120 novos títulos por mês.

Atualmente, não há diretrizes específicas para a Gibiteca porque elas estão dentro de um regulamento geral da Rede de Bibliotecas Públicas Municipais da FMC, aprovado através da Portaria FMC n. 003/2024, que tem a finalidade de “disponibilizar acervos bibliográficos, não bibliográficos, e outras informações, com vista a promover a leitura e a escrita, contribuindo para a democratização do acesso aos bens culturais e para a formação permanente da população” (Belo Horizonte, 2024). Essa rede possui uma Política de Desenvolvimento de Acervos, elaborado e organizado pela bibliotecária Ericka Martin, que garante à população “[...] o direito de acesso à leitura e à escrita para o pleno exercício da cidadania nas sociedades letradas [...]” (FMC, 2024a). As bibliotecas da FMC devem incentivar a convivência democrática e promover a aproximação dos usuários das variadas manifestações culturais. Integram essa rede 22 bibliotecas, sendo elas as bibliotecas da Escola Livre de Artes, do Centro de Referência da Cultura Popular e Tradicional Lagoa do Nado, do Museu da Moda, do Cine Santa Tereza, da BPIJ-BH, além de 17 bibliotecas dos centros culturais. Esta política atua na promoção da leitura e da escrita, destacando que sua prioridade é a leitura literária e de características laicas. Na descrição da composição de seu acervo, além dos livros de literatura geral, o documento informa que entre suas fontes bibliográficas estão “[...] periódicos e **histórias em quadrinhos** e, ainda, obras de referência” (FMC, 2024a, p. 6, grifo nosso).

A escolha de novos materiais da rede é feita através da Comissão de Seleção de Acervo, vinculada à Gerência de Coordenação de Bibliotecas, Promoção de Leitura e Escrita. Essa comissão têm a atribuição de selecionar os “títulos de livros de literatura e informativos, bem como periódicos para públicos distintos” (Belo Horizonte, 2025a). Seus membros são nomeados pela presidente da FMC, através de portaria. A atual composição foi nomeada em 6 de agosto de 2025, trazendo oito servidores públicos das áreas da Biblioteconomia e de Letras.

Está Política de Desenvolvimento de Acervos (FMC, 2024a, p. 10) define as prioridades de compras, além de indicar as fontes de referência, que são os catálogos, listas de editoras e livrarias, bibliografias, bases de dados, diretórios, sites, blogs e revistas especializadas. Os critérios gerais estão descritos como:

- qualidade do conteúdo, baseados em premiações e críticas literárias;
- demanda de leitores e profissionais da FMC;
- diversidade de linhas de pensamento, autoria e assuntos;
- inclusão de autores independentes;
- atualidade da obra;
- idioma acessível, de acordo com a especificidade de cada biblioteca;
- custo justificável;
- leitores potenciais.

Para a seleção de periódicos (FMC, 2024a, p. 10), onde se encaixam as revistas de quadrinhos mensais, é necessário ter:

- relevância do material para os leitores;
- custo;
- títulos equivalentes disponíveis na biblioteca;
- abrangência e qualidade.

A comissão de seleção trabalha alinhada com os servidores lotados nas bibliotecas, recebendo sugestões e demandas específicas de cada unidade e de seus leitores, levando em conta o orçamento disponível. O orçamento para aquisição de acervo previstos na Lei Orçamentária Anual (LOA) 2025, apresentado na 135ª Reunião Ordinária do Conselho Municipal de Política Cultural (COMUC) foi de R\$ 38.505,00³⁴. Há uma previsão de aumento para os próximos anos, anunciado na 140ª Reunião Ordinária do COMUC, de 12 de agosto de 2025, onde o Plano Plurianual de Ação Governamental (PPAG) 2026-2029 prevê R\$

³⁴ BELO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. **Orçamento da Cultura para 2025**. Belo Horizonte: Secretaria Municipal de Cultura, 11 mar. 2025. p. 28. Disponível em: prefeitura.pbh.gov.br/sites/default/files/estrutura-de-governo/cultura/reprogramacaorcamentaria2025comuc.pdf. Acesso em: 5 set. 2025.

90,000,00 para a aquisição de acervos para 2026³⁵, tendo uma previsão de crescimento até 2029, chegando a R\$ 107.191,00.

Não há uma diretriz específica para a aquisição de quadrinhos. Com orçamento curto, a prioridade da BPIJ-BH é por livros para seu acervo infantil e juvenil. Com a verba disponível, existiam contratadas duas revistas com assinatura periódica, selecionadas para todas as bibliotecas da rede, inclusive a Gibiteca: Turma da Mônica e o mangá One Piece, ambas da editora Panini. Esse contrato foi prorrogado no último dia 10 de novembro de 2025, mas constando a supressão da revista One Piece³⁶.

A Política de Desenvolvimento de Acervos prevê os procedimentos para as doações, onde apenas os profissionais da biblioteca podem receber, para devida avaliação. Essas doações devem ser registradas através do Termo de Recebimento de Doação. “O destino do material doado, após a seleção, será determinado em função de sua condição física, pertinência e relevância do conteúdo para o público atendido pela unidade [...]” (FMC, 2024a, p. 11) e essas condições de doação devem estar visíveis nas bibliotecas para servir de argumento para dar ao doador em caso de recusa do material. No caso da Gibiteca, o recebimento de doações estão suspensas desde 28 de junho de 2023, quando a BPIJ-BH anunciou-se o não recebimento de “doações de livros e gibis”³⁷. De qualquer maneira, a Gibiteca ainda avalia e recebe doações muito pontuais.

O desbastamento é uma etapa do desenvolvimento de coleções tão importante quanto a aquisição. Segundo Vergueiro (1989, p. 76) “Representa uma decisão final de análise da situação de cada item, a definição de que o mesmo já não preenche aquelas condições que justificaram sua aquisição [...]”. A Política de Desenvolvimento de Acervos da FMC prevê o desbastamento do material através da “permuta, repasse ou descarte” (FMC, 2024a, p. 13). Os materiais que estão em bom estado de conservação, mas considerados que não estão pertinentes com as coleções, que estão em duplicada ou na situação de liberação de espaço físico nas estantes, podem ser repassados para outras unidades. Existe um grupo de contato formado em um aplicativo de comunicação onde os bibliotecários repassam as informações dos materiais e sondam o interesse das outras bibliotecas da rede em receber os exemplares. Havendo a demanda, é assinado o Termo de Repasse Interno para registrar a movimentação.

³⁵ BELO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. **140º Reunião Ordinária do COMUC**. Belo Horizonte:Secretaria Municipal de Cultura, 11 mar. 2025. p. 35. Disponível em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/sites/default/files/estrutura-de-governo/cultura/apresentacao-140-ro.pptx.pdf>. Acesso em: 5 set. 2025.

³⁶ BELO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. **Extrato**. Diário Oficial do Município, Belo Horizonte, ed. 7382, 12 nov. 2025. Disponível em: <https://dom-web.pbh.gov.br/visualizacao/ato/472547>. Acesso em: 13 nov. 2025.

³⁷ BELO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. **Temporariamente a BPIJBH não está recebendo doações de livros e gibis**. Belo Horizonte: BPIJ-BH, 28 jun. 2023. Disponível em: <https://www.facebook.com/bpijbh/posts/pfbid02gqsbCzQUhndW4rkecbPHMuh6RNI DLfXqN26tT5hjkCvupqchC91f7VtVPqkeGdjl>. Acesso em 6 out. 2025.

Esse repasse não se limita a livros ou periódicos, podendo arquivos ou materiais documentais serem enviados para o Arquivo Público de Belo Horizonte.

Um exemplo desse repasse são as revistas em quadrinhos que possuem duplicatas ou não são pertinentes para a coleção da Gibiteca, que são colocadas à disposição de outras bibliotecas. É o caso do Centro Cultural Venda Nova (CCVN) que possui espaço dedicado às revistas de histórias em quadrinhos. Com uma demanda de leitura de seus leitores por este tipo de material, a biblioteca do CCVN construiu seu acervo com base em doações, entre elas, exemplares vindas da Gibiteca. É o caso da edição de “Glory: quem escreveu o livro do amor?” (Foto 18), edição número 2, da Editora Abril, lançada em dezembro de 1996 [QA 741.5 G562 1996 - Acervo: 44250 - Exemplar: 177275]. Na página de expediente da revista há o carimbo que confirma que essa obra pertenceu ao acervo da BPIJ-BH e que depois foi feito o repasse para o CCVN, que incorporou e catalogou a edição à sua coleção.

Foto 18: A direita, destaque da chamada e carimbo da revista Glory, um repasse da BPIJ-BH para o CCVN.



Fonte: Biblioteca do CCVN. Foto do autor, tirada em 14 nov. 2024

No caso de doação para instituições externas, há o Termo de Doação, também assinado em duas vias, para documentar a transferência. Nos dois casos, além do termo, deve-se registrar a movimentação no sistema Pergamum.

As revistas que não possuem mais condições físicas de circulação, passam pela seleção e depois para o Descarte. O bibliotecário responsável precisa preencher o Termo de

Descarte, dar baixa no sistema Pergamum e encaminhar o material para reciclagem. Quando se dá baixa, o material deixa de ficar visível para a consulta do usuário, mas mantém um histórico de seu registro de cadastro de exemplar e retirada do acervo.

Portanto, analisamos (Quadro 2) que a Rede de Bibliotecas da FMC possui uma completa Política de Formação e Desenvolvimento do Acervo, trazendo seus principais tópicos como objetivos, tipologia de acervo, seleção, doação e desbaste. Esta política é regulamentada e está disponível no site da Prefeitura. Possui uma comissão de seleção ativa e que trabalha em sintonia com as demandas específicas de cada unidade informacional.

Quadro 2: Tema: Desenvolvimento de coleções de quadrinhos

Categorias	Análise
Diretrizes de desenvolvimento de coleções.	Possui diretrizes, mas não é uma política específica da Gibiteca, e sim para da rede de bibliotecas, que é regulamentada pela Portaria FMC n. 003/2024 e possui uma Política de Desenvolvimento de Acervos, que tem acesso público. Esse documento serve de guia para os bibliotecários, contendo os objetivos, as diretrizes, as fontes bibliográficas e as informações sobre o processo de seleção, avaliação e desbaste do acervo.
Comissão de seleção.	Possui uma comissão nomeada e ativa, composta por oito servidores públicos das áreas da Biblioteconomia e de Letras. Essa comissão trabalha alinhada com os servidores lotados nas bibliotecas, recebendo sugestões e demandas específicas de cada unidade.
Processos de aquisição.	A Gibiteca não possui orçamento próprio. Os recursos são escassos, sendo previstos para o ano de 2025 o valor de R\$ 38.505,00 para atender a demanda de aquisição de 22 bibliotecas da FMC. Em 2025, o valor para aquisição para essa rede é baixo, de R\$ 28.806,96, e restrito à assinatura de revistas mensais da Turma da Mônica. O recebimento de doações da Gibiteca está suspenso desde 2023. Há um efetivo processo de repasse entre as bibliotecas da rede.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Não foi possível determinar em que momento houve o fim da política específica para o desenvolvimento de coleções de quadrinhos elaborado por Gobbo e o quanto isso contribuiu para o momento ruim pelo qual passou a coleção no período da permanência nas instalações do CRJ. De qualquer maneira, essa política geral da FMC atende a rede de bibliotecas que possuem coleções de quadrinhos, promovendo a troca de informações e materiais, fazendo com que as coleções de quadrinhos não fiquem focadas apenas em uma unidade, disseminando pequenas coleções para regiões descentralizadas da cidade.

O ponto negativo está na falta de orçamento para a aquisição de acervo. Se dividirmos o valor total de 2025, pelas 22 bibliotecas da FMC, teremos uma média de R\$ 1.750,22 por ano por unidade. Evidentemente que a comissão de seleção não trabalha com essa divisão exata, fazendo compras de acordo com as especificidades e demandas das bibliotecas, incluindo para acervos especializados, como bibliotecas de museus, onde os livros podem ter valores mais caros. Porém essa conta simples serve como referência para evidenciar a escassez de recursos. Esse baixo orçamento afeta a aquisição de quadrinhos, que a partir de novembro de 2025 está restrita às revistas mensais do estúdio Maurício de Sousa, no valor total de R\$ 28.806,96 para toda a rede. Evidentemente, isso afeta diretamente a Gibiteca. A falta de recursos para a compra e a suspensão das doações indicam que a atual política da BPIJ-BH optou pela estabilidade do atual número de exemplares da coleção de revistas de quadrinhos, sem a previsão de crescimento da atual coleção.

5.3 Recursos informacionais

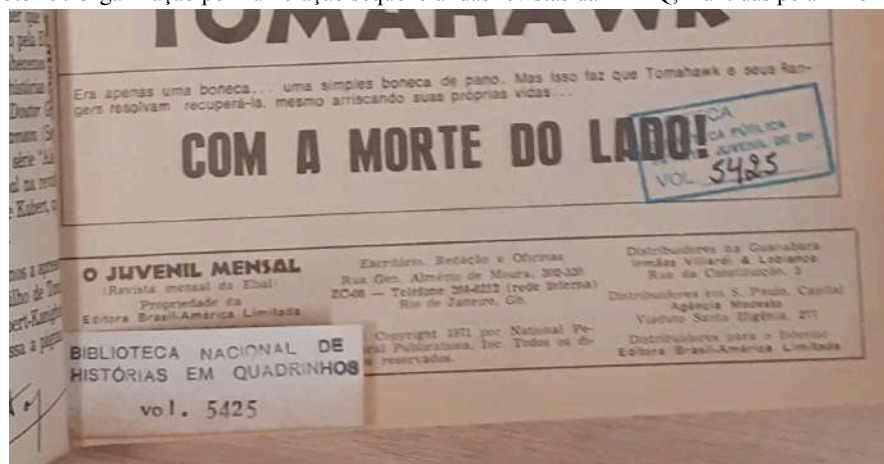
Para organizar e tornar o acervo acessível aos leitores, é necessário fazer o tratamento técnico, sistematização, desenvolver serviços de referência e divulgar os materiais que permitam a visibilidade e a difusão das coleções.

Inicialmente, a coleção foi catalogada usando numeração sequencial única para os volumes, que foram anteriormente organizadas pela BNHQ e reaproveitadas pela BPIJ-BH (Foto 19). Os volumes foram organizados em fichas específicas e arquivados no “Catálogo Geral da Gibiteca”. Adotou-se o sistema “Disposição dos Volumes” para a indicação da localização de cada volume nas estantes. Se classificou a coleção em três divisões: Revistas e livros de nível infantil; Revistas e livros de nível juvenil; e Revistas e livros de nível adulto.

A coleção foi constituída principalmente de revistas em quadrinhos publicadas com periodicidade. Para dar continuidade às coleções era recomendado verba específica para a aquisição dos títulos já iniciados, além de novos títulos que pudessem surgir e interessar os leitores. A compra deveria ser feita em gibiterias e bancas, no momento do lançamento, para evitar o risco das edições se esgotarem.

O projeto traçava ainda as “Possibilidades e potencialidades da Gibiteca”. Além do acervo, a Gibiteca deveria promover atividades para divulgar seu acervo e aumentar o número de leitores. Para isso, deveria “[...] ampliar suas atividades, organizando e promovendo encontros de quadrinhistas, cartunistas, profissionais e amadoras dos quadrinhos, realizando oficinas de quadrinhos e editando boletim informativo de suas atividades” (Belo Horizonte, 1992, p. 4).

Foto 19: Organização por numeração sequencial das revistas da BNHQ, mantidas pela BPIJ-BH.



Fonte: BPIJ-BH. Foto do autor, 12 fev. 2025.

Para o tratamento do acervo, a rede da FMC adota o Código de Catalogação Anglo-Americano (AACR2). Segundo a Política para Tratamento Técnico (FMC, 2024b), a rede segue-se a Declaração de Princípios Internacional de Catalogação (1961 e 2009), a *International Standard Bibliographic Description* (ISBD) e o formato MARC 21. É usado o segundo nível de descrição da AACR2, pela característica do acervo ser majoritariamente formado por obras literárias, usando elementos como título principal, título equivalente, responsabilidade, indicação de edição, detalhes específicos do material, editora, data de publicação, detalhes físicos, dimensões, numeração dentro da série, numeração, ISSN, ISBN e notas.

A indexação, análise e representação temática do conteúdo, usa como referência as listas de cabeçalhos da Fundação Biblioteca Nacional e da *Library of Congress*. Diferente de livros, das revistas em quadrinhos especiais, das graphic-novels ou das edições encadernadas, as publicações periódicas em quadrinhos não possuem um padrão editorial com informações importantes contidas em folha de rosto ou na ficha catalográfica. Por isso, na hora do registro, o documento orienta a busca de informações sobre os itens no site Guia dos Quadrinhos e no catálogo da Gibiteca Henfil, gerida pelo Centro Cultural São Paulo.

A Rede usa a Classificação Decimal de Dewey (CDD). A CDD reserva para as histórias em quadrinhos o código 741.5 - Caricaturas, desenho animado, cômico, fotonovela / Quadrinhos. Para uma biblioteca generalista, o código serve para agrupar os quadrinhos em uma mesma estante. “A indexação de histórias em quadrinhos é geralmente determinada pela sua **forma** (suporte informacional) e não pelo seu conteúdo propriamente dito” (Abud, 2012, p. 8). Entretanto, para uma gibiteca ou uma biblioteca que tenha um volume maior de quadrinhos, essa classificação é insuficiente. Por isso, a Rede passou a usar uma tabela que

traz um acréscimo de identificação de gêneros antes da numeração 741.5, para classificar os exemplares conforme o conteúdo de cada revista. QA 741.5 para quadrinhos de aventura; QL 741.5 para adaptações literárias em quadrinhos, por exemplo. Essa classificação foi desenvolvida pelo Sistema Municipal de Bibliotecas de São Paulo, que baseou-se em uma tabela usada anteriormente pela Gibiteca Henfil, que foi padronizada através do Manual de Catalogação de Histórias em Quadrinhos. Sendo:

- **QA:** Quadrinhos de aventuras, inclui histórias de heróis como Marvel e DC Comics (Histórias de aventuras ou Aventuras e aventureiros - Histórias em quadrinhos);
- **QE:** Quadrinhos eróticos inclui o Hentai (x' erótico) e adaptações da literatura erótica (Histórias em quadrinhos eróticas). O tipo de empréstimo deste material deve ser "Empréstimo Especial";
- **QH:** Quadrinhos de humor inclui coletânea de charges e tiras de humor (Caricaturas e desenhos humorísticos - Histórias em quadrinhos);
- **QI:** Quadrinhos infantis inclui histórias da Turma da Mônica e Disney (Histórias em quadrinhos);
- **QT:** Quadrinhos de terror (Histórias em quadrinhos de terror);
- **QU:** Quadrinhos underground (destinado aos adultos, mas não são eróticos). Os mangás com recomendação para maiores de 18 anos entram aqui. Neste grupo de quadrinhos a recomendação de idade deve ser colocada no campo 500 exatamente como aparecer no material) e o tipo de empréstimo deve ser "Empréstimo Especial";
- **QM:** Quadrinhos mangás (Histórias em Quadrinhos, sem recomendação de maioridade, feitas no estilo japonês, possuem características únicas que diferem das publicações ocidentais, são lidas de modo inverso, geralmente são em preto e branco e seus personagens são mundialmente conhecidos pelos olhos grandes). Inclui nos QM obras ficcionais e não ficcionais tais como biografias e anguras.
[...]
- **Q:** Quadrinhos gerais (Filosofia - Histórias em quadrinhos; Biografia - Histórias em quadrinhos; África - Histórias em quadrinhos)
- **QL:** Quadrinhos literatura (graphic novels e adaptações da literatura) (Ficção brasileira - Histórias em quadrinhos); (FMC, 2024b, p. 13-14).

A diretriz é manter as revistas em quadrinhos periódicas reunidas em uma mesma estante, por isso não se faz a diferenciação de autoridade de Cutter, sendo a entrada principal o título da revista, possibilitando organizar títulos de séries iguais. Para os quadrinhos que recebem a classificação Q e QL, a entrada principal é pelo autor, roteirista ou adaptador, conforme a ordem na capa ou folha de rosto, mencionando no máximo três autores. A entrada principal, nesses casos, é o roteirista e a secundária, o ilustrador. Em caso de adaptações, o Cutter usado é do sobrenome do autor da obra original. Em revistas coletivas, a entrada principal é pelo título e as secundárias para o autor da primeira história.

Para gerenciar este acervo, a FMC adquiriu a licença de uso do sistema Pergamum em 2012, com a implantação e testes em 2013, e uso liberado a partir de 2014. O software foi

desenvolvido pela Associação Paranaense de Cultura e atualmente é administrado pela PUC Paraná (pergamum.pucpr.br), possuindo serviços de catalogação, gerenciamento de acervos (aquisição, circulação e desbastamento), controle de usuários e emissão de relatórios. O sistema permite uma integração entre todas as 22 bibliotecas que fazem parte de sua rede. O catálogo está on-line e aberto a consulta dos usuários, disponível no endereço <https://bibliotecasfmc.pbh.gov.br>. Através dele, é possível ver todas as revistas em quadrinhos disponíveis para empréstimos, não apenas na BPIJ-BH, como em todas as outras bibliotecas da rede. A FMC não possui biblioteca digital disponível para o acesso dos leitores, sendo assim, a coleção de quadrinhos, livros e periódicos é composta somente de materiais físicos.

O usuário cadastrado, através de seu login e senha, pode consultar seu histórico de revistas emprestadas, verificar o prazo de devolução, fazer a renovação e solicitar reserva on-line. Caso este leitor encontre uma revista em quadrinhos em outra biblioteca da FMC, ele pode solicitar empréstimo via malote, podendo pegar e devolver o exemplar na própria BPIJ-BH. Um usuário de qualquer parte da cidade pode fazer o caminho inverso e solicitar que um exemplar da BPIJ-BH seja enviado por malote para as unidades da rede.

Para divulgação das coleções de quadrinhos, realiza-se o encontro mensal chamado de Quadrinhos em Foco, criado para discussão a partir da leitura prévia de uma revista. Com mediação do servidor Samuel Medina, da equipe da BPIJ-BH, uma obra da coleção de quadrinhos é escolhida para ser tema de debate com o público. Em fevereiro de 2024, discutiu-se Confinada, de Triscila Oliveira e Leonardo Assis; depois em junho, Morro da Favela, de André Diniz; em novembro, Noite Luz, de Marcelo D'Saleta; em dezembro, Histórias Tristes e Piadas ruins, de Laura Athayde. Em 2025, em janeiro foi a vez de O Melhor que podíamos fazer, de Thi Bui (Foto 20). Pela lista, as escolhas são sempre obras com uma temática mais diversa e narrativas instigantes.

A BPIJ-BH realiza uma ação constante nas redes sociais para a divulgação da coleção de quadrinhos, mostrando para os seguidores as revistas que estão disponíveis para a leitura e empréstimo. É uma forma de estímulo aos leitores, que podem se interessar pela obra e visitar a biblioteca. Entre as divulgações de 2023, foram encontradas as postagens sobre a coleção da Turma da Mônica Jovem, de Maurício de Sousa; do mangá One Piece, de Eiichiro Oda; da série de comics Invasão Secreta, da editora Marvel; do mangá Chonchu, de Kim Sung-jae e Kim Byung Jin; Um outro país para Azzi, de Sarah Garland; Sem Volta, de Charles Burns; Maus; de Art Spiegelman; Sandman, de Neil Gaiman; Malvados, de André Dahmer; A Louca dos Gatos, de Sarah Andersen. Em 2024, Hilda e o Troll e Hilda e o Gigante, de Luke Pearson; Có, de Gustavo Duarte; Dragonball Z: A lenda de Son Goku, de Akira Toriyama;

Persépolis, de Marjane Satrapi; Heroes, de Masi Oka; Histórias Tristes e Piadas Ruins, de Laura Athayde. Em 2025, a obra Bob Cuspe (Foto 21), do cartunista brasileiro Angeli, foi o destaque que indica a coletânea de tirinhas do famoso personagem punk anarquista.

Foto 20: Quadrinhos em foto.

QUADRINHOS EM FOCO

Encontro mensal para discussão a partir da leitura prévia de uma HQ impressa.
A seleção deste mês é:
O Melhor que Podíamos Fazer, de Thi Bui, publicado pela Editora Nemo.
MEDIAÇÃO: Samuel Medina

24/1, SEXTA, 15H

Biblioteca Pública Infantil e Juvenil de Belo Horizonte (BPIJ-BH)
Rua Guacurus, 50 - Centro | Edifício do CRJ | Praça da Estação

Logo of the Fundação Municipal de Cultura and Prefeitura Belo Horizonte.

Fonte: Instagram @bpijbh Disponível em:

https://www.instagram.com/p/DFDJivpOhov/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=OXB2YXZ2eWd5Mmdp.

Acesso em 26 jun. 2025

Foto 21: Divulgação da coleção de quadrinhos nas redes sociais.

bpijbh
Biblioteca Pública Infantil e Juvenil de BH

bpijbh Angeli transmite sua ousadia em todos os personagens que faz, isso não é diferente com Bob Cuspe, um punk anarquista que cuspe em tudo e todos que vê pela frente se encherem a paciência dele! Com uma leitura divertida e ilustrações muito bem feitas pelo genial Angeli, esse exemplar é uma coletânea de todas as histórias do rebelde Bob Cuspe e seus casos de escarradas pela cidade.

Publicado pela Editora Schwarz, "Todo Bob Cuspe" está disponível na rede de bibliotecas da Fundação Municipal de Cultura.

Biblioteca Pública Infantil e Juvenil
R. Guacurus, 50 - Centro, Belo Horizonte.
2 sem

Curtido por **sabrina_francielle** e outras pessoas
7 de junho

Adicione um comentário...

Fonte: Instagram @bpijbh Disponível em:

https://www.instagram.com/p/DKmozUisOAY/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=dmd6anFrd21yN2li.

Acesso em 26 jun. 2025

Outras ações realizadas para a valorização dos quadrinhos são oficinas e exposições. O próprio Gobbo (Belo Horizonte, 1992, p. 4) defendia a potencialidade da gibiteca ampliando suas atividades na promoção dos quadrinhos para além da disponibilização das revistas. As atividades de 2023 trouxeram as oficinas de quadrinhos Começando uma História em Quadrinhos e Quadrinhos é para todo mundo!. Em 2024, aconteceram mais duas oficinas, Tirinhas Emcomuns e ZineLab. Entre as exposições, houve em 2023 a Inarredáveis Mulheres Quadrinistas e a exposição da quadrinista paulista Erica Awano em 2023. Em 2024, foi a vez da exposição dos trabalhos do cartunista mineiro Nilson Azevedo, em Nilson: humor, amor e combate (Foto 22). Nilson colaborou com as revistas O Cruzeiro e o Pasquim e produziu a série de tirinhas em quadrinhos intitulada A Caravela ao longo de 30 anos de publicações em revistas e jornais. Uma coletânea deste trabalho foi lançada em 2022, que é a base desta exposição. A revista não está disponível na BPIJ-BH, mas os leitores, estimulados pela exposição, poderiam solicitar o exemplar disponíveis em outras bibliotecas da rede através do serviço de malote³⁸. Aconteceu ainda, o Encontro com a artista Carol Rossetti, autora de Magali: Receitas para o álbum da coleção MSP de Maurício de Sousa.

Foto 22: Exposição Nilson: Humor, Amor e Combate.

fiQ!
BELO HORIZONTE

EXPOSIÇÃO
NILSON:
HUMOR, AMOR
E COMBATE
DE 1º/3 A 30/4/2024

A BPIJ apresenta uma exposição dedicada a homenagear o cartunista **Nilson Azevedo**, cujas obras mostram-se sempre contundentes e originais.

Biblioteca Pública Infantil e Juvenil de Belo Horizonte (BPIJ-BH)
R. Guaicurus, 50 - Centro
Praça. da Estação

EM BELO HORIZONTE
CULTURA

CULTURA
PREFEITURA
BELO HORIZONTE
trabalhoenergização

Fonte: Instagram @bpijbh Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C3-vtf3uL86/>. Acesso em 6 set. 2025.

³⁸ AZEVEDO, Nilson. **A caravela**. Belo Horizonte, MG: Do Autor, 2022. 128 p. Consulta Pergamum FMC. Disponível em: <https://bibliotecasfmc.pbh.gov.br/acervo/66870/exemplares>. Acesso em: 8 set. 2025.

Analisando os recursos Informativos (Quadro 3), a BPIJ-BH, funciona conforme a Política de Tratamento Técnico, que traz diretrizes completas, inclusive as destinadas à catalogação de quadrinhos. O sistema Pergamum dá acesso à consulta do acervo, facilitando a busca on-line dos exemplares ou em qualquer uma das 22 bibliotecas municipais da cidade.

Quadro 3: Tema: Recursos informativos.

Categorias	Análise
Tratamento Técnico.	A FMC possui a Política de Tratamento Técnico, um extenso e completo documento sobre o tratamento técnico bibliográfico. Nela há uma política específica para quadrinhos, onde a FMC usa o CDD, adotando o acréscimo de código de classificação baseado no Manual de Catalogação de História em Quadrinhos do Sistema Municipal de Bibliotecas de São Paulo.
Sistema de gerenciamento dos materiais.	Adota o sistema Pergamum desde 2012, com uso liberado para a rede a partir de 2014. Apenas a coleção de quadrinhos circulante está catalogada, sendo que a coleção especial de quadrinhos está fora do sistema. Só há acervo físico. Não há acervo digital.
Serviços de divulgação e disseminação das coleções.	Há a ação Quadrinhos em Foco para o debate de obras, oficinas e exposições. A BPIJ-BH tem uma presença atuante nas redes sociais, divulgando a programação, as ações e as obras do acervo, inclusive a de quadrinhos.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Só há acervo físico. Levando em consideração o baixo orçamento mencionado na subseção anterior para a aquisição, a montagem de acervo virtual - que pressupõe investimento em infraestrutura tecnológica, espaço de armazenamento e a compra de licença de materiais digitais - está bem longe da realidade das bibliotecas da FMC.

Ainda necessita de um trabalho de longo prazo para catalogar a coleção especial de quadrinhos, o que seria um ganho para pesquisadores e fãs de revistas mais antigas. A BPIJ-BH é bastante ativa em suas redes sociais, fazendo um trabalho de divulgação de suas ações e coleções. Entre elas, as que valorizam os quadrinhos, e convidam as pessoas a irem até a biblioteca e ler seus exemplares. Complementam essas ações com atividades que promovem a discussão e reflexão do material disponível para leitura. Destaque para a seleção das obras do Quadrinhos em Foco, que cumpre a missão de uma biblioteca pública de ampliar a visão da leitura para além dos quadrinhos mais conhecidos e comerciais, promovendo debates e o estímulo ao pensamento crítico.

5.4 Preservação e conservação das coleções

As questões sobre acondicionamento e preservação aparecem na Política de Desenvolvimento de Acervos da Rede de Bibliotecas Públicas da Fundação Municipal de Cultura (FMC, 2024a, p. 15-17). Apesar de trazer tópicos como adequação do local, monitoramento de instalações, adaptação de luminosidade, ventilação, limpeza, prevenção de contaminação, mobiliário, equipamento de segurança e orientação de colaboradores e leitores, são instruções gerais de equipamentos públicos que têm a característica de guarda e circulação de materiais, diferente das necessárias específicas para a gestão de um acervo de materiais raros. Por exemplo, na questão de controle ambiental, há na subseção Ventilação um parágrafo que diz “Promover uma boa circulação de ar na biblioteca, evitando assim a proliferação de fungos e bactérias” (FMC, 2024a, p. 16), mas sem citar especificações técnicas ou algo informação mais aprofundada.

As coleções de quadrinhos são basicamente constituídas de revistas feitas de papel, que são materiais orgânicos. Portanto, são materiais que possuem uma vida útil e estão em constante processo de deterioração. “A conservação, enquanto matéria interdisciplinar, não pode simplesmente suspender um processo de degradação, já instalado” (Spinelli Júnior, 1997, p. 18). O que se pode fazer é aplicar técnicas de conservação que reduzem o ritmo da degradação e permitam que o material permaneça o maior tempo possível em salvaguarda. Para manter os processos de degradação em proporções aceitáveis, é necessário acondicionamento correto e um plano de conservação e preservação do acervo.

O local reservado para a coleção circulante da Gibiteca na sede do CRJ era de fácil acesso e que ficava na parte de trás da biblioteca (Foto 23). As revistas estavam acondicionadas em dez estantes de quatro prateleiras. A Gibiteca possuía um grande banner de identificação, que continha uma marca desenvolvida especialmente criada na época da sede na Rua Carangola, onde a letra G, de cor laranja, tinha o formato de um balão de fala. O banner trazia o nome Gibiteca em preto e no canto superior direito as informações: “Gibiteca Antônio Gobbo: A Gibiteca foi inaugurada em novembro de 1992, a partir da doação do acervo da Biblioteca Nacional de Histórias em Quadrinhos - BNHQ, coleção particular de Antônio Roque Gobbo.” O espaço era composto por mesas para leitura entre estas estantes. Não existia um limite físico entre a Gibiteca e o restante da biblioteca, apenas alguns móveis que delimitaram o espaço. A iluminação seguia o padrão geral de todo o CRJ. Percebe-se ainda, no canto superior esquerdo na foto 23, que uma câmera de segurança foi instalada.

Foto 23: Estrutura da Gibiteca da BPIJ-BH no CRJ.



Fonte: Do autor, tirada em 14 abr. 2025.

Em 2022, esse espaço enfrentou contratemplos em virtude de um problema com a sala que servia de depósito onde ficavam armazenados os livros e as revistas em quadrinhos não catalogados. Devido a problemas estruturais, em caráter emergencial, os exemplares foram colocados nas estantes abaixo do banner. Como as revistas não estavam lançadas no sistema, um pano preto e fitas zebreadas foram colocadas sobre as estantes para evitar que os exemplares fossem manipulados pelos leitores sem seu devido tratamento técnico de catalogação. Esta situação foi um dos motivadores desta dissertação, sendo que a imagem (Foto 24) foi inserida na justificativa do pré-projeto de mestrado.

Foto 24: Parte da estante da Gibiteca coberta por um pano preto e fita zebreada.



Foto: Do autor, tirada em 8 jul. 2022.

A coleção especial de quadrinhos ficava acondicionada na sala Wander Piroli - Coleção de Referência da Infância da Juventude (Foto 25). Nesta sala estavam os quadrinhos mais antigos junto da coleção literária de referência da BPIJ-BH, além de ser o local onde o trabalho de catalogação dos materiais da biblioteca é realizado. Na fachada havia uma plotagem com a imagem e informações sobre o jornalista e escritor Wander Piroli (1931-2006) e a indicação de que ali estava a Coleção de Referência da Infância e Juventude. Entretanto, não havia nenhuma sinalização ou indicação de que ali dentro havia uma coleção de quadrinhos. Desta forma, apesar de estar acessível para consulta, os exemplares ficavam sem visibilidade.

Foto 25: Sala Wander Piroli, onde estava localizada a coleção especial de quadrinhos da BPIJ-BH.



Foto: Do autor, tirada em 14 abr. 2025.

Esta sala de coleções especiais reservava quatro estantes de quatro prateleiras (Foto 26) para o armazenamento dos quadrinhos. Este ambiente era o ponto mais crítico de acondicionamento e preservação das revistas mais antigas, não possuindo equipamentos para a climatização específica, não sendo possível manter o controle de temperatura, umidade do ar ou iluminação especial. No dia 22 de março de 2025, durante uma visita técnica à sede da Praça da Estação, havia um termômetro na sala que marcava 30 graus (Foto 27). A única opção para aliviar o calor do ambiente era um ventilador. Esta falta de controle, ajuda a acelerar o processo de deterioração das fibras do papel, principalmente das revistas que possuem páginas impressas em papel jornal. Segundo Malta (2014, p. 35), “O clima pode se

constituir em vetor agressor dos materiais que constituem o acervo”, sendo necessário um controle de temperatura e umidade relativa para desacelerar a degradação dos materiais.

Alguns manuais indicam que essa estabilidade deve situar-se em torno dos 50% de UR e 16° C de T, mas estudos modernos concluem que, para climas tropicais, esses índices devem ser flexíveis para uma melhor convivência dos livros com o clima natural, devendo situar-se em 60% de UR³⁹ e 24° C. Admitindo-se variações de 5% para mais ou para menos (Malta, 2014, p. 32).

Foto 26: Parte interna da sala da coleção especial de quadrinhos da BPIJ-BH.



Foto: Do autor, tirada em 14 abr. 2025.

Foto 27: Temperatura de 30 graus na sala da coleção especial de quadrinhos.



Foto: Do autor, tirada em 22 mar. 2025.

³⁹ UR: Umidade Relativa do ar

A luz e radiação afetam a estrutura da fibra de papel, rompendo as fibras e causando a degradação da celulose. Os efeitos da fotodegradação são cumulativos e seus efeitos sobre o papel “é irreversível e prolonga-se mesmo terminado o período de irradiação, contribuindo para a oxidação da celulose” (Panisset, 2022, p. 49). Mesmo a iluminação artificial emite radiação, com um grau inferior. Um dos efeitos dessa radiação é transformar a estrutura molecular das folhas, deixando-as mais fracas e, portanto, quebradiças. Como exemplo, um conjunto de edições da Gibiteca (Foto 28), em que percebe-se a degradação das lombadas das edições. O efeito quebradiço faz com que uma simples manipulação dos exemplares provoque mais perda de material do papel. Malta (2014) recomenda lâmpadas com filmes de proteção anti UV⁴⁰ e os livros devem receber embalagens especiais feitas com papel neutro ou alcalinos para não transmitir acidez para as obras.

Foto 28: Lombadas quebradiças.



Foto: Do autor, tirada em 22 mar. 2025.

Outro efeito da radiação da luz é a degradação da lignina, que é o “componente natural responsável pela firmeza e solidez do conjunto de fibras” (Panisset, 2022, p. 51), que torna o

⁴⁰ UV: Raios Ultravioletas.

papel mais escuro. Junto com os efeitos da umidade do ar e de poluentes, danificam as páginas. Com a biblioteca está localizada no centro da cidade, em um local com trânsito intenso de veículos e alto índice de poluição do ar, as edições ficam expostas a sujidades e poeira. Este efeito pode ser encontrado em alguns exemplares, como na Revista Mad n. 1, de 1974. As páginas apresentam sinais de oxidação do papel (Foto 29), surgindo manchas e o escurecimento das páginas.

Foto 29: Amarelamento e mancha nas páginas da revista Mad n. 1.

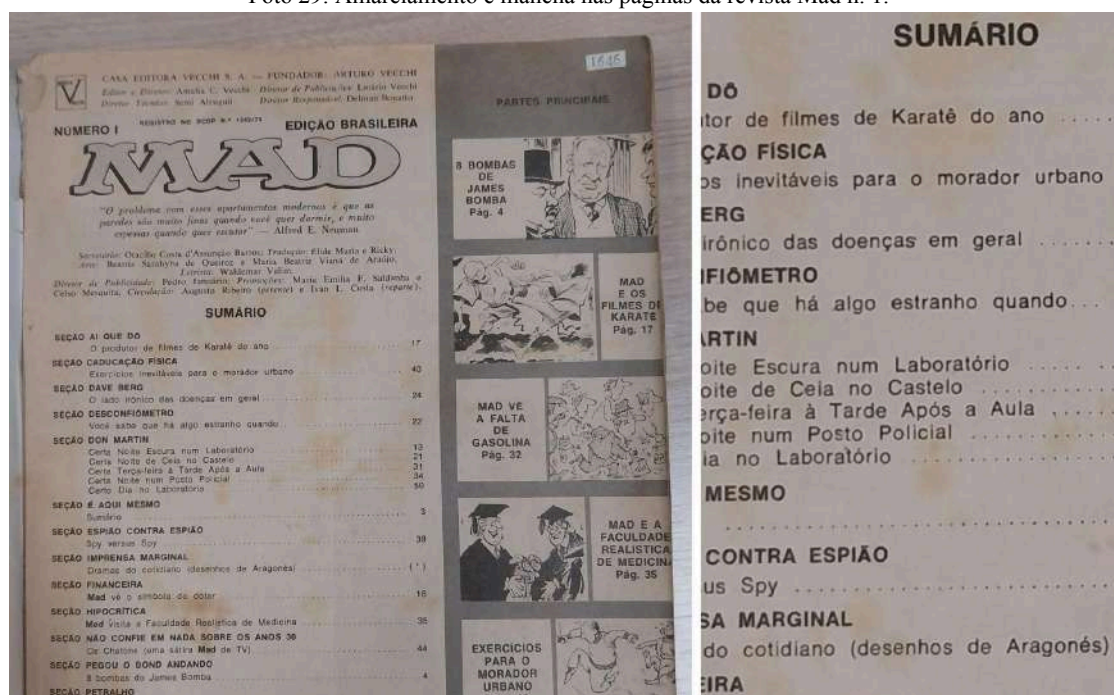


Foto: Do autor, tirada em 22 mar. 2025.

Agentes biológicos podem atacar as edições. Entre eles estão os insetos, roedores e microorganismos como os fungos. “Os danos, que variam conforme a praga presente, traduzem-se em orifícios e manchas, derivadas de excrementos e saliva, que podem passar completamente despercebidos até existirem danos extensos ou uma completa infestação” (Panisset, 2022, p. 102). É o caso da publicação Era uma Vez, n. 118 (Foto 30), revista que circulou em Belo Horizonte em janeiro de 1947. Ela apresenta grandes danos. Não é possível determinar se aconteceu antes ou depois da doação. Entretanto, a praga foi eliminada após deixar um grande estrago nas páginas da edição.

Um problema muito comum com revistas em quadrinhos antigas é a oxidação dos grampos. Os materiais usados no passado pelas gráficas começam a enferrujar com o tempo e esse processo atinge o papel, provocando sua corrosão. É o que está acontecendo com a Edição Maravilhosa, n. 100, de março de 1955. A ferrugem do grampo atingiu a estrutura da

capa, fazendo ela se soltar do miolo (Foto 31). Necessita de higienização das páginas e iniciar o processo de remoção e substituição dos grampos. Caso contrário, a corrosão que começou no grampo e atingiu as fibras do papel, irá se espalhar, podendo inclusive atingir outras edições que estiverem ao lado dela na estante.

Foto 30: A direita o detalhe da ação de um agente biológico de deterioração nas páginas da revista Era uma Vez.



Foto: Acervo do autor, tirada em 22 de março de 2025.

Foto 31: A esquerda o detalhe da oxidação do grampo da página da revista Edição Maravilhosa.

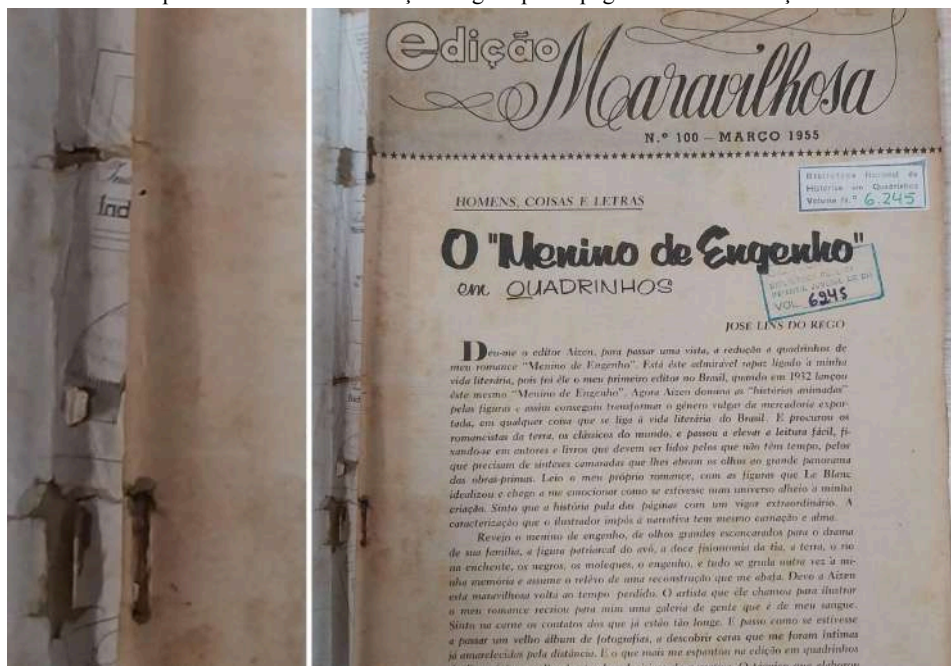


Foto: Do autor, tirada em 22 mar. 2025.

Entre os desafios da nova sede estão os ajustes da infraestrutura para o controle dos efeitos da poluição, climatização e luminosidade. Segundo a Prefeitura de Belo Horizonte, as melhorias continuarão e “A segunda fase da reforma prevê melhorias acústicas e climatização para preservar o acervo da Coleção Especial” (Álvaro Damião inaugura [...], 2025).

O saguão do prédio precisa de conserto nas janelas superiores que ficam nos fundos da biblioteca (Foto 32), que não fecham. Isso faz com que a sujidade entre no ambiente e se acumulem nos materiais. Esta grande exposição à poluição exige uma ação constante de higienização do acervo.

Foto 32: Janelas da nova sede precisam de conserto.



Foto: Do autor, tirada em 11 set. 2025.

Como a Coleção Especial possui apenas a divisória, não tendo um forro ou teto (Foto 33), essa poluição que entra pelo ar atinge e afeta as revistas de quadrinhos mais antigas, que estão armazenadas em três estantes abertas. Por isso, há a necessidade de se fazer a troca do mobiliário para armários fechados que protejam as revistas do acúmulo de poeira e dos efeitos da radiação da luz. Para reforçar o cuidado com os exemplares mais raros, após passarem pelo processo de higienização e de conservação ou restauração, o ideal era acondicioná-los em caixas ou invólucros feitos de material alcalino, que neutraliza os ácidos e retarda os efeitos da degradação causados pelo tempo e influências atmosféricas.

Foto 33: A sala de Coleção Especial não possui forro e as estantes são abertas.

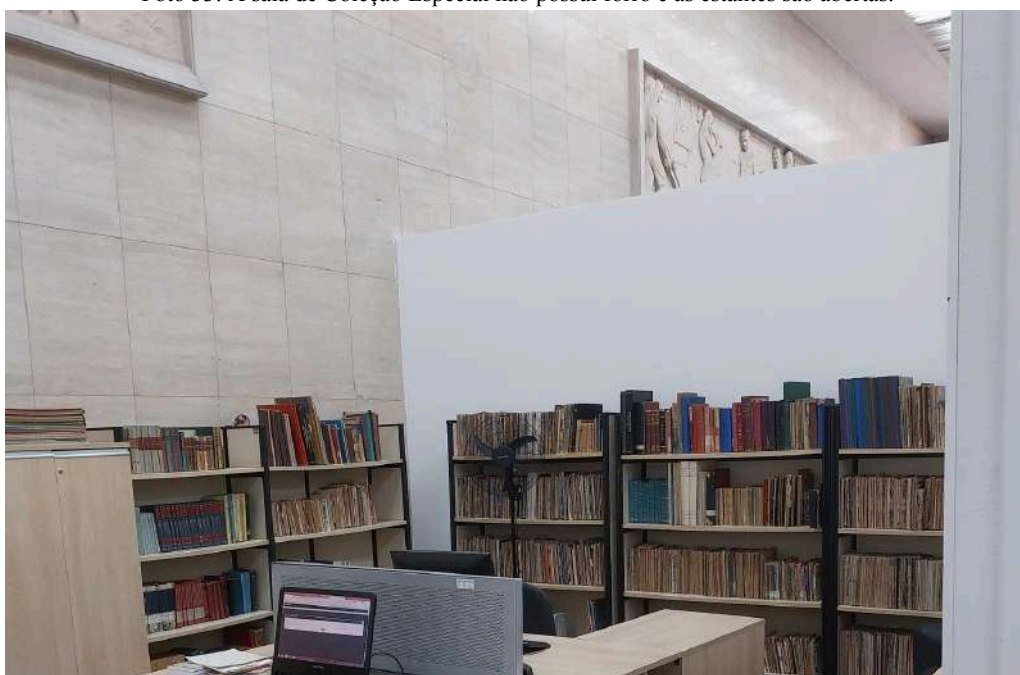


Foto: Do autor, tirada em 11 set. 2025.

Conforme foi relatado nas subseções 4.4.5 e 4.4.6, a mudança da biblioteca para o prédio do CRJ, que não tinha infraestrutura adequada, provocou perdas irreparáveis para a coleção especial de quadrinhos. A mudança para a sede própria é um avanço significativo, mas ainda continua a ser o ponto mais crítico da Gibiteca (Quadro 4), onde é necessário um planejamento adequado.

Quadro 4: Tema: Preservação e conservação das coleções.

Categorias	Análise
Plano de preservação e conservação.	Falta à BPIJ-BH criar um plano de preservação com ações de captação de recursos financeiros, físicos, humanos e tecnológicos para promover a conservação da coleção especial de quadrinhos. Existem muitas revistas antigas que estão sofrendo com a ação do tempo e que precisam de intervenções para sua salvaguarda.
Infraestrutura e controle ambiental.	Apesar da nova sede ser mais arejada e com melhor condição física e mais espaço do que sua antiga sede no CRJ, ainda é necessário investimentos em infraestrutura. Necessário fazer o conserto das janelas do prédio e a instalação de climatização, previstas na segunda fase das reformas.
Mobiliário e armazenamento.	As estantes não são adequadas para armazenar as revistas mais antigas. Necessário fazer a troca por armários fechados para proteger os materiais da ação da sujidade, das pragas e efeitos da radiação da luz. Além da aquisição de caixas de conservação para armazenamento das revistas mais raras.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Faz-se necessário criar um projeto para a Gibiteca, elaborado por especialistas, para criar e executar um plano de conservação e preservação da coleção especial de quadrinhos, incluindo uma reforma estrutural do prédio. Como se trata de uma coleção com mais de três mil itens (que será melhor detalhado na subseção 5.5), este é um trabalho de longo prazo e que precisa de uma previsão orçamentária para garantir recursos extras para a higienização, restauração de acordo com a especificidade dos exemplares e a guarda em condições ideais de conservação.

5.5 Avaliação: quantitativa e qualitativa

Para realizar o método de análise quantitativa indicado por Lancaster (2004), de baixo custo e fácil acesso aos dados estatísticos, buscou-se conhecer o tamanho total do acervo da BPIJ-BH solicitando à biblioteca um relatório com os materiais catalogados referente a todo o período de uso do sistema Pergamum, de 1 de junho de 2015 até 15 de abril de 2025. Gerado em 16 de abril de 2025, o Relatório 3 (Apêndice A) de Estatística Geral do Acervo informa que o acervo total é composto de 23.983 itens, entre livros, periódicos e CD-Rom. O relatório tinha o formato de planilha, em extensão .xlsx, que permitiu extrair dados específicos sobre a coleção de quadrinhos através de filtros dos códigos 741.5 e dos seus complementos de classificação de gênero de quadrinhos não-ficcionais (Q).

Dos 23.983 itens catalogados, há 7.607 revistas que fazem parte da coleção circulante de quadrinhos, que podem ser lidos no local e estão disponíveis para empréstimo. Os quadrinhos representam 31,7% do acervo total catalogado na BPIJ-BH.

Há mais 3.318 volumes que fazem parte da coleção especial de quadrinhos, que estão alocados na sala de Coleção Especial e acessível para pesquisa e leitura local. Como não estão catalogados, foi necessário fazer uma contagem manual para saber o número de volumes dessa coleção. Foram feitas quatro visitas, nos dias 13, 18, 19 e 25 de março de 2025, para realizar esse trabalho de contagem. Esclarece que está se usando a terminologia “volumes” para a coleção especial de quadrinhos porque nessa coleção existem muitos itens que foram encadernados. Esta era uma prática muito comum de antigos colecionadores que reuniam diversas revistas, do mesmo título ou um mix de títulos diferentes, em um volume único de capa dura. Isso indica que se considerarmos individualmente as edições, esse número de exemplares cresceria, mas que necessitaria de um tempo maior de pesquisa para listar o conteúdo de cada volume. Sendo assim, a pesquisa apurou que no acervo da BPIJ-BH há um

total de 10.925 volumes de histórias em quadrinhos (Tabela 11), sendo livros, periódicos e livros de referência (teóricos ou enciclopédias).

Tabela 11: Total de volumes de quadrinhos da BPIJ-BH.

Coleções de quadrinhos da BPIJ-BH	Total
Coleção circulante de quadrinhos [alocada na Gibiteca, catalogada e disponível para leitura e empréstimos]	7.607
Coleção especial de quadrinhos [alocada na Coleção Especial, não catalogada e disponível para pesquisa e leitura local]	3.318
TOTAL	10.925

Fonte: Relatório de Acervo Geral - Relatório 3 (Apêndice A) e contagem manual da coleção especial feita pelo autor.

Através de pesquisa em fontes bibliográficas, foi possível mapear o crescimento e decréscimo do número de exemplares, desde o surgimento da BNHQ até a situação em 2025 (Tabela 12). No ano de 2019 foi preciso usar uma estimativa porque os dados do relatório daquele ano eram apenas dos exemplares catalogados. Sabendo que o volume da coleção especial não sofreu grandes variações desde que foi alocado em sala específica, somou-se o número obtido em 2025 aos dados fornecidos em 2019.

Tabela 12: Levantamento do número de exemplares da Gibiteca.

Gibiteca	Acervo (un.)	Ano	Fonte
BNHQ	1.800	1987	Repórter HQ : informativo de quadrinhos, Belo Horizonte, ano 2, v. 23, 1989.
BNHQ	4.000	1989	Repórter HQ : informativo de quadrinhos, Belo Horizonte, ano 2, v. 23, 1989.
BNHQ	6.000	1990	Repórter HQ : informativo de quadrinhos, Belo Horizonte, ano 3, v. 29, 1990.
BPIJ-BH	9.000	1992	Projeto : Aquisição de novos volumes e continuação das coleções de revistas e álbuns em quadrinhos para o departamento da Gibiteca. (Belo Horizonte, 1992)
BPIJ-BH	12.000	1994	Releitura , Belo Horizonte, v. 6, p. 12, 1994.
BPIJ-BH	15.000	2007	GIBITECA da Prefeitura comemora 15 anos. Diário Oficial do Município , Belo Horizonte, ano 13, v. 2847, 17 maio. 2007.
BPIJ-BH	19.000	2009	BIBLIOTECA infantil completa 18 anos. O Tempo , Belo Horizonte, 5 fev. 2009.
BPIJ-BH	23.000	2011	BIBLIOTECA Pública Infantil e Juvenil comemora 20 anos com novidades. Diário Oficial do Município , Belo Horizonte, ano 17, v. 3767, 15 fev. 2011.
BPIJ-BH	25.000	2016	Estimativa extraída da Moção em defesa da Biblioteca Pública Infantil e Juvenil de Belo Horizonte - BPIJ-BH. (Servidores, 2018)
BPIJ-BH	14.000	2018	Estimativa extraída da Moção em defesa da Biblioteca Pública Infantil e Juvenil de Belo Horizonte - BPIJ-BH. (Servidores, 2018)

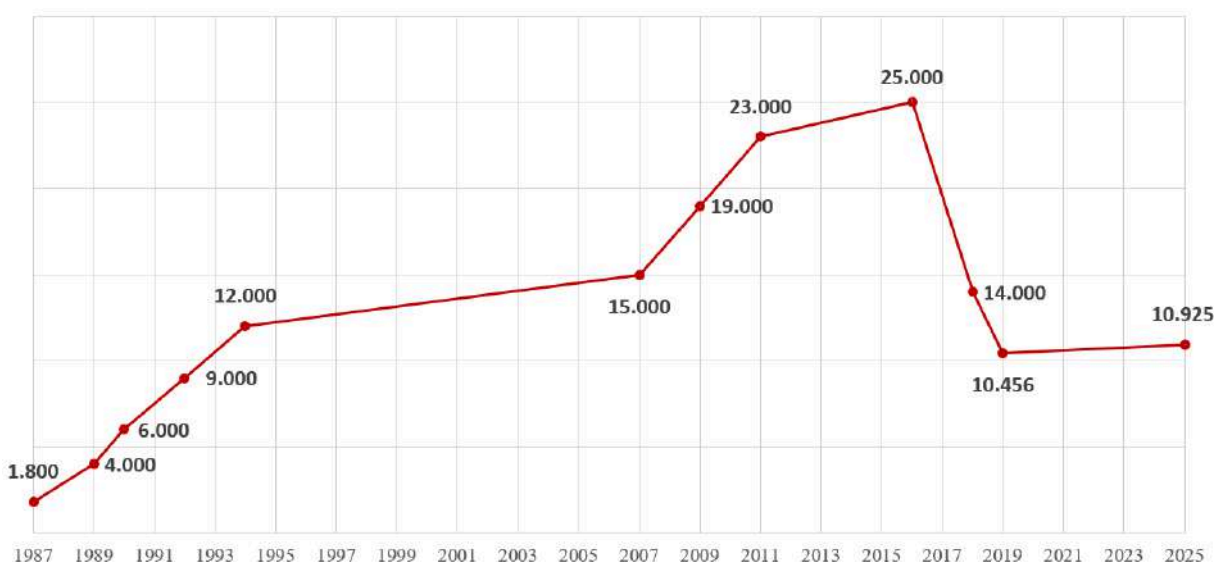
Gibiteca	Acervo (un.)	Ano	Fonte
BPIJ-BH	10.456 (7.138 + 3.318)*	2019	Relatório de Estatística Geral do Acervo. (FMC, 2019) + Estimativa da coleção especial (usando a contagem manual feita pelo autor em 2025).
BPIJ-BH	10.925	2025	Relatório de Acervo Geral - Relatório 3 (Apêndice A) e contagem manual da coleção especial feita pelo autor.

* Em 2019 a FMC só forneceu os dados dos exemplares catalogados. Para não haver grande distorção, usou-se o mesmo número de exemplares contados manualmente em 2025 da coleção especial de quadrinhos.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Para melhor visualizar a evolução das coleções de quadrinhos, criou-se o Gráfico 5, contendo o total do acervo desde a criação da BNHQ em 1987, passando pelo surgimento da Gibiteca em 1992, até chegar a situação atual em 2025.

Gráfico 5: Evolução número total do acervo de quadrinhos: da BNHQ de 1987 até a Gibiteca BPIJ-BH de 2025.



Fonte: Elaborado pelo autor

O Gráfico 4 deixa nítido que, desde a criação da BNHQ, a coleção de quadrinhos mantinha uma tendência de crescimento no número de volumes de forma contínua, saindo de 1.800 em 1987 até o número de seis mil em 1990. Em 1992, a coleção da BNHQ somada a outras três mil doações, fez com que a Gibiteca inaugurasse seu funcionamento com nove mil volumes. Esse crescimento durou até 2016, chegando a 25 mil volumes, momento em que a Gibiteca era considerada uma das maiores coleções do país.

Os dados comprovam que a transferência para o CRJ em 2016 fez com que a coleção de 25 mil caísse para 14 mil em 2018. Em quatro anos, a coleção diminuiu cerca de 11 mil volumes, levando em consideração que os dados de 2018 eram uma estimativa feita pelos servidores da cultura. Com a contabilização realizada em 2025, agora pode-se afirmar que a perda real foi maior, próxima de 14 mil volumes, cerca de 56% da coleção. Como não havia

uma catalogação e um controle, não é possível dimensionar o que perdido. Nem todas eram carimbadas e lançadas na antiga planilha de controle. Ressaltando que nessa conta, em proporção menor, há ainda o desbaste e a não devolução dos empréstimos.

Dos 7.607 exemplares catalogados, foi possível extrair do Relatório 3 (Apêndice A) de Estatística Geral do Acervo uma tabela quantitativa sobre a divisão por gênero das revistas (Tabela 13). Como somente a coleção circulante está catalogada no sistema, não foi possível ampliar essa análise para a coleção especial de quadrinhos.

Tabela 13 : Quantidade de revistas da BPIJ-BH separadas por gênero.

História em Quadrinhos - Gêneros ficcionais			
Classif.	Gênero	Títulos	Exemplares
QA	Aventura [Inclui o gênero super-heróis e faroeste]	509	4.426
QE	Eróticas [Inclui o gênero Hentai (mangá erótico) e adaptações da literatura erótica em quadrinhos]	0	0
QH	Humor [Inclui o gênero caricatura e desenhos de humor]	31	64
QI	Infantil	100	1.104
QL	Literatura [Inclui adaptações de obras literárias]	74	93
QM	Mangás [Inclui quadrinhos japoneses ou desenhadas em estilo mangá]	153	1.319
QT	Terror	2	2
QU	Underground [Inclui revistas independentes e fanzines]	61	512
História em Quadrinhos - Gêneros não-ficcionais			
Q	Quadrinhos gerais [Filosofia, Biografia, História, Geografia, Arte, Arquitetura, Sociologia, Antropologia, Jornalismo, etc. em quadrinhos]	68	76
741.5	Livros teóricos e enciclopédias	10	11
	Total Coleção Circulante de Quadrinhos	1.008	7.607

Fonte: Relatório de Acervo Geral da BPIJ-BH - Relatório 3 (Apêndice A) e contagem manual da coleção especial feita pelo autor em 2025.

Esclarecendo que “Título” é o Código de Acervo que identifica as revistas e “Exemplares” corresponde ao número total de revistas. Um exemplo é a revista periódica do Batman (QA) que possui 19 diferentes códigos (sem contar as edições especiais), sendo que o código 31260 (QA 745.1 B333 1996-2000) que identifica uma dessas séries tem 68 exemplares e o código 27155 (QA 745.1 B333 2002-2012) possui 69 exemplares.

A maior parte das revistas da coleção circulante encontram-se classificadas como quadrinhos de Aventura (QA), destinadas ao público juvenil e adulto. São 4.426 revistas de

aventura que têm como conteúdo principalmente histórias de super-heróis norte-americanos e quadrinhos de faroeste italiano, em 509 títulos diferentes. O volume é quase o triplo dos outros gêneros. Os Mangás (QM) aparecem como o segundo maior gênero da coleção, com 1.319 exemplares, em 153 títulos. Em terceiro lugar estão os Infantis (QI) com 1.104 exemplares, trazendo em sua maioria revistas da Turma da Mônica.

Percebe-se a baixa bibliodiversidade da coleção através da constatação da hegemonia de edições de grandes editoras que dominam o mercado brasileiros, como as publicações vindas da editora Panini, que detém os direitos autorais para traduzir e publicar as editoras Marvel e DC Comics, além de possuir em seu portfólio as produções do estúdio do brasileiro Maurício de Sousa. Nos mangás, a maior parte das edições são das editoras Panini, JBC, NewPop e Conrad. Dos 7.607 exemplares, apenas 745 são dos gêneros (Q), (QL), (QH) e (QU), que significa 9,79% da coleção. A parte da coleção que possui maior diversidade em relação à temática, autores e nacionalidade estão alocadas nos 512 exemplares dos quadrinhos Undergrounds (QU) e 76 em quadrinhos Gerais (Q), mesmo assim, tendo como origem editoras de grande ou médio porte, como Quadrinhos da Cia, Conrad, Ática, Melhoramentos, L&PM, Mino, Peirópolis e Sesi-SP. São muitos escassos os quadrinhos de autores independentes classificados em Undergrounds (QU), como as revistas dos artistas Lacarmélio (Celton), Fabiano Barroso e Piero Bagnariol (Um dia uma morte) e Luciano Irrthum (A comadre do Zé).

Para identificar os títulos mais lidos pelos leitores, utilizou-se o método do uso real onde pode-se analisar os itens retirados através dos registros de empréstimos. Não faz parte do escopo desta pesquisa elaborar um estudo de usuários mais aprofundado, que demandaria de mais tempo e uma maior coleta de dados e coletaria dados da leitura local, para extrapolar a circulação registrada no sistema.

Conforme Almeida (2005, p. 39-40), o período de um ano é o mínimo necessário para um período de observação. Por isso, a amostra delimitou o período de um ano, de 1 de janeiro a 31 de dezembro de 2024, para analisar se o perfil de leitura coincide com os materiais disponíveis para empréstimo. No relatório enviado pela BPIJ-BH consta que 906 quadrinhos foram emprestados (Tabela 14). Há um equilíbrio entre três gêneros, sendo os quadrinhos mais requisitados enquadrados no gênero Infantil (QI) com 306 empréstimos, seguido de Aventura (QA) com 300 empréstimos e Mangá (QM), com 289 empréstimos.

Tabela 14: Empréstimos de quadrinhos em 2024.

Empréstimos				
Classif.	Gênero	Títulos	Empréstimos	Total
QA	Aventura	Super-heróis	188	300
		Faroeste Tex	112	
QM	Mangá	One Piece	85	289
		Naruto	46	
		Jagaaan	18	
		Assassiantion Classroom	16	
		Outros	124	
QI	Infantil	Turma da Mônica	241	306
		Disney	59	
		Outros	6	
QL	Literatura	Torre Negra (Adaptação do livro)		1
QU	Underground	Celton	8	10
		Sandman	2	
TOTAL				906

Fonte: Relatório de Acervo Geral da BPIJ-BH - Relatório 2 (Apêndice A).

Os títulos da Turma da Mônica são os mais buscados no gênero Infantil (QI). Os 241 empréstimos estão fragmentados em diversas revistas individuais de personagens como Turma da Mônica, Mônica, Cascão, Cebolinha, Magali e Chico Bento. A Turma da Mônica possui uma assinatura mensal contratada pela Gibiteca. Na classificação (QI) estão incluídas as revistas da Turma da Mônica Jovem e Chico Bento Moço, que são publicações direcionadas para um público juvenil contendo os desenhos em estilo mangá. As séries 1, 2 e 3 da Turma da Mônica Jovem acumulam 94 empréstimos, somados aos 4 do Chico Bento Moço. Aqui se aponta um desafio no momento da classificação de revistas em quadrinhos porque temos uma revista com perfil juvenil classificada como infantil e que tem o estilo de desenho oriental dos mangás mas feita por artistas brasileiros e lida no sentido ocidental. A própria revista de estreia da Turma da Mônica Jovem n. 1, lançada em agosto de 2008 traz a informação:

Calma, Mônica!!!

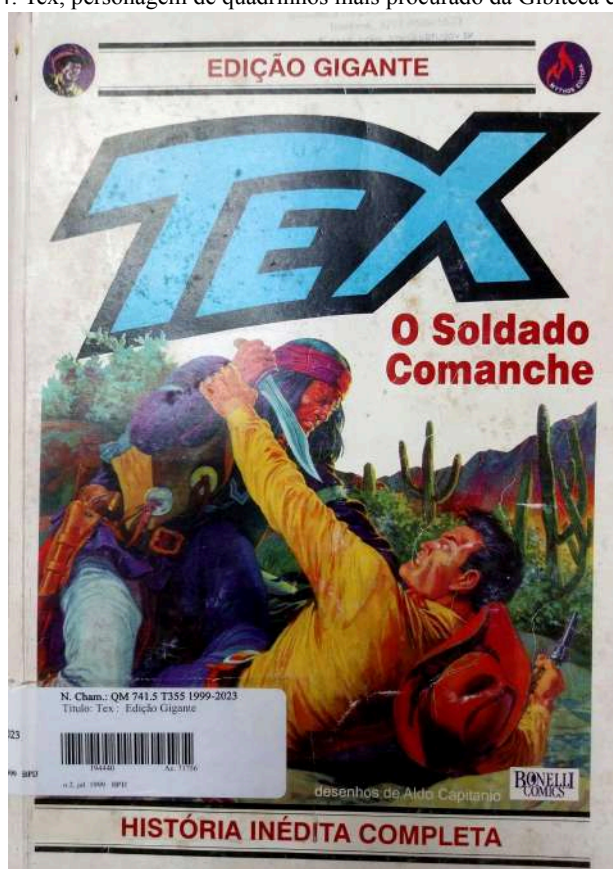
Ninguém vai ler do lado errado!

Embora o mangá japonês seja lido no sentido oriental, resolvemos deixar a história no sentido de leitura ocidental... afinal, apesar do estilo mangá, ainda é estilo Turma da Mônica e ninguém quer ver a baixinha nervosa, não é? Ou melhor... a Mônica nervosa... (Turma [...], 2008, p. 130)

Seria necessário uma pesquisa qualitativa para se identificar se os leitores da Turma da Mônica Jovem são leitores seletivos do estúdio e personagens de Maurício de Sousa ou seletivos do gênero mangá que buscam ler material nacional.

Os quadrinhos de Aventura (QA) aparecem como segundo gênero na preferência dos leitores da BPIJ-BH. Aqui há uma divisão entre os quadrinhos de super-heróis, com 188 empréstimos e dos faroeste. Neste gênero encontra-se o personagem mais demandado da Gibiteca: os quadrinhos de faroeste de Tex (Foto 34). O personagem italiano acumula 112 empréstimos em 2024. Aqui há um dado informal, coletado em conversa com os servidores da biblioteca, que Tex é uma das obras mais demandadas por leitores em situação de rua que frequentam a biblioteca.

Foto 34: Tex, personagem de quadrinhos mais procurado da Gibiteca em 2024.



Fonte: Foto do autor do exemplar da Gibiteca.

Os mangás (QH) estão na terceira posição da lista, sendo a série de One Piece a mais requisitada com 85 empréstimos. A série era o segundo título que a FMC selecionou para aquisição, mas recentemente tendo sua assinatura para o recebimento regular suprimida. One Piece é popular, tendo série de anime (animações japonesas) e uma série com atores produzida pela plataforma Netflix, com o lançamento da primeira temporada em 2023 e a segunda temporada prevista para 2026, o que aumenta a divulgação e estimula o interesse pelas histórias. Outra série de bastante sucesso, Naruto, aparece como a segunda no gosto dos leitores, com 46 empréstimos.

A BPIJ-BH adota a prática de manter poucas duplicatas nas coleções, o que significa que os 10.925 exemplares atuais representam uma coleção expressiva, proporcionando variadas opções de leitura para diferentes perfis de leitores e pesquisadores. A análise (Quadro 5) mostra que os empréstimos estão de acordo com os gêneros disponíveis, apresentando apenas uma concentração de exemplares em Aventura (QA), indicando que um investimento de aquisição focado em (QA) e (QI) para equilibrar os exemplares.

Quadro 5: Tema: Avaliação: quantitativa e qualitativa.

Categorias	Análise
Número total da coleção.	A Gibiteca tem 10.925 volumes em 2025. 7.607 na coleção circulante e 3.318 na coleção especial. Ainda é uma grande e expressiva coleção de quadrinhos, porém os dados do mapeamento indicam que a perda de cerca de 14 mil exemplares, 56% da coleção, é uma perda patrimonial incalculável.
Distribuição por gênero.	A coleção circulante está concentrada no perfil juvenil, nos Quadrinhos de Aventura (QA) - 4.426 exemplares, Mangás (QM) - 1.319 exemplares, seguido dos Quadrinhos Infantis (QI) - 1.104 exemplares. A maior parte da coleção pertence ao gênero de aventura (QA), que possui 509 títulos. Em termos de quantidade, nota-se um desequilíbrio do número de exemplares de Aventura (QA) está bastante acima dos outros dois gêneros, com quantidade três vezes maior. Há pouca bibliodiversidade, apenas 745 exemplares são dos gêneros (Q), (QL), (QH) e (QU), que significa 9,79% da coleção. A maioria dos títulos são publicados por grandes editoras, com poucas opções de artistas independentes.
Uso real.	No ano de 2024 constatou-se um equilíbrio de empréstimos nos gêneros: Infantil (QI) - 306 empréstimos, Mangá (QM) - 289 e Aventura (QA) - 300. As duas assinaturas de revistas periódicas da BPIJ-BH estavam de acordo com a procura dos leitores, estando agora atualizadas apenas as revistas mensais do Estúdio Maurício de Sousa. O personagem mais procurado é Tex (QA), com 112 empréstimos.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Lancaster (2004, p. 52) diz que o padrão geral de uso de uma biblioteca “ [...] comporta-se como uma distribuição hiperbólica - uma quantidade bastante pequena de itens responde por uma grande proporção de todos os usos e a maioria dos itens tem pouco, se é que tem algum uso”. Esse padrão pode ser percebido na Gibiteca na concentração dos empréstimos em Tex, Turma da Mônica, One Piece, Naruto e personagens da Marvel e DC Comics.

O tamanho do acervo é um importante critério porque “quanto maior fosse o acervo, maior seria a chance de ele conter um item específico procurado pelo usuário” (Lancaster, 2004, p. 21), entretanto não pode ser analisado de forma isolada, sendo necessário a biblioteca estabelecer padrões mínimos de qualidade e adequação. Compreendendo que a função social das bibliotecas públicas está relacionado com a democratização do acesso à informação, essa bibliodiversidade se concretiza com a formação de coleções que possuam materiais representativos de um amplo ecossistema cultural e social que garanta a multiplicidade de manifestações culturais, sociais e linguísticas que enriqueçam a pluralidade e a disseminação de ideias. Faz-se necessário um investimento maior na aquisição ou de um plano de doação de obras de autores e de editoras independentes que trarão opções temáticas mais variadas para os leitores na coleção da Gibiteca. Nos critérios da Política de Desenvolvimento de Acervo da FMC está definido a “inclusão de autores independentes” (FMC, 2024a, p. 10), que precisa ser colocado em prática em se tratando de aquisição de quadrinhos.

5.6 Atribuição de valor

No processo de contagem manual dos 3.318 volumes da coleção especial de quadrinhos, aproveitou-se o trabalho para realizar o registro fotográfico de capas de revistas, selecionadas de acordo com suas características de raridade, autenticidade, relevância, significância e estado de conservação. Esta coleção tem obras como Almanaque Tico-Tico, Brucutu, Chamada Geral, Cinco Infinitus, Circo, Edição Maravilha, Fantomas, Flash Gordon, Tintin, Fradim, Guri, Jin das Selvas, Mad, Mosquito, entre outros.

Na impossibilidade de tempo para se fazer um inventário de toda a coleção, optou-se por fazer atribuição de valor de uma amostra de cinco obras para demonstrar o potencial da coleção especial de quadrinhos como fonte de informação.

São consideradas fontes de informação todos os recursos, entre eles revistas em quadrinhos, que respondam a necessidade de informação de um usuário. “[...] podemos concluir e conceituar que as Histórias em Quadrinhos se apresentam como um fonte primária

por conter informações originais ou, novas interpretações de fatos ou ideias já disseminadas” (Souza, 2017, p. 28). Segundo Campello (2018), quadrinhos distinguem-se das fontes especializadas, “podendo ser apreciada por qualquer pessoa, independente de sua profissão e especialidade”.

Em publicações na área da CI há estudos que caracterizam as HQs enquanto fontes de informação, na medida em que abordam variados temas, promovendo a apropriação do conhecimento pelos leitores; contribuem para reflexão e discussão de questões relacionadas à realidade humana e social, bem como para a criação de novos conhecimentos ou reforçar aqueles previamente adquiridos; aliam a transmissão de informação ao entretenimento; apresentam funções sociais, públicas e políticas, contribuindo para a transformação da realidade; e constituem-se importantes ferramentas de disseminação de informação e incentivo à leitura, contribuindo para a geração de conhecimento (Silva e Santos, 2023, p. 67).

Os dados técnicos sobre formato, número de edições da coleção e datas de publicação dos exemplares selecionados foram extraídos do site [Guia dos Quadrinhos](#) e uma breve pesquisa foi realizada para dar contexto às escolhas.

5.6.1 Histoire d’Albert de Simon de Nantua (original)

A revista em quadrinhos mais antiga e rara da Gibiteca da BPIJ-BH é o exemplar original de *Histoire d’Albert* (Foto 35), criada pelo suíço Rodolphe Töpffer, que parte dos pesquisadores da linha teórica de Arte (conforme Subseção 3.1) atribuem como o artista pioneiro na produção de quadrinhos no mundo. É uma revista do gênero (QL), formato 17x cm. O exemplar disponível na coleção da Gibiteca é uma reimpressão da obra feita em 1861, contendo 40 páginas, em língua francesa.

Desenhada em 1844, Töpffer fez a primeira edição desta história em 1845 usando o pseudônimo de Simon de Nantua⁴¹. A inspiração do nome Simon veio, segundo o verbete da Lambiek Comicipedia (2025), de um personagem literário do romancista Laurent de Jussieu, de perfil moralista conservador, que acreditava que a pobreza era fruto da preguiça. Foi uma escolha pensada para ser uma crítica ao fundador do Partido Radical da Genebra, James Fazy, com quem Töpffer tinha diversas discussões no Parlamento. O personagem principal Albert era considerado um menino preguiçoso e desinteressado pela escola. Preocupado com seu

⁴¹ TÖPFFER, Rodolphe. **Historie d’Albert**. Roma: Bibliothèque Numérique Romande, out. 2017. Disponível em: https://ebooks-bnr.com/ebooks/pdf4/topffer_histoire_d_albert.pdf#page=4.00. Acesso em: 2 out. 2025.

futuro, os pais estimularam que ele continuasse estudando apesar do fraco desempenho. Estudou Ciências, Química, Física e chegou a escrever textos, mas sempre fracassando. Albert começava empolgado com as novas disciplinas mas sempre ia perdendo o encanto à medida que as matérias iam se aprofundando. A mãe o acolhia durante suas recaídas, enquanto o pai era mais severo e o obrigava a voltar aos estudos. Quando estudou Direito, durante os trabalhos nos tribunais percebeu que os funcionários públicos nada mais eram do que homens horríveis que exploram o povo, que os militares eram apenas apoiadores da tirania organizada e os sacerdotes, servos do trono. Então Albert jura ódio aos Reis e junta-se a um movimento revolucionário anti-monarquista que prega a liberdade, a igualdade e a virtude. Vive altos e baixos, entre revoluções que dão errado, fugas e recomeços. Trabalha em diversos empregos onde é rapidamente demitido. Monta negócios que sempre vão à falência. Até que chega na Suíça, onde se junta novamente a um movimento revolucionário e passa a escrever colunas para um jornal que esclarece os cidadãos os seus direitos, dá voz às suas justas reivindicações e provoca um motim na cidade a ponto de derrubar a Constituição. Assim, Albert encontrou a sua razão para existir.

Foto 35: Exemplar de *Histoire d'Albert*, de 1861.



Fonte: Foto do autor do exemplar da Gibiteca.

O exemplar disponível na coleção da Gibiteca é uma reimpressão da obra feita em 1861, impressa pela Imp. Gaillet e era vendida autografada na editora Garnier Frères de Paris. Pode-se constatar a assinatura de Rodolphe Töpffer (Foto 36) na última página.

Foto 36: Detalhe da assinatura de Rodolphe Töpffer.



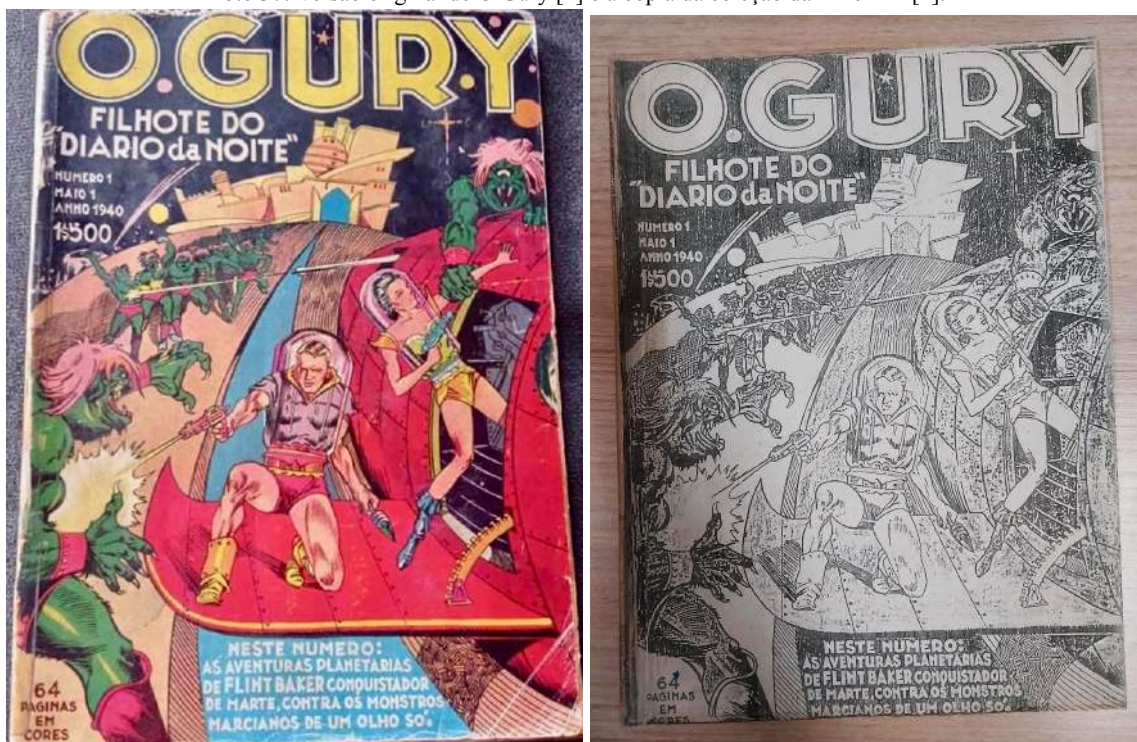
Fonte: Foto do autor do exemplar da Gibiteca.

A edição está bem conservada e foi encadernada. Na sua folha de guarda há uma dedicatória que indica que a obra foi um presente do professor Lineu Freire Maia para o médico e cartunista Luiz Oswaldo Rodrigues (LOR), que depois repassou para a Gibiteca. É uma edição rara mundialmente, que remete aos primórdios do desenvolvimento dos quadrinhos, e que traz a marca a autenticidade através da assinatura de Töpffer, dando ao exemplar um valor econômico e documental inestimável.

5.6.2 O Gury n. 1 (fotocópia)

Reprodução em preto e branco da revista Gury, n. 1 (Foto 37), da editora Diário da Noite, publicada em 1º de maio de 1940. Revista do gênero aventura (QA). Possui 68 páginas, formato 18x30 cm, impressão em preto em branco (edição original colorida), lombada com grampos. Periodicidade mensal, passando para quinzenal a partir do número 7. A partir da edição 25, mudou o nome para O Guri. A coleção “1ª Série” teve 354 edições, publicada até o dia 26 de dezembro de 1953. Arte da capa desenhada pelo artista norte-americano Will Eisner. No conteúdo, as histórias de Os monstros de Marte, de Dick Hamilton; Auro, Lord de Júpiter, de Malcom Kildale; O Cometa Vermelho, de Ken Jackson; Nelson Cole: oficial da Força Solar, de Alex Blum; Kaanga: o homem branco da selva, de Alex Blum; A Pantera Branca, Taylor Martin; e Os Lanceiros do Congo, de Arthur Peddy.

Foto 37: Versão original de O Gury [1] e a cópia da coleção da BPIJ-BH [2].



Fonte: [1] Komic-kazi disponível em: <https://www.flickr.com/photos/komickazinternational/52581849897/in/photostream/>. Acesso em 25 ago. 2025. [2] Foto do autor do exemplar da Gibiteca.

A revista Gury representou a entrada dos Diários Associados no mercado editorial das revistas em quadrinhos, conglomerado de mídia brasileira de Assis Chateaubriand. O empresário, ao perceber o sucesso das publicações da editora Grande Consórcio de Suplementos Nacionais de Adolfo Aizen e da editora O Globo de Roberto Marinho, achou necessário ter uma revista direcionada para o público juvenil.

Para essa publicação, Chateaubriand fez um alto investimento na compra de uma “formidável machina de imprimir”⁴² importada dos EUA. Com essa máquina foi possível imprimir as 68 páginas em policromia de quatro cores, tornando-se a primeira revista em quadrinhos brasileira a ser publicada totalmente colorida.

Nas edições iniciais O Gury trazia histórias de ficção científica publicadas pelas editoras norte-americanas Planet Comics e Jungle Comics. Como forma de divulgação, a revista recebeu o subtítulo “Filhote do Diário da Noite”, que era o jornal impresso de destaque da empresa dos Diários Associados no ano de lançamento.

A edição original de O Gury é um item raro. No início da formação do mercado editorial de quadrinhos, as revistas eram impressas em papel jornal de baixa qualidade para a

⁴² DIÁRIO DA NOITE, Rio de Janeiro, ano 12, n. 3941, p. 16, 30 abr. 1940. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=221961_02&pagfis=1858. Acesso em: 14 jul. 2025.

manutenção dos preços baixos de venda para o público juvenil. Mesmo com grandes tiragens, poucas revistas resistiram ao tempo. As revistas preservadas pertencem principalmente às coleções privadas. Objeto de desejo de fãs de quadrinhos, mesmo colecionadores estrangeiros possuem interesse na edição. Um exemplar da edição número 1, classificada pela empresa CGC Comics com a etiqueta de autenticidade azul (*CGC Universal Grade*) de nota 2.5 (item colecionável que apresenta ampla evidência de manuseio com vários defeitos de moderados a graves⁴³), foi leiloada no exterior, em agosto de 2023, por \$ 2.127,00 dólares⁴⁴, cerca de R\$ 10.358,49 segundo a cotação média de R\$ 4,87 do dólar naquele período.

A versão da BPIJ-BH não é da revista original, mas uma fotocópia em preto e branco. No momento em que a BNHQ estava em funcionamento, na década de 90, representava uma distância de cerca de cinquenta anos depois que a circulação original chegou ao mercado, o que mesmo naquela época, fazia da revista um material de difícil acesso. Evidentemente, o colecionismo valoriza uma revista original justamente por sua autenticidade e raridade, agregando ao contexto histórico e nostálgico de ser a primeira revista em quadrinhos totalmente impressa em cores no Brasil. Apesar disso, o item foi selecionado para análise não pelo seu valor de autenticidade, mas por sua significância por ser um dos poucos exemplares que ainda restam na coleção que representa a prática de disseminação e acesso aos leitores de revistas feita através da reprodução. As reproduções não oficiais da BNHQ não tinham como objetivo o lucro ou qualquer tipo de ganho financeiro. O valor cobrado era apenas para cobrir os custos das cópias e do envio postal. Visava a prática de dar acesso a leitura de revistas antigas que não estavam mais em circulação. Sempre houve no mercado de quadrinhos a discussão sobre o quanto a prática de pirataria, que fere os direitos autorais, prejudica as empresas:

É uma atividade prejudicial aos editores. Os praticantes se justificaram com argumentos de divulgação, demora de publicação do material, histórias que não serão publicadas no país, e até mesmo material raro e/ou antigo difícil de encontrar nos pontos de vendas, mas também há passionalismo de leitores em boicote às editoras. (Saks, 2013, p. 12)

Ressalta-se, entretanto, que apesar da polêmica atividade, a reprodução na BNHQ era um trabalho colaborativo, que fazia parte de uma rede analógica de compartilhamento, que visava dar acesso aos materiais mais raros que estavam concentrados nas mãos de poucos colecionadores.

⁴³ CGC Grading Scales. *CGC Comics*. Sarasota, [s/d]. Disponível em: <https://www.cgccomics.com/grading/grading-scale>. Acesso em: 25 ago. 2025.

⁴⁴ O Guri Comico (Brazil) 1940 #1. *ComicConnect*. New York, 22 ago. 2023. Disponível em: <https://www.comicconnect.com/item/1004322?tzf=1>. Acesso em: 25 ago. 2025.

5.6.3 Era uma vez... (original)

Era uma vez... (Foto 38) foi a primeira revista infanto-juvenil (QI) de Minas Gerais, lançada em Belo Horizonte, em 15 de abril de 1940. De periodicidade quinzenal, foi rodada na Gráfica Queiroz Breyner. Tinha uma linha editorial que prestigiava o trabalho de grandes artistas da imprensa mineira e abriu espaço para novos talentos, como Ziraldo. Conforme Campos (1997), era uma revista que fazia frente às produções da época que publicavam, principalmente, tradução de material estrangeiro.

Era uma vez... objetiva ser uma alternativa de textos sadios para mentes sãs. Por isso, ela não é uma revista que tenha a fisionomia das histórias em quadrinhos estrangeiras de seu tempo, ainda que, nela, haja uma pequena produção quadrinizada que convive com muitos e variados objetos para a leitura e o leitor (Campos, 1997, p. 276).

Inicialmente funcionou sob a direção de Vicente Guimarães, com o subtítulo Revista de Vovô Felício para os seus netinhos. Guimarães era professor primário e trabalhou em publicações infantis como Caretinha e Suplemento Infantil de O Diário. Partiu dessa experiência criar em Belo Horizonte o Era uma vez... Depois mudou para o Rio de Janeiro para assumir a chefia do departamento do SESI que cuidava do Serviço de Orientação e Recreação da Infância da revista Sesinho em 1947.

Com a saída de Guimarães, a condução da revista passou para as mãos de José Neves, que era dono da única gráfica de Belo Horizonte, Estabelecimentos Gráficos Santa Maria. Era nessa gráfica que revistas famosas na cidade eram impressas, entre elas a Belo Horizonte (1933) e Alterosa (1939). Ao assumir o Era uma vez..., Neves troca seu subtítulo para A revista infanto-juvenil mais bonita do Brasil. Essa segunda fase durou até abril de 1955.

Por ser uma revista de Belo Horizonte, com tiragem menor e distribuição local, a sua raridade é ainda maior do que as edições de editoras de São Paulo e Rio de Janeiro. A Gibiteca possui um grande número de edições, cujos exemplares são difíceis de se encontrar no mercado do colecionismo. Pode-se constatar que algumas edições estão bem conservadas, mas há outras que estão desgastadas e precisam de intervenção. Através de seus editoriais e colunas, pode-se ter um recorte da sociedade hegemônica da cidade. “Era uma vez... se destina a oferecer a medicina dos textos sãos para uma ação higiênica na formação mentes sãs e isso se faz com o controle autocrático de uma editoração que se inspira no movimento que o Sol articula, agenciando a trajetória dos cometas” (Campos, 1997, p. 277), como se pode constatar na coluna Palestras de Vovô Felício, sobre Preço e Qualidade, da edição 3, de maio de 1940.

Foto 38: Era uma vez..., n. 1, de 15 abril de 1940.



Fonte: Foto do autor do exemplar da Gibiteca.

Eu também poderia fazer uma revista para vender barato. Uma revista que não me desse trabalho algum e que visasse somente buscar o níquel da criança. Era só comprar das companhias norte-americanas essas histórias de crimes e de absurdos planetários que elas vendem.

Para se fazer uma revista assim não se precisa de um Vovô, de um amigo das crianças que se dedica ao estudo e à observação da psicologia infantil.

[...]

“ERA UMA VEZ...” é diferente. Ela é feita exclusivamente para vocês, meus netinhos do Brasil. Ela leva a vocês assuntos de nossa terra. Ela não propaga o mal, o crime.

Vocês meus netinhos, que são inteligentes e que ainda teem os coraçõezinhos puros, cuidado com essas leituras baratas e vistosas. O mal se põe sempre mais facilmente ao nosso alcance que o bem. (Era uma vez..., v. 3, 1940)

Em seu livro *Texto são em mentes sã*, Campos (2001) ressalta que a revista era uma publicação que surge inserida na ação educativa estimulada pelo Estado Novo de Getúlio Vargas. “Era uma vez... foi a primeira revista a divulgar produção exclusivamente nacional com duração mais prolongada (1940/1954)” (Brites, 1992 *apud* Campos, 2001, p. 35), tornando referência no mercado infanto-juvenil na crítica do conteúdo estrangeiro dos suplementos, cheios de personagens e clichês norte americanos. Como Guimarães foi inspetor

de escola, trazia com ele a preocupação de que as histórias de crimes influenciavam negativamente os leitores pequenos, tornando-se uma leitura nociva para a sociedade. O pensamento patriótico regente na época propunha a leitura de publicações que valorizassem os símbolos e personagens nacionais, que trabalhassem “[...] a formação social das crianças e dos jovens, a linguagem da propaganda promove não só objetos, mas atitudes, práticas, hábitos, ações, crenças [...]” (Campos, 2001, p. 39). Este estudo faz um recorte das doze primeiras edições, de uma coleção de 180 números. Assim, a revista *Era uma vez...* é uma importante fonte de pesquisa ainda a ser explorada, que está disponível na Gibiteca. Seu conteúdo traz um panorama das publicações de quadrinhos na década de 1940 e 1950, que representa o início do mercado editorial de quadrinhos de Belo Horizonte.

5.6.4 O Pato Donald, n. 1. (*fac-símile*)

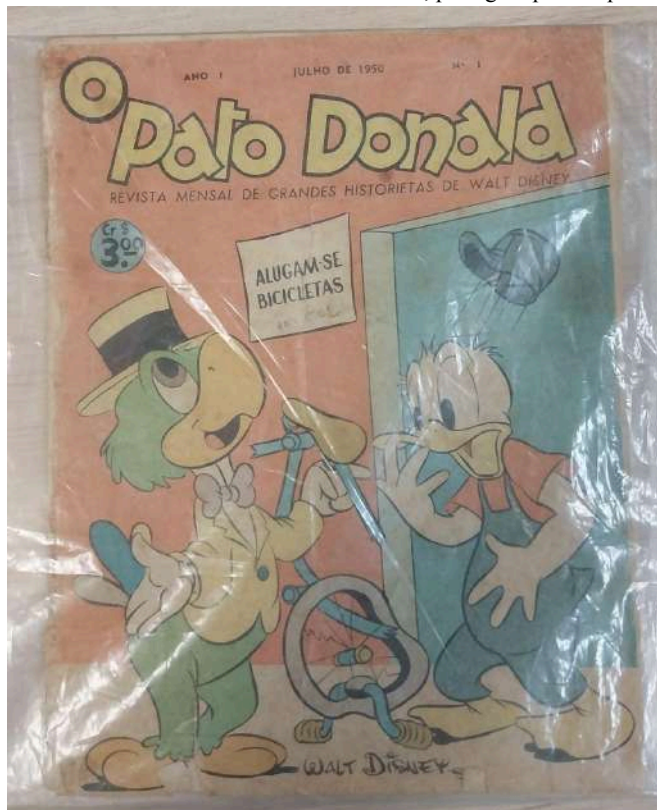
Edição *fac-símile* da revista Pato Donald, n. 1 - Edição Especial de Aniversário (foto 39), publicada pela editora Abril em setembro de 1984. Revista do gênero infantil (QI). Possui 40 páginas, formato 19x25 cm, capa e miolo coloridos, lombada com grampos. A série original tinha a periodicidade mensal. A última edição, n. 2481 de julho de 2018, foi antecipada em um mês e lançada em junho por conta do fim das publicações da Disney pela Abril. Arte da capa desenhada pelo argentino Luis Destuet. Histórias: O segredo do castelo, de Carl Barks; A selva mágica, de Bill Wright; O químico louco, de Carl Barks; O pequeno Lobo Feroz; de Carl Buettner; e O amigo coelho, de Al Mckimson.

O Pato Donald surgiu nos desenhos animados da Disney em 1934, conhecido pelo seu temperamento nervoso, rabugento, brigão e de voz quase incompreensível. Servia de contraponto de personalidade para acompanhar as histórias de seu amigo, o ratinho Mickey Mouse. Donald namora a pata Margarida e possui a companhia de três sobrinhos: Huguinho, Zezinho e Luisinho. O coadjuvante ganhou a simpatia das pessoas, alcançando a fama e protagonismo em animações, livros ilustrados e histórias em quadrinhos. Entre os artistas que trabalharam com o pato, os quadrinistas Carl Barks e Al Taliaferro.

Começa a ser publicado no Brasil em 1938, através do Suplemento Juvenil, que trazia algumas histórias curtas. O sucesso veio quando a revista Pato Donald n. 1 chegou às bancas no dia 12 de julho de 1950. Foi a primeira publicação da Editora Abril no mercado brasileiro. Victor Civita, que atuava na Argentina, resolveu se instalar em São Paulo trazendo o personagem de Walt Disney como primeiro produto editorial. A partir dessa publicação, a empresa se consolidou como Grupo Abril, tornando uma das maiores editoras da América Latina - editando revistas famosas como a *Veja*, *Exame*, *Superinteressante*, *Capricho*, *Placar*,

Playboy e Contigo - até sua crise financeira, que fez com que a empresa entrasse em processo de recuperação judicial e ser vendida em 2019.

Foto 39: Versão Fac-símile de O Pato Donald, protegida por um plástico.



Fonte: Foto do autor do exemplar da Gibiteca.

Sucesso imediato, a revista do Pato Donald atingiu a marca de 82.370 exemplares vendidos do primeiro número⁴⁵ e ostentou o título de revista em quadrinhos brasileira mais longeva. Após 68 anos de publicação ininterrupta, a revista encerrou sua série da editora Abril no número 2.481, em junho de 2018.

Os quadrinhos foram um marco nas atividades editoriais da Abril, que criou uma hegemonia no segmento entre as décadas de 1950 até final da década de 1990. A empresa adquiriu os direitos de publicação dos super-heróis da Marvel e DC Comics, além de trazer os estúdios do Maurício de Sousa para o seu portfólio. Esse domínio foi acabando aos poucos. Maurício mudou-se para a Editora Globo em 1986 e os super-heróis passaram para a Editora Panini em 2002. A empresa continuou publicando as revistas da Disney até 2018, quando anunciou para seus assinantes o fim da sua linha de quadrinhos.

O sucesso das revistas em quadrinhos da Disney foi mundial, virando objeto de estudo. Entre eles, o famoso e polêmico Para Ler o Pato Donald, de Ariel Dorfman e Armand

⁴⁵ PATO DONALD, São Paulo, n. 2445, jul. 2015, Editora Abril, p. 3.

Mattelart, publicada em 1982. Segundo Moya - tradutor e autor do prefácio da edição brasileira -, afirmou que a edição italiana sofreu severas críticas, sendo encarado como um panfleto anti imperialista. Os autores definem Donald como um personagem desajeitado e descuidado, que passa a vida em busca de trabalho fácil, sem esforço mental ou físico, movido somente pelo desejo de consumo. Um personagem que veste roupas de marinheiro, símbolo da lei e da ordem, onde:

Já não podem escapar a ninguém os propósitos políticos de Disney, tanto nestas poucas histórias em quadrinhos onde tem que mostrar abertamente suas intenções, como naquelas majoritárias, em que está cobrindo de animalidade, infantilismo, bom-selvagismo, uma trama de interesses de um sistema social historicamente determinado e concretamente situado: o imperialismo norte-americano (Dorfman e Mattelart, 1982, p. 73).

Para Ler o Pato Donald fez parte de um movimento que passou a estudar os quadrinhos como fenômeno de comunicação de massa, examinando profundamente o conteúdo das histórias e analisando sua ideologia. Como ressaltou Pegoraro (NuPeq, 2023), é necessário ler de forma criteriosa a obra, devido às alterações feitas nos balões analisados e o próprio recorte da pesquisa, que não selecionou as histórias desenhadas de Carl Barks que criticavam justamente o capitalismo. Mesmo sendo uma pesquisa com várias partes de seu conteúdo superado, ela foi uma referência na sua época. Demonstra a força da produção de quadrinhos da Disney através de sua legião de fãs e de críticos.

No tempo da BNQH, Gobbo ressaltava nas entrevistas que dava para a mídia, com orgulho, a posse da revista Pato Donald n. 1 original. Nos releases sobre a Gibiteca, continuou-se a dar destaque à posse dessa relíquia. Porém, ao analisar o acervo atual da BPIJ-BH, não se encontrou na coleção a edição original de 1950. Há três edições *fac-símiles* que a editora Abril relançou em 1984. De qualquer forma, o relançamento oficial é o registro da entrada no mercado editorial de uma das principais empresas do Brasil.

5.6.5 Epopéia (encadernação com originais)

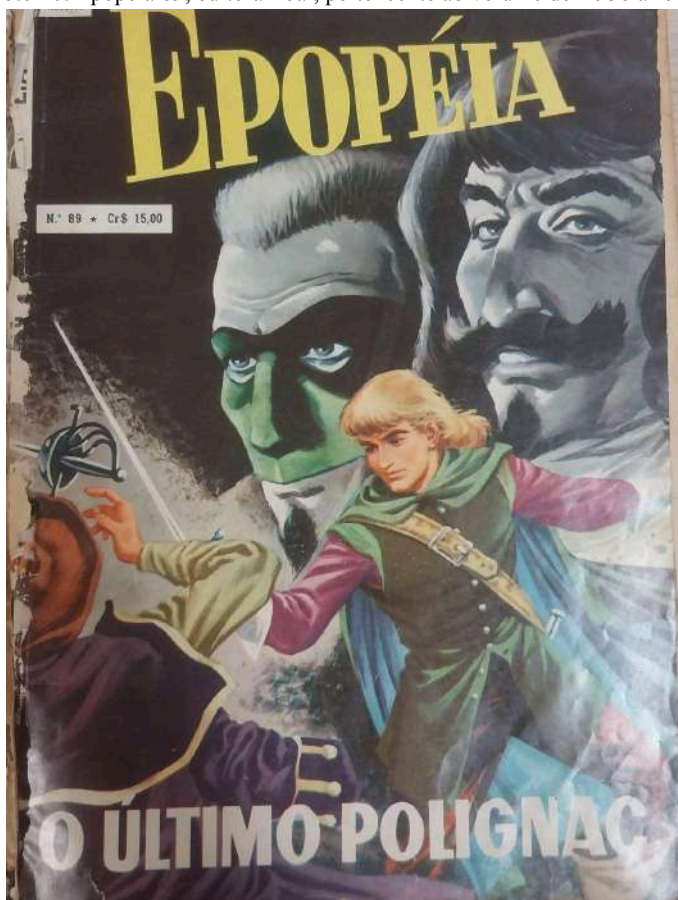
Encadernação de revistas originais de Epopéia, trazendo as edições de 70 a 89, publicadas pela editora EBAL entre maio de 1958 a dezembro de 1959 (Foto 40). Revistas do gênero aventura (QA). Formato 23x31,5 cm, 36 páginas (cada edição), capa colorida e miolo preto e branco, encadernação com cola (originais lombada com grampos). Periodicidade mensal. A coleção Epopéia - 1ª série teve 100 números, sendo publicada entre agosto de 1952 a novembro de 1960. Edições: n. 70 - Cavaleiro Escarlate; n. 71 - A arca do Almirante; n. 72 - O Archote; n. 73 - O Lombardo; n. 74 - Astronave Terra-Lua; n. 75 - Na pista dos elefantes; n.

76 - O nobre Herman Fuentes; n. 77 - O Nero de Nórcia; n. 78 - O pequeno imperador; n. 79 - Pedroca e a Pré-história; n. 80 - Heróis da Criméia; n. 81 - A princesa pele-vermelha; n. 82 - História de Baden Powell; n. 83 - A pista negra; n. 84 - Fogo no mar; n. 85 - Fibra imortal; n. 86 - Lança em riste; n. 87 - Os sete remos de Oxford; n. 88 - ... e Ascânio reinou; e n. 89 - O último Polignac.

A Editora Brasil-América Limitada (EBAL) foi criada por Adolfo Aizen, responsável por iniciar a consolidação do mercado editorial de quadrinhos no Brasil, quando lançou o Suplemento Infantil em 1934. As histórias eram basicamente quadrinhos americanos adquiridos do *King Features Syndicate*. Fez sucesso e Aizen criou a editora Grande Consórcio de Suplementos Nacionais. Em 1945, Aizen funda a EBAL, mas em um ambiente de bastante contestação social sobre a influência dos quadrinhos nas crianças e adolescentes. Para minimizar as críticas, além de revistas com conteúdo nacional, o editor criou estratégias de relações públicas para a valorização dos quadrinhos e seus produtos. Entre elas, o lançamento da *Epopéia*, em 1950, trazendo um conteúdo de aventura, romance e adaptações de biografias em quadrinhos. Esta revista publicava em suas páginas matérias e notícias sobre as ações da editora. Era uma tática para minimizar as críticas e se aproximar de aliados. Na edição *Epopéia*, n. 89, dezembro de 1959, há a nota “Colégio Militar de Lisboa” que informa que dirigentes e professores do colégio que vieram ao país a convite do Governo para a solenidade da Semana da Pátria, aproveitaram a viagem para conhecer a EBAL. Na Edição 77, de dezembro de 1958, em “Semana Pedagógica de Sete Lagoas” descreve evento que reuniu pais e educadores na cidade de Sete Lagoas, Minas Gerais, que contou com a presença do Secretário da Educação e Cultura, do Diretor do Instituto de Educação de Belo Horizonte e outras autoridades. A Semana Pedagógica teve a colaboração da EBAL, “na qualidade de representante das nossas publicações recreativas e instrutivas para a infância e a juventude”.

Em outro volume, na edição *Epopéia*, n. 24, de julho de 1954, traz um texto transcrito da revista *O Cruzeiro* de Gilberto Freyre sobre Histórias em Quadrinhos, onde ele escreve sobre a defesa que fez dos quadrinhos em 1948 na Câmara dos Deputados, quando integrou a Comissão de Educação e Cultura, onde argumentava que existiam “homens de responsabilidade nacional” trabalhando no gênero dos quadrinhos. Em *Epopéia*, n. 34, de maio de 1955 é noticiado que “O Presidente da Ação Católica visita esta editora”, registrando que Dr. José Vieira Coelho foi ver os originais dos quadrinhos “Os Meus Balões”, história sobre Santos Dumont, que saíria na revista *Edições Maravilhosas*.

Foto 40: Epopéia 89, editora Ebal, pertencente ao volume de 1958 a 1959.



Fonte: Foto do autor do exemplar da Gibiteca.

Essas notas e matérias demonstram um trabalho de aproximação que Aizen fazia junto a Igreja Católica, militares, políticos, professores e pais durante período hostil em que os quadrinhos sofreram severa críticas e como a editora se movimentou para tirar o estigma de que as revistas eram uma sublitteratura e de efeito maligno para seus leitores.

Na encadernação da Epopéia, que está na coleção da BPIJ-BH, traz um detalhe inusitado que dá um outro sentido para sua significância. Colado no verso da capa do volume havia uma carta da Superintendência de Limpeza Urbana de Belo Horizonte (SLU). Esta carta descreve que o material foi jogado no lixo e recolhido pelas “mãos sensíveis de um servidor da SLU”, que reconheceu seu valor cultural e encaminhou a edição para o Museu do Lixo. Em 12 de dezembro de 2005, a SLU destinou o exemplar para a biblioteca com uma sensível mensagem, transcrita abaixo:

Esta coletânea da Revista “Epopéia” - retrato de uma época, de valores e ideologia - é uma doação da SLU ao acervo da Gibiteca da Biblioteca Pública Infantil e Juvenil de Belo Horizonte.

Embora primorosa e cuidadosamente encadernada - por um colecionador talvez, foi, há alguns anos, descartada no lixo e recolhida pelas mãos sensíveis

de servidores da SLU, assim como muitos outros objetos que hoje fazem parte do “Museu do Lixo” da instituição.

Essa relação contraditória de afeto/desprezo com relação a esses objetos e seus antigos proprietários, nos faz pensar sobre os motivos que levam as pessoas a descartá-los. Histórias por trás de histórias...

Essas histórias criadas em nossas mentes, aliadas às histórias aqui retratadas, alimentam nossos sonhos... Neles, viajantes, príncipes, piratas, cavalheiros (*sic*), aventureiros de reinos longínquos lutam sempre pelo bem, pelo amor, pela justiça e saem sempre vitoriosos.

[...]

Superintendência de Limpeza Urbana - PBH.

Belo Horizonte, 12 de dezembro de 2005. (Anexo 3)

Assamann discorre que o arquivo e o lixo são interligados por fronteira comum em ambas as direções. “O arquivo, um local de coleção e conservação do que foi passado, mas não pode ser perdido, pode ser considerado, de maneira inversamente especular, como um depósito de lixo no qual o passado é acumulado e abandonado à decomposição” (Assamann, 2011, p. 411). A autora acrescenta que o que não pode entrar no arquivo, cai no aterro sanitário, seja pela perda do valor ou de interesse. A falta de espaço ou os objetos que foram excluídos por conta de seu ciclo de utilidade têm o mesmo destino. Isso pode ser compreendido como “sintomas de lembranças e do esquecimento cultural” (Assamann, 2011, p. 412). Desta forma, essas revistas, tão bem cuidadas, colecionadas e encadernadas, em algum momento da história do colecionador (cabe aqui apenas especular o que pode ter acontecido), perde relevância, e o objeto de culto e de memórias se torna um material descartado. Se não fosse o trabalho de referência da Gibiteca, esses volumes teriam sido perdidos e não estariam mais disponíveis para a leitura.

Os cinco volumes selecionados representam 0,15% do total da coleção especial de quadrinhos da Gibiteca, mas suas contextualizações demonstram um potencial de pesquisa ainda a ser explorado na Gibiteca. O propósito foi ressaltar que esse valor não é necessariamente monetário. Por isso, o uso do *framework* aponta a coleção como uma fonte de informação (Tabela 20) que nos faz compreender parte da história da nossa sociedade pelas páginas dos quadrinhos.

Quadro 6: Tema: Atribuição de valor.

Categorias	Análise
O que é o bem?	A coleção especial de quadrinhos da Gibiteca Antônio Roque Gobbo da Biblioteca Pública Infantil e Juvenil de Belo Horizonte, composta de 3.318 volumes. Coleção de revistas raras, publicadas principalmente entre as décadas de 1940 a 1990, que estão alocadas na sala de Coleção Especial.
Por que o bem é valioso?	Revista que marcaram o surgimento e desenvolvimento do mercado editorial brasileiro no segmento dos quadrinhos. Atualmente, grande parte das publicações dessa época estão em coleções particulares de acesso restrito. A disponibilização dessa coleção em um espaço público permite o acesso a uma memória social do campo do quadrinhos do nosso país, permitindo a celebração, a reinterpretção e a ressignificação, revelando uma importante fonte de informação histórica brasileira para leitores e pesquisadores.
O quão valioso é o bem?	Durante a pesquisa, foi possível encontrar uma edição de 1861 assinada por Töpffer, considerado por muitos pesquisadores o precursor dos quadrinhos. Há edições de Era uma vez... a primeira revista voltada para o público infantil e juvenil de Belo Horizonte, muito rara de ser encontrada. Cópia da revista O Gury n. 1, exemplar que representa a prática de fotocópia feita pela BNHQ em seu trabalho de disseminação das edições. Edições comemorativas do O Pato Donald n. 1, revista mensal mais longeva do país, que era exaltada em todos os releases e reportagens sobre a BNQH e a BPIJ-BH. Vários volumes de Epopéia, que através dos textos editoriais de suas edições, fornecem uma rica fonte histórica de pesquisa sobre o período mais conturbado do Brasil para os quadrinhos, pautado por críticas e censura. A coleção especial de quadrinhos da Gibiteca da BPIJ-BH ainda contém muitas outras revistas raras que precisam ser inventariadas, catalogadas e exploradas.

Fonte: Elaborado pelo autor.

A guarda desse material é um importante meio para a manutenção da memória dos quadrinhos. Melo cita Marshall ao falar que o colecionismo moderno é “[...] um reflexo de um grande lastro de experiências, aprendizados e memórias acumulados pela humanidade em um arco temporal [...]” (Marshall, 2005 *apud* Melo, 2018, p. 26). Evidentemente, esclarecendo que o reconhecimento do valor de um determinado objeto com patrimônio é um “campo de disputa” (Melo, 2018, p. 24-25). Nesse sentido os objetos de coleção, ao serem vistos, remetem para aquilo que não mais se vê/que não pode mais ser visto, mostrando-o, indicando-o, recordando-o ou conservando dele algum vestígio (Pomian, 1988 *apud* Melo, 2018, p. 29). O artefato é afetado por nós, mas também nos afeta e causa transformações. Eles deixam a posição de objeto de fetichismo, individualizado e mercantil, passando para a condição social de compartilhamento, principalmente sob a guarda de uma gibiteca pública.

Como diz o trecho final do texto da carta encontrada fixada no volume de Epopéia, não é possível saber as motivações do descarte do encadernado, mas através do olhar sensível são atribuídos a estes artefatos novos valores:

Essa capacidade que temos de sonhar com um mundo melhor e mais justo é o que induz a SLU a este gesto - através da recuperação de “restos”, ela oferece ao público de Belo Horizonte, juntamente com a BPIJBH, a possibilidade de quem também ela possa reciclar suas emoções, rever seus valores e ideais e repensar nos resíduos que cotidianamente gera.

Ingressar no mundo da fantasia, sem perder a noção da realidade é o que a SLU deseja a todos.

Superintendência de Limpeza Urbana - PBH.
Belo Horizonte, 12 de dezembro de 2005. (Anexo 3)

Desta forma podemos apontar que a missão de Antônio Roque Gobbo, de preservar, disponibilizar e construir a memória do quadrinho, ainda continua viva e produzindo efeitos através da Gibiteca da BPIJ-BH, mostrando sua significância e justificando a sua salvaguarda.

6 INDICADORES

Após a análise dos dados do estudo de caso da Gibiteca Antônio Gobbo, este trabalho se propõe a responder a pergunta de como podemos estabelecer indicadores para elaboração de políticas de desenvolvimento de revistas em quadrinhos. Indicadores são “representações quantitativas e qualitativas, que possibilitam a mensuração de uma realidade atual e a evolução de um objeto sob avaliação” (Monteiro, 2023, p. 27-28). Através deles, é possível medir, avaliar e comparar o desempenho do objeto científico estudado.

A tipologia de gibiteca para quem estamos propondo os indicadores são as bibliotecas especializadas ou com um setor departamentalizado. Por isso, essa unidade informacional precisa ter profissionais bacharéis em Biblioteconomia, devidamente registrados no Conselho Regional de Biblioteconomia (CRB), que são os únicos habilitados para exercer a atividade de organização, direção e execução dos serviços bibliográficos, tanto em empresas públicas, quanto nas privadas:

Art. 5º A profissão de Bibliotecário, observadas as condições previstas neste Regulamento, se exerce na órbita pública e na órbita privada por meio de estudos, pesquisas, análises, relatórios, pareceres sinopses, resumos, bibliografias sobre assuntos compreendidos no seu campo profissional, inclusive por meio de planejamento, implantação, orientação, supervisão, direção, execução, ou assistência nos trabalhos relativos às atividades biblioteconômicas, bibliográficas e documentalógicas, em empreendimentos públicos, privados ou mistos, ou por outros meios que objetivarem, tecnicamente, o desenvolvimento das bibliotecas e centros de documentação (Brasil, 1965).

Os conhecimentos dos bibliotecários são essenciais para coordenar, conduzir e auxiliar no gerenciamento, além de encaminhar as demandas para outras áreas técnicas e administrativas - como o setor de compras-, e fazer a ponte intersetorial com especialistas, como os profissionais das Letras, conservadores, historiadores e pesquisadores.

Com base no Modelo Sistêmico de Evans (2017), os processos propostos são contínuos, possuem no centro da coordenação dos trabalhos os bibliotecários e precisam contar com a participação dos usuários.

Transformou-se as seis temáticas em indicadores, trazendo suas especificidades: estudo da comunidade leitora de quadrinhos; diretrizes de desenvolvimento de coleção de quadrinhos; tratamento técnico; preservação e conservação das coleções; disseminação das coleções; avaliação: quantitativa e qualitativa; e atribuição de valor.

6.1 Estudo da comunidade leitora de quadrinhos

Assim como uma biblioteca, uma gibiteca existe em função de seu público. Conhecer sua comunidade e seus leitores de quadrinhos é fundamental. Por isso, um indicador de boa gestão é saber se a gibiteca realiza, periodicamente, pesquisas e possui relatórios para identificar os usuários reais e potenciais para entender suas necessidades, desejos, demandas e uso. Esses conceitos foram definidas por Maurice Line como:

Necessidade é o que o indivíduo deve ter para desenvolver o seu trabalho e suas pesquisas, para o seu crescimento pessoal e lazer etc. [...]

Desejo é o que o indivíduo gostaria de ter se o desejo for ou não realmente traduzido em uma demanda a uma biblioteca. [...]

Demanda é o que o indivíduo pede; mais precisamente, um pedido para um item de informação que o indivíduo acredita desejar (quando satisfeita, a demanda pode provar ou não ser um desejo depois de tudo). [...]

Uso é o que o indivíduo realmente utiliza. [...] (Line, 1974, p. 87 *apud* Cunha; Amaral; Dantas, 2015, p. 3-4)

O bibliotecário “[...] não deve confundir as necessidades ou demandas daqueles usuários que lhe estão mais próximos com as necessidades reais da comunidade a que deve atender” (Vergueiro, 1989, p. 30). Então, é preciso realizar pesquisas que determinem os tipos de usuários. Uma das opções é a metodologia de Isabel Rodríguez (Tabela 15), que traz os critérios:

Tabela 15: Critérios de classificação dos tipos de usuários da informação.

CRITÉRIOS	TIPO DE USUÁRIOS	
Pelo uso que fazem da unidade de informação	usuários potenciais	
	usuários reais	usuários presenciais
		usuários não presenciais
	não usuários	
Pelo tipo de informação que querem	usuários de informação geral	
	usuários de informação especializada	
Pela idade	usuários infantis	pré-leitores
		leitores
	usuários juvenis	
	usuários adultos (entre eles os da Terceira Idade)	

Fonte: Trecho da tabela (Rodríguez, 2012, p. 103-104 *apud* Cunha; Amaral; Dantas, 2015, p. 17.)

Traçado o perfil da comunidade, é fundamental aprofundar o conhecimento específico dos leitores de quadrinhos que frequentam a gibiteca. Na Biblioteconomia o usuário é a

“pessoa que utiliza os serviços da biblioteca no próprio local ou por meio da retirada de documentos por empréstimo, ou pela solicitação, entre outros serviços, de busca bibliográficas e pesquisas sobre temas especializados” (Cunha; Cavalcante, 2008, p. 373). Deve-se manter um controle atualizado dos frequentadores, de onde é possível extrair informações sobre a idade, sexo, escolaridade, bairro, profissão, entre outros dados pessoais não sensíveis e de acordo com a proteção da privacidade. É importante elaborar relatórios para medir com que frequência esses leitores usam os serviços da gibiteca, qual é o volume de empréstimos e os títulos e personagens preferidos. Esses dados quantitativos, de baixo custo, podem ser realizados com frequência mensal, somado a um panorama mais amplo de dados consolidados anualmente. A gibiteca deve reservar recursos para fazer pesquisas qualitativas para conhecer de forma mais profunda os hábitos de leitura de seus usuários de quadrinhos, classificando-os segundo Vergueiro (2005, p.6-8), entre **eventuais, exaustivos, seletivos, fanáticos e estudiosos**. Assim, é possível compreender de forma mais qualificada as necessidades, desejos, demandas e uso das coleções de quadrinhos.

6.2 Diretrizes de desenvolvimento de coleções de quadrinhos

É indispensável que uma gibiteca tenha um **documento sistematizado trazendo as diretrizes para o desenvolvimento das coleções de quadrinhos**. Segundo Vergueiro (1989, p. 27), esse documento irá informar o tipo de material que fará parte da coleção, quando e sob quais condições poderá ingressar no acervo. Essas diretrizes apontam quais necessidades específicas da comunidade irá atender, fazendo uma avaliação da importância desses materiais para a coleção e em quais condições esses materiais poderão ser desbastados.

É ela que irá prover uma descrição do estado geral da coleção, apontar o método de trabalho para consecução dos objetivos e funcionar como elemento de argumentação do bibliotecário, dando-lhes subsídios para discussão com autoridades superiores, tanto para a obtenção de novas aquisições como para recusa de imposições estapafúrdias (Vergueiro, 1989, p. 25).

Essas diretrizes devem trazer a conceituação dos tipos de coleções da gibiteca, que adaptamos dos conceitos do Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia (Cunha; Cavalcanti, 2008):

- **Coleção circulante de quadrinhos:** obras de acesso aberto e irrestrito para a leitura, contendo sua devida classificação etária, e disponíveis para empréstimo para a leitura fora da gibiteca;
- **Coleção especial de quadrinhos:** de acesso aberto mas restrito, normalmente mediante agendamento. Possui diretrizes específicas para a leitura de seus

materiais, com regras mais rígidas para a seu manuseio e empréstimo somente em condições especial;

- **Coleção de gênero específico de quadrinhos:** possui um recorte de gênero artístico das revistas e está separada da coleção circulante. Pode, por exemplo, ser uma coleção de quadrinhos infantis, deslocada para uma área diferente do acervo geral, para atender a um público específico. Ou pode ser uma coleção de quadrinhos eróticos, que devido ao seu conteúdo, ficará guardada em um local ou estante separada, com acesso controlado e restrito aos leitores adultos;
- **Coleção de referência de quadrinhos:** conjunto de obras de quadrinhos ou sobre os quadrinhos (almanaques, livros teóricos, manuais, etc.), mantidas em separado e disponíveis para a consulta imediata, restrita à leitura local e não destinadas ao empréstimo;
- **Coleções digitalizadas de quadrinhos:** revistas em quadrinhos da gibiteca que passaram pelo processo de digitalização para a sua preservação, mantidas em formato digital, para a consulta e leitura;
- **Coleção digitais de quadrinhos:** ainda pouco explorada pelas gibitecas, são obras da coleção circulante, disponíveis para o empréstimo e leitura em formato digital.

Essas diretrizes das coleções devem orientar o trabalho da **comissão de seleção**, atividade técnica feita por profissionais qualificados. No caso de uma gibiteca, esses profissionais devem ter conhecimento sobre as histórias em quadrinhos e o seu mercado editorial, para melhor elaborar a lista de aquisições. A comissão de seleção pode-se abrir espaço para a participação dos leitores:

A seleção realizada em grupo, por intermédio de comissões compostas tanto por usuários como por profissionais, parece constituir-se na modalidade a trazer o maior número de vantagens, entre as quais pode-se salientar a de funcionarem como canal para divisão da responsabilidade pela seleção com a própria comunidade servida por ela, além de levar a comunidade, de certa forma, a participar mais ativamente da gestão da biblioteca (Vergueiro, 1989, p. 40).

A seleção dos materiais atenderão as demandas dos leitores, dentro da realidade orçamentária da instituição. Como fontes de consulta das obras disponíveis para aquisição, podem ser usados os catálogos das editoras de quadrinhos, os sites e redes sociais que fazem resenhas sobre HQs, os perfis de quadrinistas, os eventos e feiras de quadrinhos, além das sugestões enviadas pelos leitores. Importante sempre ressaltar a questão da bibliodiversidade,

para que as obras listadas pela seleção não sejam apenas aquelas das grandes editoras, abrindo espaço para a produção local e nacional.

Toda essa estrutura depende que a gibiteca tenha **orçamento próprio** para a aquisição de novos materiais. Só assim ela conseguirá fazer o desenvolvimento de coleções de forma adequada. Sabe-se o cenário de escassez de verbas para as bibliotecas, que impactam ainda mais em coleções especializadas. Em gibitecas privadas, pode-se cobrar mensalidade, por serviços e cursos para abater custos e adquirir novos exemplares. Nas bibliotecas públicas, seu acesso e serviço precisam ser gratuitos, sempre necessitando do repasse governamental para seu funcionamento. Existem as modalidades de doações e permutas, que são importantes e permitem movimentar e reforçar as coleções. Contudo, ter somente doações e permutas como método de aquisição limitam as opções e a independência da gestão de coleções de uma gibiteca. Existem como alternativa os editais públicos de aquisição de acervo. Desta forma, os gestores devem cobrar de suas instituições orçamento para aquisições e, em paralelo, buscar outras fontes de recursos.

6.3 Recursos informacionais

Os recursos informacionais medem a organização, tratamento técnico e recursos disponíveis para atender os leitores. As coleções de quadrinhos precisam ter um tratamento técnico para seus materiais, de forma a alocar as revistas em um lugar determinado na estante, para facilitar a sua busca e recuperação de forma eficaz. O padrão internacional de catalogação tem como referência o *Anglo American Cataloging Rules, 2nd ed.* (AACR2), que possui o seu sucessor *Resource Description and Access* (RDA), ambos com o objetivo de fornecer instruções e diretrizes para a descrição de dados bibliográficos.

A adoção de programas de catalogação cooperativos e a adesão a normas de catalogação, como AACR2 e RDA, são práticas que agregam ao processo de catalogação valores como consistência e previsibilidade. A consistência nos registros catalogados permite a previsibilidade dos catálogos; e esta permite tanto o compartilhamento de metadados entre instituições quanto auxilia as ferramentas de descobertas nas consultas dos usuários (McCutcheon, 2012 *apud* Faria; Lourenço, 2019, p. 210).

Há um desafio para extrair as informações das revistas em quadrinhos porque muitas das revistas não possuem uma ficha técnica padrão ou sinopse, o que dificulta a análise do assunto para se fazer a indexação. Em caso de dúvida, os bibliotecários podem se utilizar de referências de outras entidades que compartilham seus registros bibliográficos, como:

- a Biblioteca Nacional (acervo.bn.gov.br/sophia_web);

- o site Guia dos Quadrinhos (guiadosquadrinhos.com), que possui o maior banco de dados de quadrinhos e capas de revistas publicadas no Brasil;
- o catálogo eletrônico do Sistema Municipal de Bibliotecas de São Paulo (bibliotecacircula.prefeitura.sp.gov.br/pesquisa/index.xhtml), que possui em seus acervo a coleção da Gibiteca Henfil;
- o catálogo eletrônico da Fundação Municipal de Cultura de Belo Horizonte (bibliotecasfmc.pbh.gov.br).

A catalogação de revistas em quadrinhos reserva outros desafios típicos das características das edições. Diferente de um livro que tem o autor, coautor ou tradutor, uma obra de quadrinhos pode ter roteirista, desenhista, arte-finalista, letreirista, colorista, tradutor e editor para cada história. Isso torna o trabalho de registro de autoridade extensivo. Uma edição pode conter coletâneas, trazendo diferentes personagens, equipes criativas e gêneros narrativos, causando dúvidas na classificação. Um erro muito comum é intuir que quadrinhos são histórias feitas apenas para crianças e adolescentes, não fazendo a devida análise de assunto para identificar a classificação indicativa. Com a proposta de criar um instrumento normativo, foi desenvolvido o Manual de catalogação para acervos de histórias em quadrinhos, onde “[...] foi feito um levantamento bibliográfico sobre as principais técnicas de tratamento técnico para acervos de histórias em quadrinhos. A criação dos pontos de acesso foi feita segundo protocolo MARC21 e o padrão ACCR2” (Melo, 2022, p. 10). Todas as escolhas devem ser determinadas pelos bibliotecários, de acordo com as características da instituição, e registradas em uma **Política de Tratamento Técnico** que servirá de guia para a gibiteca.

Com o tratamento técnico definido, as revistas precisam estar registradas em um **sistema de gerenciamento de materiais** que permita a automação dos processos de catalogação, registro de leitores, emissão de relatórios e pesquisas no acervo. Existe a opção simples e barata de uso de planilhas, mas que são alternativas apenas para gibitecas pequenas, de poucos recursos, baixo volume de revistas e com a limitação de não permitir a busca independente dos leitores. Na medida em que a coleção vai crescendo, essas planilhas tornam-se inviáveis. O sistema de gerenciamento exige investimento em estrutura (computadores e servidores) e uma equipe de Tecnologia da Informação que irá implantar o software e dar suporte técnico.

Uma gibiteca não pode ser apenas um depósito estático de armazenamento de revistas em quadrinhos. Ela precisa ser “[...] um local que atue como disseminador, para que outros

possam também receber informações presentes nesses recursos informacionais, promovendo seu acesso e uso por parte dos leitores” (Ramos, 2023, p. 8). Algumas ações possíveis:

- **Site:** local onde estarão reunidas as informações oficiais da instituição, como local, contato, horário de funcionamento, equipe, catálogo online, coleções, notícias, calendário de atividades, etc.
- **Rede sociais:** perfil institucional que traz as informações, calendário de atividades e eventos, postagens sobre os materiais disponíveis, anúncio sobre novas aquisições, entre outras interações, estimulando os leitores a visitar a gibiteca;
- **Exposições:** evento organizado para apresentar os quadrinhos sob a perspectiva de obra de arte, visando a apreciação estética em diálogo com suas coleções;
- **Clube de leitura de quadrinhos:** grupo de pessoas leitoras de quadrinhos que selecionam, lêem e depois se reúnem para debater uma obra, compartilhando suas opiniões, interpretações e experiências de vidas a partir da leitura;
- **Palestras e debates:** encontro com artistas, editores, especialistas, estudiosos e colecionadores para debater com o público temas ligados aos quadrinhos;
- **Visitas guiadas:** visita às coleções de quadrinhos, guiada por um profissional da gibiteca, que irá oferecer informações, dados históricos, curiosidades, mostrar as particularidades e explorar os exemplares disponíveis;
- **Oficinas e cursos:** espaço destinado ao ensino, ao estímulo de iniciantes ou a qualificação de profissionais ligados às atividades culturais dos quadrinhos, das mais variadas temáticas, como roteiro, edição, desenho, produção de zine, etc.
- **Atividades correlatas:** A gibiteca pode desenvolver atividades que possuem uma relação próxima com a linguagem dos quadrinhos, como animações, RPG, literatura, cinema, música, teatro, entre outros, produzindo uma importante interação cultural.

6.4 Preservação e conservação das coleções de quadrinhos.

É necessário que a gibiteca faça uma consultoria com uma equipe interdisciplinar de profissionais da área da conservação para a elaboração de um **plano de preservação e conservação**. Esse é um indicador de que a gibiteca preocupa-se com a salvaguarda dos materiais que estão em sua posse, conservando e ampliando o acesso de seus materiais para as gerações futuras.

A preservação, que são ações administrativas, precisa garantir o planejamento e a gestão das medidas para o melhor funcionamento da gibiteca. É necessário que o estudo dessa

equipe de especialistas adapte o plano para as características específicas em relação às condições climáticas e estruturais. Cada cidade, cada unidade, possui condições específicas em relação a sua luminosidade, umidade do ar, poluição, poeira, entre outros fatores ambientais que precisam ser ajustados adequadamente de forma individual. Os especialistas são capazes de identificar os principais sinistros e agentes de degradação dos materiais em quadrinhos para propor as ações para diminuir esses impactos, através do controle ambiental (temperatura, umidade do ar, luz solar, poluição e iluminação artificial), obras de intervenções, utilização de mobiliários e recipientes adequados para a guarda dos materiais e os métodos de higienização para evitar as pragas, insetos e micro-organismo.

As revistas em quadrinhos antigas possuem uma estrutura física frágil, muitas delas impressas em papel de baixa qualidade e com capas de gramatura fina. Essas características fazem delas objetos muito fáceis de sofrer danos, que vão desde o manuseio incorreto até a sua acomodação indevida nas estantes. As revistas são muito suscetíveis a amassar, rasgar e soltar páginas e a capa devido ao mau uso. Os grampos enferrujam com o tempo, danificando e corroendo as páginas internas, além de poder espalhar essa corrosão para revistas que estão próximas. A baixa qualidade do papel, provoca um processo rápido de amarelamento e de surgimento de fungos. As edições mensais atuais melhoraram sua qualidade material, mas ainda continuam sendo edições frágeis. Na parte da conservação, o plano de uma gibiteca deve prever estas particularidades. “A Conservação Preventiva procura conhecer a coleção e nela atuar como um todo, entendendo-a como um conjunto de elementos [...] que recebem interferências de toda ordem, inclusive, entre si mesmos” (Malta, 2014, p. 7).

Este cuidado de conservação deve ser maior para as coleções especiais de quadrinhos, entretanto, as coleções circulantes não devem ser deixadas ignoradas. Nos últimos anos, surgiram as edições especiais e de luxo, que as editoras passaram a produzir sob a demanda e a pedido de colecionadores, chegando ao mercado revistas com capa dura, melhor papel, impressão e acabamento. A gibiteca deve promover ações que melhor orientem os usuários com os cuidados no manuseio das revistas. Deve estar preparada e equipada para realizar pequenas restaurações, que garantam um maior tempo de circulação dos exemplares. Para as obras mais raras e de valor histórico, essas intervenções devem ser encaminhadas para restauradores qualificados. Para essas coleções, com maior valor patrimonial, uma solução de sua preservação e disponibilização para o público é a digitalização. Para os materiais que não possuem mais condições de restauração, um desbastamento consciente e criativo, que possa reaproveitar e reciclar seu uso, antes da alternativa final de descarte.

6.5 Avaliação: quantitativa e qualitativa

As análises quantitativas e qualitativas servem para avaliar se as coleções da gibiteca estão adequadas aos seus leitores. Apenas volume de obras não indica qualidade, podendo uma gibiteca ter um grande número de revistas mas com pouca variedade de títulos e personagens. “Crescimento saudável implica adaptação às condições constantemente mutáveis, e adaptação implica avaliação para determinar que mudanças precisam ser feitas e qual a melhor maneira de realizá-las” (Lancaster, 2004, p. 17). Um título pode ser muito demandado devido a alguma exposição midiática temporária, perdendo rapidamente o interesse dos leitores, e os relatórios periódicos conseguiram mapear essas mudanças.

Anualmente deve-se fazer o inventário, de forma a ter o controle do número total de obras. Através deste inventário de revistas em quadrinhos é possível extrair:

- **Tamanho total das coleções de quadrinhos:** Este controle quantitativo traz as informações de quantas obras estão à disposição do leitor, quantas foram extraviadas, quantas estão em manutenção e quantas foram desbastadas por não terem condições de reforma;
- **Crescimento das coleções:** registro da série histórica, onde consegue-se medir o aumento, a estabilidade ou a diminuição dos exemplares ao longo dos anos de funcionamento da gibiteca;
- **Relatórios por classificação de quadrinhos:** permitem uma análise qualitativa se o desenvolvimento de coleções das obras ficcionais e não-ficcionais de quadrinhos estão sendo feitas de forma equilibrada.

Mensalmente deve ser gerado relatórios que pode ser comparado com outras ações, como a divulgação em redes sociais, campanhas e ações de estímulo à leitura:

- **Análise de uso real:** através do registro de empréstimos dos leitores de quadrinhos, consegue-se medir os títulos, os personagens e os gêneros mais lidos na gibiteca, mapeando os hábitos de leitura e relacionando se o uso está adequado aos materiais disponíveis nas coleções;
- **Novos cadastros:** volume de novos leitores cadastrados, traçando a evolução de usuários da gibiteca;
- **Ausência de leitores:** mapear o número de leitores que pararam de frequentar a gibiteca. Esse dado quantitativo pode servir de base para uma pesquisa qualitativa para descobrir os motivos da desistência e se tem relação com algum problema de gestão ou alguma falha no desenvolvimento de coleções da gibiteca.

6.6 Atribuição de valor

Para as gibitecas que possuem coleção especial de quadrinhos de revistas é recomendado fazer um **inventário** e a análise qualitativa de seus exemplares para determinar quais materiais são mais valiosos. Essa análise determina a demanda dos processos de **conservação e salvaguarda** desses materiais. Essa atribuição de valor não deixa de ser uma ação subjetiva, que pode ser alterada ou reinterpretada ao longo do tempo. Por isso, é necessária a adoção de critérios, elaborados por uma comissão técnica, que defina as diretrizes e condução das análises.

Diferentemente, para as bibliotecas, os aspectos histórico e cultural do livro importam mais do que seu valor de mercado, e o estado de conservação, apesar de importante, não é determinante para qualificar um exemplar raro. A relevância da definição e tratamento das obras raras, nesse caso, tem o sentido de conservação do patrimônio cultural e histórico, por isso o critério de antiguidade acaba sendo um dos mais utilizados (Teixeira; Garcia; Rodrigues, 2018, p. 137).

Apesar de existir critérios universalmente aceitos, a avaliação pode variar de acordo com o local, o tempo e as particularidades das bibliotecas. “Para isso, seria imprescindível o trabalho conjunto de um grupo de profissionais de diversas áreas e com diferentes competências para analisar e verificar e a raridade do livro [...]” (Teixeira; Garcia; Rodrigues, 2018, p. 138). Propõe-se que uma gibiteca faça uma adaptação desses critérios para a avaliação de obras em quadrinhos.

Uma das opções é o *framework* de Fredheim e Khalaf (2016), desenvolvido para ser aplicado na avaliação de patrimônios tangíveis e intangíveis. A metodologia pode ser aplicada em uma coleção especial de quadrinhos, respondendo as questões “O que é o bem? Por que o bem é valioso? O quão valioso é o bem?”. Outra referência é a *Certified Guaranty Company* (CGC), empresa norte-americana especializada em avaliar, verificar a autenticidade e certificar revistas em quadrinhos. A CGC desenvolveu a *Standard Grading Scale*⁴⁶ que atribui notas para as revistas de acordo com a conservação, a manutenção das características originais de cada edição e a qualidade dos processos de restauração.

Alguns critérios de avaliação de obras de quadrinhos, propostos por esta pesquisa, são:

- **Raridade:** são classificadas como raras as obras que possuem dificuldade de se obter exemplares originais, devido a sua:

⁴⁶ Standard Grading Scale. CGC Comics. <https://www.cgccomics.com/grading/grading-scale/>

- Antiguidade: obras de quadrinhos publicadas entre 1833 (fase precursora dos quadrinho) até a década de 1960 (início da formação e consolidação do mercado editorial de quadrinhos no Brasil);
- Edições esgotadas e não reimpressas;
- Edições especiais com tiragem reduzida;
- Obras que possuem assinaturas e/ou dedicatórias;
- **Autenticidade:** análise física de uma revista em quadrinhos, que comprove sua originalidade e procedência;
- **Relevância:** valor artístico, singularidade e originalidade das obras em relação ao seu estilo de roteiro e desenho;
- **Significância:** valor histórico e impacto cultural da obra em quadrinhos e de seus autores;
- **Estado de conservação:** grau de preservação de um exemplar.

—

Um passo importante no processo de valorização do desenvolvimento de coleções de quadrinhos, para além desses indicadores, é a qualificação dos bibliotecários para conhecer e compreender a potencialidade desta arte. As revistas não são meros objetos de entretenimento ou materiais paradidáticos. O universo dos quadrinhos é maior do que as publicações de grandes conglomerados editoriais e que possuem muita riqueza temática a ser explorada. Quadrinhos são fontes de informação e precisam ter o mesmo cuidado profissional que os bibliotecários têm ao desenvolverem suas coleções literárias, escolares e acadêmicas.

7 CONCLUSÃO

Na jornada desta pesquisa sobre a Gibiteca, foi necessário fazer um retorno ao passado para registrar o trabalho feito na BNHQ, que eu não tive a oportunidade de frequentar na época. Durante o percurso historiográfico, foi prazeroso ler os boletins Repórter HQ, onde percebi que o amor pela leitura e pelos quadrinhos de Antônio Roque Gobbo não ficou restrito ao ato de colecionar, que normalmente é uma ação ligada ao prazer da posse particular dos objetos de desejo. Gobbo possuía uma visão generosa de disseminar sua paixão através do compartilhamento de sua coleção, que teve o seu auge ao doar sua coleção por acreditar que um órgão público poderia valorizar, ampliar e perpetuar o conjunto de obras que se dedicou por décadas a colecionar. Foi emocionante para mim poder conhecê-lo durante a inauguração da nova sede da BPIJ-BH.

A proposta inicial da pesquisa era ter apenas uma subseção informativa sobre a BPIJ-BH, para contextualizar em que unidade informacional a Gibiteca encontrava-se instalada. Antes da qualificação, na fase de revisão bibliográfica, percebi uma ausência de pesquisas acadêmicas sobre a maior das 22 unidades da Rede de Bibliotecas da FMC. Apesar de estar funcionando desde 1991, ela ainda não havia sido objeto principal de estudo. Por isso, a pesquisa documental foi ampliada para suprir essa falta de fontes, consultando o Arquivo Público da cidade e revistas da própria instituição. Foi outra parte da pesquisa em que apreciei muito fazer, lendo documentos, ofícios e até bilhetes que Maria Antonieta Cunha produziu, trazendo um panorama da criação da biblioteca. No entanto, a BPIJ-BH ainda precisa de uma maior atenção e se tornar tema principal de uma pesquisa acadêmica.

Traçando e cruzando as trajetórias da BNHQ e da BPIJ-BH, pode-se compreender como as decisões políticas impactaram a Gibiteca. De forma positiva, fez com que a coleção de quadrinhos fosse acolhida, a tornando uma referência que chegou a ser considerada a quarta maior do país, com cerca de 25 mil revistas. Infelizmente, o impacto também foi negativo, com a decisão de transferir a biblioteca para um lugar sem infraestrutura adequada, resultando na perda de 14 mil exemplares de quadrinhos, provando que a mudança foi um desastre patrimonial e histórico. Com sede própria, espera-se um novo impacto positivo - a conferir - para a retomada do crescimento de títulos, em números, relevância e qualidade. O local apresenta acomodações mais adequadas e melhores condições de trabalho para os servidores dentro da instituição. A Gibiteca ganhou um espaço só dela. Apesar do destaque do nome “Gibiteca Antônio Gobbo” plotado no banner de identificação, senti falta da biografia que informe aos frequentadores quem era o colecionador que deu origem a aquele espaço.

Na segunda parte da pesquisa, na análise de dados, através das seis temáticas que nortearam a coleta das informações, conseguiu-se um panorama bastante extenso e detalhado da situação atual da Gibiteca. A equipe da BPIJ-BH foi completamente colaborativa e ágil ao fornecer todos os dados e relatórios que foram solicitados, o que facilitou em muito o desenvolvimento do trabalho.

Em relação à sua comunidade, é possível perceber o contraste da comunidade, localizada na terceira mais populosa regional de Belo Horizonte, que possui a mais alta renda per capita da cidade e o mais alto índice de moradores em situação de rua. E a biblioteca pública não se eximiu de atender aos dois perfis ao permitir o cadastro e o empréstimo de pessoas sem comprovante de endereço, demonstrando seu caráter democrático e universal de acesso à leitura. Falta ainda traçar o perfil dos usuários da Gibiteca, que necessitaria de uma pesquisa qualitativa.

A Política de Desenvolvimento de Acervo e a Política para Tratamento Técnico trazem as diretrizes bem detalhadas para orientar o trabalho dos bibliotecários. Há uma comissão de seleção ativa, formada por servidores qualificados, que dialogam com as unidades para a tomada de decisão da lista de aquisições de acordo com cada comunidade. Evidentemente que há a questão de recursos reduzidos, que neste ano de 2025 reservou apenas R\$ 38.505,00 para atender toda a rede. Essa falta de recurso afeta a BPIJ-BH, que afeta a Gibiteca, que atualmente tem a previsão orçamentária para adquirir apenas os periódicos do Estúdio Maurício de Sousa, o que é insuficiente para o desenvolvimento das coleções de quadrinhos. Como a biblioteca está com as doações suspensas, indica que, temporariamente, o volume de quadrinhos irá crescer muito pouco em tamanho e em variedade de títulos. Uma política específica para o desenvolvimento de coleções fortaleceria a Gibiteca, trazendo diretrizes e estratégias para melhorar os pontos fracos da coleção, mas sem orçamento, ela seria apenas um documento sem a possibilidade de execução.

Por meio de diversas notícias oficiais, foi possível fazer uma trajetória do número de exemplares ao longo dos anos. Contudo, a percepção é que a Gibiteca nunca teve controle preciso de seus exemplares. Mesmo sendo informações oficiais, percebe-se que eram sempre uma estimativa. Isso ficou evidenciado no e-mail interno da FMC, em resposta à denúncia dos servidores sobre a situação dos furtos da BPIJ-BH, que afirmava que o descontrole era um problema histórico antes mesmo da transferência para o CRJ. Ainda é uma coleção expressiva de 11 mil volumes, mas bem longe do que um dia foi considerada uma das maiores do país. Ela está adequada ao uso, tendo seus principais gêneros - Infantil (QI), Aventura (QA) e Mangá (QM) - de acordo com os principais interesses de empréstimo dos usuários, porém

outro ponto fraco é a pouca bibliodiversidade. Estamos falando de uma Prefeitura que desde 1997 realiza festivais internacionais bianuais de quadrinhos, tendo como uma de suas principais atrações as feiras de artistas independentes, e isso não se converte em política pública que favoreça a Gibiteca e seus leitores. Apenas 9,79% da coleção estão nas categorias (Q, QL, QH e QU). De qualquer maneira, é importante destacar que, apesar do número baixo de bibliodiversidade, são justamente estas edições que são selecionadas para a ação Quadrinhos em Foco, que visam debater e apresentar ao público obras com rica narrativa e histórias diferenciadas.

A parte mais frágil da Gibiteca é, sem dúvida, a sua coleção especial, que precisa de um inventário, de catalogação e de um plano de conservação e preservação dos exemplares. Conforme era feito a contagem manual das revistas, percebeu-se que muitas edições precisam de intervenções urgentes para amenizar o seu processo de degradação. Seria necessário um planejamento de longo prazo e recursos, para melhorar a situação. Entre as demandas, armários fechados para evitar a exposição da radiação da luz e poluição do ar, climatização da sala e caixas de conservação para melhor acondicionamento das obras mais antigas. A própria FMC possui profissionais da conservação trabalhando em outros órgãos, que poderiam orientar e indicar caminhos para esta coleção especial da Gibiteca.

Após dois anos de pesquisa, conclui-se que o sonho daquela criança de São Sebastião do Paraíso, de compartilhar suas boas experiências de leitura de quadrinhos com outras pessoas, ainda continua presente na Gibiteca Antônio Gobbo da BPIJ-BH. Essa conclusão está respaldada nas teorias de formação e desenvolvimento do acervo, onde foi possível desenvolver uma análise crítica e aprofundada, que aponta os pontos fracos para serem corrigidos e os pontos positivos para serem ressaltados, na busca do fortalecimento dessa instituição que guarda a memória, o acesso e a disseminação das histórias em quadrinhos em Belo Horizonte. Que a proposta de indicadores, extraído deste estudo de caso, possa contribuir e somar-se a outras pesquisas acadêmicas voltadas à valorização das gibitecas.

8 REFERÊNCIAS

ABUD, Hugo Leonardo. Catalogação de Histórias em Quadrinhos: uma metodologia de trabalho. ENACAT - Encontro Nacional de Catalogação, 1.; 2012, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2012. Disponível em: <https://www.telescopium.ufscar.br/index.php/eepc/3eepc/paper/viewFile/319/275>. Acesso em: 30 dez. 2024.

ACCART, Jean-Philippe. **Serviço de referência: do presencial ao virtual**. Brasília: Briquet de Lemos, 2012.

ALIANÇA INTERNACIONAL DOS EDITORES INDEPENDENTES. **Declaração internacional dos editores e editoras independentes 2014: para manter viva e fortalecer juntos a bibliodiversidade**. Paris: Aliança Internacional dos Editores Independentes, 2014. Disponível em: https://www.alliance-editeurs.org/IMG/pdf/declaracao_internacional_dos_editores_e_editoras_independentes_2014_brazil-2.pdf. Acesso em: 26 jun. 2025.

ALMADA, Márcia; ZERVOS, Spiros. Value supported decision-making in paper conservation: Research announcement. **PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG**, Belo Horizonte, v. 11, n. 22, p. 143-157, 2021. Disponível em <https://doi.org/10.35699/2237-5864.2021.26504>. Acesso em 3 out. 2025.

ALMEIDA, Maria Christina Barbosa de. **Planejamento de bibliotecas e serviços de informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 2005.

ÁLVARO Damião inaugura a nova sede da Biblioteca Pública Infantil e Juvenil de BH. **Portal PBH**, Belo Horizonte, 11 set. 2025. Disponível em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/noticias/alvaro-damiao-inaugura-nova-sede-da-biblioteca-publica-infantil-e-juvenil-de-bh>. Acesso em: 23 set. 2025.

ARAÚJO, André Vieira de Freitas. Gestão de coleções raras e especiais no séc. XXI: conceitos, problemas, ações. *In*: VIEIRA, Bruno V. G. Viera.; ALVES, Ana Paula Meneses. (Org.). **Acervos especiais: memórias e diálogos**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.

ARQUIVO PÚBLICO DE BELO HORIZONTE. **Ofício**. Fundo: FMC, Subfundo: Gabinete, cx. 219, cod. AP. 03.00.00, TX/AD.01/MO.12/EP.87/PR.06, gr: 1398, 1990a.

ARQUIVO PÚBLICO DE BELO HORIZONTE. **Ofício**: Justificativa, Fundo: FMC, Subfundo: Gabinete, cx. 219, cod. AP. 03.00.00, TX/AD.01/MO.12/EP.87/PR.06, gr: 1398, 1990b.

ARQUIVO PÚBLICO DE BELO HORIZONTE. **Projeto da Biblioteca Pública Infantil e Juvenil de Belo Horizonte**. Fundo: FMC, Subfundo: Gabinete, cx. 219, cod. AP. 03.00.00, TX/AD.01/MO.12/EP.87/PR.06, gr: 1398, 1990c.

ARQUIVO PÚBLICO DE BELO HORIZONTE. **Termo de Doação**. Fundo: FMC, Subfundo: Gabinete, cx. 219, cod. AP. 03.00.00, TX/AD.01/MO.12/EP.87/PR.06, gr: 1398, 1992b.

ASSMANN, Aleida. **Espaços de recordação**: formas e transformações da memória cultural. Campinas: Unicamp, 2011.

BARBOSA, Reni Tiago Pinheiro. Um Jeito Novo de Ler. **Releitura**, Belo Horizonte, n. 6, p. 10-13, 1994.

BARROS, Lizziane Melo. **Centros Culturais Municipais e a política de “descentralização” cultural em Belo Horizonte**. 2012. Dissertação (Pós-Graduação em Ciências Sociais) - Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012. Disponível em: https://bib.pucminas.br/teses/CiencSociais_BarrosLM_1.pdf. Acesso em: 20 dez. 2024.

BELK, Russell W. Collecting as luxury consumption: Effects on individuals and households. **Journal of Economic Psychology**, [S. l.], v. 16, n. 3, p. 477-490, 1995. [https://doi.org/10.1016/0167-4870\(95\)98956-X](https://doi.org/10.1016/0167-4870(95)98956-X). Acesso em: 25 out. 2024.

BELO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. **Portaria FMC 003/2024**. Aprova o Regulamento da Rede de Bibliotecas Públicas da Fundação Municipal de Cultura de Belo Horizonte. Belo Horizonte: Diário Oficial do Município, ano 30, ed. 6927, 12 jan. 2024c. Disponível em: <https://dom-web.pbh.gov.br/visualizacao/ato/432917>. Acesso em: 6 nov. 2024.

BELO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. **Portaria FMC 074/2025**. Designa os membros da Comissão de Seleção de Acervo com a finalidade de selecionar títulos de livros e periódicos para a composição dos acervos da rede de bibliotecas públicas da Fundação Municipal de Cultura. Belo Horizonte: Diário Oficial do Município, ano 31, v. 7313, 6 ago. 2025a. Disponível em: <https://dom-web.pbh.gov.br/visualizacao/ato/466393>. Acesso em: 4 set. 2025.

BELO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. **Projeto**: Aquisição de novos volumes e continuação das coleções de revistas e álbuns em quadrinhos para o departamento da Gibiteca. Belo Horizonte: SMC, 1992. Disponível em: <https://nacao.net/wp-content/uploads/2018/08/termo-de-doacao-antonio-roque-gobbo.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2025.

BELO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. **Termo de Compromisso - Relatórios BPIJ - Pesquisa Gibiteca**. Belo Horizonte: BPIJ-BH, 3 abr. 2025b.

BIBLIOTECA infantil completa 18 anos. **O Tempo**, Belo Horizonte, 5 fev. 2009. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/otempinho/curiosidades/biblioteca-infantil-completa-18-anos-1.983874>. Acesso em 17 out. 2024.

BIBLIOTECA infanto-juvenil da PBH atrai grande público. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, p. 23, 28 mai. 1992.

BIBLIOTECA Pública Infantil e Juvenil comemora 20 anos com novidades. **Diário Oficial do Município**, Belo Horizonte, ano 17, ed. 3767, 15 fev. 2011. Disponível em: <https://dom-web.pbh.gov.br/visualizacao/ato/223100>. Acesso em: 16 out. 2024.

BIBLIOTECA Pública Infantil e Juvenil terá nova sede com melhor infraestrutura. **Portal CMBH**, Belo Horizonte, 17 mar. 2022. Disponível em: <https://cmbh.mg.gov.br/comunica%C3%A7%C3%A3o/not%C3%ADcias/2022/03/biblioteca-p%C3%BAblica-infantil-e-juvenil-ter%C3%A1-nova-sede-com-melhor>. Acesso em: 3 nov. 2025.

BOSI, Ecléa. A substância social da memória. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê, 2004.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Decreto 56.725, de 16 de agosto de 1965**. Regulamenta a Lei nº 4.084, de 30 de junho de 1962, que dispõe sobre o exercício da profissão de Bibliotecário. Brasília: Diário Oficial da União, 16 ago. 1965. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-56725-16-agosto-1965-397075-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 15 dez. 2025.

BRETTAS, Aline Pinheiro. **A sociedade Literária de Belo Horizonte**: um legado cultural da Biblioteca Municipal. 2004. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/VALA-692NH8/1/mestrado__aline_pinheiro_brettas.pdf. Acesso em: 08 nov. 2024.

BURKE, Peter. Problemas causados por Gutenberg: a explosão da informação nos primórdios da Europa moderna. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 16, n. 44, p. 173-185, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142002000100010>. Acesso em: 28 fev. 2025.

CAMPELLO, Bernadete. **Fontes de Informação I**: Curso de Bacharelado em biblioteconomia na Modalidade a Distância. Rio de Janeiro: Departamento de Biblioteconomia, FACC/UFRJ, 2018.

CAVALCANTE, Lidia Eugênia; SALES, Odete Máyra Mesquita; GUERRA, Maria Aurea Montenegro Albuquerque. Interseções entre memória institucional, representação da informação e gestão do conhecimento. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 30, p. 1-23, 2024. DOI: 10.1590/1808-5245.30.137828. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/137828>. Acesso em: 2 maio. 2025.

CAVALCANTI, Jardel Dias. Honoré Daumier: arte e política na temática das obras Emigrantes e Fugitivos. **Revista-Valise**, Porto Alegre, v. 2, n. 3, p. 129-143, 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/RevistaValise/article/download/26269/18960>. Acesso em: 24 jul. 2025.

CAMPOS, Ana Cristina Torre. **Do tangível ao intangível**: a dinâmica entre valores, materialidade e restauração de documentos cartográficos. 2023. Dissertação (Mestrado em Artes) - Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/63869/1/CAMPOS_2023_Dotangivelaointangivel.pdf. Acesso em: 12 dez. 2024.

CAMPOS, Edson Nascimento. Era uma vez..., revista de Vovô Felício para os seus netinhos - um projeto de leitura. **Várias Histórias**, Belo Horizonte, n. 18, p. 273-296, 1997. Disponível em:

https://static1.squarespace.com/static/561937b1e4b0ae8c3b97a702/t/5727a11040261d0bb594696f/1462214930106/16_Campos%2C+Edson+Nascimento.pdf. Acesso em: 2 out. 2025.

CAMPOS, Edson Nascimento. **Texto são em mente sã**: um projeto de leitor : a prática da leitura na revista Era uma vez...: o Brasil da era Vargas - os anos 40. Belo Horizonte: Faculdade de Letras - UFMG, 2001. Disponível em:

<http://www.letras.ufmg.br/site/e-livros/Texto%20s%C3%A3o%20em%20mente%20s%C3%A3o%20um%20projeto%20de%20leitor.pdf>. Acesso em: 4 nov. 2025.

CARDOSO, Athos Eichler. **As aventuras de Nhô-Quim & Zé Caipora**: os primeiros quadrinhos brasileiros 1869-1883. 2. ed. Brasília: Edições do Senado Federal, 2005.

Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/521244>. Acesso em: 08 mar. 2025.

CASSARES, Norma Cianflone. **Como fazer conservação preventiva em arquivos e bibliotecas**. São Paulo: Arquivo do Estado / Imprensa Oficial, 2000.

CIRNE, Moacy. **Bum**: a explosão criativa dos quadrinhos. Petrópolis: Vozes, 1971.

CIRNE, Moacy. **Para ler os quadrinhos**. Petrópolis: Vozes, 1972.

CIRNE, Moacy. **Quadrinhos, sedução e paixão**. Petrópolis: Vozes, 2000.

COMISSÃO LOCAL DE CULTURA DA BPIJ-BH. **Abaixo-Assinado**. Belo Horizonte, 14 dez. 2021.

CONVERSAÇÕES. **Contos, quadrinhos, ficção e aventura**. Temp. 2, ep. 06. Youtube, 16 dez. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=c5jvSTI8vX8&list=LL>.

Acesso em: 20 nov. 2024.

COSTA, Lucas Piter Alves. **Uma análise do discurso quadrinístico**: práticas institucionais e interdiscurso. 2016. Tese (Doutorado em Linguística do Texto e do Discurso) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016. Disponível em:

<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/MGSS-ACENCR>. Acesso em 27 fev. 2025.

COSTA, Robson Santos. Vamos contar de novo?: gêneros discursivos, adaptação e memória cultural em filmes do Homem-Aranha. **JORNADAS INTERNACIONAIS DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS**, 7.; 2023. **Dossiê** [...]. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2023.

Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/nonaarte/article/view/218690>. Acesso em: 22 nov. 2024.

COSTA E SILVA, Maria do Carmo; MAGGI, Maria do Carmo Santos; LOPES, Orlyza Lima. **Releitura**, Belo Horizonte, v. 6, p. 6-9, 1994.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. Educação e Lazer. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 8, n. 2, p. 117-130, 1979. Disponível em:

<https://periodicos.ufmg.br/index.php/reb/article/view/36260>. Acesso em: 20 nov. 2024.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. Biblioteca Infantil. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 10, n. 1, p. 27-36, 1981. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/reb/article/view/36375>. Acesso em: 20 nov. 2024.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. Projeto de Criação da BPIJBH. **Releitura**, Belo Horizonte, v. 6, p. 4-5, 1994.

CUNHA, Murilo Bastos da; AMARAL, Sueli Angelica do; DANTAS, Edmundo Brandão. **Manual de Estudo de Usuários da Informação**. São Paulo: Editora Atlas, 2015.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2008.

DOBRYCHTOP, Guilherme Ieger. **Um festival Imóvel: a Gibiteca de Curitiba na cultura de histórias em quadrinhos (1982-1997)**. 2022. Tese (Doutorado em História) - Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Paraná, 2022. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/handle/1884/79392>. Acesso em: 27 out. 2025.

DORFMAN, Ariel; MATTELART, Armand. **Para Ler o Pato Donald: comunicação de massa e colonialismo**. 2. ed. São Paulo: Terra e Paz, 1982.

EISNER, Will. **Quadrinhos e Arte Sequencial**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

ERA UMA VEZ..., Belo Horizonte, ano 1, v. 3, 15 mai. 1940.

EVANS, Edward. **Developing Library and Information Center Collections**. 4. ed. Colorado: Libraries Unlimited, 2017.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de metodologia**. 6. ed. São Paulo: Saraiva, 2017.

FARIA, Cleide Vieira de; LOURENÇO, Cíntia Azevedo. Regras da norma de catalogação recurso descrição e acesso que podem ser padronizadas na política de catalogação da biblioteca. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 208-231, 2019. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1226>. Acesso em: 19 dez. 2025.

FERRAZ, Marina Nogueira; DUMONT, Ligia Maria Moreira. Dimensões essenciais das bibliotecas públicas. **Ciência da Informação em revista**, Maceió, v. 5, n. 1, p. 11-28, 2018. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/44237/2/2018_Dimens%c3%b5es%20essenciais%20das%20bibliotecas%20p%c3%bablicas.pdf. Acesso em: 2 set. 2024.

FIGUEIREDO, Paula de Senna. **Resistência cultural e juventudes na Praça da Estação: ativismo urbanos e transformações espaciais a partir da cultura e do lazer**. 2020. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020. Disponível em: https://bib.pucminas.br/teses/CienciasSociais_PaulaDeSennaFigueiredo_8436.pdf. Acesso em: 3 nov. 2025.

FIQUE ligado. **Hoje em Dia**, Belo Horizonte, p. 2, 20 mar. 1993. Programinha.

FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA DE BELO HORIZONTE. **Política de Desenvolvimento de Acervos da Rede de Bibliotecas Públicas da Fundação Municipal de Cultura**. Belo Horizonte: FMC, 2024a. Disponível em: https://prefeitura.pbh.gov.br/sites/default/files/estrutura-de-governo/fundacao-municipal-de-cultura/politica_desenvolvimento_2024.pdf. Acesso em: 6 nov. 2024.

FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA DE BELO HORIZONTE. **Política para Tratamento Técnico do Acervo da Rede de Bibliotecas Públicas da Fundação Municipal de Cultura**. Belo Horizonte: FMC, 2024b. Disponível em: https://prefeitura.pbh.gov.br/sites/default/files/estrutura-de-governo/fundacao-municipal-de-cultura/politica_tratamento_acervos_2024.pdf. Acesso em: 30 dez. 2024.

FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA DE BELO HORIZONTE. **Relatório de Atividades 2016**. Belo Horizonte: BPIJ-BH, abr. 2017. Disponível em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/sites/default/files/estrutura-de-governo/fundacao-municipal-de-cultura/2020/Relat%C3%B3rio%20de%20Atividades%20FMC%202016%20-%202030-08-2017.pdf>. Acesso em: 3 nov. 2025.

FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA DE BELO HORIZONTE. **Relatório de Gestão BPIJ-BH 2023-2024**. Belo Horizonte: BPIJ-BH, abr. 2025. Disponível em: https://docs.google.com/spreadsheets/d/1wRCu4rVxewCFkbojAOhzbN6GFYB-G6Y0/edit?usp=drive_link&ouid=118037389244875010958 & trpof=true&sd=true. Acesso em: 5 set. 2025.

FREDHEIM, Harald; KHALAF, Manal. **The Significance of Values: Heritage Value Typologies Re-Examined**. Londres: Taylor & Francis Group in International Journal of Heritage Studies, 2016. Disponível em: https://eprints.whiterose.ac.uk/185831/1/Fredheim_2016_The_Significance_of_Values.pdf. Acesso em 30 dez. 2024.

FREITAS, Richardson Santos de. **Do gibi à gibiteca: origem e gênese de significados historicamente situados**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023. Disponível em: <https://biblio.eci.ufmg.br/monografias/2024/RichardsonSFreitas.pdf>. Acesso em: 1 nov. 2024.

GIBITECA da Prefeitura comemora 15 anos. **Diário Oficial do Município**, Belo Horizonte, ano 13, ed. 2847, 17 maio. 2007. Disponível em: <https://dom-web.pbh.gov.br/visualizacao/ato/151833>. Acesso em: 16 out. 2024.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GROENSTEEN, Thierry. **História em quadrinhos: essa desconhecida arte popular**. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2004.

GROENSTEEN, Thierry. **O sistema dos quadrinhos**. São Paulo: Marsupial, 2015.

GUERREIRO, Ivone; ANDRADE, Maria Eugênia A.; PITTELA, Mônica C.; CRUZ, Vilma A. G. da. Utilização de métodos quantitativos na avaliação de coleção. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 9, n. 2, p. 217-224, 1980.

GUIMARÃES, Edgard. **Fanzine**. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2005.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

IANNONE, Leila Rentroia; IANNONE, Roberto Antonio. **O mundo das histórias em quadrinhos**. São Paulo: Editora Moderna, 1994.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS (IBGE). **Panorama de Belo Horizonte**: Censo 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/belo-horizonte/panorama>. Acesso em: 20 mai. 2025.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS (IFLA). **Manifesto da IFLA/UNESCO sobre bibliotecas públicas 1994**. Disponível em: <https://www.ifla.org/wp-content/uploads/2019/05/assets/public-libraries/publications/PL-manifesto/pl-manifesto-pt.pdf>. Disponível em: 5 abr. 2025.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS (IFLA). **Diretrizes da IFLA sobre os serviços da biblioteca pública**. 2. ed. KONTZ, Christie (ed.); GUBBIN, Barbara (ed.); HEITOR, Célia (trad.). Lisboa: Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas, Jul. 2013. Disponível em: <https://www.ifla.org/wp-content/uploads/2019/05/assets/hq/publications/series/147-pt.pdf>. Acesso em: 1 ago. 2025.

KUNZLE, David. **Father of the comic strip**: Rodolphe Topffer. Mississippi: University Press of Mississippi, 2007.

LAMBIEK COMCLPEDIA. **Rodolphe Töpffer**. Amsterdam: Lambiek, 2025. Disponível em: <https://www.lambiek.net/artists/t/topffer.htm>. Acesso em: 2 out. 2025.

LANCASTER, Frederick Wilfrid. **Avaliação de serviços de bibliotecas**. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

Ler-O-Lero, Belo Horizonte, v.1, out. nov. 1991.

LOURENÇO, Maria Cecília França. **Museus acolhem o moderno**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

LOWENTHAL, David. Stewarding the past in a perplexing present. *In*: AVRAMI, Erica; MASON, Randall; DE LA TORRE, Marta (org.). **Values and heritage conservation**. Los Angeles: The Getty Conservation Institute, 2000.

LUYTEN, Sonia M. Bibe. Mangá produzido no Brasil: pioneirismo, experimentação e produção. CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO, 26.; 2003, Belo Horizonte. Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2003. Disponível em:

<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/168852646868454336879017132244134098721.pdf>. Acesso em 27 out. 2025.

LUYTEN, Sonia Bibe. **O que é quadrinhos**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

MALTA, Albertina Otávia Lacerda. **Preservação, Conservação, Restauração e Recuperação Física do Acervo**. Pernambuco: Governo do Estado de Pernambuco, 2014.

Disponível em:

https://sisacad.educacao.pe.gov.br/bibliotecavirtual/bibliotecavirtual/texto/CadernoBIBPreserva_C_eoConserva_C_eoRestaura_C_eoRecupera_C_eoF_AsicadoAcervo2014.2.pdf.

Acesso em: 28 dez. 2024.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia Científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2018.

McCLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo: Makron Books, 1995.

MELO, Ida Conceição Andrade de Melo. **A primeira gibiteca pública sergipana: Manual de catalogação de acervos de histórias em quadrinhos**. 2022. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2022. Disponível em:

<https://ri.ufs.br/handle/riufs/16784>. Acesso em: 2 set. 2024.

MELO, Ida Conceição Andrade de Melo. **Manual de catalogação para acervos de histórias em quadrinhos: como organizar uma gibiteca**. 2022. Dissertação (Mestrado Profissional em Ciência da Informação) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2022. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/16785>. Acesso em: 19 dez. 2025.

MELO, Kelly Castelo Branco da Silva. **Coleção e Melancolia: Universo mnemônico-patrimoniais**. 2018. Tese (Doutorado em Memória Social) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em:

<http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/bitstream/handle/unirio/12831/tese%20versao%20final.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 19 out. 2025.

MONTEIRO, Márcio Rodrigo da Silva. **O uso de indicadores de desempenho na avaliação dos serviços prestados por uma biblioteca universitária**. 2023. Dissertação (Mestrado em Gestão da Informação) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023. Disponível em:

<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27163/tde-11072023-150846/publico/MarcioRodrigoDaSilvaMonteiroCORRIGIDA.pdf>. Acesso em: 27 out. 2025.

MOYA, Álvaro de. **História da História em Quadrinhos**. Porto Alegre: L&P, 1986.

MOVIMENTO DE CULTURA DE BELO HORIZONTE. **Abaixo-Assinado**. Belo Horizonte, 20 mar. 2023.

NEVES, Laura Bastos Pimenta Neves. **Centro de Referência da Juventude de Belo Horizonte (CRJ BH): um projeto de intervenção elaborado para, com ou pelas juventudes? Que diferença faz?** 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Elaboração, Gestão e Avaliação de Projetos Sociais em Áreas Urbanas) - Departamento de Sociologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017. Disponível em:

https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/55070/1/Monografia%20Especializa%C3%A7%C3%A3o%20CECAPS_POR%20LauraBastosPimentaNeves_ORIENTADORA%20ClariceLib%C3%A2nio.pdf. Acesso em: 12 ago. 2024.

MORIN, Violette. L'objet biographique. *In: Communications*, [S. l.], n. 13, p.131-139, 1969.

NÚCLEO DE PESQUISA EM QUADRINHOS (NuPeQ). **Crítica ao livro Para ler o Pato Donald, com Celbi Pegoraro**. Youtube: 5 ago. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8m4LottSjnw>. Acesso em: 4 nov. 2025.

OLIVEIRA JUNIOR, José. Desafios do Plano Municipal de Cultura de Belo Horizonte/MG: por uma política cultural de interesse público. *In: BARROS, José Márcio; COSTA, Kátia. (orgs.) Planos municipais de cultura: reflexões e experiências*. Belo Horizonte: EdUEMG, 2019. Disponível em: https://observatoriodadiversidade.org.br/wp-content/uploads/2019/09/planos_municipais.pdf#page=209.99. Acesso em: 14 out. 2024.

PANISSET, Ana. **Preservação do acervo**. Aula 1. Curso de biblioteconomia - Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, 28 mar. 2022.

PINHEIRO, Ana Virginia. História, memória e patrimônio: convergências para o futuro dos acervos especiais. *In: Vieira, Bruno V.G.; Alves, Ana Paula Meneses (org.). Acervos especiais: memórias e diálogos*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.

POMPERMAIER, Paulo Henrique. HQ publicada em 1833 ganha primeira edição brasileira. **Revista Cult**, São Paulo, 30 mar. 2017. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/hq-1833-traducao-brasileira/>. Acesso em: 25 fev. 2025.

RAMOS, Rubem Borges Teixeira. Gibiteca: unidade de informação para a mediação da leitura de histórias em quadrinhos. **Liinc em revista**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 1-22, 2023. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/6312>. Acesso em: 3 set. 2024.

Repórter HQ: informativo de quadrinhos, Belo Horizonte, ano 1, n. 1, 1988.

Repórter HQ: informativo de quadrinhos, Belo Horizonte, ano 2, n. 23, 1989.

Repórter HQ: informativo de quadrinhos, Belo Horizonte, ano 2, n. 24, 1989.

Repórter HQ: informativo de quadrinhos, Belo Horizonte, ano 3, n. 27, 1990.

Repórter HQ: informativo de quadrinhos, Belo Horizonte, ano 3, n. 29, 1990.

Repórter HQ: informativo de quadrinhos, Belo Horizonte, ano 3, n. 33, 1990.

Repórter HQ: informativo de quadrinhos, Belo Horizonte, ano 4, n. 36, 1991.

Repórter HQ: informativo de quadrinhos, Belo Horizonte, ano 4, n. 40, 1991.

Repórter HQ: informativo de quadrinhos, Belo Horizonte, ano 4, n. 42, 1991.

SAKS, Daniel do Canto Oliveira. **Os cultos ao leitor de quadrinhos brasileiros e o efeito no mercado**. Paraíba: Marca de Fantasia, 2013. Disponível em: https://marcadefantasia.com/ego/encartes-qi/leitores_mercado_quadrinhos/leitores_mercado_quadrinhos02/leitores_mercado_quadrinhos02.pdf. Acesso em: 25 jul. 2025.

SENNA, Ana; BARBOSA, Maria de Fatima; SOUZA, Thaianne Almeida. Biblioteca infantil como lugar de encantamento. **Revista Conhecimento em Ação**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, 2017. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rca/article/download/12002/8795/26341>. Acesso em: 5 abr. 2025.

SERVIDORES DA CULTURA (Belo Horizonte). **Moção em defesa da Biblioteca Pública Infantil e Juvenil de Belo Horizonte - BPIJ**. Belo Horizonte, 16 ago. 2018. Disponível em: https://www.facebook.com/culturabhfm/photos/a.446606348766698/1851844944909491/?type=3&ref=embed_post. Acesso em: 16 out. 2024.

SILVA, Diamantino da. **Quadrinhos para quadrados**. Porto Alegre: Bels, 1976.

SILVA, Fábio Mascarenhas e; SANTOS, Ana Ligia Feliciano dos. Histórias em Quadrinhos como fontes de informação. **Informação & Informação**, Londrina, v. 28, n. 1, p. 55-78, 2023. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/45686/49876>. Acesso em: 25 mar. 2026.

SOUZA, Rafael Queiroz de. **Histórias em Quadrinhos como fonte de informação e incentivo à leitura**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Biblioteconomia) - Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Paraná, Belém, 2017. Disponível em: <https://bdm.ufpa.br/server/api/core/bitstreams/615e887f-79c4-44d6-a4a6-900a409ff79f/content>. Acesso em: 25 mar. 2026.

SPINELLI JÚNIOR, Jayme. **A conservação de acervos bibliográficos & documentais**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1997.

TEIXEIRA, Heytor Diniz; GARCIA, Naillê de Moraes; RODRIGUES, Márcia Carvalho. Critérios de raridade bibliográfica: problemas, metodologias e aplicações. **Biblos - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, [S. l.], v. 32, n. 1, p. 134-145, 2018. Disponível em: <https://cip.brapci.inf.br/download/105836>. Acesso em: 17 dez. 2025.

TURMA DA MÔNICA JOVEM. São Paulo: Panini Brasil, n. 1, 2008.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. **Núcleos de Pesquisa em Vulnerabilidade e Saúde - NAVES**. Belo Horizonte: Itrium Consultoria, Pesquisa, Treinamento e Edições em Saúde, 2023. Disponível em: https://www.medicina.ufmg.br/wp-content/uploads/sites/7/2024/06/IV-Censo-de-Populacao-em-Situacao-de-Rua-de-Belo-Horizonte-2022_DIGITAL.pdf. Acesso em: 14 abr. 2025.

VARGAS, Alexandre Linck. De Buster Brown a Burroughs: introdução a uma genealogia irônica dos quadrinhos brasileiros. **Veredas: Revista da Associação Internacional de**

Lusitanistas, [S. l.], n. 31, p. 9-24, 2020. Disponível em:
<https://revistaveredas.org/index.php/ver/article/view/633/451>. Acesso em: 21 nov. 2024.

VERGUEIRO, Waldomiro. As gibitecas: um espaço privilegiado para a leitura e difusão de histórias em quadrinhos no Brasil. **INFOhome**, São Paulo, mar. 2003. Não está no gibi. Disponível em: https://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=138. Acesso em: 2 set. 2024.

VERGUEIRO, Waldomiro. **Desenvolvimento de coleções**. São Paulo: Polis, 1989.

VERGUEIRO, Waldomiro. Histórias em quadrinhos e serviços de informação: um relacionamento em fase de definição. **DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação**, [S. l.], v. 6, n. 2, 2005. Disponível em:
<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/5643>. Acesso em: 21 dez. 2024.

VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo. Os quadrinhos (oficialmente) na escola: dos PCN ao PNBE. *In*: VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo. (org.). **Quadrinhos na educação: da rejeição à prática**. São Paulo: Contexto, 2015.

VIEIRA, L. J. M.; CAVEDON, N. R. Uma pesquisa que não está no gibi: um estudo com colecionadores de revistas em quadrinhos. **GESTÃO. Org – Revista Eletrônica de Gestão Organizacional**, [S. l.], v. 11, n. 1, p. 1-33, 2013. Disponível em:
<http://www.spell.org.br/documentos/ver/11608/uma-pesquisa-que-nao-esta-no-gibi-um-estudo-com-colecionadores-de-revistas-em-quadrinhos>. Acesso em: 25 out. 2024.

VIÑAS, Salvador Muñoz. **Teoria contemporânea da restauração**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2021.

VORCARO, Samira Ávila Theiss. **O CRJ que sonhamos**: uma experiência de gestão compartilhada no Centro de Referência das Juventudes de Belo Horizonte. 2024. Dissertação (Mestrado em Artes) - Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2024. Disponível em:
<https://repositorio.ufmg.br/server/api/core/bitstreams/c20e77f3-9492-40b4-b5a6-8b50d191cafd/content>. Acesso em: 3 nov. 2025.

WEITZEL, Simone de Rocha. **Elaboração de uma política de desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias**. Niterói: Intertexto, 2006.

WEITZEL, Simone de Rocha. O desenvolvimento de coleções e a organização do conhecimento: suas origens e desafios. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.7, n.1, p.61-67, 2002. Disponível em:
<https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/23411>. Acesso em 28 fev. 2025.

WERNECK, Gustavo. **O pai da gibiteca de Belo Horizonte**. Blogspot Antonio Roque Gobbo. 26 ago. 2010. Disponível em:
<https://antoniogobbo.blogspot.com/2010/08/o-pai-da-gibiteca-de-belo-horizonte.html>. Acesso em: 21 mar. 2024.

APÊNDICE A - TABELA DE RELATÓRIOS DE ESTATÍSTICAS DA BPIJ-BH

Relatório 1	FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA. Relatório BIC: Quadrinhos-Gibiteca-Antigos . Belo Horizonte: BPIJ-BH, abr. 2025. Disponível em: https://docs.google.com/spreadsheets/d/1OZg1I1QKFFUOwpm9QBu-Qo_vE VpVvWM /edit?usp=drive_link&ouid=118037389244875010958&rtpof=true&sd=true . Acesso em: 30 set. 2025.
Relatório 2	FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA. Relatório de Empréstimos de Periódicos 2024 . Belo Horizonte: BPIJ-BH, 16 jun. 2025. Disponível em: https://docs.google.com/spreadsheets/d/1r1gm9qTw30T8f_oX_VCl_WM0kyBGRObZ/edit?usp=drive_link&ouid=118037389244875010958&rtpof=true&sd=true . Acesso em: 25 set. 2025.
Relatório 3	FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA. Relatório de Estatística Geral do Acervo : Pergamum: Sistema Integrado de Bibliotecas, 2015-2025. Belo Horizonte: BPIJ-BH, abr. 2025. Disponível em: https://docs.google.com/spreadsheets/d/1kpFuLcSv_RuF_gKZnmCmBdaEQwqkG164/edit?usp=drive_link&ouid=118037389244875010958&rtpof=true&sd=true . Acesso em: 5 set. 2025.
Relatório 4	FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA. Relatório de Estatística Usuários . Pergamum: Sistema Integrado de Bibliotecas, 2015-2025. Belo Horizonte: BPIJ-BH, abr. 2025. Disponível em: https://docs.google.com/spreadsheets/d/1KWm2eIDXmrztmPwDujMiGnsPL76c3rK6/edit?usp=drive_link&ouid=118037389244875010958&rtpof=true&sd=true . Acesso em: 5 set. 2025.
Relatório 5	FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA. Relatórios de Estatística Sistema SIGA : até 2015. Belo Horizonte: BPIJ-BH, abr. 2025. Disponível em: https://drive.google.com/drive/folders/18xV38BJZGMRREMzJfdscUYH1UY99gaU?usp=sharing . Acesso em: 5 set. 2025.

ANEXOS

ANEXO 1

E-mail da FMC enviado para os servidores da cultura de BH em 21 de agosto de 2018.

Assunto: Retorno aos servidores referente à moção sobre a BPIJ

----- Mensagem encaminhada -----

De: **Relações Públicas - FMC** <rp.fmc@pbh.gov.br>

Data: 21 de agosto de 2018 09:41

Assunto: Retorno aos servidores referente à moção sobre a BPIJ

Para:

Foi grande o nosso estranhamento e surpresa ao ver tornada pública, em 16 de agosto, uma moção em nome dos servidores da Cultura de Belo Horizonte, a respeito da Biblioteca Pública Infantil e Juvenil de Belo Horizonte – BPIJ, dando conotação política a questões que já vinham sendo discutidas e encaminhadas internamente. Sobretudo, por ser esta uma gestão que valoriza os espaços de escuta e está em constante diálogo com os servidores da instituição. Mais ainda, quando se observa que esta moção foi redigida há quase um mês, sem que tivéssemos recebido o comunicado da nota ou proposta objetiva sobre o assunto.

Tal postura, além de se configurar como uma ausência de transparência com quem está aberto ao diálogo, demonstra incompreensão quanto aos desafios que nos cobra uma gestão compartilhada. Mais do que isso, dos desafios postos a um serviço dedicado às juventudes.

A respeito das questões pontuadas na moção, como é de conhecimento da Comissão e dos servidores da BPIJ, várias providências, historicamente negligenciadas, foram recente e devidamente tomadas. Alguns processos ainda não finalizados e outros, contudo, com êxito.

Para a melhoria da segurança dos servidores e usuários do espaço e proteção do acervo, desde o mês de julho de 2018, foi designado um porteiro em horário integral e instaladas câmeras de segurança em abril deste ano. Provisoriamente, uma divisória foi colocada em junho e será substituída, ainda neste semestre, por uma estrutura definitiva conforme projeto já elaborado em conjunto com os servidores que lá atuam. Uma estratégia específica foi definida para preservação dos gibis. Vale lembrar que há anos essa situação vem ocorrendo e nenhuma providência efetiva havia sido tomada. Claramente uma negligência institucional histórica que vem sendo resolvida em conjunto com os servidores.

A Biblioteca Pública Infantil e Juvenil de Belo Horizonte está localizada no Centro de Referência da Juventude - CRJ, primeiro equipamento direcionado especificamente para o segmento jovem em Minas Gerais e que inaugura um modelo de gestão inovador com a participação de jovens e movimentos sociais da cidade. O CRJ é gerido pela Prefeitura de Belo Horizonte, em uma cogestão dos programas, projetos e serviços culturais entre a Secretaria Municipal de Cultura, SMC, e a Secretaria Municipal de Assistência Social, Segurança Alimentar e Cidadania, SMASAC.

Sobre o cumprimento de princípio de cogestão pactuada em portaria SMASAC/SMC, de 12 de março, e sobre também a necessidade de interlocução institucional, destacamos que foi realizada reunião de todos envolvidos no gabinete da Subsecretaria de Direito e Cidadania (SMASAC) em 29 de junho, dias antes da Assembleia que motivou a nota divulgada pelos servidores, e onde foram propostos fluxos de atuação conjunta e retirados alguns encaminhamentos, atendidos conforme descrito acima.

Nesse sentido, reafirmamos nosso apoio e enfatizamos nosso entusiasmo com a maneira inovadora com que o CRJ vem sendo gerido pela PBH, colocando em prática uma gestão realizada junto à juventude local e à sociedade civil de um modo geral, exigindo de todos mudanças e transformações nos tradicionais referenciais de administração pública.

Fundação Municipal de Cultura
Secretaria Municipal de Cultura



ANEXO 2

ESTATÍSTICA GERAL DO ACERVO DA BPIJ-BH
 Fundação Municipal de Cultura, emitido em 3 de abril de 2025



Fundação Municipal de Cultura de Belo Horizonte
 Pergamum - Sistema Integrado de Bibliotecas
 ESTATÍSTICA GERAL DO ACERVO
 Período : 01/06/2015 a 01/04/2025
 Situação do acervo : 0 - Normal
 Situação do exemplar : 0 - Normal
 Est-Levantamentos bibliográficos-Geral do acervo (18)

Pag. 1
 03/04/2025
 13:57:31

Unidade de informação	Tipo de material	Títulos	Exemplares	Exemplar adicional
2 - Biblioteca Pública Infantil e Juvenil de BH - BP				
	1 - Livros	14708	17741	25
	2 - Folhetos	6	7	0
	4 - Artigos	1	1	0
	15 - Periódicos	758	8684	0
	17 - CD-ROMs	67	73	0
	35 - Catálogo	5	5	0
Total / Biblioteca Pública Infantil e Juvenil de BH - BP:		15545	26511	25
Totais por biblioteca:		15545	26511	25
Total geral:		15545	26511	25

ANEXO 3

Carta da SLU na contracapa da edição encadernada da revista Epopéia, endereçada a BPIJ-BH.

